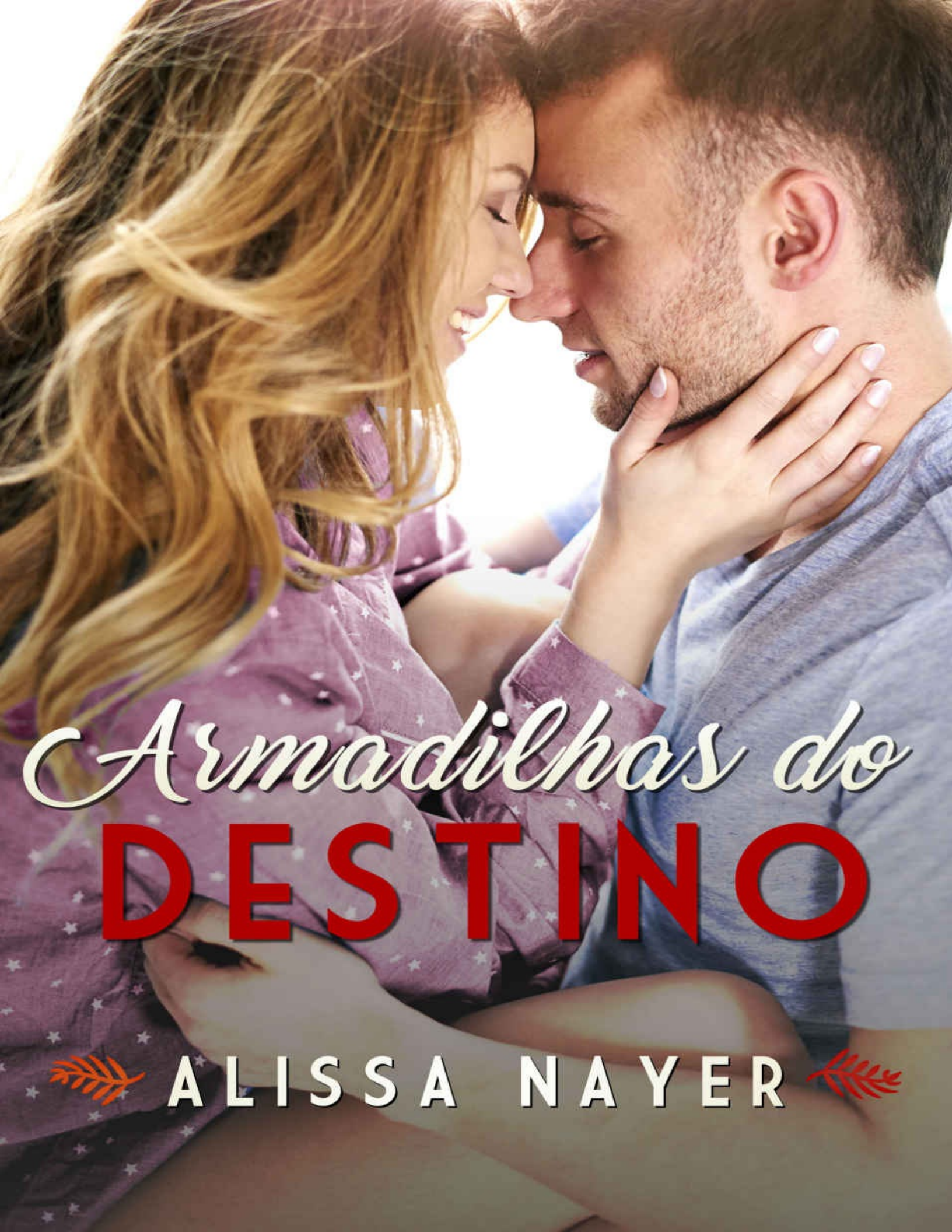




Armadilhas do
DESTINO



ALISSA NAYER





PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Armadilhas do
DESTINO

 ALISSA NAYER 

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Alissa Nayer

Capa: Creatus Design

Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora.



Sumário

-- Capa --

-- Folha de Rosto --

-- Créditos --

-- Epígrafe --

-- Prólogo --

-- Um --

-- Dois --

-- Três --

-- Quatro --

PERIGOSAS NACIONAIS

-- Cinco --

-- Seis --

-- Sete --

-- Oito --

-- Nove --

-- Dez --

-- Onze --

-- Doze --

-- Treze --

-- Quatorze --

-- Quinze --

-- Dezesseis --

-- Dezesete --

-- Dezoito --

-- Dezenove --

-- Vinte --

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

-- Vinte e Um --

-- Epílogo --

-- Agradecimentos --

-- Biografia --

-- Obras --

PERIGOSAS ACHERON

“ARTIGO 150

Nada de sexo com a ex do seu Bro.

Um Bro nunca, jamais tem a permissão de dormir com a ex de outro Bro. Violar esta regra é pior que matar um Bro.”

(O Código Bro – Barney Stinson e Matt Kuhn)



Prólogo

✿ MARCELA ✿

Vinte e oito, vinte e nove... trinta.

Pronto.

Trinta flores comestíveis feitas de pasta americana, posicionadas em forma de espiral, da base ao topo, ao redor do bolo de três andares que acabo de montar. A metade dessa quantidade é branca, a outra metade cor de rosa bem clarinho,

PERIGOSAS NACIONAIS

para combinar com a decoração no amplo espaço do salão de festas localizado em um dos melhores hotéis da cidade.

As mesas para os convidados estão perfeitamente alinhadas e posicionadas, cobertas por toalhas decoradas impecáveis, arranjos de flores e utensílios para degustação do buffet; lustres pendurados no teto dão um ar mais sofisticado ao ambiente, assim como as cortinas elegantes que cobrem as janelas enormes. Rosas brancas, cor-de-rosa e vermelhas estão por toda parte, formando todo tipo de arranjo, adornando cada detalhe e dando peculiaridade ao evento. A mesa do jantar está cuidadosamente decorada, contendo plaquinhas de identificação dos pratos para guiar a equipe do buffet, na hora de distribuir as travessas e baixelas, e os convidados, na hora de se servirem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E tem a mesa do bolo, diante da qual me encontro nesse momento, finalizando os últimos detalhes de uma das partes mais importantes desse tipo de festa, que em alguns minutos estará rodeado por docinhos e aperitivos variados sobre um móvel ornamentado com muito requinte.

Em cada superfície desse local está estampado o anúncio de que, em poucas horas, um casal movido pela promessa “felizes para sempre na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza”, entrará aqui para celebrar sua união, junto aos amigos, familiares e ocasionais penetras.

Já perdi as contas de quantos bolos de casamento fiz até hoje, desde que decidi me jogar de cabeça na minha paixão e transformá-la em um negócio que, graças aos céus, tem dado muito certo. E por já ter feito isso mais vezes do que consigo

PERIGOSAS ACHERON

contar, é fácil assumir que, depois de um tempo, a emoção fica velha. Que tudo passará a ser normal, mundano, até mesmo automático, entediante.

Mas não é nada disso. Pelo menos, não comigo.

Profissionalmente, comecei a fazer e montar bolos para festas há pouco mais de dois anos. Desde então, todo bolo que já fiz, a partir do primeiro ingrediente até o último detalhe de decoração, fez meu coração bater forte de realização.

Sei que o sentimento não vai passar tão cedo. Cada um é elaborado de forma especial, da maneira específica desejada, e o entusiasmo durante cada processo está sempre presente, trazendo resultados satisfatórios tanto para o cliente quanto para mim.

Estou sempre procurando me aperfeiçoar, e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cada uma das etapas que resultam em uma das atrações principais de determinadas festas e celebrações me faz sentir que tenho um lugar no mundo. Uma missão, um propósito.

Diante de como me sinto, qualquer um acharia estranho, nesse momento, o fato de minha testa estar suando como não fazia há anos, minha cabeça estar prestes a explodir de dor devido ao estado extremo de tensão em que me encontro, e a carranca que não me vejo capaz de desfazer tão cedo, enquanto dou os toques finais em mais um bolo perfeito.

Um bolo do qual, sem dúvidas, eu nunca esquecerei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Um

 MARCELA 

— Trinta minutos para o início da festa!

Pisco algumas vezes quando a voz fina e estridente da mulher responsável pela decoração se aproxima, batendo palmas e clicando os saltos no piso de linóleo com seus passos apressados. O sorriso enorme, emoldurado pelo batom vermelho vivo em seus lábios cheios, me deixa desconfortável diante da minha incapacidade de lhe oferecer um e por eu nem lembrar qual seu nome.

— Ah, o bolo está maravilhoso! Tudo certo com o restante do buffet, querida? — ela pergunta, lançando um olhar preocupado para a mesa onde o bolo se encontra no centro, sem nada ao redor.

— Sim, tudo sob controle — respondo, retirando as luvas de látex e desatando o nó do meu avental. — Os docinhos e aperitivos estão fresquinhos e a equipe está pronta para distribuí-los nas mesas.

— Fabuloso! — Ela bate palminhas e conta nos dedos, como se fizesse um check-list mental. — Garçons? Bebidas? Jantar?

— Tudo sob controle — repito, impaciente.

— Cláudia, os últimos arranjos de flores acabaram de chegar. — *Ah, Cláudia é o nome da perua*, deduzo quando uma moça mascando

PERIGOSAS ACHERON

chiclete se aproxima para chamá-la.

— Ah, já era hora! Ficarão perfeitos posicionados ali...

Ela se distancia com a garota e eu termino de retirar o avental antes de ir até à cozinha para instruir a equipe a posicionar os aperitivos sobre a mesa.

Procuro respirar fundo e me concentrar, esforçando-me para fazer jus ao trabalho lindo, profissional e impecável que minha irmã sempre entrega.

Aquela *vaca*.

Ela é uma das principais responsáveis pelos serviços oferecidos pela Cavalcante Buffet e Recepções, e ela é quem deveria estar aqui hoje.

Especialmente *aqui*, especialmente *hoje*.

Mas, não.

Ter que gastar um dia inteiro resolvendo problemas no banco, na segunda-feira, devido à clonagem do meu cartão de crédito, não foi suficiente. Ter que trabalhar durante uma madrugada inteira, da terça para quarta-feira, para atender uma encomenda que, em cima da hora, foi cancelada, não foi suficiente. Ter que deixar meu carro na oficina, acabar levando uma chuva daquelas e enfiar o pé na lama na ida para o trabalho na quinta-feira, não foi suficiente.

Uma semana sinistra dessas tinha que encerrar com chave de ouro.

E para quê maneira melhor de fazer isso do que ter que não apenas fazer o bolo, mas ser a PERIGOSAS ACHERON

responsável por todo o buffet da festa de casamento do meu ex-namorado?

Que *maravilha*, não é?

Por falar na ordinária da minha irmã, expiro com força, impaciente, quando sinto meu celular vibrar no bolso da calça e vejo uma mensagem sua na tela ao pegar o aparelho.

Mariane: *Espero que esteja correndo tudo bem! Eu sinto muito mesmo, Marcela. Mas sei que vc pode fazer isso. Vai dar tudo certo! Tô te devendo uma enorme! Bjs, mana, te amo!*

Ah, Mariane, eu também te amo, mas não tenha a menor dúvida de que você vai me pagar. Muito caro.

Pouco me importa se você não pôde vir cumprir com as suas obrigações hoje porque seu marido precisou de uma cirurgia urgente para retirar o apêndice inflamado. Melhoras, Carlos.

Eu não teria problema nenhum em cobrir um trabalho ao qual ela não pudesse comparecer. Nem precisaria do discurso do meu pai sobre não podermos deixar a família na mão.

Mas é incrível como, depois da *porra* de um ano inteiro, essa necessidade tenha surgido justo hoje. Nessa festa, nesse casamento, para *esse* casal,

PERIGOSAS NACIONAIS

cuja metade masculina fez parte da minha vida de um modo que me fez chegar a pensar que *eu* é que subiria ao altar com ele, algum dia.

— Tudo pronto aqui, Marcela. — Uma voz masculina me informa, depois que todos terminam de arrumar tudo conforme minhas instruções. — Dez minutos para o início da festa.

Recebo aquela notícia com um arrepio frio me percorrendo a coluna. Olho para Rodrigo, um dos braços direitos de Mariane. Hoje, ele está fazendo esse papel para mim e o deixei encarregado de coordenar os garçons.

— Obrigada, Rodrigo. — Respiro fundo e passo por ele. — Vamos logo acabar com essa palhaçada — murmuro ao marchar em direção à cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? — ele questiona, me seguindo, e eu reviro os olhos.

— Nada não. Anda, temos pouco tempo. — Bato palmas e elevo um pouco o tom de voz para que toda a equipe preste atenção no que preciso dizer. — Ok, pessoal, é o seguinte: dentro de dez minutos, os convidados começarão a chegar. As bebidas serão logo servidas, então já estejam a postos. O Rodrigo aqui os coordenará durante a noite — digo especificamente para os garçons. — As mesas estão abastecidas com a comida do coquetel, e vou me encarregar de avisar aos convidados que podem se servir à vontade. Darei sinal quando chegar a hora de posicionar as travessas e baixelas na mesa do jantar, onde todos poderão se servir, também. Peço atenção para a necessidade de reposição conforme todos forem comendo. As quantidades já estão perfeitamente

medidas para que haja o mínimo desperdício possível. Qualquer dúvida, podem me consultar. Tudo certo para começarmos?

Todos me confirmam e, assim que dou um aceno positivo com o polegar para Rodrigo, ele trata de ir orientar os garçons e deixá-los a postos. Os cozinheiros começam a distribuir a primeira leva do jantar nos recipientes adequados e, quando vejo no relógio que faltam cinco minutos para começar a festa, ouço a porta da cozinha se abrir abruptamente, revelando a Cláudia perua da decoração acompanhada de duas mulheres de idade.

— Boa noite, pessoal! — diz uma das senhoras, sendo recebida com a mesma resposta para seu cumprimento. — Estou procurando a Mariane! Onde está a Mariane?

PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher escaneia o espaço com ansiedade, como se encontrar a Mariane fosse caso de vida ou morte. Ela está usando um vestido azul-escuro muito chique, que complementa com perfeição a maquiagem impecável e o coque sofisticado no alto da cabeça.

A outra senhora, que também ostenta um vestido elegante bordô, com maquiagem e penteado requintado combinando, logo cruza seu olhar com o meu, assumindo a mesma postura que eu diante do reconhecimento que não demora muito a acontecer.

A mulher que, um dia, chamei de sogra.

A mãe do noivo.

O que me faz deduzir que a outra mulher é a mãe da noiva.

PERIGOSAS ACHERON

Opa! Acho que é hora do show.

Ergo o queixo e ando em direção a elas. Ninguém precisa saber que estou com bile entalada na garganta prestes a regurgitar.

— A Mariane não pôde vir — digo, aproximando-me. — Eu sou a Marcela, responsável pelo buffet hoje. Muito prazer. Posso ajudá-la?

A senhora, que suponho ser a nova sogra do meu ex-namorado, sorri um pouco sem graça, o que me faz pensar que talvez ela tenha ouvido falar de mim. Sei que a família do noivo sabe que a empresa do buffet pertence à minha família.

— Oi... Marcela — diz, sem jeito, e segura a mão que estendo para cumprimentá-la. — Eu sou a Diana, mãe da noiva.

Bingo.

— E essa é a...

— Ana — completo para ela, oferecendo para a festa uma sobremesa de cortesia: torta de climão.

— Já nos conhecemos. Como vai, dona Ana?

Estendo-lhe a mão, sorrindo tão largo que sinto dor nas têmporas.

Ana me lança um sorriso educado e aperta minha mão com delicadeza.

— Estou bem, Marcela. Que gentileza a sua por perguntar. E você?

— Melhor impossível.

Não é nem de longe o que o sorriso forçado que abro significa, mas preciso manter a compostura.

— Bom, eu só queria saber como tudo está indo por aqui — Diana diz, olhando ao redor e observando os movimentos da equipe eficiente.

— Ah, tudo sob controle. Não se preocupe — asseguro, sem precisar fingir dessa vez.

— Tudo bem, então. — Ela sorri simpática e olha para Ana por um instante antes de continuar.
— Hã, err... os noivos chegarão em alguns minutos, e depois que eles cumprimentarem os convidados e fizerem sua primeira dança, será a hora de...

— Servir o jantar e cortar o bolo — acabo fazendo isso mais uma vez, tentando não deixar muito óbvia a minha impaciência. Eu sei muito bem fazer o meu trabalho, caramba! — Sim, eu sei.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estamos cuidando de tudo, dona Diana. As bebidas, os aperitivos, o jantar, o bolo. Tudo certo! Fiquem tranquilas e apenas aproveitem a festa. Podem deixar comigo e com a minha equipe.

A segurança em minha voz parece fazer as duas velhas — quero dizer, as duas senhoras ficarem mais sossegadas, e aceno educadamente para elas quando se conformam e voltam para o salão de festas, sem ao menos disfarçar os cochichos antes que a porta se feche.

Argh.

O sorriso forçado some do meu rosto em um passe de mágica assim que elas desaparecem das minhas vistas, e aproveito para espalmar as mãos sobre a bancada ao meu lado, concentrando-me no mármore frio em contato com minha pele e

PERIGOSAS ACHERON

respirando fundo mais uma vez, dizendo a mim mesma de que serão apenas algumas horas. Só algumas horas de provação para seja lá o que for que eu esteja devendo ao Universo.

Só algumas horas.

Eu vou sobreviver.

Passo as mãos por minha calça preta social, para deixá-la mais alinhada, e arrumo as mangas dobradas até os cotovelos de minha blusa de botões verde-água, antes de dar tapinhas nas maçãs do meu rosto e comprometer-me a manter minha expressão o mais neutra possível conforme minhas horas de provação passam.

E acho que consigo fazer um bom trabalho com isso, visto que as pessoas sorriem simpáticas para mim quando dou a volta no salão anunciando que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elas podem se servir dos aperitivos do coquetel. O ambiente vai ficando cada vez mais cheio com o passar dos minutos, e sei por experiência que dar esse comunicado às primeiras pessoas que chegam é o suficiente, pois os convidados que vão chegando depois imitam as ações de quem já está ciente das permissões.

Isso é um alívio para mim, porque logo consigo avistar alguns rostos mais familiares, com os quais é melhor que eu não faça contato, para não receber o olhar “Nossa, mas você é a ex do noivo! O que está fazendo aqui?”. Trato logo de pegar meu celular e baixar a cabeça para checar qualquer coisa, a fim de não ser notada.

A música que está tocando desde que os primeiros convidados chegaram para, de repente, e a atenção de todos ali se volta para o local onde se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontra o DJ, que testa um microfone antes de começar a falar.

— Atenção, senhoras e senhores! Recebam com muito entusiasmo os recém-casados Maurício e Débora: senhor e senhora Mascarenhas!

Meu coração acelera de súbito, enviando tremores por todo meu corpo, que parecem virar pequenos choques quando chegam às extremidades de minhas mãos e pés. Sinto vontade de entornar a próxima taça de champanhe que surgir diante de mim, tamanha é a secura repentina em minha garganta.

Preciso fazer um esforço gigantesco para não começar a hiperventilar quando o casal feliz surge no salão, sob a luz de holofotes, sorrindo no auge

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sua felicidade, enquanto todos no ambiente aplaudem, assobiam, tiram fotos e gritam congratulações.

Então, o nome dela é Débora.

Tudo bem, eu já sabia, porque há um convite emoldurado sobre a mesa do bolo, mas só agora estou podendo associar um rosto ao nome.

Seu vestido branco é justo no busto e abraça bem suas curvas generosas a partir da cintura, com alças largas e decote comportado, e a saia longa que o complementa esvoaça de forma graciosa conforme ela anda. O cabelo castanho de comprimento médio ostenta um penteado simples e sofisticado, com alguns adornos segurando mechas na parte central de trás de sua cabeça, deixando o restante solto e perfeitamente ondulado. A

PERIGOSAS ACHERON

maquiagem não está carregada, e é possível perceber que foi feita com cuidado para apenas realçar sua beleza natural.

A mulher é linda, não posso negar.

E fica ainda mais ao apresentar um brilho no olhar e um sorriso enorme que a deixa radiante, enquanto alterna olhares entre a multidão e Maurício, que segura sua mão e caminha ao seu lado com a mesma expressão.

Maurício.

Meu ex-namorado, senhoras e senhores.

E ele está *de matar* usando smoking preto e gravata-borboleta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ugh, não é nada saudável deixar minha mente se encher com o pensamento de que eu conheço bem o corpo incrível por baixo daquela roupa que lhe cai tão bem. Principalmente diante do que acontece a seguir.

Maurício puxa sua agora esposa para perto, envolve sua cintura com um braço e leva a mão livre até seu rosto, trazendo-o para perto do seu para agraciar a plateia com um beijo breve e apaixonado entre os pombinhos, que fitam um ao outro com olhares tão bobos que meu estômago revira.

Eu sei que parecem pensamentos invejosos e recalcados, mas foda-se. Ninguém sabe, ninguém precisa saber e ninguém nunca saberá. Minha expressão neutra não entrega o estado deplorável

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em que me encontro por dentro ao me sufocar com a enxurrada de sentimentos que lutei tanto para enterrar.

Melhor, para me livrar.

Faz mais de um ano que terminamos. O cara está casado e, pelo que se pode notar, muito bem casado.

Eu segui em frente. Eu cresci, eu amadureci, eu evoluí.

Sentir meu estômago contorcer ao vê-lo com a tal Débora, dançando uma valsa romântica no centro do salão, como se estivessem envolvidos em uma aura única de amor eterno, não faz o menor sentido.

Não faz!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, no entanto, não consigo evitar.

Só mais algumas horas.

Repito mentalmente meu mantra, fechando as mãos em punho para representar o quanto me agarro a ele como se minha vida dependesse disso, enquanto volto para a cozinha.

Só mais algumas horas.

Eu vou sobreviver.

Amém, Gloria Gaynor?

PERIGOSAS ACHERON



Dois



HEITOR



Meu melhor amigo casou.

Cacete, meu melhor amigo casou!

Não me entenda mal, estou muito feliz por ele.

É só que, vê-lo usando aliança em um dedo da mão esquerda e com sua nova esposa em seus braços, dançando uma música romântica e trocando

PERIGOSAS NACIONAIS

tantos olhares bobos que não sei como eles não ficam vesgos, faz a ficha cair aos poucos. Parece que estamos crescidos, afinal.

Ainda me lembro de quando nos conhecemos, há uns três ou quatro anos, mais ou menos.

Maurício sempre foi um cara tranquilo, comprometido com a família e os amigos, sério e eficiente no trabalho, fã de *happy hour* às sextas-feiras, assim como eu, e a melhor pessoa para me acompanhar nas farras e porres.

Bom, isso até ele começar a investir em relacionamentos sérios, o que, durante um tempo, não deu muito certo para ele. Uma maluca atrás da outra.

Então, Débora apareceu — na verdade, reapareceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A história deles dois é digna de comédias românticas que passam em sessões de filme à tarde na televisão. Os dois estudaram juntos no ensino médio e ele sempre foi gamado nela, que nem ao menos o notava. E então, dez anos depois, o destino fez com que eles se encontrassem novamente e, apesar do Maurício ter feito papel de babaca antes de conseguir se acertar com a Débora, aqui estão eles, pouco mais de um ano depois.

Casados e felizes. Deixando claro para todos que os observam girarem pelo salão de festas desse hotel, ao som de uma música tão piegas que me faz perguntar se o equipamento do DJ está coberto de formigas devido a tanto doce, que estão mais apaixonados do que nunca. Era para ser, então não teve jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que isso não significa que perdi o meu amigo — pelo contrário! Ganhei mais uma amiga, uma pessoa sensacional que adora tirar onda com a minha cara.

Mas sei que, daqui para frente, tudo vai ser diferente.

Tomo mais um gole de champanhe e olho para o lado, deparando-me com mais um casal feliz. Meu amigo Vinícius e sua namorada, Lara, outros protagonistas de mais uma história de amor produzida pelos estúdios de Hollywood que trouxeram às telas do cinema os filmes daquele cara que escreve livros de romance e sempre mata alguém no final. Bom, isso não aconteceu com eles, mas deu para entender o meu ponto, né.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os dois foram melhores amigos por anos, até finalmente mandarem ver e descobrirem o que todo mundo — inclusive eu! — já sabia: estavam apaixonados. Um fato estampado nesse momento em seus olhares cheios de corações, enquanto assistem nossos amigos na plenitude de sua felicidade.

Putá merda, eu preciso transar.

Não que faça muito tempo desde a última vez, mas acho que eu nunca quis tanto uma foda selvagem e sem compromisso para limpar todo esse mel do meu sistema.

Enquanto todos ao meu redor estão encontrando suas princesas e príncipes encantados, eu não me vejo enlaçado tão cedo — até porque ainda é *muito*

PERIGOSAS ACHERON

cedo. Tenho vinte e sete anos, pelo amor de Deus! Estou no auge do meu jogo e é disso que eu gosto.

Maurício e Débora cortam o bolo, protagonizam mais cenas românticas que fazem todos os presentes se regozijarem diante de tamanho amor, Vinícius e eu cumprimos nossos últimos papéis de padrinhos e fazemos nossos discursos, e então a festa começa, de fato.

O DJ está tocando músicas mais animadas. Todos conversam, circulam pelo salão, comem, dançam e, do lugar onde estou sentado, escaneio o ambiente em busca do sexo selvagem que cairia muito bem esta noite.

— Caramba, meus pés estão me matando! — Meu foco é interrompido quando ouço Débora reclamar ao puxar uma cadeira e sentar. Maurício

PERIGOSAS NACIONAIS

senta ao lado dela. — Você não vai dançar, Heitor? — pergunta para mim, que fiquei sozinho na mesa depois que todos levantaram para ir balançar as bundas na pista de dança.

— Estou poupando meus melhores movimentos para mais tarde, se entende o que quero dizer — respondo, dando mais uma garfada em minha terceira ou quarta fatia de bolo. Está muito bom!

— Nós sempre entendemos o que você quer dizer, Heitor — Maurício replica, rindo e balançando a cabeça. Pisco para meu amigo, dando de ombros e continuando a devorar meu bolo.

— Já tem alguma presa à vista? — Débora questiona, dobrando-se para retirar os sapatos de salto e massagear os dedos dos pés. — Argh, nem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acredito que acabo de perguntar isso. — Ela revira os olhos.

— Algumas. Percebi umas três gatas que quase caíram no tapa pelo buquê quando você jogou. Acho que são três chances de me dar bem hoje.

— Ah, meu Deus... — Débora bate a mão na testa e balança a cabeça. — Olha, se for alguma amiga minha, fala pra ela que você é um penetra e que não nos conhecemos, ok? Por favor.

— Pode deixar, senhora Mascarenhas — digo, já sabendo que chamá-la pelo sobrenome do novo marido a deixa tão bobinha de satisfação que ela se distrai facilmente. Nesse momento, sua distração consiste em buscar o rosto de Maurício, um sorrir para o outro e se atracarem em um beijo que eles

PERIGOSAS ACHERON

deveriam guardar para a privacidade das quatro paredes da suíte chique onde passarão a noite de núpcias.

Geralmente, nem ligo por acabar servindo de castiçal para meus amigos vez ou outra. Contudo, ficar enfiando pedaços de bolo na boca, enquanto meus amigos recém-casados se pegam do outro lado da mesa, está me fazendo sentir meio patético.

— Ai, caramba, estou ficando velha! — O casal de pombinhos interrompe a demonstração pública de afeto ao som da exclamação de Lara, que volta à mesa com Vinícius. Ela está com o rosto vermelho e se abana com as mãos ao sentar. — Alguns minutinhos de dança e já estou acabada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— “Alguns minutinhos” durante os quais você desceu até o chão umas quinhentas vezes, Lara. Queria o quê? — Débora comenta, rindo com os outros à mesa.

— Debs, eu só estava seguindo as instruções das músicas de funk, ué! Não tenho culpa se todas nos mandam “sentar, sentar e sentar” o tempo todo.

— Opa! Dessa história aí eu gostei — Vinícius se manifesta, afrouxando um pouco sua gravata.

Lara lança um sorrisinho malicioso para o namorado.

— Mais tarde, amor — ela diz, baixinho, e só sou capaz de ouvir porque eles estão sentados bem ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vinícius afasta os cabelos compridos e ruivos da namorada para suas costas e aproxima a boca de seu ouvido, sussurrando coisas que a fazem dar risadinhas e virar-se para beijá-lo. Dá até para ver o jeito com que o cara se derrete todo com os carinhos dela. Vini é um cara grandão que já possui a mansidão de um filhote de cachorro por natureza; com Lara, ele parece se tornar a paz em pessoa.

Reviro os olhos ao enfiar o último pedaço de bolo na boca.

— Lara, onde estão as sandálias de salto baixinho que eu trouxe exatamente por saber que isso iria acontecer? — Débora pega seu sapato e mostra para ela, explanando melhor o que quer dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão debaixo da mesa — Lara responde, ao interromper o momento em que pretendia puxar Vinícius para perto mais uma vez pela gravata. — Eu os busquei no seu quarto de hotel quando chegamos.

— Por isso que eu te amo, prima! — Débora exclama, já tratando de pegar os novos calçados que permitirão que ela continue a circular pela festa sem massacrar os pés.

— Eu sei. — A ruiva dá de ombros.

— Puta que pariu, esse bolo está uma delícia! — ouvimos Amanda, irmã de Maurício, exclamar, ao se aproximar da nossa mesa.

— Concordo com você — digo quando ela se senta ao meu lado, devorando sua fatia de bolo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou prestes a abrir o zíper do meu vestido depois daquele jantar, mas esse bolo está dos deuses. Nossa Senhora! Será que alguém vai notar se eu for me servir pela terceira vez?

— Se você for, pega mais pra mim também? — peço, já estendendo meu pratinho para ela, que assente de boca cheia.

— É um alívio saber que o bolo saiu bom de verdade e não deu diarreia ou intoxicação alimentar em ninguém — Débora comenta, e vejo Maurício retesar por um segundo. Amanda também franze a testa, mas logo ergue as sobrancelhas ao engolir o que estava mastigando.

— Ah, é. Tinha esquecido por um instante — ela comenta, com uma risadinha sem graça, e mexe no cabelo liso antes de continuar a comer. Fico

PERIGOSAS ACHERON

confuso.

— Esquecido o quê? — pergunto para ela, que dá de ombros ao se preparar para me responder. No entanto, acabo ficando no escuro mesmo, porque a mãe dela, Ana, surge ao seu lado, segurando o neto de onze meses, Inácio, no colo, adormecido.

— Acho que a bateria desse rapazinho aqui esgotou por hoje — Ana comenta. — E ainda bem, porque minhas costas estão me matando depois de eu ter que andar curvada pelo salão inteiro para segurar os bracinhos dele, enquanto ele fazia de conta que sabia dançar. Pode pegá-lo, filha? O Pedro foi ao banheiro.

Amanda enfia o resto do bolo na boca antes de deixar o prato sobre a mesa e receber seu filho no colo, que dorme pacificamente, como se não

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse em um local cheio de gente, com música alta e conversas para todo lado.

Assim que estendo a mão para tocar o cabelo enroladinho do bebê que dorme no colo da irmã do meu amigo, um furacão surge diante de nós, e todos se sobressaltam ao mesmo tempo.

Um furacão chamado Íris.

Ela é a filha mais velha de Amanda, tem cinco anos de idade. É o xodó de Maurício, e não há nada que o tio babão não faça por essa pirralhinha.

A menina corre ao redor da mesa, até parar diante de Maurício. Se ele não fosse tão grande e forte, provavelmente sua cadeira oscilaria e talvez ele até caísse para trás, tamanho é o impacto causado pela força com que Íris se joga contra ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Débora gargalha da expressão de dor do marido, porque os punhos da criança bateram contra seu estômago.

— Ei, tampinha! Está gostando da festa? — meu amigo pergunta, pegando a menina e sentando-a em seu colo.

— Tô sim, tio! Já comi esse tanto aqui de docinhos! — Íris mostra dez dedos para o tio, que logo troca olhares com Amanda.

— Ah, está explicado — comenta, referindo-se à possível hiperatividade causada pelo excesso de açúcar na garotinha, que se confirma ainda mais quando ela esperneia para descer do colo de Maurício e torna a correr em volta da mesa, sem o

PERIGOSAS ACHERON

menor indício de cansaço. Ao contrário de todos os adultos aqui, que já estão esgotados depois de se agitarem durante a maior parte da noite.

Bando de idosos.

— Ei, pequena! — chamo Íris, já me levantando e indo até ela, após Amanda pedir pela quinta vez que a menina pare de correr. — Por que não vem dançar com o tio Heitor, hein? — convido, recebendo um olhar grato dos meus amigos.

Íris põe a mãozinha no queixo, pensa um pouquinho e logo se anima.

— Tá bom!

Estendo a mão para ela, que me ignora e sai correndo para a pista de dança, virando-se para me chamar conforme a acompanho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Durante os primeiros quinze minutos, sinto-me um pouco arrependido dessa ideia, porque todo passo de dança que Íris inventa requer saltos e giros, o que acaba me cansando muito rápido. Divirto-me muito com as peripécias dessa pirralhinha, mas acho que não conseguiria ter sua energia mesmo se ingerisse o triplo de açúcar que ela ingeriu.

Felizmente, as músicas não demoram a se acalmar, e quando o ritmo tocado exige passos mais lentos, seguro a garotinha pelas mãos e ela sobe em meus pés, para que eu nos guie no meio dos outros casais que estão dançando juntinhos. Ela acha aquilo o máximo e, por mais que eu esteja me sentindo meio idiota, é um alívio ver que ela está aos poucos esgotando a bateria, assim como seu irmãozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para a mesa onde estava sentado e percebo que Maurício e Débora não estão mais por lá, nem em lugar nenhum à vista. Hummm, parece que a lua-de-mel começou.

Também não vejo Vinícius e Lara; apenas Amanda, com Inácio dormindo em seu colo, e Pedro, seu marido, ao seu lado, parecendo entediado e prestes a cair no sono também.

A pista de dança já não está mais tão cheia, e quando penso em interromper meu momento com Íris, minha atenção vai para uma mesa a pouca distância de onde estou me balançando para lá e para cá com minha sobrinha emprestada.

Duas mulheres nos observam — na verdade, *me* observam, enquanto cochicham uma com a outra e suspiram ao encarar a cena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, caramba, como não pensei nisso antes? É como naquele episódio de *Friends*, em que o Ross dança com um monte de criancinhas no casamento da irmã para impressionar uma gostosa lá. Tiro e queda!

Bom, com ele acabou não dando muito certo num primeiro momento, principalmente depois de destruir os pés por colocar tantas meninas sobre eles, mas não vou deixar isso acontecer comigo. E meu segundo momento de alívio vem quando vejo Íris bocejar e começar a parar de me acompanhar.

Ela esfrega um dos olhos e eu interrompo nossa dança, abaixando-me para pegá-la nos braços, e a menina não dá um pio de protesto. Pelo contrário: ela apoia a cabeça em meu ombro e se aconchega, o que acaba contando mais pontos a meu favor. As

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres que estão na minha mira não deixam isso passar despercebido e abrem ainda mais os sorrisos ao cochicharem mais uma vez.

Pisco para elas e vou em direção à mesa onde estão os pais de Íris para deixá-la com eles, antes que descubram que estou praticamente me aproveitando da fofura da filha para conseguir pegar mulheres.

— Fim de jogo pra pirralhinha também — digo ao entregá-la a Pedro. — Onde estão os outros?

— Maurício e Débora já foram começar os trabalhos — Amanda responde, arrancando uma risada do marido. — Acho que a Lara e o Vinícius seguiram a inspiração, porque estavam dançando até agora pouco e não estou mais vendo eles.

— Ok. Acho que está na hora de eu começar os
PERIGOSAS ACHERON

trabalhos também — comento, piscando para Pedro antes de apertar sua mão. Dou um beijo na testa de Amanda. — Ótima festa, amigos, mas é da *after party* que o Heitor aqui gosta! Até mais!

Amanda e Pedro dão risada e balançam as cabeças conforme me afasto. Aproveito para pegar mais uma bebida quando passo por um garçom com uma bandeja ainda cheia delas, e procuro as mulheres que avistei antes de ir deixar Íris e me despedir dos meus amigos.

Elas não estão mais à mesa onde as vi antes.

Procuro ao redor, olhando o ambiente casualmente e bebericando champanhe, perguntando-me após alguns minutos em que buraco elas podem ter se metido.

Aproveito que estou perto da mesa de docinhos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para enfiar alguns na boca, e quando finalmente avisto uma das gatas que estavam me dando mole poucos minutos atrás, percebo que voltei à estaca zero.

Ela está abraçada a outro cara e se despede de algumas pessoas antes de se afastar com ele. A outra continua desaparecida, e enfio mais um bem-casado na boca, frustrado.

Porra, pensei que ao menos uma delas estava no papo. A maneira com que olhavam o cara gostoso aqui que tem jeito com crianças me fez até sentir o cheiro do sexo selvagem iminente. Fala sério.

Talvez eu não esteja mais com a corda toda de sempre, afinal.

Haha! Não, isso é impossível, penso, rindo sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

E acho que já chega de champanhe.

Deixo a taça vazia sobre a mesa e, para minha surpresa comigo mesmo, penso em fazer o mesmo que muitas pessoas já fizeram: ir embora. Talvez eu tenha mais sorte em algum bar por aí fora. Talvez algum amigo do trabalho esteja a fim de ir a uma balada cheia de gatas. Talvez...

Opa! Quer saber? Esquece isso.

Talvez eu ainda tenha uma chance por aqui, afinal de contas.



Três



HEITOR



Recostada contra a parede, ao lado da porta por onde saem e entram garçons o tempo inteiro, está uma loira, de costas para mim, rolando o polegar pela tela de seu celular.

Seus cabelos ondulados, soltos de uma forma despojada, caem mais ou menos um palmo abaixo da linha dos ombros em comprimento, já me fazendo imaginar a delícia que será puxá-los quando ela estiver de quatro.

PERIGOSAS NACIONAIS

A silhueta curvilínea de sua cintura até os quadris é bem perceptível, mesmo que ela esteja usando uma blusa de seda em um tom bem claro de verde, com as mangas dobradas até os cotovelos, que lhe abraça de forma confortável.

A calça preta social é classicamente um pouco mais folgada dos joelhos para baixo, mas dos joelhos para cima... puta que pariu, que coxas. Que bunda! E o movimento que ela faz, ao mudar o peso do corpo de uma perna para outra, deixa aquela curva proeminente, redondinha e firme ainda mais tentadora.

Ela parece entediada, visto que mal tira a atenção do celular. Não consigo ver seu rosto daqui, mas com um corpo daqueles, sei que nem preciso, nem importa. Durante os dez minutos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passo observando-a, não vejo ninguém interagir com ela, o que me faz pensar que veio sozinha, foi deixada sozinha ou tenha levado um bolo.

De um jeito ou de outro, talvez ela esteja precisando de um conforto. Um ombro amigo, quem sabe. Ou uma foda daquelas para superar seu momento.

E entra o Heitor.

Literalmente, daqui a poucos minutos.

Confio na ajuda do cara lá de cima.

E do carinha aqui embaixo, que já está se contorcendo de tesão dentro da minha calça diante dessa visão e tanto.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreio um pouco e ajusto o paletó, conforme ando em direção à mulher. Paro bem atrás dela, enfiando as mãos nos bolsos da calça e imitando sua posição ao encostar o ombro à parede. Ela não parece perceber a minha presença, de tão compenetrada no celular, então decido fazê-la me notar.

Toco seu cabelo de forma sutil, para não assustá-la, e deixo que meu dedo roce de leve em seu ombro, antes de abaixar a cabeça para aproximar a boca de sua orelha.

— Também acho que essa festa já deu o que tinha que dar — digo, com a voz rouca. Percebo o momento em que ela finalmente se toca de que há alguém por trás de seu corpo. Sua cabeça se ergue em um suave sobressalto, e ela vira o rosto um pouco para o lado, provavelmente tentando

PERIGOSAS NACIONAIS

descobrir quem sou usando a visão periférica, deixando seu perfil quase à mostra. — E, para nossa sorte, tenho uma chave para um quarto do hotel bem aqui.

Levo minha mão que a tocou de volta para o bolso, preparando-me para o momento em que ela irá virar de frente para mim. Ela se retorce um pouco para me olhar por cima do ombro, e vejo o momento em que expira com força e balança a cabeça. Minha expectativa envia correntes de adrenalina por todo meu corpo ao ver que meu jeitinho mexeu com ela.

Abro um sorriso enorme conforme ela gira o corpo.

Sorriso esse que, na mesma velocidade em que surgiu com empolgação, desaparece com surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

— Marcela?

Diante de mim, olhando-me com deboche na expressão, sobrancelhas erguidas sobre olhos cor de chocolate e braços que se cruzam lentamente sob os peitos, está a ex-namorada do Maurício.

A ex maluca do meu melhor amigo que acabou de casar.

Ei, espere! O que a ex maluca do meu melhor amigo está fazendo na festa de casamento dele?

— Olá, Heitor. — Ela me olha de cima a baixo e dá de ombros quando torna a encarar meu rosto.
— Pelo visto, algumas coisas não mudam mesmo.

Será que ela está aqui para armar um escândalo? Para estragar tudo? Para reivindicar o Maurício de volta?

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, não deve ser nada disso. Porque se fosse algum desses casos, ela teria feito no instante em que Maurício e Débora entraram nesse salão. Melhor — ou pior, né —, ela teria ido até à igreja para levantar a mão quando o padre perguntou se alguém seria contra aquela união e solicitou que, em caso positivo, falasse logo ou se calasse para sempre.

— Eu que o diga — respondo, ainda muito surpreso. Não só pelo fato de ela estar no lugar mais improvável, mas também por *ela* ter sido meu objeto de desejo durante os últimos minutos, sem que eu soubesse que era ela. — Não quero te ofender, nem nada, mas que porra você está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

Ela ri da construção da minha sentença, mas é impossível detectar qualquer indício de humor genuíno naquele gesto.

— Bolo.

Opa. Será que, no fim das contas, pelo menos uma dentro eu dei? Porque apostei que a gata da bunda gostosa que estive cobiçando poderia ter levado um bolo e, por isso, estaria sozinha, vulnerável e carente em uma festa de casamento quase no fim.

Mas agora, sabendo quem é a gata da bunda gostosa que estive cobiçando, só posso me sentir um pouco mal por ela, se esse for mesmo o caso. Não bastava ter que ver o ex-namorado se casando, ainda acabou perdendo a chance de entrar e sair dali com dignidade.

Foda.

— Que dureza, gata. Você veio para a festa de casamento do seu ex e ainda levou um bolo? Poxa, sinto muito.

Dessa vez, Marcela ri novamente. E a diferença inconfundível dessa sua risada para a anterior quase me faz rir também, se eu não soubesse que ela está rindo da minha cara.

Ela chega a espalmar a mão na parede para se apoiar quando, literalmente, se dobra de rir. Reviro os olhos e, impaciente, observo-a enxugar os cantos dos olhos com a ponta do dedo mínimo. Seu rosto está corado e o sorriso adornado pelos lábios cheios e rosados cede aos poucos.

Isso traz de volta os efeitos que me percorreram por inteiro enquanto secava seu corpo por trás, há

PERIGOSAS ACHERON

poucos minutos.

Quando Marcela namorava o Maurício, foi fácil bloqueá-la e vê-la como, sei lá, apenas a namorada do meu amigo, que estava e sempre estaria fora dos limites que eu mesmo imponho nessa situação, mas nunca deixei de perceber sua beleza. Apesar de ela ser meio maluca e ter perseguido o Maurício após não aceitar muito bem o término do relacionamento, não dava para negar que era uma mulher linda. E, agora, um ano depois de ela ter se afastado das nossas vidas, dizer que ela é linda é tão pouco que parece até ofensa.

A mulher está deslumbrante. Gostosa pra caralho!

Mesmo usando roupa séria e social, está surtindo o mesmo efeito que causaria se estivesse usando uma lingerie de renda minúscula.

E esses olhos? Brilhando de diversão conforme ela tenta recuperar a respiração perdida em uma gargalhada contagiante?

Porra.

— Não, idiota. Eu fiz o bolo — ela explica, recuperando a compostura.

E lá está, mais uma vez, o clique de surpresa que deixa tudo ainda mais interessante.

— Sério? Você fez aquele bolo? — Ela assente, olhando-me como se eu fosse um bocó por ainda não saber disso. — Caramba, eu devo ter comido umas quatro fatias! Estava bom demais —

empolgo-me ao relatar minha experiência com um dos melhores doces que já comi na vida. Ela dá um sorriso tímido, que complementa uma expressão de orgulho pelo trabalho bem feito. — Então, você faz bolos?

— Desde que me entendo por gente — ela responde, dando de ombros. Sua expressão fica um tanto impaciente depois que assinto ao receber mais uma informação completamente nova. — Trabalho com isso há muito tempo, mas você sempre esteve muito ocupado fungando rabos de saia para perceber o que a namorada do seu amigo fazia para viver.

Ela torna a cruzar os braços e eu dou risada, cessando-a somente quando minha atenção vai direto para seu colo à mostra, devido aos dois primeiros botões da blusa que estão abertos. Os

PERIGOSAS NACIONAIS

braços cruzados sob os peitos deixam seu decote ainda mais empinado — porra, *delicioso* —, e preciso de muita força de vontade para desviar o olhar antes que ela perceba e me dê um chute no meio das pernas.

— Ainda estou confuso. Por que o Maurício e a Débora te contrataram para fazer o bolo?

Marcela expira e faz um gesto de desdém com a mão.

— Longa história.

— Ah, gata! A noite já está quase no fim, você está claramente entediada e eu... bom, acho que não tenho nada melhor para fazer, já que ainda estou com a merda da chave do quarto no bolso. Me conta aí.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela estreita os olhos para mim e tenta segurar o sorriso que ameaça surgir em seus lábios.

— Quer ouvir a minha desgraça para se sentir melhor com a sua de não ter conseguido ninguém para levar para o seu quarto de hotel hoje?

O jeito com que ela ergue o queixo e me olha de canto de olho ao fazer essa pergunta me faz sentir uma fígada na virilha.

Sou uns bons centímetros mais alto que ela — sua testa fica no nível do meu queixo — e erguer o rosto para me olhar é algo natural de qualquer pessoa que tenha menos que 1,82m de altura.

Mas a maneira com que ela faz isso é muito mais do que um simples ajuste para me olhar melhor.

PERIGOSAS ACHERON

Claro que, com a pergunta que fez, sua intenção é cutucar uma possível ferida no meu ego, mas aquela postura de quem é segura de si, apesar da situação, e aquele olhar desafiador, me deixa cada vez mais perto de querer ultrapassar um limite que jurei nunca fazê-lo.

Ela é a ex do seu melhor amigo, porra...

Seu amigo que, agora, está muito bem casado, mas mesmo assim!

Essa história de pegar a ex do amigo nunca deu certo. Não que eu tenha ouvido falar, pelo menos. É por isso que, diante de tantas regras dessa vida que eu quebro todo santo dia, essa sempre foi a única que me comprometi a cumprir.

E nunca foi tão difícil quanto está sendo agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se quiser me fazer esse favor... — me vejo dizendo, sabendo muito bem o duplo sentido que aquela frase implica, temperada com meu balançar de sobrancelhas e voz baixa de quem está contando um segredo sujo.

Marcela, em contrapartida, franze a testa e se afasta minimamente, como se tivesse entendido exatamente o sentido que eu quis que entendesse. Dá para ver que isso mexe com ela, e esquecer regras idiotas nesse momento está ficando cada vez mais fácil.

— Favor? — ela inquire, e fico a um passo de perder o controle quando vejo que seu olhar pega o momento em que mordo meu lábio inferior, devagar e brevemente.

Ah, isso pode ser muito, muito divertido.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, o favor de compartilhar comigo a sua longa história de desgraça. Sei que você acha que tudo o que faço por aí é fungar rabos de saia, mas, vez ou outra, até que eu sou um bom par de ouvidos.

Seu olhar descrente muda aos poucos, como se uma parte sua estivesse pedindo que considere minha proposta, enquanto a outra a enche de desconfiança.

— Fala sério.

— Tente.

Mudo o peso do corpo de uma perna para outra e me apoio melhor na parede, mantendo as mãos nos bolsos e assumindo uma expressão mais séria. Não para brincar com a cara dela, mas para confirmar o que acabo de dizer. Ela não é a única

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoa que pensa que, só porque sou do tipo tranquilão que gosta de curtir a vida — com experiências sexuais sem compromisso, principalmente —, sou um completo babaca incapaz de levar coisas a sério, ou de ser um cara comportado e legal, sem segundas intenções.

Ok, nesse caso bem aqui, tenho não só segundas, como também terceiras, quartas e até mesmo quintas intenções, mas, fora isso, até que está legal conversar com Marcela. Todos os meus amigos estão namorando, casados, com filhos, e estou ficando para trás, mesmo. E estou genuinamente curioso para saber como ela veio parar aqui hoje.

Marcela guarda o celular no bolso frontal da calça e imita minha posição, encostando-se à parede, de frente para mim. Ela olha para os lados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por alguns instantes, apertando os lábios e respirando fundo, como se ainda tivesse dúvidas de que quisesse ir em frente com aquilo. Incentivo-a com um aceno de cabeça quando ela torna a olhar para mim, e com mais um expirar forte, ela estala a língua antes de abrir o bico.

— A minha família tem uma empresa de serviços de buffet. Trabalhei com eles por um tempo, antes de me desligar e abrir a minha confeitaria. — *Ela tem a própria confeitaria?* Uau. Dona do próprio negócio. Empresária. *Que sexy.* — Hoje em dia, a minha irmã é a principal responsável pelo trabalho da empresa de buffet, e um imprevisto a impediu de vir esta noite. Acabou sobrando pra mim. Eu conheço o trabalho tão bem quanto ela, e precisava terminar de decorar o bolo aqui, mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

— E como foi que eles chegaram até você para fazer o bolo?

Ela dá de ombros.

— Bom, a empresa de buffet e eu temos uma espécie de parceria. Quando a festa pede por um bolo decorado, eles oferecem um pacote que inclui o doce e eu o faço. Para o cliente, acaba saindo mais vantajoso, de forma financeira, do que encomendar separadamente, na maioria das vezes. É Mariane, minha irmã, que resolve tudo com o cliente. Eu só recebo as instruções, envio amostras para degustação e aprovação, e então faço o bolo para o dia combinado.

Marcela olha ao redor por um momento, como se, de repente, se perdesse em pensamentos. Ela enfia as mãos nos bolsos da calça e passa a apoiar

as costas contra a parede, permitindo-me olhá-la de perfil. Não sei dizer se já encerrou sua história, mas fico quieto, até porque o jeito com que fico hipnotizado ao encarar seu semblante sério me deixa sem palavras, desejando que ela continue a falar qualquer coisa, só para que eu possa continuar fitando seu rosto e ouvindo sua voz.

Caramba. *De onde saiu isso?*

— Eles nem sabiam que seria eu a confeitadeira responsável — ela continua, após soltar uma risada breve com pouco humor. — E eu também não sabia que estava fazendo bolo para eles, até ter que vir substituir a minha irmã hoje. Ela sabe da história toda e escolheu me poupar desse detalhe durante o processo. Mas, não teve jeito. A vida achou que essa seria uma maneira maravilhosa de encerrar a semana de cão que eu tive.

Ela encerra sua última sentença com mais uma risada sem graça, e passa a observar os próprios pés durante alguns segundos.

— Sinto muito — digo, por sentir empatia por sua situação e, mesmo que ela não saiba, por ter pensado que ela estava aqui para bancar a ex-namorada lunática e irracional.

Marcela ergue a cabeça de volta para me olhar, e o meio sorriso em seus lábios parece ser tão genuíno quanto a gargalhada que ela deu quando interpretei errado sua resposta sobre o bolo.

— É, mas acabou sendo mais tranquilo do que eu imaginei. Na verdade, imaginei que não fosse ser tranquilo coisa nenhuma, então estou no lucro. E já está acabando, então...

— Você vai poder finalmente seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

As palavras que escolho para completar sua sentença que fica no ar parecem pegá-la de surpresa, como se algo estalasse em sua mente para que encontrasse uma compreensão que, provavelmente, nem sabia que estava buscando.

— É, por aí — confirma, assentindo com a cabeça. — Nossa, mas quem diria que o senhor Heitor, seja lá qual for o seu sobrenome...

— Lacerda — interrompo-a, para prover-lhe da informação. Ela assente e sorri.

— Quem diria que o senhor Heitor Lacerda poderia ser tão bom ouvinte?

— Ah, senhorita Marcela...

PERIGOSAS NACIONAIS

Estreito os olhos, esperando que ela complete o nome como fiz quando ela disse o meu.

— Cavalcante.

Caralho, tudo nessa mulher é sexy. Até uma coisa simples como seu nome completo.

— Bom, eu sou muitas coisas, Marcela Cavalcante. Você não faz ideia. — Uso a mesma voz com que a abordei antes e acrescento uma piscadela ao final. Ela ergue as sobrancelhas e aponta para mim.

— Tá aí, uma cantada bem melhor do que revelar logo de cara que tem chave para um quarto de hotel. Fica a dica para próximas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

Dou um pequeno passo à frente, ficando bem mais próximo dela, vendo a maneira com que sua cabeça se inclina mais para trás conforme ela sustenta meu olhar e, dessa vez, não tenta se afastar.

— Vai dizer que não se arrepiou com a minha voz rouca ao pé do seu ouvido prometendo a melhor noite da sua vida?

Apoio o antebraço na parede, bem ao lado de sua cabeça, e o jeito com que ela ergue uma sobrancelha e dá um sorrisinho de lado parece que vai ser a minha morte.

Porra, mulher!

— Nem um pouco — responde, baixinho, e aposto que ela pensa que não percebo sua atenção em minha boca quando abro um sorriso. — E, se

PERIGOSAS ACHERON

me der licença, ainda estou trabalhando. — Dessa vez, ela dá alguns passos para trás antes de tornar a falar. — Mas obrigada mesmo por me emprestar sua ilustre atenção para ouvir meus desabafos. Boa sorte com a chave do quarto!

Ela acena um tchauzinho com os dedos antes de desaparecer pela porta por onde os funcionários da noite têm transitado. Por um instante, apenas fico ali, encarando o lugar por onde ela desapareceu, surpreso por perceber que acabo de ter meu ponto alto dessa noite inteira, e isso não incluiu ter uma mulher nua comigo na cama.

E, provavelmente, nem incluirá mais, porque a mulher que eu quero nua comigo na cama acabou de me dar um fora. Sem contar que seu status de

ex-namorada do meu melhor amigo me deixa hesitante, apesar da excitação que esse gostinho proibido me faz sentir.

Merda.

Será que vou mesmo terminar esta noite fazendo *checkout* no hotel sem ao menos ter entrado na droga do quarto?

Acho que não é o meu dia de sorte, mesmo.



Quatro

✿ MARCELA ✿

Assim que termino de colocar a pequena mala contendo meus materiais de trabalho no banco de trás do meu carro, respiro fundo.

Acabou.

Acabou, e eu sobrevivi.

Troca o disco da Gloria Gaynor e coloca aí Destiny's Child, porque eu sou uma sobrevivente!

Não foram poucos os momentos em que eu quase pirei por sentir que o tempo estava se arrastando demais, mas o importante é que o fim da festa chegou, e consegui alcançá-lo inteira. *Eu acho.*

São 23h42 quando confiro a hora na tela do meu celular e, antes de dar mais um respiro de alívio, volto ao salão de festas, onde a equipe de decoração está terminando de desmontar e recolher tudo, para ir até à cozinha pegar minha bolsa. Assim que entro, Rodrigo e algumas outras pessoas da equipe do buffet também estão finalizando o trabalho de apanhar tudo que precisa ser transportado de volta.

— Ei, Marcela! — ele me chama e vem em minha direção, segurando um pequeno pote de isopor. — Os noivos não quiseram guardar a última

PERIGOSAS NACIONAIS

camada de bolo e sobrou pra caramba. Eles disseram que podia ser dividido entre os funcionários, então tirei esse pedaço pra você. Afinal, foi você que fez, né.

— Ah, sim! — assinto, recebendo o pote. — Obrigada. Já recolheram tudo?

— Sim, tudo em ordem. Já estamos prontos para ir embora. Quer uma carona?

— Não, obrigada. Estou com meu carro.

— Então, tudo bem. — Ele dá de ombros ao me observar pegar minhas coisas. — Valeu mesmo pela ajuda esta noite. Eu sei que não deve ter sido muito confortável pra você, sabe... o noivo, e tal...

Mariane linguaruda.

PERIGOSAS ACHERON

— Não se preocupe com isso. — Abro um sorriso amarelo e faço um gesto vago com a mão. — Até que foi... hã, legal.

É, até que foi.

Claro que, se pudesse escolher, optaria por não ter que passar por isso, mas, no fim das contas, tudo saiu melhor do que eu pensei. *Eu* me saí melhor do que pensei.

Depois de ter os pombinhos felizes esfregados na minha cara, lutei para engolir o nó enorme que estava sufocando minha garganta e tentei ficar o máximo de tempo que podia na cozinha, conduzindo o trabalho de perto e mantendo-me ocupada o suficiente para ao menos não pensar muito em quem estava lá fora.

Até o momento de cortar o bolo.

PERIGOSAS NACIONAIS

A organizadora da festa, Cláudia perua, pediu que eu conferisse se estava tudo pronto para o momento icônico, e quase não tive tempo de fugir quando vi os noivos e suas famílias se aproximando da mesa, assim que terminei de organizar as facas e espátulas na melhor ordem de uso. Quando solicitaram a presença da equipe do buffet e todos os outros responsáveis pelos detalhes da festa para receberem agradecimentos e tirarem fotos com os noivos, fiquei escondida embaixo da mesa da cozinha.

Pude contar com a ajuda de Rodrigo, que cortou as fatias de bolo a serem servidas, e somente um bom tempo depois, quando ouvi a informação de que os noivos já haviam se retirado, permiti-me sair da cozinha para respirar um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei se me viram, se sabiam que eu estava ali — provavelmente sim, porque suas mães devem ter fofocado —, o que acharam disso tudo, mas é bem melhor assim.

Acabou. Agora, eu posso seguir em frente.

E eu que pensava que já havia seguido em frente há tanto tempo...

Mas, ei, nova perspectiva!

Talvez tenha sido um teste para que eu mesma pudesse saber se a Marcela esquentada e maluca de pouco tempo atrás havia, realmente, amadurecido, se transformado e evoluído.

Talvez eu tenha precisado desse ponto final.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, apesar do fato de que tudo o que passa por minha cabeça nesse momento é querer ir para casa, fazer cupcakes e me empanturrar deles até que não sobre espaço em mim para sentir mais nada além de estufamento e overdose de açúcar, sei que é hora de deixar tudo para trás, de uma vez por todas.

Eu só queria me livrar dessa sensação de que, sei lá... falta alguma coisa.

Deve ser uma overdose de açúcar, mesmo.

— Que bom, então. — Rodrigo sorri para mim.
— A gente se vê.

Trocamos um abraço amigável e eu ajeito minha bolsa no ombro.

PERIGOSAS ACHERON

— Até qualquer dia desses, Rodrigo. Boa noite, pessoal! Excelente trabalho hoje! — despeço-me de todos, acenando para seus rostos simpáticos e cansados, que me desejam boa noite de volta e me elogiam pelo bolo, como sempre fizeram.

Como nos velhos tempos.

Trabalhei na empresa da família por um bom tempo, até o momento em que decidi que precisava de mais do que me conformar com o negócio que começou com o avô do meu pai, que hoje está à frente do comando.

Mariane sempre foi uma melhor organizadora e administradora do que eu, que sempre tive uma queda muito maior por confecção de bolos e doces. Herdei esse fascínio da minha mãe, que possuía a

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma paixão e me ensinou tudo o que pôde, antes de falecer devido a um infarto fulminante, quando eu tinha dezesseis anos.

Mais do que a realização pessoal que confeitar me traz, essa é uma forma de senti-la sempre perto de mim.

Meu irmão mais velho, Samuel, nunca quis se envolver no negócio da família. Ele é um engenheiro civil bem sucedido e bem casado, e mesmo que seu “desvio” tenha causado algumas desavenças com meus pais quando ele decidiu seguir outro ramo que não era Administração, como Mari e eu, isso não é mais um problema hoje em dia. Meu pai fica feliz por seu filho ter uma ótima vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E, quando me vi diante do maior ponto de virada da minha vida — leia-se quando decidi trocar o desgaste emocional da vida amorosa por algo que valesse a pena por mim e me fizesse lembrar como era me colocar em primeiro lugar —, inspirei-me na coragem do meu irmão de se impor e, literalmente, construir para ele a vida que ele queria, para correr o risco de ver o olhar de desapontamento do meu pai ao dizer que não queria mais trabalhar com ele.

Um olhar que, para minha surpresa e alívio, não veio quando lhe dei a notícia, porque, ao saber o que eu pretendia com isso, ele disse que já estava esperando que esse momento chegasse.

Então, eu fui atrás da vida que eu queria construir para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E há um ano, inaugurei minha própria confeitaria, em sociedade com mais duas amigas. Desde setembro do ano passado, venho me entregando de corpo, alma e coração para fazer o trabalho que tanto amo da melhor maneira possível.

Descobri e compreendi que nunca precisei de mais ninguém para ser completa. Aprendi a fazer por mim coisas que costumava permitir que dependesse de quem só me deixava na mão. Aprendi a ser inteira.

Por isso, ao seguir para fora do salão de festas, respiro aliviada por perceber que, sim, sou tão ou até mais forte do que pensava.

Se não fosse essa sensação irritante de que falta alguma coisa...

Cupcakes! É, vamos fazer cupcakes.
PERIGOSAS ACHERON

— Você parece cansada.

Meus passos apressados param de forma abrupta quando ouço a voz de alguém se dirigindo a mim. Olho diretamente na direção daquele som e encontro um rosto familiar, a uns três passos de distância à minha esquerda.

Heitor está sentado em um dos sofás de espera do saguão do hotel, com as pernas esticadas e os pés cruzados, enquanto apoia um dos braços sobre o encosto do móvel. Seu paletó descansa sobre o colo, a camisa branca tem as mangas empurradas até os cotovelos e está com os dois primeiros botões abertos. A gravata frouxa está pendurada em seu pescoço.

A expressão em seu rosto está divertida, como sempre, com aquele toque sacana que não sai do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jeito com que ele sorri de lado, encara com os olhos semicerrados ou balança as sobrancelhas.

Nesse momento, ele realiza os três gestos ao mesmo tempo, dando tapinhas no assento do sofá, oferecendo-me um lugar para sentar.

— Deve ser porque eu estou — respondo e aceito seu convite. Parece que estou de pé há dias.
— O que ainda está fazendo aqui?

Ele inspira e expira com força.

— Nem eu mesmo sei.

— Tsc. Sem sorte com a chave do quarto, hein?

— Bom, me diga você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lá estão de novo, os gestos sutis que deixam sua expressão carregada de safadeza.

Desde que ele me abordou, mais cedo, tenho ficado surpresa com o quão fácil e natural é conversar com ele.

Para mim, Heitor nunca passou de um galinha destruidor de corações incapaz de trocar palavras com alguma mulher que ele não quisesse levar para a cama. Não que eu tenha me enganado em relação a isso, já que era essa sua intenção quando me abordou sem saber que era eu, mas ele até que se saiu bem em nossa breve conversa, mesmo sabendo que aquilo não iria terminar em mais uma conquista bem-sucedida que ele não levaria a sério após conseguir o que queria.

PERIGOSAS ACHERON

Levei um susto quando ouvi sua voz ao pé do meu ouvido sugerindo sacanagem, mas logo entrei na defensiva quando percebi de quem se tratava. Só o que me faltava era que um dos amigos do meu ex-namorado — e o mais babaca deles — viesse encher o meu saco e tirar sarro da minha cara por estar me prestando a comparecer a esse evento, que para mim foi tão agradável quanto ir ao hospital após cortar o braço e fazer suturas sem anestesia.

Ver que Heitor não havia mudado basicamente nada do que me lembrava não me surpreendeu nem um pouco, a princípio, mas não demorou muito até que esse cenário se alterasse.

Ele conseguiu me fazer desabafar sobre a ironia ridícula do destino que me fez vir parar aqui hoje, e não fez nada além de me ouvir e elogiar o meu trabalho, sem deboche ou malícia em seu olhar ou

tom de voz — bom, exceto quando fez brincadeiras insinuativas, como a de agora, mas nem pensei em levar a sério.

— Então, não — respondo, recostando-me contra o encosto do sofá e dando um suspiro relaxado. Heitor sorri e revira os olhos diante da minha resposta antes de imitar minha posição. — Estou fugindo de problemas.

No mesmo instante em que complemento, ele torna a sentar de forma ereta e me olha com incredulidade e diversão na expressão.

— Eu sou um problema?

Sorrio quando vejo sua sobrancelha esquerda se erguer.

— Com P maiúsculo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei! — ele exclama, franzindo as sobrancelhas sobre os olhos, mas em sua boca, o sorriso de quem sabe que estou certa permanece.

— Ah, Heitor, por favor. Eu te conheço há um tempo, e não me lembro de ter te visto com a mesma mulher mais de uma vez quando eu namorava o Maurício, e o espaço de tempo para você aparecer com uma diferente da outra mal chegava a uma semana. E, diante da maneira com que me abordou hoje, sei que você ainda não teve jeito.

Seu olhar fica intenso de repente, ao mesmo tempo em que sinto seu braço serpentear pelo encosto do sofá, atrás de mim, até pousar ao meu redor.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer dizer que você presta atenção em mim assim desde que namorava o Maurício? Bom saber.

Minha risada sai sem que eu possa me conter.

— Viu só? — aponto, levando minha mão até seu pulso, que está pousado em meu ombro, para retirar seu braço da minha volta.

— Ah, fala sério, Marcela. — Heitor vira um pouco de lado no sofá, para me olhar melhor. — Você é o quê, a rainha do compromisso sério?

Sua pergunta faz meu sorriso diminuir. Dou de ombros, e aproveito minha posição esparramada contra o encosto do sofá para desviar meu olhar do dele.

— Não mais — respondo com um suspiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto Heitor apoiar o cotovelo contra o sofá, gesto que o deixa um pouco mais próximo a mim.

— Como assim? — questiona, e fica impossível manter meus olhos longe de seu rosto, porque a seriedade repentina em seu tom de voz me chama a atenção. Ele mexe de forma distraída nos cabelos da nuca, seus olhos me observam com suavidade e curiosidade, e dou de ombros mais uma vez ao sentir as palavras emergirem sem esforço nenhum e de maneira surpreendentemente confortável.

— Até o Maurício, minha vida era sair de um relacionamento sério para outro. Acho que, de algum modo, eu sempre preferi essa segurança, e nunca gostei muito desse negócio de me atracar com quem nunca vi na vida e que nunca voltaria a ver depois de uns amassos ou uma rapidinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faço questão de observar sua reação àquelas palavras, e o ar que ele expira pelo nariz ao dar uma risada bate em meu braço. Minha mão se fecha em punho diante do arrepio que aquilo causa em minha pele.

— Você não sabe o que está perdendo — ele comenta, balançando as sobrancelhas quando reviro os olhos. — E o que te fez mudar de ideia?

— Ah, a gente aprende, não é? Aquele fim de namoro me desgastou muito. Eu realmente o amei, sabe? E fiquei arrasada quando vi que isso não foi suficiente. Mas, em algum momento, comecei a perceber que não foi suficiente porque eu mesma não *me* amava de verdade, que deixei um romantismo estúpido me controlar durante a maior parte da minha vida e me fazer acreditar que eu não poderia ser feliz sozinha. Então, eu decidi rever as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas prioridades e me joguei de corpo, alma e coração no meu trabalho, no meu sonho; passei a fazer algo por mim, a me transformar, a evoluir. Aprendi que, por mais que tudo no mundo exterior um dia ficasse completamente perfeito, em seu devido lugar e da maneira que me deixasse satisfeita, de nada adiantaria se eu não estivesse bem por dentro. E acho que tenho feito um ótimo trabalho desde então.

Finalizo com mais um suspiro e empurro minha bolsa para o lado, retirando-a de cima de minhas coxas, que já estão incomodadas pelo peso.

Percebo que a atenção de Heitor está no gesto que acabo de realizar. No segundo seguinte, seu olhar percorre lentamente o caminho pelo meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo que leva de volta ao meu rosto, e o calor presente em seus olhos ao me encarar me faz sentir o rubor se espalhando por minhas bochechas.

Mas não é constrangimento, nem nada do tipo.

Sei disso porque sinto mais superfícies da minha pele aquecerem aos poucos, principalmente quando vejo o canto da boca dele se esticar em um meio sorriso que parece ser, ao mesmo tempo, compreensivo e malicioso. Nunca fui imune à beleza indiscutível de Heitor, e sei que talvez seja apenas o calor do momento, mas me pego gostando da maneira com que ele me contempla, como se estivesse fascinado e... com tesão?

Por falar em calor do momento, acho que está ficando realmente *quente* aqui.

— Ô, se tem — comenta, e sua voz rouca
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reverbera entre nós. — Porra, tô de queixo caído aqui. A chave do quarto parece estar pesando cinquenta quilos no meu bolso, agora.

Sei que é só mais uma de suas brincadeiras sugestivas, mas me pego imaginando se há mesmo um fundo de verdade nesses flertes incessantes. Afasto o pensamento com a mesma rapidez com que ele surgiu sem a minha permissão, e concentro-me em continuar cortando seu barato para manter o clima leve.

— Que bom que você malha, não é? — aponto, e sou traída pelo meu próprio olhar, que acaba passeando por seu peitoral coberto pela camisa social branca.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que eu tire a roupa pra você ver? —
Ele não perde tempo e contra-ataca, mantendo os olhos nos meus ao levar as mãos ao terceiro botão da camisa.

A essa altura, não tenho mais controle sobre meu sorriso insistente, mas reviro os olhos e balanço a cabeça enquanto ele ri da própria safadeza.

— Idiota.

— Mas, ei, falando sério, Marcela. Fico feliz por você. — Ele sorri com carinho, mas não demora muito para que a faísca de lascívia torne a tomar de conta de seu olhar. — E, já que você resolveu cair na real e agora está pegando geral...

— Eu não falei isso! — argumento, sentando-me ereta pela primeira vez desde que me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esparramei no sofá. Mas ele finge que não me escuta e apenas continua:

—... eu me voluntario a fazer parte dessa sua nova fase. — Ele dá tapinhas no bolso frontal esquerdo da calça e eu reviro os olhos. — Ainda estou com a chave aqui...

— E já deveria ter ido devolver — completo para ele, passando a mão pelos cabelos para afastar a franja comprida que cai em meu rosto.

Heitor grunhe, parecendo frustrado, e se joga contra o encosto do sofá.

— Argh! Que mulher difícil.

— Não sou difícil. Só tenho princípios. — Cruzo os braços e ele me olha de lado, com tédio na expressão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que incluem não fazer sexo casual?

— Que incluem não me enfiar em cilada.

Heitor dá uma gargalhada gostosa.

— Problema, cilada... você sabe como elogiar um cara, não é? — comenta, mas sei que está longe de se sentir ofendido. — Estou rindo, mas palavras magoam, sabia?

Levo as mãos ao centro do peito, olhando-o com falsa compaixão.

— Que pecado, tadinho! Ah, espera, acho que sei o que vai te fazer sentir melhor — digo, puxando minha bolsa para abri-la.

Ele se endireita no sofá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tipo um *striptease*? — pergunta, rindo quando lanço-lhe um olhar impaciente antes de retirar da bolsa o pote que Rodrigo me deu e lhe entregar.

Heitor fica muito animado ao abrir o recipiente e encontrar o pedaço generoso de bolo.

— Ah, aí sim, porra! Valeu — ouço-o dizer enquanto continuo a fuçar a bolsa, até encontrar dois pequenos garfos de plástico e lhe entregar um. — Caramba! A mulher é gostosa, faz bolos que parecem amostras grátis do céu e ainda anda prevenida, com talheres de plástico na bolsa? Acho que tô com uma ereção, agora.

Seu comentário me faz rir para valer. Espero que ele não perceba que há nervosismo disfarçado nessa minha reação às suas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem perder tempo, ele dá uma garfada no doce e enfia na boca.

— Trabalho com comida, querido. Às vezes, encontro talheres de plástico até pelo meu banheiro — explico, e ele ri ao me observar enfiar o garfo na massa ainda fofinha e levar à boca.

— Delícia! — ele geme ao comer um pouco mais. Concordo com um aceno.

— É um bolo que não tem erro, principalmente para casamentos. Eles souberam escolher muito bem.

— Você que soube fazer muito bem!

O calor em meu rosto diante do elogio é inevitável, mas continuo sorrindo, orgulhosa.

PERIGOSAS ACHERON

— É, isso também. — Ele pisca para mim diante de meu comentário acompanhado de uma expressão convencida. — É sempre um prazer trabalhar nesse tipo de bolo. A massa é simples, de pão-de-ló, mas a leve umedecida com calda de limão siciliano antes de cada camada de recheio de doce de leite o mantém molhadinho e quebra sutilmente a sensação de estar ingerindo açúcar puro. E ainda evita que fique enjoativo, já que a pasta americana da cobertura e das florzinhas é praticamente açúcar puro.

Dou mais uma garfada no doce, sentindo na língua tudo o que acabo de descrever, e quando estico a mão para comer mais uma vez, percebo que Heitor está paralisado, com o garfo no ar, me encarando feito um pateta.

— Que foi? — pergunto, franzindo a testa.

— Puta merda. Agora eu tô definitivamente de pau duro.

Ele diz isso no momento em que coloco mais um pedaço de bolo na boca, e pelos dez segundos seguintes, por pouco não morro engasgada. A tosse misturada às minhas risadas me deixa sem fôlego.

— Você é impossível — comento ao me recuperar aos poucos, com a ajuda dos tapinhas que Heitor dá em minhas costas. Na verdade, isso não ajuda em nada, mas não sinto a mínima vontade de interromper sua tentativa de me salvar de uma morte horrível.

— Que nada, gata. Sou facinho, facinho. — Ele me lança uma piscadela ao comer mais um pouco. — Porra, eu nunca vou me esquecer desse bolo.

Suspiro diante de seu comentário.
PERIGOSAS ACHERON

— É, nem eu.

Ele para por um instante e estala a língua, percebendo que o significado positivo de sua memória é o contrário para mim.

— Ei. — Ele toca meu queixo com a articulação do dedo indicador. — Já acabou, lembra? Próximo passo: seguir em frente. Não é?

Ao dizer isso, ele pega o último pedaço de bolo com seu garfo e o traz em minha direção, pousando o doce em meus lábios, que se abrem automaticamente para recebê-lo.

Percebo como sua atenção se concentra no modo com que o abocanho, devagar, e começo a saboreá-lo. Seus olhos voltam para os meus, e fico surpresa ao, só então, perceber a cor peculiar que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles têm: um castanho muito-claro, tipo avelã. Devem ficar lindos à luz do sol, principalmente se as pupilas não estiverem tão dilatadas como estão agora.

Nossa!

Ele recolhe a mão e vejo o instante em que seu pomo de adão se move quando ele engole em seco, estudando meus traços como estou fazendo com ele. A barba por fazer, que cobre a mandíbula perfeitamente alinhada e o queixo forte, ressalta o charme que ele já exala sem esforço algum, e sou tomada pelo desejo inesperado de senti-la com as mãos.

Seus dentes aprisionam o lábio inferior por um segundo, quando passo a língua pelo canto direito do meu para capturar farelo e creme remanescentes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de seu gesto. Ele continua a encarar minha boca com atenção, e no instante em que penso em falar algo para quebrar a tensão envolvente e palpável que se instalou entre nós, prendo a respiração ao vê-lo inclinar-se em minha direção e trazer a mão até meu rosto.

Sua palma pousa em minha bochecha, enviando arrepios pela mandíbula e pescoço. Engulo o doce com certa dificuldade, e surpreendo-me com meu esforço para suprimir um gemido quando a mão dele me afaga com suavidade e esfrega seu polegar logo abaixo do canto direito meu lábio inferior. Heitor torna a recolher a mão, e locais proibidos em mim começam a arder quando, sem quebrar nosso intenso contato visual, ele leva seu dedo à boca e chupa a pontinha, que continha um pouco do recheio de doce de leite que limpou do meu lábio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Puta merda!

Fica difícil respirar direito, de repente, e sei que o jeito com que meu peito sobe e desce, enquanto busco por ar, entrega meu anseio por alívio e a vontade súbita de descobrir se ele beija tão bem quanto estou imaginando agora.

O cara faz um sucesso tremendo com as mulheres. Isso não deve ser à toa.

Ele me tocou por dois segundos e estou tendo pensamentos insanos.

Imaginando nossas bocas grudadas em um beijo sôfrego enquanto minhas mãos se perdem entre seus cabelos macios e rebeldes; sua barba arranhando meu pescoço, seus braços fortes me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrando com firmeza, enquanto envolvo sua cintura com as pernas; minhas unhas fincadas em suas costas enquanto ele me...

Ok, estou ficando louca. Talvez seja porque a última vez que transei foi... hã, quando foi mesmo?

Depois do Maurício, fui parar na cama com um idiota meia-boca de quem nem lembro o nome, e só fui porque estava tão triste que meu senso de julgamento estava mais afetado do que nunca. Teve um carinha que minha amiga me apresentou, saímos três vezes e não passamos da segunda base. E, ah, também teve o cara grandão que gozou tão rápido que nem todas as roupas eu cheguei a tirar.

É o que falei: ficadas casuais não são a minha praia. Na grande maioria das vezes em que tentei, minha sorte com esse tipo de coisa foi mínima.

PERIGOSAS ACHERON

E, desde a última vez, faz... seis ou sete meses?

Caramba.

É isso. Estou, de repente, fantasiando com o homem que está bem diante de mim e, provavelmente, bem ciente dos pensamentos sacanas que estão rebulicando minha mente, porque faz muito tempo.

Tanto tempo.

Então...

Que mal faria?

Como ele mesmo acabou de falar: seguir em frente, certo?

Sexo quente e casual não é uma má ideia para reforçar ainda mais esse processo.

O cara é lindo, gostoso, tem uma lábia e tanto, deve ser bom de cama e não quer saber de compromisso. Eu, no momento, também não.

Sem complicações, sem grandes repercussões.

Seria tranquilo. Seria perfeito.

Não seria?

Um barulho nos sobressalta e, quando percebemos, estamos inclinados na direção um do outro, e o pote que continha o bolo está no chão.

Pisco algumas vezes, pigarreando um pouco enquanto ele recolhe o recipiente. Assim que seu olhar volta ao meu, sinto meu coração martelar

forte contra o peito quando tudo o que aconteceu, tudo o que vi, tudo o que sinto e tudo o que quero me faz mover a boca para falar, de uma vez por todas.

Mas as palavras não saem.

Heitor sorri pequeno, olha para os lados por alguns segundos e solta ar pela boca.

— Obrigado mesmo pelo bolo, Marcela. Se você quiser, posso te dar uma carona para casa. Só preciso devolver a chave do quarto — diz, sem malícia alguma na voz, e sentir falta disso me faz ter coragem de agir como ajo em seguida.

Ele fica de pé e estende a mão para mim, e sinto vontade de rir diante de seu nervosismo repentino. Heitor Lacerda nervoso? Está aí algo que nunca pensei que fosse ver. E, de alguma maneira, só me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faz querê-lo ainda mais. Porque fica ainda mais óbvio o quanto ele *me* quer. Não que eu me sinta muito especial por isso, porque ele geralmente quer tudo que tenha vagina, mas faz tempo que não me sinto assim, desejada de verdade.

Seguro sua mão e levanto devagar, a poucos centímetros de distância de seu corpo, e quando estou completamente de pé, preciso erguer a cabeça para fitar seus olhos lindos mais uma vez, porque ele é bem mais alto que eu.

Levo minha mão até o lado esquerdo de seu quadril, deslizando a palma por ali até enfiá-la em seu bolso. Vejo suas sobrancelhas erguerem com a surpresa, e o sorrisinho malicioso que ele parece lutar para não deixar se espalhar por seu rosto me encoraja a ir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

Sem complicações, sem grandes repercussões.

Tranquilo. Perfeito.

Retiro de lá a tão falada chave do quarto de hotel e, ao segurá-la diante de nós, ofego por um segundo antes de conseguir encontrar minha voz.

— Pensando melhor, Heitor... — Rolo o objeto entre os dedos, abrindo um sorriso perverso.

É uma boa ideia? Não sei. Mas não há mal algum em me dar bem hoje, certo?

— O quê, linda? — A voz gutural que faz essa pergunta parece penetrar cada poro da minha pele e eriçar cada pelo do meu corpo.

Certo!

— Acho que você não precisa devolvê-la agora.



Cinco

✿ MARCELA ✿

Os leves raios de sol que ultrapassam a fina cortina da janela me despertam aos poucos.

Isso é o meu relógio biológico, porque estou acostumada a levantar às cinco da manhã quase todos os dias.

A claridade com a qual me deparo quando abro os olhos indica que talvez não seja mais tão cedo assim, e um segundo de desespero me atinge na

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma velocidade com que desaparece, quando me lembro de que hoje é domingo e não preciso estar no trabalho às sete em ponto.

Esfrego a coceirinha na ponta do nariz e, aos poucos, começo a perceber que o ambiente diante de mim não me é nada familiar. Ergo a cabeça, olhando ao redor com cuidado, sentindo o nervosismo começar a percorrer cada parte do meu corpo conforme tiro três conclusões.

Não estou no meu quarto.

Tem alguém dormindo ao meu lado na cama.

E estou nua.

Ai, meu Deus!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas mãos apertam o lençol quando imagens vívidas da noite anterior parecem passar como um filme em minha cabeça.

Sento na cama, puxando a coberta para não ficar exposta, mesmo que eu olhe para o lado e veja Heitor ainda dormindo.

Heitor.

Dormindo.

Ao meu lado.

Depois de uma noite intensa de sexo.

Sexo que *eu* sugeri, para o qual *eu* tomei iniciativa; sexo que pensei ser uma boa ideia para enterrar de vez os momentos de merda que vivi nos últimos dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sexo que durou sei lá quanto tempo, sem dúvida alguma abalou todas as minhas estruturas — a fraqueza que sinto nas pernas e o leve desconforto no meio delas, aliados às lembranças nítidas que não param de rodar em *looping* na minha memória, podem comprovar isso — e me deixou tão esgotada e saciada que nem lembro o momento em que caí no sono.

Sexo que deveria ser apenas casual, sem cobranças ou dramas, e que, portanto, exige que eu me levante de fininho e dê logo o fora daqui.

Prendo a respiração e começo a me mexer devagar, girando em minha bunda para colocar os pés no chão, mas minhas ações fazem algo na cama emitir um rangido, o que me faz ficar imóvel e cerrar os olhos no mesmo instante.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto Heitor se mexer sobre o colchão e suspirar profundamente, e meu coração começa a saltar descontrolado no peito enquanto torço em silêncio para que ele não tenha acordado. Após alguns segundos de quietude, espio sobre o ombro para encontrá-lo ainda adormecido, de bruços, com o rosto virado para o outro lado.

Meus olhos traidores viajam pela parte de trás de sua cabeça, cheia dos cabelos macios que agarrei incontáveis vezes enquanto ele me penetrava em pelo menos três posições diferentes. Passo pela nuca e os ombros fortes, que me ofereceram um suporte perfeito para me apoiar enquanto o cavalgava — esse pensamento me deixa muito mais ciente dos músculos cansados das minhas pernas. Passeio pelas costas corpulentas, onde identifico alguns arranhões na pele, e chego a sua lombar, que está livre de exposição a partir da bunda, coberta

pelo lençol, mas sei que aquela parte é firme, deliciosa e pareceu perfeita para apalpar enquanto eu pedia que ele metesse com mais força.

Putá merda.

Foi tão... *tão*...

Antes que eu possa encontrar uma palavra que possa descrever nossa louca aventura sexual, ouço o toque contínuo de mensagens recebidas em meu celular, e isso me arranca desse devaneio perigoso. Nem faço ideia de onde esse troço está nesse momento, só sei que preciso encontrá-lo e fazê-lo parar, ou então não conseguirei cumprir minha fuga com êxito.

Respiro fundo, balanço a cabeça e, esforçando-me para afastar tantos pensamentos tentadores, continuo minha torcida silenciosa para que o toque

PERIGOSAS ACHERON

do celular, que não demora a cessar, também não tenha sido suficiente para despertar Heitor.

Seguro o lençol contra o corpo quando estabilizo os pés no chão, e preparo-me para levantar com cuidado. A primeira parte da tarefa é bem-sucedida: estou de pé. No entanto, quando tento dar o primeiro passo, acabo me desequilibrando, porque a droga do meu pé estava o tempo todo pisando na parte do lençol que estava caído, o que resulta em uma queda tão épica que, com certeza, eu teria gargalhado muito caso estivesse assistindo à cena.

— Ai, droga!

O grito de susto, junto ao baque da minha bunda no encontro brusco com o chão, arranca um resmungo de Heitor, que torna a se mexer na cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa vez, vejo sua cabeça se erguer e, um tanto desnorreado, ele vira o rosto na minha direção, encontrando-me estatelada no chão.

— Marcela? — Ele franze as sobrancelhas sobre os olhos pequenos de sono. — O que você tá fazendo aí?

A voz rouca, intensa o suficiente para reverberar entre nós, me faz perder o foco por um segundo, conforme os instantes em que a ouvi ao pé do meu ouvido falando coisas sacanas parecem mais nítidos do que nunca em minha mente.

— Eu... — começo, puxando o lençol para me cobrir e tentar levantar com a dignidade que ainda me resta. — Ah, eu...

— Volta pra cama. Ainda está cedo pra caralho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor bate no espaço ao seu lado na cama, onde dormi, e deixa a cabeça cair de volta no travesseiro, fechando os olhos em seguida.

Assim que consigo ficar de pé novamente, olho ao redor com certo desespero ao procurar minhas roupas na bagunça louca de peças que estão espalhadas pelo chão.

— Ah, não, eu já estou de saída — digo quando encontro minha calça ao pé da cama. — Desculpa, eu não queria te acordar.

Continuo a procurar o restante das minhas roupas, abaixando-me para recolher minha blusa assim que a avisto próxima à porta do banheiro e evitando o olhar de Heitor, que ficou alerta assim

PERIGOSAS ACHERON

que anunciei que estava indo embora, e está acompanhando meus movimentos frenéticos pelo quarto.

— Por que está com tanta pressa? — ele pergunta, e quando lhe dirijo o olhar por um instante, vejo que ele rola na cama e deita de barriga para cima. O lençol continua a cobrir suas partes obscenas, mas a barraca que se forma em seu quadril quando ele assume aquela posição não deixa muita coisa para a imaginação.

Como se eu precisasse disso.

Eu sei exatamente como *ele* é. Grande, grosso, macio, e...

— Marcela? — ele me chama novamente, e ouvir meu nome em sua voz grave e sensual só me leva a mais pensamentos dispersos, mas ao menos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuo em movimento para apanhar o restante das minhas coisas.

— Bom, porque... hummm, porque... — *Inferno, cadê a minha calcinha?* — Eu tenho coisas de trabalho para resolver — invento, estapeando-me mentalmente por perceber, no mesmo instante, que essa balela não é nada convincente.

Procuro me concentrar na busca por minhas roupas para não ver em cheio o que percebo pela visão periférica: ele senta na cama.

— Sério? Mas hoje é domingo — aponta, com a voz confusa.

Mal presto atenção, porque estou encabulada com o aparente fato de que a minha calcinha desapareceu. Argh, dane-se!

PERIGOSAS ACHERON

— É... — murmuro, enrolando-me um pouco ao tentar colocar minha calça sem deixar o lençol cair.

Eu sei, é muito idiota da minha parte tentar esconder tudo o que ele não apenas viu, como também tocou, beijou, mordeu, lambeu e chupou a noite inteira, mas estou desconfortável com sua atenção em mim. Assim, às claras, é diferente.

— E mal são oito da manhã ainda — ele continua a argumentar, enquanto eu tento abotoar a calça com uma mão só.

— Imprevistos e problemas que não podem ficar para depois, sabe como é. E eu ainda tenho que... — Olho ao redor, e minha mente parece completamente vazia de desculpas esfarrapadas. — Encontrar meu sutiã. Eu tinha um sutiã, não tinha?

Ouçó a risadinha de Heitor e acabo sucumbindo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

à vontade de olhar para ele, que me lança um sorriso maroto e balança as sobrancelhas daquele jeito safado tão característico dele.

— Tinha, mas eu cuidei muito bem desse problema — ele responde, direcionando o olhar para a porta do quarto, onde meu sutiã está pendurado na maçaneta.

— Como diabos ele foi parar ali? — acabo perguntando em voz alta enquanto caminho com pressa para pegá-lo.

— Se você quiser, posso te ajudar a lembrar como foi.

Assim que me viro para cortar sua piadinha, vejo Heitor levantando da cama, deixando o lençol para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Ele começa a andar em minha direção, completamente pelado e em ponto de bala. Eu tento, juro que tento, mas é impossível não dar uma boa checada naquele corpo espetacular, que faz o meu inteiro formigar ao lembrar como é tê-lo prensado contra mim, e minha pele arder com a vontade de que isso se repita.

Mas não pode se repetir. Não *vai* se repetir.

— Eu preciso mesmo ir — digo após pigarrear um pouco e tentar fingir que sua proximidade iminente não me afeta.

Ele tomba um pouco a cabeça para o lado, franzindo o rosto em uma expressão pidona, que de algum jeito o deixa tão sexy quanto as expressões que faz quando está cheio de tesão.

— Tem certeza de que não tem mais um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempinho? — pergunta, com a voz gutural e manhosa ao mesmo tempo.

— Tenho. — Minha resposta sai em um fio de voz. É difícil demais elaborar qualquer coisa coerente e audível para dizer quando ele está cada vez mais perto. — Eu preciso... eu... argh, Heitor, você está pelado!

Ele dá risada da minha afirmação e, quando o vejo dar mais um passo, desvio e passo direto por ele, me dirigindo ao banheiro.

— Eu sei — ouço-o dizer antes de bater a porta. — Se bem me lembro, precisei tirar a roupa para fazer tudo o que fizemos.

Um calor atinge meu rosto e o colo ao ouvir a diversão em sua voz. Solto o lençol e começo a vestir o sutiã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que você pode parar de falar... *disso?*
— grito ao enfiar os braços pelas mangas da minha blusa.

— Ué, qual é o problema? — ouço sua voz do outro lado da porta e, de acordo com o volume, deduzo que não corro o risco de trombar com seu corpo nu na minha saída.

Ou me jogar nele novamente, por livre e espontânea vontade.

Saio, por fim, e o encontro sobre a cama, sentado e com suas partes mais desconcertantes cobertas, o que me permite pensar com mais clareza antes de falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabia que você era do tipo que gostava de lidar com o que vem depois — comento ao dar a volta na cama para procurar meus sapatos.

Heitor boceja antes de responder.

— Geralmente, eu não sou.

— Nem eu! — mando de volta, curvando-me para me calçar rapidamente. — Então, aproveita e me deixa facilitar isso tanto pra você, quanto pra mim, ao dar logo o fora daqui e nunca mais tocar no assunto, tá legal?

Assim que começo a me dirigir ao canto onde minha bolsa está jogada, Heitor levanta novamente e se põe no meu caminho, e por pouco não paro a tempo. Ficamos frente a frente, a centímetros de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

distância um do outro, e o calor que emana de seu corpo másculo e firme me faz esquecer por um segundo de como respirar.

— Ah, Marcela, qual é? — Ele segura meu queixo entre o polegar e o indicador, mesmo que meu olhar já esteja cravado no dele. Meu coração martela furioso no peito quando seu rosto abaixa mais um pouco, ficando perigosamente perto do meu. — Tudo bem, com qualquer outra pessoa, eu já teria ido embora antes do sol nascer, mas você é... — Seu olhar esquadrinha minha face por alguns segundos e, então, ele franze a testa e afasta o rosto de uma vez, expirando com força ao fechar os olhos e balançar a cabeça. — A ex-namorada do Maurício.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fico confusa quando ele se afasta e torna a sentar na cama, dessa vez apoiando os cotovelos nos joelhos e escondendo o rosto entre as mãos.

— E o que tem isso?

Ele deixa as mãos caírem aos lados do corpo e revira os olhos, como se o que estivesse prestes a responder fosse bem ridículo.

— Digamos que você é uma espécie de território proibido.

Sim, isso é bem ridículo.

— Ah, fala sério, Heitor! — balanço a cabeça, rindo de sua explicação. — O Maurício já está muito bem casado, como me foi esfregado na cara ontem, e tenho certeza de que ele já tinha me superado antes mesmo da gente terminar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, o problema não é ele — explica. — É meio que uma regra minha mesmo.

— O quê? Não transar com as ex-namoradas dos seus amigos?

— Sim.

— Ah, por favor — debocho conforme caminho até minha bolsa.

Quando me viro após apanhá-la, Heitor está novamente de pé, pelado e se preparando para vir em minha direção.

— Para um pouco pra pensar — ele pede, erguendo um dedo, prestes a estabelecer um argumento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você quer mesmo que eu faça isso, deveria ao menos se cobrir! — rosno e passo por ele, para pegar o lençol que está na cama e jogar em sua cara risonha. Posso vê-lo revirar os olhos, mas pelo menos ele enrola o tecido ao redor da cintura e fica segurando com uma das mãos.

— Ok, onde eu estava? Ah, sim: você é ex do meu melhor amigo, por quem, até ontem, vamos combinar, você ainda estava sofrendo. — Ele ergue a mão para me interromper quando solto um grunhido exasperado, pronta para contra argumentar, e elimina a distância entre nós com mais dois passos. — Agora, você é a ex do meu melhor amigo com quem eu transei, e com quem vou querer transar de novo, e talvez isso possa causar um mal-estar nas nossas relações, e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Epa, epa, epa! — Dessa vez, dou um passo para trás e aponto para ele, sem deixar espaço para que me impeça de falar. — Alto lá, querido! Nós não vamos transar de novo.

Heitor dá uma risada e balança a cabeça, como se eu tivesse acabado de dizer que o céu é verde.

— Ah, Marcela! Me engana que eu gosto.

— Eu estou falando sério, Heitor. Não vai acontecer de novo, principalmente depois de você me dizer que talvez eu vá interferir na sua amizade com o Maurício.

Ele coça a nuca.

— Bom, não foi exatamente *isso* que eu quis...

PERIGOSAS ACHERON

— Não importa — corto-o, colocando minha bolsa sobre a cama para conferir se todos os botões da minha blusa estão nas casas certas. — Foi coisa de uma vez só, e pronto. Foi bom e...

— Bom? — Ele ergue uma sobrancelha, com descrença no olhar, mas diversão no sorriso travesso. — Só *bom*?

Passo as mãos pelos cabelos, impaciente, querendo mais do que nunca sair daqui e não olhar para trás. Ele parece saber pressionar com precisão e maestria os gatilhos que me irritam e me excitam, tudo ao mesmo tempo, e não posso confiar nas minhas possíveis ações sob esses efeitos.

Tomo uma boa quantidade de ar pelo nariz e tento manter a compostura.

— Heitor, eu não tenho tempo para ficar aqui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

massageando seu ego, ok? Sim, foi bom e pronto. Acabou. Não precisamos mais discutir isso e ninguém precisa saber. Fechado?

Sou legal o suficiente para estender a mão para ele, à espera de que ele retribua e aceite minha proposta, que vai ser melhor para nós dois, dadas as circunstâncias, e que deveria ser o sonho de um cara como ele, que vive por aí colecionando transas de uma noite só e prefere evitar qualquer drama.

Mas é claro que ele ignora meu gesto e prefere impor o seu, que consiste em ficar tão, tão perto de mim que mal sobra ar para crepitar entre nós. Uma de suas mãos ainda segura o lençol que cobre o pau a meio mastro que, agora, posso sentir contra meu quadril, e a outra vem até meu cabelo, onde ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passa os dedos pela mecha que cobre parte do meu rosto e a afasta, prendendo-a atrás da minha orelha.

Penso em me afastar, mas sei que ele pode muito bem soltar a porcaria do lençol e me puxar de volta de um jeito que pode ser muito pior do que a situação em que nos encontramos agora. Decido, então, prender o ar e encará-lo com a mesma intensidade com que seus olhos estão cravados nos meus. Porra, esses olhos...

Tento disfarçar o tremor que cobre meu corpo quando sua mão continua a traçar um caminho por meu pescoço e a parte interna do meu braço. No entanto, é impossível ele não perceber o jeito com que minha pele arrepia e o sibilar que me escapa quando seu toque resvala na lateral do meu peito

PERIGOSAS ACHERON

antes de chegar à cintura, onde seu aperto firme na curva para o quadril me deixa de boca seca e pernas bambas.

— Só se você encontrar um adjetivo melhor do que “bom”. Não foi só *bom*, Marcela. — Ele aproxima a boca da minha orelha e seu hálito faz cócegas em minha pele. A barba me arranha sutilmente conforme ele fala e a esfrega ao longo da minha mandíbula até o queixo. Sua voz profunda parece estremecer cada célula do meu corpo, enviando correntes de adrenalina que me fazem desejar insanamente que ele solte logo a porcaria do lençol e arranque minhas roupas, da mesma forma que fez na noite anterior. Droga, eu preciso sair daqui! — Foi... intenso. Foi quente, gostoso, selvagem. Foi espetacular. Foi...

Fenomenal.

PERIGOSAS NACIONAIS

O melhor que já tive.

O que, com certeza, será mais difícil de tirar da cabeça.

Estou ferrada!

— Sim, err... — Engulo em seco e balanço a cabeça, tomando ar e coragem para me afastar dele, que não demonstra objeção quando o faço. — Foi tudo isso aí. Vai me deixar em paz, agora?

O sorriso safado que ele abre é amplo, divertido, cheio de satisfação por ter comprovado o quanto me afeta. Cretino.

— Vou pensar no seu caso — diz, jogando-se de costas na cama e cruzando as mãos atrás da cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lanço-lhe meu melhor olhar mortal, mas isso só o atíça ainda mais a *me* atíçar. Em resposta, ele pisca e manda um beijo no ar.

— Você é um babaca — resmungo ao agarrar minha bolsa, e seguro-a com força contra o corpo ao me dirigir para a porta.

— E você transou comigo mesmo assim.

Interrompo os passos e giro em meus calcanhares, pronta para procurar pelo quarto alguma coisa que eu possa jogar nele.

— Heitor... — grunho entredentes.

— Tudo bem. — Ele ergue as mãos em rendição. — Parei. Não vou mais tocar no assunto — completa, sem fazer o mínimo esforço para

PERIGOSAS ACHERON

esconder o deboche no tom de voz. — Vou guardar essas memórias para os meus momentos, sozinho, com a minha mão. Isso você não pode tirar de mim.

Gatilho.

Me irrita.

E me excita.

Mordo o lábio para evitar o sorriso que ameaça surgir. Não quero e não vou dar nenhum gostinho a ele.

Mas, também não vou sair daqui sem dar a última palavra.

— Divirta-se.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou de ombros e olho para sua expressão jocosa uma última vez antes de dar meia-volta e praticamente correr porta afora.

Somente após pegar o elevador, passar pela recepção — graças aos céus, sem a má sorte de dar de cara com o lindo casal de recém-casados da noite anterior, que muito provavelmente passaram a noite de núpcias em algum quarto desse hotel — e, enfim, estar na segurança do meu carro, expiro uma enorme quantidade de ar e solto todo o acervo de palavrões que tenho em meu vocabulário.

Quando me sinto um pouco mais calma, tento parar de me punir. Quer dizer, foi só sexo! Não preciso colocar um peso tão grande em cima desse fato, como se tivesse sido o pior erro da minha vida. Me senti atraída por um cara — que, sim, é o melhor amigo do meu ex, mas também o maior

PERIGOSAS ACHERON

mulherengo que já conheci na vida, então isso deixa bem mais fácil não criar nenhuma expectativa —, transamos loucamente a noite toda e foi só isso.

Sem dramas, sem cobranças, sem compromisso.

Sem repetir.

Vai ser melhor assim.



Seis



HEITOR



O som produzido pela caneta em minha mão, conforme aperto obsessivamente o botão que faz a ponta retrátil aparecer e desaparecer, está me deixando ranzinza. Sim, o dia está tão merda que eu mesmo estou me irritando, mas esse meu gesto está me ajudando a canalizar a ansiedade causada por meus pensamentos.

Ou melhor, minhas memórias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quem me vê nesse momento, com o queixo descansando na mão e olhando para o nada, provocando esse clique-clique incômodo, até pensa que tenho pouca coisa para fazer. Trabalhar com gestão de Recursos Humanos de uma empresa multinacional nunca me ofereceu um dia sequer que fosse pouco movimentado, mas tenho estado mais disperso do que o normal nos últimos dois dias.

Não consigo tirar Marcela da cabeça.

Para ser mais honesto, não consigo tirar o sexo selvagem que fiz com Marcela da cabeça.

O fato de ela ter deixado bem claro que aquela noite não tem a menor chance de se repetir tem me enlouquecido aos poucos. Quero dizer, ela estava lá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também! Como pode não querer que aconteça novamente?

Eu sei que também foi bom para ela. Dava para saber diante de seu rubor no dia seguinte ao me ver pelado, diante de seu jeito afetado quando me aproximei para acariciá-la e, porra, seus gemidos desesperados seguidos de sorrisos satisfeitos depois de eu tê-la feito gozar não deixaram dúvidas de que foi uma foda espetacular.

E, cara, põe espetacular nisso.

A atração repentina e inesperada que senti por ela antes mesmo de saber que era ela, quando a abordei ao fim da festa de casamento de Maurício e Débora, não cedeu nem um pouco, mesmo depois de batermos um papo e ela me dar um fora. No entanto, resolvi deixar para lá, por pensar que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo foi motivado pela minha frustração em ter uma chave para um quarto de hotel que nem seria usado da maneira que eu queria.

Quando o salão de festas já estava praticamente vazio e vi que havia perdido Marcela de vista de vez, fui até à recepção, pretendendo fazer o checkout de uma vez e deixar essa merda toda para trás, mas estava me sentindo tão otário que precisei de um minuto antes de fazer isso. Sentei-me em um dos sofás de espera, aguardando aquele saguão esvaziar o máximo possível para que eu pudesse fazer papel de trouxa sem tantas testemunhas, quando a vi passar por mim, ao sair do salão de festas arrastando uma mala pequena.

Marcela andava com tanta pressa que desisti de levantar e ir atrás dela, interpretando como um sinal do Universo para que eu acabasse de vez com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

palhaçada e fosse logo embora dali.

Mas ela voltou. Com a mesma pressa, Marcela retornou ao salão de festas, tão concentrada em meter logo o pé dali que mal prestava atenção a qualquer coisa ao seu redor.

Resolvi esperar mais um pouco, uma última chance. Embora minha consciência gritasse comigo, lembrando-me constantemente de quem ela era.

Território perigoso, proibido.

Ex-namorada do Maurício, meu melhor amigo.

A loira maluca que torrou o juízo do cara até que eles terminassem de vez.

PERIGOSAS ACHERON

Que, na verdade, é o mulherão da porra que passei a conhecer algumas horas antes, quando conversamos.

De qualquer jeito, eu tinha quase certeza de que ela só iria me rejeitar mais uma vez, e foi esse “quase” que me fez chamá-la quando a vi passar novamente, dessa vez com uma bolsa no ombro e andando em um ritmo mais calmo.

Apesar de estar desejando a mulher gostosa diante de mim e sentir a minha cabeça de baixo querendo tomar o controle da situação, descobri ser surpreendentemente fácil e agradável conversar com ela. O jeito com que ela respondia minhas tiradas à altura e ria das minhas tentativas de dar em cima dela, sem me levar a sério, me fazia querer passar mais tempo com ela, mesmo que não fosse dar em nada que envolvesse menos roupas e menos

papo. Seria, ao menos, uma maneira melhor de terminar a noite que achei que estava completamente perdida.

Até que ela me olhou diferente quando coloquei bolo em sua boca.

Até que, quando limpei o pouquinho de doce que havia ficado em seu lábio inferior, ela passou a me fitar como se estivesse imaginando coisas tão sacanas quanto as que passavam por minha cabeça, conforme eu encarava os traços lindos e delicados de seu rosto, a maciez de seu colo e a curva de seus peitos no decote.

Até que ela deixou bem claro que queria ir para a cama comigo, e todo e qualquer controle que eu achava que tinha caiu por terra.

Porra, não posso pensar nisso agora. Vai pegar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito mal se eu andar pelos corredores do meu local de trabalho com a barraca armada.

Porque é o que tem acontecido toda vez que me lembro da luxúria em seus olhos castanhos enquanto nossas roupas voavam pelo quarto, dos gemidos e suspiros que ela fazia questão de vibrar entre nós enquanto minha boca explorava cada centímetro de sua pele, do jeito com que suas unhas se enterravam em minhas costas conforme eu a fodia cada vez mais rápido, cada vez mais fundo...

— Precisamos dessa papelada pronta até o fim do expediente.

Desperto em um sobressalto, deparando-me com uma pilha enorme que acaba de pousar com um baque audível sobre minha mesa. Pisco algumas vezes até me situar e pigarreio ao me

PERIGOSAS ACHERON

remexer na cadeira, procurando uma maneira de ficar mais confortável com a calça apertada como está.

— Como se houvesse um dia que fosse diferente — comento com Joyce, uma das minhas colegas de departamento.

— Percebi que você estava meio aéreo, então pensei que estivesse entediado e precisando de uma diversão a mais — ela diz, sorrindo sem mostrar os dentes e semicerrando os olhos, cobertos por seus óculos com armação grossa em formato de olhos de gato.

— Valeu mesmo — digo, revirando os olhos.

— Ora, temos um menino rabugento aqui hoje? O que aconteceu, Heitor? Não conseguiu seus docinhos e teve que ficar chupando o dedo? — ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta, com escárnio pingando de cada letra proferida.

Joyce é legal, mas vive pegando no meu pé por eu colecionar encontros casuais, principalmente depois que cometi o erro de pegar duas mulheres — separadamente, devo mencionar — de outro departamento da empresa e ter que bancar o cretino quando elas não entenderam que eu não estava interessado em repetir as noites em que dormimos juntos. Ela sempre faz questão de me dizer que seu marido, com quem está há quase vinte anos, também era do meu “tipo” antes de acabar se apaixonando por ela.

Apaixonar. Tenho vontade de rir desse verbo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não que eu pretenda me tornar um solteirão eterno, mas ainda nem consigo imaginar o que isso significa. Houve algumas vezes em que eu até cheguei a pensar que era isso que sentia pelas poucas mulheres que pareceram despertar algo a mais em mim. Porém, um dia, me perguntaram se eu já havia me apaixonado para valer alguma vez. Eu respondi que não tinha certeza. Então, aparentemente, isso significava que não.

E não tenho a menor pressa.

Começo a mexer na pilha de arquivos e documentos, finalmente captando as insinuações nas perguntas debochadas de Joyce.

— Por que está falando assim? — questiono, desconfiando de seu sorriso triunfante e sobrelanceiras erguidas.

PERIGOSAS ACHERON

— Ouvi dizer que você terminou a noite da festa de casamento do seu amigo sozinho, no sábado — ela explica, arrancando-me uma bufada impaciente. Esse pessoal não trepa e fica cuidando da porra da minha vida agora? Eu, hein!

— Quem disse isso? — inquirio, irritado ao absorver a informação, mas meu capetinha interno dá risadas maléficas por saber que isso está tão longe de ser verdade.

— Não importa. O que importa é que isso significa que, já que a última vez em que estive atracado com alguém foi no *happy hour* da sexta-feira retrasada, você está há mais de uma semana sem pegar ninguém que possa estar por aí com o coração quebrado por criar expectativas irreais em

relação a você, e isso deve ser o seu recorde! — Ela bate palminhas e se move em uma dança ridícula, sem cansar de zoar com a minha cara.

— Joyce, como diabos você sabe quanto tempo faz desde a última vez que peguei alguém?

— Tenho minhas fontes, coisa linda. — Ela aperta minha bochecha. — Mas, me diz! O que aconteceu? Ver o seu amigo se casar te deixou inspirado a se fechar para balanço, finalmente sossegar esse pinto dentro das calças e guardá-lo somente para o seu alguém especial?

Olho para ela, que está inclinada em minha direção, com as mãos espalmadas sobre minha mesa, e balanço a cabeça antes de voltar minha atenção para o trabalho que preciso fazer.

— Joyce, a não ser que você tenha empurrado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todo o seu trabalho para mim no meio dessa pilha, acho que você tem mais o que fazer além de ficar me enchendo com esses absurdos.

É a sua vez de bufar. Continuo com a atenção na papelada, mas tenho certeza de que ela acaba de revirar os olhos.

— Argh, Heitor, como você é grosso!

Ergo a cabeça e pisco para ela.

— É o que elas dizem.

Ouçó seu arquejo.

— Mas que barbaridade, menino! A sua mãe não te ensinou a respeitar as pessoas mais velhas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou risada do jeito com que ela põe a mão no peito, fingindo ultraje. Joyce está mais do que acostumada com minhas brincadeiras e insinuações, e eu sempre me divirto com suas respostas inteligentes e seu jeito carinhoso de tirar sarro da minha cara. É um alívio poder me sentir à vontade para conversar com ela sem ter que reprimir a minha natureza e ser levado a mal.

— Joyce, você só tem treze anos a mais que eu — argumento, para que ela desfaça sua falsa postura ofendida.

— E isso me faz mais velha que você, seu panaca. — E, com isso, ganho um cascudo na cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá, foi mal — digo, rindo quando ela ri também. Gesticulo com os dedos para que ela se aproxime um pouco. — Enfim, se a *senhora* me permite lhe dar um conselho, acho melhor não acreditar em tudo que ouve por aí.

Joyce torna a se endireitar e me lança um olhar frustrado quando balanço as sobrancelhas de forma sugestiva. Não pretendo especificar como ou com quem, e não preciso provar nada a ninguém, mas não vou deixá-la em sua ilusão de que eu não me dei bem — *muito bem!* — na última madrugada de sábado para domingo.

— Droga! Já estava até planejando estourar um champanhe para comemorar esse marco. Seca de dez dias! Eu ia até mandar anunciar no jornal!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela balança a cabeça e põe as mãos na cintura, franzindo a testa e fazendo beicinho.

— O que foi que eu te fiz pra você me odiar assim? — questiono, devolvendo o beicinho.

— Ah, fofinho! — Ela estala a língua e aperta meu nariz com carinho. — Eu não te odeio, você sabe disso. Só acho que está passando da hora de você rever seus conceitos quanto à sua vida amorosa.

— Obrigado pela preocupação, Joyce, mas estou muito bem assim.

— Espero mesmo. — Ela faz uma pausa, e o jeito com que sua expressão fica mais séria aos poucos me faz imaginar se devo ter medo. — Só me promete uma coisinha, Heitor?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Manda.

— Promete que vou ser a primeira a saber quando, sabe... *acontecer*.

Ela empurra os óculos, que estão escorregando pela ponte de seu nariz, de volta para o lugar, e o verde intenso de seu olhar combina perfeitamente com a esperança que ela tem de que isso realmente aconteça.

Sinto até medo de me comprometer com uma promessa que não sei se serei capaz de cumprir. Eu ainda nem sei o que vou comer no jantar hoje, caramba! Como vou saber quando ou *se* vou me apaixonar, um dia?

Decido manter o clima leve ao responder.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, se você ainda não estiver aposentada até lá...

Joyce rola os olhos mais uma vez, mas dá uma risada divertida ao balançar a cabeça.

— Eu ia dizer que você não tem jeito, menino, mas, no fim das contas, eu acho que tem, sim. — Após dizer isso, ela dá tapinhas na minha bochecha e me lança um sorriso carinhoso. — Vou te deixar aí refletindo enquanto mata essa pilha singela.

Ela se afasta e eu faço o que ela diz: começo a matar a pilha singela que precisa de atenção, mas não sei exatamente sobre o que ela queria que eu refletisse.

Até porque, quando tento refletir sobre qualquer coisa, tudo o que me vem à mente é Marcela. Quando ao menos *penso* em pensar, as imagens que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

invadem minha cabeça são as da melhor noite de sexo que tive em muito tempo.

Que ela não quer repetir.

Porra!

São raras as vezes em que eu ligo de volta para uma mulher com quem gostaria de passar mais uma noite, porque na maioria dos casos, uma vez é suficiente, tanto para mim quanto para ela.

Essa obsessão com as lembranças do corpo delicioso de Marcela por cima e por baixo do meu, daquela boceta apertada e quentinha fazendo meu pau muito feliz conforme eu metia nela com força, do jeito com que ela agarrava meus cabelos e gemia alto enquanto eu chupava seus mamilos perfeitos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com vontade, está me deixando a ponto de explodir de frustração por saber que não vai passar disso: lembranças.

E o pior é que eu nem posso falar sobre isso com ninguém, porque ela pediu que não tocássemos no assunto e que ninguém ficasse sabendo. No entanto, a única pessoa com a qual eu falaria mesmo assim seria Maurício, e além do fato de ele estar de férias, curtindo a lua-de-mel bem longe daqui, tem o agravante de que seria péssimo da minha parte descer dois andares, até seu escritório, e dizer: “Ei, cara! Eu comi a sua ex, foi o melhor sexo da minha vida e ela não quer transar comigo de novo. O que eu faço?”.

Viu só no que dá quebrar as próprias regras, Heitor? Puta que pariu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu preciso tirar essa mulher do meu sistema. E eu sei que isso só vai acontecer quando eu puder *entrar no sistema dela* mais uma vez, ou duas, ou quatro. Porque, perto do fim do expediente, eu até penso em rolar pela minha agenda de contatos no celular e procurar um nome que faça meu pau se contorcer da mesma maneira que ele faz só de pensar no nome dela, mas nem mesmo a ideia me anima.

Abro minhas mensagens e procuro o nome de Vinícius, que talvez possa me acompanhar em uma bebida daqui a pouco, enquanto eu tento arrancar de sua cabecinha sábia e sensata algum conselho, sem expor o nome de Marcela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor: *Ei, cara! Bar de sempre daqui a meia hora. Tá a fim?*

Vinícius: *Vc quer sair pra beber numa terça-feira, Heitor?*

Heitor: *Precisando conversar.*

Vinícius: *Pô, cara! Não vai dar. Vou ao cinema com a Lara.*

Heitor: *Não é dia de beber, mas é dia de cinema?*

Vinícius: *Qdo é dia de meia entrada pra todo mundo, é, sim.*

Heitor: *Mão de vaca. Coitada da Lara.*

PERIGOSAS ACHERON

Vinícius: *Eu até ia te convidar pra ir com a gnt antes de vc começar a me insultar.*

Heitor: *Segurar vela no escurinho do cinema? Não, obg.*

Vinícius: *Tsc, foi mal mesmo. Não quer falar por aqui?*

Heitor: *Nah, deixa pra lá. Pode esperar.*

Vinícius: *Ctz?*

Heitor: *Não esquenta. Bom filme pra vcs.*

Vinícius: *Vlw.*

É, que merda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encerro o expediente sentindo a exaustão de passar a tarde inteira matando uma pilha singela de documentos e arquivos, como disse Joyce, e tudo o que eu quero agora é chegar em casa e me jogar na cama após um banho, já que todos os meus companheiros de bar e noitadas estão comprometidos e caretas.

Na verdade, tudo o que eu quero é foder Marcela mais uma vez, mas acho que vou ter que me conformar com essa outra opção.

Assim que entro em meu carro, pego o celular e acabo dando uma chance à ideia de procurar nos meus contatos alguém que possa ser um paliativo para o meu sofrimento. Espero algum nome que faça ao menos a minha virilha formigar, mas nada.

PERIGOSAS ACHERON

Nada, até que, entre os nomes que começam com a letra “M”, está o nome “Marcela”.

Caralho.

Quais as chances de ser a mesma pessoa?

Tento puxar na memória se já conheci alguma outra Marcela na vida, mas é impossível quando, em boa parte das vezes, não lembro os nomes das mulheres com quem durmo nem mesmo quando acordo de madrugada com elas nos meus braços.

No entanto, é quase como se uma luz acendesse sobre minha cabeça, conforme vou me recordando de quando ela e o Maurício estavam no meio da crise de término. Marcela estava enlouquecida atrás dele, ligando para todo mundo que o conhecia para mandá-lo atender suas chamadas insistentes que ele estava ignorando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fui uma dessas pessoas. E acabei salvando o seu número, para recusar a chamada quando visse que era ela que estaria ligando para gritar no meu ouvido.

Uma corrente de adrenalina me traz de volta da miséria em que eu me encontrava até poucos minutos atrás, diante da possibilidade de poder tentar convencer Marcela de que, sim, transarmos de novo pode ser uma ideia maravilhosa.

Não precisa ser complicado.

Pode ser muito simples. Sem dramas.

Só porque o sexo entre nós é bom demais para não acontecer de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, ao abrir o porta-luvas do meu carro e retirar de lá algo que, antes, eu pretendia apenas guardar comigo como um símbolo da melhor foda de todos os tempos, um sorriso perverso surge em meus lábios, ao ver que poderei usar isso a meu favor.

A nosso favor.

PERIGOSAS ACHERON



Sete

✂ MARCELA ✂

— Marcela? Marcela!

O jeito com que pisco, um pouco desnorteada, ao ouvir meu nome ser chamado, me faz sentir que estive em outra dimensão por sabe-se lá quanto tempo.

Pigarreio e olho confusa para Dani, que me fita com uma expressão curiosa e preocupada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — questiono, e seus olhos se arregalam como se isso fosse o maior absurdo do mundo.

— Você está ensopando o disco de massa com a calda!

Assim que olho para baixo, vejo que ela está certa. Minha mão está paralisada, sobre o primeiro disco de massa de um bolo, segurando uma concha enorme que deveria me auxiliar a espalhar apenas alguns fios de calda por aquela superfície fofinha que, agora, está com o centro empapado.

— Argh, droga! — resmungo, irritada por saber que terei que colocar mais massa no forno para recuperar o que estraguei.

Coloco a concha no recipiente da calda e bufo, frustrada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem com você? — Dani pergunta, alternando entre olhar para mim e preencher as forminhas de cupcakes que irão para o forno.

— Você está muito dispersa desde que chegou — aponta Tati do outro lado da cozinha, preparando a forma para assar cookies.

— Estou bem — digo, apressando-me para colocar ingredientes na batedeira. — Eu só... hã, estou bem, não se preocupem.

Algo me diz que elas não estão conformadas com minha resposta, principalmente porque evito fazer contato visual ao me enrolar para falar. Daniela e Tatiana me conhecem bem demais para saberem quando tem caroço no angu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas amigas e eu compartilhamos a paixão pela culinária. Fizemos cursos juntas, estamos sempre nos aperfeiçoando e, um ano antes de abriremos a Doce Deleite, começamos a oferecer serviços de confeitaria por encomenda. Eu ainda trabalhava para a empresa do meu pai, e utilizava todo o meu tempo livre para me dedicar a essa ocupação com elas. Fazíamos bolos decorados, bolo no pote, cupcakes e brigadeiros para festas e ocasiões diversas. Com o tempo, a palavra foi se espalhando, as demandas aumentando e, conseqüentemente, o faturamento também.

Elas acharam loucura quando, após doze meses de trabalho freelancer, sugeri que estava na hora de passarmos para o próximo nível e converter o que era, até então, uma fonte de renda extra, em nosso trabalho de tempo integral e transformá-lo em um negócio físico. Tínhamos o suficiente para começar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno e, com todas as implicações de se ter uma empresa, Dani e Tati não sentiam muito seguras quanto a isso.

Mas eu estava decidida a tomar as rédeas da minha vida, e isso incluía parar de tratar o que eu mais amava fazer como apenas uma parte dela. Eu queria que aquilo *fosse* a minha vida, que me faria evoluir como profissional e como pessoa, que me daria liberdade e me faria sentir realizada todos os dias, porque seria uma conquista diária conseguida, literalmente, por minhas próprias mãos.

Sentamos e fizemos nossos planos. Planejamos, resolvemos, brigamos, aprendemos, tentamos, erramos, acertamos e, enfim, abrimos nossa confeitaria física, há um ano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Atendemos uma ótima média de encomendas por semana, a maioria delas de bolos e cupcakes. Eu fico encarregada dos bolos decorados e os que vendemos na vitrine da loja, porque tenho mais experiência e especialização nisso do que as meninas, que dão conta dos cupcakes, das tortas doces e salgadas, dos donuts, cookies e brigadeiros. Temos atenção e cuidado total com o estoque, as reposições e seguimos cronogramas diária e perfeitamente montados para nunca atrasar as encomendas.

Após seis meses, pudemos contratar nossos primeiros funcionários, que por enquanto são cinco: Rafaela, que cuida de atender e programar as encomendas e das nossas redes sociais; temos Joana no caixa, Carlos e Maíra no atendimento aos clientes na área de conveniência do estabelecimento, e Tiago para fazer as entregas.

PERIGOSAS ACHERON

Dani, Tati e eu damos conta da cozinha e de tudo o que é vendido na loja e nas encomendas, além das partes burocráticas e financeiras.

Elas têm razão em estranharem meu jeito distraído hoje. Sou sempre muito focada e não deixo que nada atrapalhe a minha destreza com meu trabalho.

Hoje, porém, assim como ontem e anteontem, está sendo um tanto complicado me manter nos eixos enquanto minha cabeça está cheia das lembranças da noite que agitou meu mundo.

Maldito seja o babaca do Heitor, e maldita seja a sua performance arrebatadora na cama.

— Tem certeza? — Tati inquire, enquanto distribui as bolinhas de massa dos cookies na forma forrada com papel manteiga. — Porque, sabe, nós

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preferimos te deixar à vontade para contar de forma espontânea como foi o “grande evento” no sábado, mas ver que você nem quer tocar no assunto está nos preocupando.

— Foi tão ruim assim, amiga? — Dani quer saber.

— Ah, não! Não, foi até... tranquilo — respondo, lutando para controlar qualquer indício em minha expressão que possa entregar que de “tranquila” aquela noite não teve nada. — Quer dizer, não foi muito fácil no começo, mas consegui me recompor e chegar inteira ao fim da noite. — *Exceto pela força nas pernas que eu mal tinha no dia seguinte.* — E as pessoas ficaram loucas pelo meu bolo, então isso já foi suficiente para que a noite não tenha sido uma merda completa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Elas se olham e dão de ombros.

— Ah, menos mal — Tati diz antes de virar-se para colocar a forma de cookies no forno.

— Então, por que você parece estar orbitando em outro Universo hoje? — Dani questiona, utilizando o outro forno para colocar os cupcakes. — Se correu tudo bem e você não está mais ligada no Maurício... — Ela deixa a frase no ar, sugerindo seu palpite.

— Não mesmo — digo com pressa, aproveitando o momento em que ligo a batedeira para fazer uma pausa. — Só estou pensando na semana longa que teremos pela frente, todo o trabalho, essas coisas — desconverso, concentrando-me nos passos para fazer o bolo também como um modo de desviar o assunto.

PERIGOSAS ACHERON

Estou morrendo por dentro com a vontade de contar a elas sobre Heitor, mas isso não vai ajudar em nada na minha missão de deixar o que aconteceu para trás. Sei que vai ficar estampado em meu rosto e em minhas palavras o quão delicioso foi transar com ele, e elas com certeza não me deixarão em paz depois disso. Melhor eu esperar mais alguns dias, até que eu consiga ao menos pensar nele sem ter vontade de friccionar as coxas para apaziguar o desejo que surge entre elas, para poder desabafar.

— Você sabe que não precisa se preocupar com isso, Marcela. Dar conta é com a gente mesmo! — Tati diz, animada como sempre, já se movendo pela nossa cozinha equipada para separar os donuts fresquinhos que precisamos colocar na vitrine antes que a loja abra, dentro de meia hora.

— Eu sei — digo, sorrindo para elas.

Eu amo as minhas amigas e sou muito grata por tê-las comigo, principalmente por tudo o que passamos e temos passado, para chegar onde estamos e onde ainda queremos chegar. Nós fortalecemos e empoderamos uma à outra, em uma relação de puro amor e confiança, que nos garante ter com quem contar quando alguma coisa não vai bem ou ter quem vibre por nós diante das alegrias e conquistas.

Por isso, acaba comigo não poder compartilhar com Dani e Tati que tive o melhor sexo da minha vida.

Que, em um impulso causado por minha vontade de me sentir melhor depois de dias e situações estressantes e desfavoráveis para a minha

sanidade — e por estar a tanto tempo sem transar —, acabei, literalmente, me jogando em cima do melhor amigo gostoso do meu ex-namorado.

Que o cara é espetacular na cama. Que soube exatamente onde tocar, acariciar, apertar, beijar, para me fazer gritar de prazer. Que fazia expressões faciais excitantes e emitia sons profundos quando gozava após me fazer chegar ao ápice.

E que tudo isso *precisa* sair da minha cabeça.

Porque não vai mais acontecer.

Além do fato de eu ser ex-namorada do melhor amigo dele, o que ele mesmo apontou como um problema, eu não sou do tipo que curte sexo casual. Minha vida sexual era ativa porque sempre pulei de um relacionamento sério para outro e, desde o Maurício, eu até tentei experimentar o estilo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me permitiria não cultivar teias de aranha nas partes íntimas, mas foram experiências com as quais nem vale a pena contar como algo relevante.

Heitor é bom de cama demais para que eu consiga sair dessa sem me machucar, além do fato de que o cara foge de relacionamento sério como... bom, como eu tenho fugido desde que terminei com o Maurício.

Por um lado, poderia dar certo. Sem cobranças, rótulos ou repercussões. Só sexo bom para nos satisfazer.

Contudo, não posso confiar em minhas possíveis ações — principalmente as involuntárias — para tentar esse novo conceito em minha vida com um destruidor de corações formado com honras.

PERIGOSAS ACHERON

Portanto, é melhor dar tempo ao tempo e confiar que logo, logo, vou superar aquelas imagens vívidas e as sensações que me acometem como se estivessem sendo estimuladas em tempo real.

É claro que vou.



Durante o meu horário de almoço, vou até à empresa para ver Mariane e meu pai. Faço isso pelo menos duas vezes por semana, já que nem sempre temos tempo para nos reunirmos durante o tempo livre. Uma família de empresários precisa dar seu jeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceno para alguns funcionários que vejo ao entrar, e não demora muito até que Mariane surja diante de mim, sacudindo as mãos e fazendo barulhos tilintantes com suas pulseiras de pingentes batendo umas nas outras.

— Maninha! Ah, graças a Deus você não me odeia! Quer dizer, você veio até aqui, então quer dizer que não me odeia, não é? Eu sinto muito mesmo pelo fim de semana...

— Tudo bem, Mari. Pode respirar com calma — digo, tocando seu braço e rindo da maneira frenética com que ela discursa. Esse é o seu jeito natural, desde que nos entendemos por gente, mas há momentos em que só o fato de ela ser ela mesma é muito divertido para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mariane solta um suspiro de alívio e engancha o braço no meu para começarmos a andar até o escritório do nosso pai.

— Como está o seu marido? — pergunto e ela sorri para mim.

— Está bem, graças a Deus. Levamos um susto enorme, mas a cirurgia foi tranquila e ele está se recuperando.

— Que bom. Diga que mandei melhoras.

— Pode deixar. — Assim que chegamos à porta do escritório, ela para e fica de frente para mim. — E você, está bem? Como foi lá?

Dou de ombros e aceno positivamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Correu tudo bem. Pensei que o Rodrigo tivesse te contado.

— Ele me contou. Mas não é exatamente sobre o trabalho que estou perguntando.

Ela afaga meu braço e me lança uma expressão cuidadosa e preocupada.

— Eu estou inteira, não estou? — Abro os braços, tentando fazer graça, mas ela estala a língua e balança a cabeça. — Faz muito tempo, Mari. Já segui em frente. Não dava pra ficar encanada pra sempre com um ex que já está até casado, né.

Seu sorriso finalmente cresce, e o jeito com que seus ombros relaxam e ela passa uma das mãos pelos cabelos lisos, claros e curtos me diz que ela estava realmente se sentindo mal e culpada por ter me submetido àquela situação no último sábado.

— Que bom que você pensa assim. Fico feliz por você! — Mari me abraça, e quando retribuo, ela começa a dar saltinhos no lugar, me chacoalhando. — Awn, minha irmã caçula é uma mulher crescida e madura. Opa, põe madura nisso! — ela completa quando sente meus seios se chocarem com os dela.

— Não seja ridícula, Mariane. — Reviro os olhos e dou risada.

Ela olha para meu rosto, estudando-o, e quando vejo suas pálpebras ficarem semicerradas e os lábios abrirem um sorriso sugestivo, já consigo fazer uma ideia do que vem pela frente.

— Sabe, o pai do Carlos tem um amigo cujo filho acabou de voltar da Europa, onde fez uma especialização na área dele de medicina. Eu estava pensando que talvez fosse uma boa...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já falei que estou muito bem assim, Mari — interrompo-a, cruzando os braços.

— Ah, Marcela, não custa nada você conhecer o rapaz!

Mariane tem trinta e quatro anos de idade, e soa como se tivesse sessenta.

— E não custa nada você parar de querer me arranjar com todo e qualquer homem do mundo.

Ela se afasta e seu queixo cai, como se eu a tivesse ofendido.

— Ei, eu escolho muito bem os pretendentes, tá legal? — argumenta, cruzando os braços como eu fiz.

PERIGOSAS ACHERON

— Pretendentes? Em que ano estamos, meu Deus? — Jogo as mãos para cima, rindo. É impossível fazer outra coisa quando estou com a minha irmã. — Relaxa, mana. Eu estou de boa. Não se preocupe, quando eu sentir que estou pronta para embarcar em um relacionamento novamente, correrei pra você e a sua lista de *pretendentes*.

Isso parece conformá-la, porque o vinco em sua testa suaviza no mesmo instante e ela descruza os braços ao voltar a sorrir.

— Estou contando os minutos.

Rimos juntas e ela pede licença, porque também está na hora de tirar seu intervalo para almoçar. Nos despedimos e, então abro a porta do escritório para encontrar o meu pai sentado atrás de sua mesa, mexendo em vários papéis, com as

sobrancelhas erguidas em concentração enquanto os analisa através dos óculos posicionados quase na ponta do nariz.

Não há dúvidas de que puxei minha característica *workaholic* do senhor Marcos Cavalcante.

— Oi, pai — cumprimento-o para chamar sua atenção.

Ele ergue a cabeça no mesmo instante, e a expressão séria e concentrada logo se suaviza em um sorriso carinhoso.

— Oi, Docinho! — ele responde, chamando-me pelo apelido carinhoso que me deu quando eu era criança e só queria saber de fazer doces. — Tudo bem com você?

— Tudo sim — aceno, sorrindo ao sentar na cadeira livre. Ele retira os óculos e larga os papeis para me dar atenção. — E com o senhor?

— Tudo ótimo, meu bem. — Ele responde o de sempre. — Ouvi dizer que você mandou muito bem substituindo a Mariane no sábado.

Faço um gesto vago com a mão.

— Ah, eu conheço bem o trabalho. Foi muito tranquilo.

— As minhas meninas são o máximo, mesmo!
— Seu sorriso cresce, e meu coração aquece com a adoração que enxergo em sua expressão.

Os maus bocados que passamos onze anos atrás, quando minha mãe faleceu, nos fizeram ainda mais unidos. Foi muito difícil, principalmente para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, vencer a fase de luto, e sou profundamente grata pelo modo com que, mesmo com suas próprias maneiras de sofrer, meu pai e meus irmãos me deram forças para seguir em frente.

Nunca deixamos de ser próximos, mesmo que o Samuel tenha se mudado para uma casa enorme um pouco mais afastada da cidade, depois que casou. A esposa dele, Paula, adora organizar almoços em família e nos reunir com frequência na casa deles, e eles também nunca deixam de nos visitar quando saímos todos para jantar e colocar o papo em dia.

É por isso que, todos os dias, assim que acordo, meu primeiro pensamento é a gratidão por ter uma base familiar tão forte e me sentir amada por todos aqueles com quem compartilho o mesmo sangue. Eu amo a minha família e faria qualquer coisa por cada um deles, e sei que a recíproca é absoluta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está indo tudo bem com a sua confeitaria?
— papai pergunta ao apoiar os cotovelos na mesa e se inclinar um pouco para frente.

— Muito bem — respondo e então, me lembro de um dos motivos da minha visita. — Ah, por falar nisso, olha o que eu trouxe.

Abro a bolsa e retiro de lá a embalagem cuidadosa que contém um cupcake de cenoura com cobertura *buttercream* de chocolate.

— Ah, meu favorito! — Meu pai se regozija ao pegar a embalagem e abri-la. Em seguida, olha para mim. — Você que fez, não é?

— Claro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós dois rimos, porque ele sempre deixa bem claro que, desde que a mamãe morreu, a única pessoa que faz os melhores cupcakes desse mundo sou eu.

— Obrigado, filha.

— Pode comer na sobremesa depois do almoço, que eu sei que o senhor ainda não comeu — aponto, sabendo muito bem das peripécias do senhor Marcos e sua fixação pelo trabalho que o faz se descuidar, vez ou outra. Ele faz cara de culpado, confirmando ainda mais minha certeza. — Você precisa se cuidar, pai. Não tem mais idade para dar conta de tanta coisa e descuidar da saúde.

Ele me lança um olhar indignado.

— Está me chamando de velho, mocinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou!

Ele gargalha diante de minha exclamação, fazendo-me rir também.

— Estou ótimo, Docinho. Forte como um cavalo. — Ele ergue os braços para mostrar os bíceps nada musculosos. — Não se preocupe.

— Espero não ter que me preocupar mesmo. — Dito isso, checo a hora no celular. — Preciso ir, meu intervalo está acabando.

— Está bem — papai diz, deixando o cupcake sobre a mesa antes de levantar-se e dar a volta nela, vindo em minha direção. — Vem cá. Amo você, querida — diz ao me puxar para um abraço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo você, pai — digo de volta, aproveitando seu carinho por alguns segundos. — Se cuida. Senão, vou colocar a Mariane no seu pé.

— Deus me livre! — Ele faz o sinal da cruz quando nos separamos, e eu rio. Nós dois sabemos como a minha irmã pode ser um pé no saco quando se compromete com alguma coisa.

Despeço-me dele e dirijo de volta à confeitaria, onde passo o restante da tarde muito ocupada entre assar, rechear e decorar bolos, programar as encomendas da semana com a ajuda de Rafaela e resolver algumas pendências burocráticas.

Ao fim do expediente, Dani e Tati ajudam os atendentes a fechar a loja enquanto eu recebo e confiro o caixa do dia com Joana. O horário de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixar as portas é às seis da tarde, de terça-feira a sábado, após ficarmos abertos desde as nove da manhã.

Passa um pouco das sete da noite quando, enfim, após conferir se tudo na cozinha está em ordem, saio da Doce Deleite, sentindo o cansaço bater já no primeiro dia de trabalho da semana. Entro em meu carro e vou embora, sonhando no caminho com o banho de banheira relaxante no qual pretendo me afundar, até minha pele enrugar e eu me sentir renovada para uma boa noite de sono e um novo dia de trabalho na manhã seguinte.

Moro sozinha em um apartamento pequeno e suficiente para mim, e isso, além de representar mais uma das conquistas que eu tinha na minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lista de sonhos, facilita meus momentos de descanso e é um alento para o meu lado introvertido.

Assim que entro em casa, jogo as chaves do carro no aparador ao lado da porta e minha bolsa no sofá, antes de começar a me despir na sala mesmo. Retiro a blusa e os sapatos, recolho-os e vou para o quarto, apanhando minha bolsa no caminho.

O banho de banheira delicioso é tudo o que eu estava precisando. Sinto os músculos relaxarem, meus sentidos acalmarem, a pele ficar limpa e perfumada, e a minha bateria recarregar aos poucos.

Preparo algo rápido e leve para jantar e, após escovar os dentes, zapear um pouco pela Netflix e acabar desistindo de ver qualquer coisa, vou para a

PERIGOSAS ACHERON

cama.

Assim que estou embaixo das cobertas, navego por um tempinho no celular, sentindo o sono pesar mais a cada minuto. Já passa das onze da noite, então confiro o alarme, configurado para as cinco da manhã, como de praxe, e no mesmo instante em que pouso o aparelho com a tela bloqueada sobre criado-mudo ao lado da minha cama, a tela acende e o toque breve anuncia uma mensagem.

Decido que não faz mal dar mais uma checada — até porque o fato de uma mensagem chegar a essa hora me preocupa um pouco.

Quando deslizo o dedo na tela e abro a mensagem, meu coração quase entala na garganta com a surpresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Oito



HEITOR



Heitor: *Tenho algo seu aqui comigo.*

Arrepios me percorrem do dedo mindinho do pé até o último fio de cabelo quando vejo o nome na tela.

Eu tinha o número dele no celular esse tempo inteiro?

Por Deus, isso nem me passava mais pela cabeça!

Engulo em seco e movo-me na cama, endireitando as costas com toda a tensão que me inunda instantaneamente, para digitar com dedos trêmulos.

Marcela: *Quem é?*

Levo o polegar esquerdo até à boca e mordo a pontinha da unha ao esperar a resposta. Eu sei muito bem quem é, claro, e sei que ele também sabe que eu sei, mas meu nervosismo não me deixou pensar em nada melhor.

Heitor: **foto**

Heitor: *Descobriu quem sou?*

— Puta que pariu!

Cubro a boca com a mão após meu grito de horror ecoar pelo quarto escuro.

É uma foto da minha calcinha.

A calcinha que eu estava usando no sábado.

A calcinha que ele arrancou do meu corpo com os dentes antes de cair de boca na minha...

Agora não, Marcela. Concentra!

Digito outra mensagem.

Marcela: *Como vc tem isso?*

Heitor: *Vc que deixou pra trás na pressa de se livrar de mim.*

Suspiro, impaciente, e digito mais uma vez.

Marcela: *O que vc quer?*

Heitor: *Quero negociar algumas das cláusulas do acordo que vc impôs antes de sair correndo no domingo de manhã.*

Marcela: *Dá pra vc traduzir? Não tenho tempo pra isso.*

Eu sei. Pareço uma adolescente bancando a difícil e inocente com esses joguinhos, mas estou tomada por uma mistura ridícula de nervosismo e empolgação, e é o melhor que essas sensações podem fazer por mim no momento.

Durante uns bons cinco minutos, fico encarando a tela sem resposta, e o sentimento de alívio combinado com decepção por imaginar que, talvez, ele tenha caído no sono ou desistido de aguentar meus coices, me faz revirar os olhos para mim mesma mais uma vez. Afinal, é o que eu queria, não é?

Bufo e aperto o botão de bloqueio de tela novamente, e, assim que faço a menção de largar o aparelho sobre o criado-mudo, ele começa a tocar.

Na tela, o nome de Heitor.

Em meu peito, o coração saltando com fúria.

É claro que meu primeiro pensamento é não atender, mas o pior é que, ultimamente, minha mente não anda muito bem alinhada com minhas ações, principalmente quando se trata dele.

— Devo traduzir na versão sem cortes e censura, ou você prefere a versão permitida para menores de dezoito anos?

A voz rouca e intensa invade meu ouvido e envia ondas de excitação por todos os meus sentidos, fazendo minha pele arrepiar. Mas o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me deixa mais surpresa é perceber que eu estava sentindo saudades disso.

Ai, caramba, isso não vai prestar...

— Acho que você deve parar de rodeios e me dizer logo o que você quer para estar me ligando a essa hora — respondo, torcendo para que minha voz não tenha soado tão trêmula quando minhas mãos.

Ouçó sua risadinha do outro lado da linha, e mordo meu lábio inferior quando o canto dele ameaça se esticar em um sorriso.

— Me passa o seu endereço que, dentro de meia hora, não só te digo, como te mostro.

PERIGOSAS ACHERON

— Heitor... — Minha intenção é repreendê-lo, mas o fio de voz soa mais como um gemido. — Nós combinamos que...

— Nós não combinamos nada. Você que veio cheia de regras pra cima de mim.

— Porque você veio com as *suas* regras pra cima de mim!

— Ah, isso é só um detalhe técnico — ele rebate, com tranquilidade. No entanto, posso ouvir seu suspiro do outro lado da linha antes que fale novamente. — É só por isso que você não quer mais? Porque sou amigo do Maurício?

Mordo o interior da bochecha, sem saber o que responder. Eu sei que isso coloca ainda mais peso nessa ideia toda. Quero dizer, ele *é* melhor amigo do meu ex-namorado, pelo amor de Deus! E, ok, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não é como se ele estivesse propondo algo sério e às claras, e não é como se eu quisesse isso, mas mesmo assim.

Embora Heitor tenha, basicamente, entrado em cena para quebrar o meu azar com sexo sem compromisso, o medo de dar alguma merda bate de frente com a minha vontade de lhe informar de uma vez o meu endereço, para que ele venha aplacar meu desejo que pulsa por ele desde que saí daquele quarto de hotel.

Talvez seja idiota, e até mesmo imaturo, da minha parte, achar que não posso lidar com isso enquanto mantenho minha vida sexual deliciosamente ativa, mas, após um suspiro tão profundo quanto o dele, deixo sair em uma voz determinada:

PERIGOSAS ACHERON

— É.

O silêncio que recebo me faz conferir se há algum problema com a ligação, ou se demorei mesmo tanto a responder que caiu, mas logo aquela voz que faz estragos comigo torna a entoar em meu ouvido.

— Mas ele não precisa saber. — A seriedade em seu tom me deixa alerta. — Ninguém precisa saber. Se é assim que você quer, com essa parte do acordo eu posso concordar.

— Acordo?

— Sim, o de transar de novo — explica, e a naturalidade com que ele fala é desconcertante.

— Mais uma vez? — vejo-me perguntando.

— Ou dez.

Posso apostar qualquer coisa que ele está com aquele sorriso safado nos lábios conforme imagina a minha reação. Pergunto-me se ele conseguiu adivinhar que, ao mesmo tempo em que mordo o lábio em receio, esfrego as coxas uma na outra, na tentativa de apaziguar as sensações que se concentram entre elas.

— É um acordo e tanto, hein — comento, sentindo a boca seca, longe de conseguir emitir a mesma naturalidade que ele.

Sua risadinha termina com um gemido baixo antes que ele retribua o que digo.

— Nem me fale. Tô ficando duro só de pensar...

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como estou ficando cada vez mais molhada.

Aperto o lençol com a mão livre e tento não ofegar.

— Heitor... isso não vai dar certo.

— Ah, vai sim, gata — ele rebate tão rápido que mal termino de falar. — É muito simples. É só sexo. Sexo alucinante e gostoso para saciar nossas vontades. É o que nós dois queremos, não é? Tenho certeza de que era nisso que você estava pensando quando tomou a iniciativa aquela noite.

É nisso que estou pensando *agora*.

— Talvez.

PERIGOSAS ACHERON

— Rá! “Talvez” é melhor que “nunca mais”. Estamos fazendo um progresso aqui, hein, linda — diz, e é impossível não imaginar suas sobrancelhas balançando de maneira maliciosa e sugestiva. Inferno, isso me deixa louca.

Limpo a garganta e decido continuar fazendo charme, enquanto a hesitação continua a brigar com a excitação e não me permitem tomar uma decisão.

— Pode ir sossegando, querido. Ainda não concordei com isso.

— “Ainda” — ele entoa, com a voz cheia de entusiasmo. — Ah, isso tá ficando cada vez melhor.

Aperto os lábios um no outro para conter o sorriso, mesmo que ele não possa ver. No segundo seguinte, um bocejo me escapa sem que eu possa segurar, e lembro-me do quão tarde da noite já é.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha, Heitor, está muito tarde, e eu terei um dia cheio amanhã que começará muito cedo. Preciso desligar.

Posso ouvir seu suspiro do outro lado da linha.

— Isso quer dizer que... — começa, esperançoso.

— Que eu vou dormir agora — completo, só para receber sua reação.

— Porra, Marcela!

Minha risada maléfica o faz bufar.

— Calma, gato — digo e cedo o riso aos poucos. — Eu vou... pensar. É o melhor que posso te oferecer agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu aceito! — ele responde imediatamente, e a confiança em sua voz é atraente e irritante ao mesmo tempo.

— Sugiro que não fique muito animado.

— Ah, nem vem com essa, gata. Eu sei que sou irresistível.

Reviro os olhos, mas, no fundo, estou concordando sem pestanejar.

— Veremos.

Penso em encerrar de vez a ligação, mas assim que abro a boca, sua voz me penetra por inteiro novamente.

— Ei, Marcela?

PERIGOSAS ACHERON

— Sim?

Mais uma vez, seu arfar lento e suave me chama atenção, e meu pescoço se arrepia como se ele estivesse aqui, ao meu lado, com o rosto próximo à minha pele sensível. Mordo o lábio para suprimir um gemido.

— Eu sei que você acha que eu sou problema, cilada, e essas coisas, mas eu não quero te sacanear. Bom, eu quero *fazer sacanagem* com você, é claro.

— Ele faz uma breve pausa enquanto rimos juntos do que acaba de dizer. — Mas não sou um cafajeste que se diverte fazendo mulheres sofrerem por aí. Se, no fim das contas, você realmente não quiser, e achar que estou sendo um canalha que não aceita não como resposta, vou recuar e te deixar em paz, por mais difícil que seja.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu discurso me deixa de boca seca. Mas, claro; toda a umidade do meu corpo parece estar se concentrando em apenas um local, que não está apenas completamente molhado, como também lateja com o fogo ali instalado.

— E por que seria difícil? — pergunto, mesmo sabendo que é uma manobra perigosa.

— Porque eu não consigo parar de pensar em você. — Suas palavras, mais roucas e profundas do que nunca, me fazem apertar o lençol mais uma vez. Fricciono as coxas novamente e sinto câibras nos dedos das mãos e dos pés, que fincam no colchão, mas preciso aplacar as sensações arrebatadoras que esse homem consegue provocar em mim com o simples ato de *falar*. — Porque eu fico louco só de lembrar como é estar dentro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você. Porque uma química como a que temos não dá pra ser ignorada. Eu sei que você também se sente assim, Marcela. Eu sei que você me quer.

Santa mãe de Deus.

Já era.

— Eu... — começo e inspiro fundo para conter minha respiração errática. — Eu vou pensar.

Seu suspiro, dessa vez, vem acompanhado de um rosnado.

— Tudo bem. Mas, ó: pensa com carinho, tá?

Com mais uma risadinha, dou a cartada final:

— Farei o possível. Boa noite.

PERIGOSAS ACHERON

Ou, pelo menos, penso que dou a cartada final.

Porque, ao esperar que ele retribua o meu boa-noite para que eu possa desligar, o que ouço é algo completamente diferente.

— Pensa com carinho na delícia que é estar por baixo e por cima de mim, sem roupas, suando e gemendo. — Meu arquejo sai mais alto do que eu gostaria, e isso só o incita a continuar jogando sujo. — Pensa em como foi gostoso sentir meu pau entrando nessa boceta quente e apertada...

Argh, filho de uma...!

— Pensa em como você ficou louca quando te beijei e chupei inteira...

— Tchau, Heitor!

Minhas mãos trêmulas se atrapalham na hora de tocar o botão na tela que encerra a ligação, o que me faz ouvir a risada safada dele antes que eu consiga desligar. Largo o aparelho sobre o criado-mudo como se estivesse contaminado e me enfito debaixo das cobertas, como se isso fosse capaz de acalmar a adrenalina que percorre meu corpo inteiro nesse momento.

Começo a ofegar aos poucos, sentindo suor se formar em minha nuca e começar a escorrer. Saio do meu esconderijo seguro para pegar o controle do ar-condicionado e diminuir a temperatura, mas nem mesmo esse troço gelado é capaz de apaziguar o calor que arde no meu corpo inteiro.

Merda. Acaba de passar da meia-noite, tenho menos de cinco horas para poder dormir e agora estou aqui, desperta como se estivesse entupida de

PERIGOSAS NACIONAIS

caféina... e cheia de tesão.

E eu sei que não vou conseguir dormir enquanto não der um jeito nisso.

Inferno! Quem Heitor pensa que é para me ligar, falar coisas sujas e me deixar mais excitada do que nunca?

Ah, sim, ele é o cara que aparece diante dos meus olhos assim que os fecho e escorrego uma das mãos para o meio das minhas pernas, encontrando meu sexo molhado de tal maneira que eu sei que o enlouqueceria. Sei que ele deslizaria os dedos longos, firmes e habilidosos por meu clitóris, em movimentos circulares, lentos e torturantes, antes de acelerar os movimentos e me deixar cada vez mais perto do precipício, enquanto sua boca quente daria uma atenção deliciosa aos meus seios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que, ao sentir que estou prestes a gozar, ele enfiaria dois dedos em mim, em um tormento lento e delicioso, que me faria impulsionar os quadris em direção à sua mão, enquanto a outra belisca meu mamilo dolorido e ele me obriga a manter o olhar preso ao seu conforme meus gemidos se tornam cada vez mais incontrolláveis.

Sei que, após sussurrar em meu ouvido coisas que atijam ainda mais o meu prazer, ele serpentearia o corpo ao longo do meu, descendo aos poucos, deixando um rastro de beijos molhados pelo caminho, até juntar seus lábios e língua ao trabalho que seus dedos já estão fazendo. Ele lamperia e chuparia meu clitóris ultrasensível, me convidando a gozar em sua boca.

E assim eu o faria, tremendo, me contorcendo, gritando e gemendo seu nome.

PERIGOSAS ACHERON

Uau!

Assim que abro os olhos e desperto da minha fantasia, sinto-me molenga e relaxada sobre a cama, ofegando pela boca em busca do meu ritmo normal de respiração, incapaz de recordar se alguma vez tive um orgasmo tão intenso durante uma sessão solo.

O que me faz lembrar de que, mais intenso do que gozar pensando em Heitor, é gozar *com* ele.

Basta uma simples confirmação e eu poderei ter tudo aquilo mais uma vez. Ou dez, como ele disse.

Contudo, se já estava difícil entender por que, exatamente, estou tão relutante, agora está quase impossível com o sono que toma conta de mim e a ciência de que terei tão pouco tempo até ter que estar de pé novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Regulo novamente a temperatura do ar-condicionado e me aconchego para dormir, esperando que as poucas horas de sono sejam suficientes para refrescar minha mente e me fazer pensar com clareza para sair de cima do muro.

PERIGOSAS ACHERON



Nove



HEITOR



Sinto suor escorrer por todo o meu corpo conforme faço os movimentos do pior exercício dessa academia inteira. Preciso erguer o corpo com a força dos meus braços, segurando firme em uma barra de ferro alta, em quatro sessões de quinze repetições, conforme as instruções de Vinícius. Aparecer na academia é quase um milagre, no meu caso, já que não tenho muito saco para isso e sou abençoado com uma genética maravilhosa que me

PERIGOSAS NACIONAIS

mantém gostoso, mas senti a necessidade de descarregar a tensão acumulada dessa semana com a segunda coisa mais eficiente na minha lista.

Sexo geralmente é a primeira, mas por incrível que pareça, isso passou a ser o motivo pelo qual não posso aliviar esse tesão persistente que está me enlouquecendo aos poucos. Porque meu pau só consegue desejar uma única mulher, que resolveu me torturar com sua história de “vou pensar se quero transar com você de novo e fazer você morrer lentamente enquanto isso”, e está ficando cada vez melhor em me provocar a cada resposta às mensagens que envio para não deixá-la esquecer disso.

No dia seguinte à nossa conversa ao telefone — que me levou a bater uma punheta tão forte que vi estrelas —, digitei:

PERIGOSAS ACHERON

Espero que esteja pensando bem, gata, porque só devolverei sua calcinha pessoalmente e mediante fortes armas de persuasão. ;)

Ao que ela respondeu:

Por que eu iria tirar de vc a única coisa que vai te ajudar a guardar melhor as lembranças daquela noite? Não sou tão malvada assim, gato.

Quando vc quer nos obrigar a permanecer somente nas lembranças, é malvada, sim, respondi, recebendo um simples emoji de piscadela em seguida.

Ontem à noite, arrisquei ser um pouco mais brega e escrevi:

Uma moeda por seus pensamentos.

Em questão de dez minutos, sua resposta piscava em minha tela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcela: *Eles valem um pouco mais que isso.
Foi mal.*

Heitor: *Aposto que consigo adivinhar de
graça.*

Marcela: *Aposto que não.*

Heitor: *Vc está pensando que já poderia ter me
dito “sim” e não teríamos perdido as últimas duas
noites cheios de vontade um do outro.*

PERIGOSAS ACHERON

Marcela: *Confesso que vc acertou na trave. Tente novamente amanhã. Boa noite, Heitor.*

O pior é que esse joguinho dela só me deixa cada vez mais atraído. Pensar que essas pequenas torturas poderão resultar em mais rodadas do sexo sensacional que só é possível com o tipo de química que nós temos me deixa empolgado para caralho. Estou sofrendo feito um condenado, também, mas gosto de acreditar que vai valer a pena.

Que Marcela vai ceder e não vai demorar até que eu possa estar enterrado nela novamente.

Esse pensamento me faz exceder a quantidade de repetições que Vinícius me recomendou, porque uma ereção ficaria muito evidente por baixo desses

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

shorts folgados de malhação que estou usando, e seria constrangedor mesmo que a academia já esteja quase vazia.

— Olha como ele está aplicado hoje! — Ele comenta ao vir em minha direção. Solto a barra e pouso de pé no chão com um baque surdo, curvando-me em seguida para apoiar as mãos nos joelhos, ofegando e suando para cacete. — Se você se dedicasse assim com mais frequência, isso aí seria moleza pra você.

Olho para cima e faço careta para a expressão jocosa de Vinícius. Quando disse ao meu amigo personal trainer que estava a fim de um treino mais pesado hoje, o filho da mãe ficou mais do que feliz em me levar muito a sério, e agora eu estou quase morto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou nem um pouco interessado em fazer isso ser moleza pra mim — digo, ranzinza. — Só estava precisando descontar alguns estresses e descarregar tensões.

— E desde quando você usa a academia pra isso? Até onde eu sei, você é adepto de outros tipos de exercícios quando tá a fim de aliviar as tensões.

Vinícius diz aquilo com uma expressão sugestiva e cutuca meu braço com o cotovelo, na mais pura brincadeira, mas eu reviro os olhos e me afasto para pegar minha garrafinha de água. Eu sei que ele não tem culpa de nada, mas estou frustrado o suficiente para não achar graça nenhuma. Pela primeira vez na vida, estou sentindo na pele — e no saco — por que associam o mau-humor das pessoas com falta de sexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse é o seu jeito de incentivar os seus clientes a continuarem frequentando esse lugar e garantindo o seu salário no fim do mês? — rebato antes de virar a garrafinha com tanta ânsia que várias gotas de água escorrem pelos cantos da minha boca.

— Ei, cara, calma aí! — Ele ergue as mãos e me olha surpreso. — Tô brincando, né. Tentando deixar o clima mais leve, porque você está mais carrancudo do que meu tio-avô que assusta as criancinhas da vizinhança onde ele mora. — Sua comparação me faz balançar a cabeça. — O que tá pegando?

Termino de beber a água e dou de ombros, apesar da minha vontade de desabafar com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada, cara. Só fiquei a fim de malhar hoje. Qual o problema disso?

Vinícius estreita os olhos para mim.

— Problema nenhum — diz, e desvia sua atenção de mim por um minuto para se despedir das últimas pessoas indo embora. Aproveito para fazer alguns alongamentos e, assim que sento em uma cadeira extensora, ainda tentando voltar a respirar normalmente, ouço meu amigo retornar. Suas sobrancelhas estão erguidas, como se ele tivesse acabado de decifrar um código. — Espera, tem algo a ver com o que você queria conversar comigo no começo da semana? O que era, mesmo?

— Deixa pra lá. Já resolvi.

— Tem certeza? Porque não parece que...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho, Vini. Deixa. Pra. Lá — pontuo, na voz mais calma que consigo. Até estico o canto da boca em um sorrisinho tranquilo para que ele não insista mais.

Vinícius assente e ergue uma sobrancelha.

— Tá bom, então — diz simplesmente ao dar de ombros e começar a recolher halteres e outros equipamentos que estão fora do lugar para organizar a academia antes de fechar.

Levanto-me para ajudá-lo e, conforme caminhamos para lá e para cá arrumando tudo, nossos olhares se encontram vez ou outra, e a desconfiança clara brilhando nos olhos desse grandalhão idiota começa a me irritar. O cara sabe ser mais persuasivo com o olhar do que eu consigo com palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Argh, Vinícius! — explodo, chamando sua atenção.

Ele, na cara de pau, me lança uma expressão inocente.

— O que eu fiz?

— Para de me olhar assim!

— Assim como?

— Com essa cara de “eu sei que tem algo a mais e vou te encarar até você abrir o bico”.

Vinícius desata a rir.

— Eu não faço essa cara — defende, mesmo que desvie o olhar por um instante e depois me observe de rabo de olho, fazendo exatamente o que

PERIGOSAS ACHERON

acabou de negar.

— Está fazendo agora! — aponto, exasperado, e ele ergue as mãos em rendição mais uma vez.

— Ok, cara. Então nem vou mais olhar pra você, relaxa — promete, virando-se para andar até um canto onde ainda há dois colchonetes esticados no chão que precisam ser enrolados e guardados no local certo.

Pego minha mochila e checo o celular, vendo que há várias mensagens que não me interessam nem um pouco. Acabei não mandando nenhuma para Marcela hoje, para dar ao menos um pouco de espaço. Cheguei a pensar que talvez isso fosse contar pontos a meu favor, mas sinto a frustração crescer ao ver que ela também não me mandou nada.

Guardo o aparelho e fico parado feito um pateta no meio da academia, de braços cruzados, enquanto Vinícius continua comprometido com a tarefa de não me lançar seus olhares sugestivos, mas sei que ele sabe que eu iria acabar cedendo, mais cedo ou mais tarde.

— Transei com uma mulher no fim de semana passado e não consigo parar de pensar nisso — despejo, revirando os olhos para minhas próprias palavras.

Vinícius se aproxima de mim com cautela.

— Ok... e, hum, você não vai transar com ela de novo? — questiona, parecendo genuinamente confuso.

— Não sei. Ela fica dizendo que não quer — digo, sentindo na língua o absurdo dessa resposta.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer dizer, eu sei que ela quer, mas tá relutando por algum motivo. Disse que precisava pensar.

— Algum motivo? Você sabe por que, né, Heitor — Vinícius pontua, e o jeito com que franzo a testa demonstra minha dúvida. — Deve ser o motivo de sempre: conhecer bem o seu tipo e ter medo de você deixá-la na merda.

— Porra, mas eu não faço isso! — defendo-me imediatamente. — Não tenho culpa se eu sou tão bom de cama que fica difícil para algumas entenderem quando explico que não tô a fim de nada sério. — Sigo Vinícius quando ele se dirige para a saída e apaga as luzes. — E esse não é o caso, cara. Ela também não tá a fim de se envolver assim, tanto que foi ela que tomou a iniciativa e saiu correndo no dia seguinte.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu amigo fica quieto ao meu lado conforme caminhamos para a saída do SPA onde se localiza a academia, e quando olho para ele, vejo que segura a risada.

— Vai ver você não é tão bom de cama assim...
— diz, na clara intenção de me provocar, e apenas bufo para sua observação.

— Vou fingir que não ouvi isso, Vinícius.

Ele me cutuca com o cotovelo de novo e pede desculpas.

— Caramba, esse feitiço foi muito bem feito, porque em outras circunstâncias, você já teria dormido com outra pra superar isso — ele diz, e tem toda razão.

Mas...

PERIGOSAS ACHERON

— Teria, se eu tivesse ao menos *vontade* de pegar outra — confesso.

Vinícius arregala os olhos e seu queixo cai.

— Cacete! Olha, me promete que vai me dizer quando melhorar dessa onda ruim, porque eu preciso zombar da sua cara por ter finalmente levado uma chave de boceta. E logo de alguém que nem quer repeteco!

Encaro-o sem humor algum na expressão, enquanto ele dá risada.

— Às vezes, eu me pergunto por que diabos eu ainda sou seu amigo.

— Porque, geralmente, eu entendo melhor as suas merdas do que você mesmo. — Ele dá tapinhas camaradas nas minhas costas. Pior que
PERIGOSAS ACHERON

isso é verdade.

— Então me diz o que você acha! Continuo insistindo pra ver se ela cede?

— Se você quer tanto assim, por que não? — Ele para de repente, obrigando-me a parar também, e pousa uma mão em meu ombro. — Mas, olha, vai com calma e tenta analisar se você está encanado nela assim só porque ela está te dizendo não. Eu sei que você se garante e tudo mais, mas pode acontecer da mina não ter ficado gamada igual a você.

— Não estou gamado — digo, rápido, como se fosse uma resposta automática, e fico surpreso pelo fato de ela não estar alinhada com meus pensamentos.

Fiquei, sim, gamado em Marcela e em sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

performance espetacular na cama, mas é só isso. Gosto de sexo, e com ela foi um dos melhores da minha vida. É claro que eu quero mais, e não é só porque ela está me torturando. Ou porque ela é ex-namorada do Maurício e pegá-la pode não ser uma boa ideia.

Ok! Eu confesso que o sabor proibido disso tudo me incita ainda mais, mas eu sei que, mesmo que esses fatores não existissem, eu iria ficar louco para transar com ela de novo depois de provar a primeira vez.

— Isso, meu amigo. Continue se enganando. — Vinícius balança a cabeça e estala a língua. — Quer saber? Vou ficar torcendo para que você consiga se dar bem com ela novamente. Preciso conhecer essa feiticeira e agradecê-la por tê-lo feito provar do próprio veneno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cansado das patadas de Vinícius, acabo rindo dessa vez.

— Ah, Vini! Eu também te amo, cara, sabia? — digo, e mesmo que minha voz pingue sarcasmo, isso é verdade e ele sabe disso.

— Você vai me agradecer e dizer que eu estava certo, amigo. Eu sei que vai. — Ele me dá um soco leve no braço assim que alcançamos a calçada. — Enfim, preciso ir. A Lara encerrou o expediente mais cedo hoje e deve estar me esperando. Vamos ainda hoje para o interior, passar o fim de semana com a família dela. Você vai ficar bem?

— Claro, cara. Vou rapidinho em casa tomar um banho e trocar de roupa para encontrar uns colegas do trabalho. O aniversário de um deles é na segunda-feira, mas ele nos convidou para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comemorar com antecedência, e os outros me obrigaram a contribuir na vaquinha para comprar um bolo surpresa pra um cara que eu nem conheço direito.

Vinícius dá risada da minha história. Os caras do trabalho não são os mais divertidos do mundo, mas até que são legais, e eu não sou de recusar o happy hour das sextas-feiras.

— Falou, então. A gente se vê segunda-feira, na academia? — meu amigo pergunta conforme se afasta para ir em direção ao seu carro.

— Se eu não tiver conseguido o que quero até lá, com certeza vou precisar — respondo e pisco para ele, que balança a cabeça e ri comigo.

— Até mais, cara — despede-se e eu aceno, indo para meu carro, também.

PERIGOSAS ACHERON

Dirijo até meu apartamento e, após um banho que elimina meu aspecto nojento pós-treino pesado na academia, recomponho-me ao me vestir casualmente. Sigo, então, para o endereço que Leandro, um dos meus colegas de trabalho, me informou por mensagem mais cedo.

Leva pouco menos de meia hora até que eu esteja estacionando em frente ao local combinado. Percebo de cara que se trata de um bar um tanto mais sofisticado do que o que costumamos frequentar perto do trabalho. Parece que inaugurou há poucas semanas, e o pessoal achou uma boa conferirmos, principalmente porque a ocasião se tornou um pouco mais especial, já que comemoraremos um aniversário.

PERIGOSAS NACIONAIS

São quase oito e meia da noite, e o ambiente está bem cheio. Não é muito espaçoso, mas o suficiente para caber uma multidão significativa e muito barulhenta, como é o caso. A iluminação dá um ar rústico ao recinto, que dispõe desde bancos solitários em frente ao balcão do bar a mesas espaçosas com assentos confortáveis, e é em umas dessas que encontro os rostos familiares pelos quais busco desde o instante em que entrei.

— Heitor! Aqui! — Leandro acena, e isso chama a atenção de Luiz e José, que se animam e o imitam.

— E aí, beleza? — cumprimento-os assim que alcanço a mesa. Aceno para as outras quatro pessoas na mesa, das quais mal me lembro dos nomes, incluindo o aniversariante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chegou bem na hora, cara — Leandro diz assim que sento ao seu lado. Ele se aproxima para falar mais próximo ao meu ouvido, já que o barulho está tão alto que seria impossível ouvi-lo se ele cochichasse mais à distância. — Pedimos para o camarada do bar esconder o bolo e trazê-lo daqui a cinco minutos para cantarmos os parabéns.

— Legal — assinto e sorrio. — Tenho tempo para pegar uma bebida, então?

— Claro, vai lá.

Afasto-me para pedir uma cerveja no balcão do bar, surpreendendo-me com a rapidez e agilidade dos bartenders, mesmo que tenham várias pessoas pedindo ao mesmo tempo. Ah, as vantagens de um estabelecimento com pouco tempo de funcionamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que volto para a mesa, mal abro a boca para me inteirar do assunto que meus amigos estão discutindo, quando um cara magrelo surge segurando um bolo com cobertura de chocolate e duas daquelas velas que parecem soltar fogos de artifício nas extremidades. O aniversariante, que descubro chamar-se Fábio devido aos gritos das pessoas na mesa, arregala os olhos de surpresa e nós começamos a cantar os parabéns, conforme o rapaz do bar pousa o bolo no centro da mesa. Ele fica até vermelho diante de toda a atenção e a surpresa, principalmente porque o bar inteiro começa a bater palmas e cantar junto.

Após receber nossas felicitações e quase morrer sem ar ao tentar apagar aquelas velinhas, Fábio corta o bolo e todos se servem do doce, o que só me faz pensar em Marcela mais uma vez. Dou uma garfada na massa de chocolate, que tem um recheio

PERIGOSAS ACHERON

branco que não consigo identificar bem o sabor e cobertura grudenta que me faz acreditar que esse bolo foi feito há três dias. O sabor não é ruim, mas provar do talento de Marcela me deixou imune a qualquer outro tipo de doce feito por qualquer outra pessoa.

Porra, e põe talento nisso.

Sem pensar demais — ao contrário dela —, pego meu celular e digito uma mensagem.

Heitor: *Tô com alguns amigos do trabalho e tem bolo pra comemorar um aniversário. Lembrei de vc.*

A resposta leva cinco minutos para chegar.

Marcela: *Onde vc está?*

Heitor: *Por quê? Quer vir me encontrar?*

Ela responde com um emoji revirando os olhos e, então, continua.

Marcela: *Quero saber quais as chances de esse bolo ser meu. Fiz dois sob encomenda hj.*

Heitor: *Não é. Nem de longe tão bom qto os seus.*

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha sinceridade está em cada letra que envio, e sorrio quando recebo em resposta um emoji sorrindo envergonhado. Sem querer que aquilo acabe, mesmo que eu esteja em uma mesa rodeado por colegas e o papo e as risadas estejam no auge, só quero continuar minha missão de conseguir ir para a cama com Marcela de novo. Falo sério quando digo que estou enlouquecendo.

Digito outra mensagem, sentindo-me estranhamente nervoso, escrevendo e apagando várias vezes, como se nada fosse bom o suficiente. Bufo de forma audível, chamando a atenção de Leandro, que me pergunta qual é o problema, mas desconverso, guardando o celular no bolso para tentar estar mais presente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, o que acontece a seguir me deixa ainda mais fora de órbita.

Porque, *porra*, só posso estar sonhando.

Meu olhar passeia distraidamente até a entrada do bar no exato instante em que entram três mulheres. Mal consigo perceber as outras duas, porque uma delas chama toda a minha atenção para si com o que só consigo descrever como “vestida para matar”.

A iluminação do lugar e o fato de só conseguir pensar em uma pessoa o tempo inteiro, em algum tipo de obsessão maluca, me faz pensar que, sim, talvez eu esteja delirando. Mas, então, um olhar mais atento e a sorte que a faz virar o rosto na direção que me possibilita enxergá-lo, lindo e sexy, emoldurado por cabelos loiros ondulados com

PERIGOSAS ACHERON

aspecto pós-foda, me dá a certeza de que não é uma ilusão. Meu pau reage imediatamente, deixando-me desconfortável e ainda mais convicto de quem se trata.

Se isso não é o destino querendo que Marcela diga sim ao meu pedido desesperado para tirar sua roupa de novo, eu não sei o que é.



Dez

— MARCELA —

— Ao sucesso da Doce Deleite nesse primeiro ano incrível!

— A toda a nossa equipe!

— A esses três mulherões da porra!

Brindo com Dani e Tati, que têm nos rostos sorrisos tão largos e animados quanto o meu. Tocamos nossos copos no ar em nossa

PERIGOSAS NACIONAIS

comemoração particular, apesar de escandalosa — o bom é que o bar em que estamos está tão cheio e barulhento que ninguém mais liga —, e tomamos goles generosos de nossas bebidas, dando gritinhos ao sentir o sabor delicioso enquanto o álcool vai batendo. Daniela pediu uma margarita, Tatiana um mojito e eu, piña colada.

Nossa confeitaria está completando hoje um ano oficial de inauguração. Ao meio-dia, fechamos por uma hora para que o horário de almoço de toda a equipe pudesse ser o mesmo, e celebramos com doces e champanhe não só o marco de tempo, mas também o fato de que obtivemos nos últimos seis meses um faturamento equivalente ao triplo do resultado dos primeiros seis meses, que já havia sido um número tão incrível que nos permitiu contratar os primeiros funcionários.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De acordo com o nosso planejamento, isso significa que não falta muito para que possamos ampliar o nosso espaço e a cozinha, adquirir mais equipamentos e contratar mais funcionários. Nosso trabalho duro está trazendo frutos e resultados incríveis, e me sinto muito realizada por isso.

A semana foi sufocante, sendo bem sincera. Muitas encomendas, muita burocracia, muito estresse e pouquíssimas horas de sono. Mas, no fim, tem valido muito a pena. Estamos estudando e explorando mais e melhores meios de expandir o nosso negócio, e se continuarmos nesse ritmo, não vai demorar muito até que alcancemos o próximo nível do nosso sonho: abrir mais estabelecimentos pela cidade, depois pelo estado, depois pelo país inteiro. É um caminho longo e árduo até lá, eu sei, mas força e paixão para lutar por isso nós temos de sobra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por isso, nada mais justo do que não deixar o dia certo passar em branco, e comemorarmos de um jeito que não fazemos há um tempo: sair para beber, conversar alto, rir de bobagens e relaxar, usando nossas melhores roupas e nossos melhores humores.

Daniela está linda com seu vestido rodadinho azul-escuro, nem tão comportado nem tão escandaloso, perfeito para o seu estilo. A maquiagem impecável destaca seus olhos azuis incríveis, e o jeito com que seu cabelo curto, liso e preto emoldura o rosto de menina complementa a mulher maravilhosa que ela é.

Tatiana ousou hoje ao usar um macaquinho verde-musgo que abraça com perfeição todas as suas curvas invejáveis e contrasta de forma primorosa com sua pele morena. Os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cacheados, escuros e volumosos, sua marca registrada, estão mais selvagens do que nunca, e combinam maravilhosamente com a maquiagem leve que ela decidiu fazer.

Faz um bom tempo desde que me vesti para arrasar de verdade, então não podia deixar de também aproveitar a ocasião. Escolhi um short branco e curto que comprei há muito tempo e nunca usei antes, um top de renda preto que termina um pouco acima do meu umbigo e uma blusa de botões transparente também preta, montando um *look* que me faz sentir o máximo. Com sapatos de salto alto, maquiagem delicada e cabelos naturalmente ondulados, estava pronta para curtir a noite com minhas melhores amigas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, gente, que felicidade! — Tati bate palminhas após tomar mais um gole de seu mojito. — Caramba, parece que foi ontem que estávamos as três quase fazendo xixi nas calças de nervosismo ao abrimos as portas pela primeira vez.

— E já passamos por tantas coisas desde aquele dia — Dani comenta enquanto se recupera das risadas causadas pelo que nossa amiga disse.

— Coisas que nos trouxeram até onde estamos hoje! — completo, abrindo os braços em regozijo e tudo. As meninas riem e eu seguro suas mãos. — Obrigada por tudo, amigas. Eu não sei o que faria sem vocês.

— Awwn, vem cá, sua fofa! — Dani me puxa para um abraço muito desajeitado, impedido pela pequena mesa redonda entre nós, e Tati também se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

junta. — Sabe o que é melhor? Saber que agora não vai demorar muito até podermos contratar mais pessoas para ajudar na cozinha. Não me levem a mal, eu amo vocês e amo botar as mãos na massa todos os dias, mas a demanda está cada vez mais pesada só para nós.

— Isso é verdade — Tati concorda, bebendo mais um pouco.

— Fala sério, qual foi a última vez que nós tiramos uma folga real de quarenta e oito horas, sem falar ou pensar no trabalho? Nem me lembro em que vida nós saímos para nos divertir assim! — Dani demonstra pura empolgação, explorando ao redor do local com olhares predadores. Solto o canudo após sugar mais um pouco da minha piña colada.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, Dani, nós saímos sim — argumento.

Minhas amigas trocam um olhar e, então, Tati toca minha mão que está sobre a mesa, observando-me com uma expressão clara de quem está assoprando antes de morder.

— Ir para a casa umas das outras para ficar de pijama, assistir filmes de animação que nos fazem chorar no final e entupir a cara de pipoca e cupcakes, não é sair, Marcela.

— Exato! — Dani exclama e logo em seguida estala a língua quando me vê revirar os olhos. — Sem querer depreciar suas queridas festas do pijama, amiga, mas eu quis dizer sair para ver pessoas, curtir um som, beber, dançar, descolar um cara gostoso para agitar ainda mais a noite... — Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

solta um longo suspiro e fica com o olhar distante por um momento. — Ah, para hoje ficar perfeito só faltam surgir três gatos pra gente levar pra casa!

Minha amiga leva o copo à boca mais uma vez, e após engolir uma boa dose de margarita, torna a perscrutar o ambiente, com os olhos brilhando de expectativa.

— Ei, me deixa fora dessa! Esqueceu? — Tatiana estala os dedos diante do rosto de Dani, que ergue as sobrancelhas em compreensão e assente.

— Ah, é, Tati, você já tirou seu peixe do mercado — diz, referindo-se ao fato de nossa amiga ter firmado um namoro sério há uma semana. — Desculpa, é que é tão recente e demorou tanto para acontecer que ainda não me acostumei.

PERIGOSAS ACHERON

Dani e eu rimos, enquanto Tati revira os olhos, apesar de estar com uma expressão divertida.

— Sua vaca invejosa. Só fala assim porque o seu último brinquedinho cansou de você e nem quis se dar ao trabalho de te informar.

Isso me pega de surpresa.

— O quê? Como assim? — pergunto para Dani, que mostra a língua para Tati antes de me responder.

— Ah, o babaca do Manuel. O cara com quem eu saí algumas vezes mês passado, lembra? De uns dias para cá, ele começou a inventar desculpas toda vez que eu perguntava se a gente podia se ver, até que eu cansei dessa merda e o mandei catar coquinho. O cara não tem bolas o suficiente para

PERIGOSAS NACIONAIS

terminar numa boa o que quer que estivesse rolando entre a gente e me armou uma dessas pra que eu pudesse tomar a iniciativa.

— Ah, que droga, Dani. — Estalo a língua e olho para Tati, que dá de ombros.

— É, que droga. Mas até que isso nem foi tão ruim assim, sabe? Quando parei para pensar bem, percebi que ele não era lá essas coisas não. O sexo era bem sem graça, por muitas vezes eu não me sentia à vontade... enfim, não perdi nada, só me liberei. Por isso, estou de volta ao modo caça hoje.

— Dani pisca para mim e termina de tomar sua margarita, soltando mais um suspiro após pousar o copo sobre a mesa. — Poxa, eu só queria um gatinho bom de língua no papo e na cama, que me faça sentir confortável, que me faça rir, que me faça contorcer os dedinhos dos pés...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho difícil você encontrar um assim em um bar numa sexta-feira à noite — comento, por pura força do hábito. — Oitenta por cento dos caras sempre serão uns canalhas completos que não têm nada disso aí para oferecer.

— E as minhas chances de pegar algum que faz parte dos outros vinte por cento ficam nulas se eu não sair tentando, né, amiga — ela contra-argumenta. — Enquanto eu não encontro o cara certo, vou me divertindo um pouquinho com os errados. Você deveria pensar nisso também.

Lá vem ela.

Percebo que minhas amigas se inclinam mais em minha direção, aguardando minha reação, exibindo no olhar a esperança de que seja diferente

PERIGOSAS ACHERON

de todas as vezes em que elas sugerem que eu saia pegando qualquer um que apareça na minha frente.

— Minha cota de desgaste emocional na vida amorosa já esgotou, Dani, e você sabe disso.

— Mas a cota de alívio sexual está pedindo socorro!

Sim, está. Mas eu sei que isso não vai se resolver com qualquer um.

Meu desejo só me faz pensar no cara que, há uma semana, me proporcionou uma noite inesquecível e que não tem parado de mandar mensagens pedindo por mais.

Ainda não contei para elas sobre Heitor. A semana foi realmente puxada e eu mal consegui dar atenção à minha promessa de pensar sobre o que

PERIGOSAS ACHERON

ele estava sugerindo. Além disso, sei que abrir o bico para elas significaria perder o foco que foi imprescindível no trabalho nos últimos dias. Já foi luta o suficiente não me deixar distrair completamente com as mensagens que ele vinha mandando, que me faziam sentir cosquinhas de expectativa, mas infelizmente, quem ainda respondeu por mim todas as vezes foi o receio bobo que ainda me trava.

— Para com isso, Dani — digo e termino de tomar minha piña colada. — Estou ótima. Tenho um trabalho maravilhoso, uma família maravilhosa, amigas que são maravilhosas quando não estão criticando a minha vida sexual...

— Não estou criticando a sua vida sexual, amiga. Estou criticando a falta dela — ela explica, e Tati assente, terminando seu mojito. — Você é

foda, uma empresária fantástica, dona do seu nariz, poderosa pra caramba e cheia de amor próprio. Não há mal algum em fazer algo para tirar as teias de aranha que estão aí. Pelo contrário, vai te dar uma qualidade de vida ainda melhor!

Tati ri alto, e eu acabo soltando uma risadinha também, apesar de bufar impaciente.

— Não tenho teias de aranha, Daniela —
defendo-me, sentindo um calor já familiar tomar conta do meu baixo ventre quando penso que, ao contrário do que elas acreditam, não estou fora de ação há tanto tempo assim.

— Vibrador não conta, querida.

— Dani!

— Ah, só estou dizendo!

Minhas amigas continuam rindo, e agradeço internamente por elas não desconfiarem qual o verdadeiro motivo do rubor que toma conta do meu pescoço e bochechas.

— Ok, quem quer uma segunda rodada? — pergunto, já levantando para ir ao balcão do bar pedir mais bebidas.

— Já parei por aqui, amiga. — Tati gesticula para me dispensar. — Vocês sabem que sou fraca para essas coisas e ainda temos que acordar cedo para trabalhar amanhã.

— Eu quero mais uma margarita! — Dani se anima. — Preciso ficar um pouco mais alta para ter coragem de arrumar um brinquedinho melhor hoje.

Sorrio para ela e balanço a cabeça antes de me afastar para ir buscar nossas bebidas. O balcão não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está muito cheio, e na hora em que me aproximo, um dos bartenders aponta para mim, em sua maneira de indicar que posso fazer meu pedido. Inclino-me um pouco sobre o balcão e grito para ele me trazer mais uma piña colada e uma margarita. Ele anota isso na minha comanda e na de Dani e parte para prepará-las.

Apoio os antebraços sobre a superfície larga de madeira enquanto aguardo, olhando ao redor de forma distraída, pensando no que minha amiga falou.

No que diz respeito à beleza, o local está muito bem frequentado. É possível perceber as interações inocentes de quem está fazendo novas amizades, os olhares, risadas e toques de quem tem segundas intenções, e a linguagem corporal que denuncia quem deseja terminar a noite acompanhado. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seria nada difícil me dar bem hoje, mas além da maneira como me sinto em relação a isso, agora há o agravante de não conseguir parar de pensar em Heitor.

Sei que, talvez, seja disso que eu precise para esquecê-lo de uma vez, já que estou relutando tanto, mas... argh, eu sei que, lá no fundo, não quero esquecê-lo. Eu quero... ele. E não sei se é o álcool batendo ou o calor do momento, mas, de repente, não parece uma ideia tão ruim. Quero dizer, é só sexo, não é? Tenho esse medo de acabar colocando o coração na reta de novo e terminar com ele despedaçado, como sempre, mas acredito que não corro esse risco com Heitor. Não há por que eu esperar dele mais do que algumas noites de sexo quente e selvagem para me saciar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ai, Deus. Isso quer dizer que acabo de tomar uma decisão?

Antes que eu comece a hiperventilar sozinha no lugar, sinto meu celular vibrar no bolso do short. Assim que o pesco, a velocidade dos meus batimentos cardíacos aumenta exponencialmente ao ver na tela o nome de quem está me ligando. Até *timing* perfeito o cara tem, puta merda.

Respiro fundo e atendo.

— Oi! Engraçado você ligar agora, eu estava...

— Sua bunda fica deliciosa nesse short.

O quê?

Coloco um dedo no outro ouvido para tapá-lo, certa de que não devo ter entendido direito.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é que é?

— Olha pra trás.

Faço o que a voz rouca e profunda me diz e, então, vejo Heitor de pé, a alguns passos de distância, como o celular pressionado à orelha.

Ele está tão lindo que chega a ser um absurdo. A camisa pólo vermelha abraça, acaricia e esconde o torso espetacular que sei que está por baixo dela, e a calça jeans clara me dá vontade de pedir que ele vire de costas para que seja minha vez de apreciar sua bunda.

Meu corpo reage imediatamente. As cosquinhas no estômago, que pensei já serem desconcertantes o suficiente, se tornam um caos furioso, que faz meu corpo inteiro estremecer. Todas as sensações

viajam por cada parte minha para, então, se concentrarem em um só lugar, que pulsa por ele de um jeito que nunca pulsou por ninguém antes.

Mordo o lábio para segurar o sorrisinho satisfeito que quer surgir quando ele começa a andar em minha direção. Em questão de cinco segundos, ele está diante de mim, encarando-me com aquela expressão sexy e safada de sempre.

Porra...

— Agora você está me seguindo? — questiono, erguendo uma sobrancelha.

Ele recosta-se de lado no balcão.

— Eu ia te perguntar a mesma coisa — responde com um sorriso sugestivo. Meu cérebro está mais incapaz de raciocinar do que nunca, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me passa pela cabeça a mensagem que ele mandou, dizendo que estava comemorando o aniversário de um amigo.

Ah, Daniela, amiga. Se eu já te amava, agora pode me pedir o mundo que eu te dou, por ter insistido que viéssemos para este bar.

— Você bem que queria, não é? — mando de volta, balançando a cabeça e desviando o olhar por um instante. Corro o perigo de perder completamente o fôlego caso olhe para ele por tempo demais.

— Talvez — diz, dando de ombros e inclinando-se um pouco mais em minha direção. Ele está tão cheiroso. — Mas é mais legal acreditar que esse é um jeito de o destino mostrar que você tem que dizer sim à minha proposta.

PERIGOSAS ACHERON

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Proposta. Isso soa meio indecente.

— Não tão indecente quanto as coisas que eu estou pensando em fazer com você ao te ver vestida assim — Heitor diz, bem próximo à minha orelha, fazendo meu corpo inteiro vibrar. — Caramba, gata, essa visão só perde para quando você não está usando nada.

Para confirmar o que diz, ele tomba a cabeça um pouco para o lado e me mede de cima a baixo, devagar, como se saboreasse cada pedaço meu. O desejo brilha em seus olhos, deixando-me a um passo de me jogar em cima dele. Isso acaba fazendo com que o nervosismo que me acomete na boca do estômago traga a Marcela covarde, cheia de joguinhos, à superfície novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Heitor, agora não, tá legal? Eu estou com as minhas amigas — digo e aponto distraidamente para trás, sem ao menos saber se as indiquei direito.

— Quando, então?

Meu braço arrepia inteiro quando ele continua se aproximando e fala muito perto. Olho para ele, fingindo que a distância entre nossos rostos, que se resume a centímetros, não está me afetando.

— Paciência é um dom, querido.

— Fala isso pras minhas bolas azuis — ele rebate, e ouço-o grunhir quando solto uma risadinha e desvio o olhar do seu, levando minha atenção para o bartender, que parece ter sumido dali. No entanto, leva só um segundo para o meu corpo inteiro aquecer mais ainda, porque ele toca

PERIGOSAS ACHERON

meu cabelo, colocando-o atrás da minha orelha, e aproxima os lábios da minha pele. — Sério, eu tô sofrendo aqui, Marcela. Diz que sim, vai. Por favor.

Não me atrevo a virar o rosto para olhá-lo novamente e, nesse exato instante, o bartender traz os meus pedidos.

— Pode fechar essa comanda, por favor? — peço, entregando-lhe a minha. Ouço Heitor emitir um som impaciente ao meu lado, e dou um pequeno passo para o lado, a fim de ter um pouco de espaço para conseguir respirar direito ao tropeçar algumas palavras em sua direção. — E-eu... eu falo com você depois.

— Por quê?

Ele se aproxima novamente, quase me encurralando contra o balcão. Fico tonta por um

PERIGOSAS ACHERON

instante, tanto quanto confusa.

— Por que o quê?

— Por que tem que ser só depois? — indaga, com uma intensidade hipnotizante brilhando em seu olhar e pingando de sua voz. — Por que você tem que pensar? Por que não cede logo de uma vez? E não ao que eu estou pedindo, mas ao que *você* tanto quer?

— E desde quando você sabe tão bem o que eu quero? — desafio, erguendo o queixo.

— Marcela... — O canto de sua boca se estica em um sorriso maroto e seus olhos ardem nos meus, conforme suas próximas palavras ataçam cada vez mais o tesão louco que sinto por ele. — Dá pra ver no jeito com que você olha pra minha boca a cada centímetro que eu me aproximo. Dá PERIGOSAS ACHERON

pra ver no jeito com que seus olhos brilham ao me devorarem, como se fosse impossível não pensar em mim sem roupa. Dá pra ver no seu rubor, na sua respiração pesada... por que está se segurando tanto, linda? Não precisa pensar demais, não precisa ser complicado. Só precisa... ser.

Pisco algumas vezes, desnorteada e inebriada pelo cheiro e presença dele. Suas sobrancelhas se erguem, como se comemorasse vitória por minhas reações corresponderem a tudo o que ele acabou de descrever.

Eu o quero tanto que está começando a doer.

Droga.

— Eu... preciso voltar para as minhas amigas.
— É o que sai da minha boca seca. Não posso abandonar as meninas assim, do nada,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente depois de elas terem comentado quanto tempo faz desde que saímos. Por mais que eu queira, nesse exato momento, segurar a mão de Heitor e deixar que ele me leve para onde quer que seja, não posso agora.

Ou talvez seja só o meu lado covarde insistindo em arrumar desculpas, mas ele ainda não está fraco o suficiente para que eu possa ignorá-lo.

Heitor expira com força, fazendo-me pensar que vai abrir a boca para dizer que cansou das minhas merdas e que ele pode arrumar a mulher que quiser quando quiser, mas sou pega de surpresa por seu sorriso, tão cheio de confiança que chega a me irritar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok. Eu estarei bem ali. Te esperando me pedir pra te levar pra casa. — Ele aponta para uma mesa do outro lado do bar, onde há muitas pessoas rindo e conversando alto. Acho que ele percebe meu espanto, porque logo em seguida, completa: — Eu não vou desistir, gata. Não quando eu sei que você me quer tanto quanto eu te quero.

Ele me lança uma piscadela no instante em que o bartender volta com a minha comanda. Pigarreio e tento me situar, atrapalhando-me um pouco ao enfiar a mão no bolso frontal do short para pegar meu cartão de crédito — odeio andar com bolsas, a não ser por extrema necessidade. Antes que eu consiga sacá-lo, Heitor entrega uma nota de cinquenta reais na mão do rapaz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa comigo — diz, e eu ainda abro a boca para argumentar, mas o cara já está pegando seu troco. Seguro meu copo e o de Dani, preparando-me para me afastar.

— Obrigada — murmuro e sorrio, recebendo um sorriso de volta.

Giro nos calcanhares e tento não tropeçar nos próprios pés ao caminhar de volta à mesa onde estão minhas amigas. Para minha surpresa, há um homem que nunca vi na vida com elas, sentado ao lado de Daniela, que dá risada do que ele deve ter acabado de falar. Coloco sua margarita diante dela e sento-me, tomando um gole generoso de piña colada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha amiga me apresenta ao seu novo amigo, cujo nome nem presto atenção, mas o cumprimento com simpatia. Está óbvio que Dani vai se dar bem hoje, e ele até que não parece ser tão ruim. Consegue fazer o papo fluir com todas nós, paga a rodada de bebidas seguinte e é muito, muito bonito. Me faz pensar na lista de desejos que minha amiga recitou mais cedo.

Bom de língua no papo e na cama, que faça rir, que faça sentir confortável, que faça os dedos dos pés se contorcerem...

Me faz pensar que tenho tudo isso esperando por mim, do outro lado do bar.

Espio algumas vezes sobre o ombro, e em todas o flagro me olhando. Esperando eu dar o sinal verde que ele, presunçoso que é, sabe que darei a

PERIGOSAS ACHERON

qualquer momento.

Abro a boca para dizer às meninas que está na hora de eu ir embora, mas Tati é mais rápida. Ela diz que combinou com o namorado para buscá-la e ir dormir na casa dele, e se levanta ao receber uma mensagem dele dizendo que já a está esperando. Nos despedimos e não leva cinco segundos para que Dani e seu ficante da vez também se despeçam. Sigo-os até o lado de fora e, assim que eles entram em um táxi e partem, aceno para pedir um, também. Peço ao motorista que ligue o taxímetro e me aguarde por uns dez minutos, o que ele faz de bom grado.

Ok. Não pense demais. Não se segure, Marcela.

Você quer! Então, pegue.

Digito uma mensagem em meu celular e envio.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em seguida, volto para o interior do bar, encontrando o olhar de Heitor mais uma vez, que muda gradualmente da decepção para a vitória ao me perceber. Encaro-o por alguns segundos, apenas para fazer mais um charme, e o chamo com um dedo. Assim que o vejo levantar, torno a sair do bar.

Mal dou três passos para a calçada e ele já está ali, diante de mim, lindo de morrer e com um brilho de expectativa no olhar que faz eu me odiar por ter adiado tanto isso.

— Olha o seu celular — ordeno, fazendo-o franzir as sobrancelhas, mas obedecer.

Assim que lê o que enviei, a compreensão passa a tomar conta de sua expressão aos poucos.

— E isso é...

PERIGOSAS ACHERON

— Meu endereço. Amanhã, às nove da noite — informo, fazendo-o abrir um sorriso enorme. — E antes que você comece a se vangloriar, não foi a sua insistência que me fez mudar de ideia. Mas você estava certo quanto a... ceder ao que eu quero.

Ele dá mais um passo em minha direção.

— Então, você realmente me quer.

— Não era você que estava cheio de certeza quanto a isso?

Sua risada parece tão nervosa quanto o estado em que me encontro.

— Bom, sim, mas depois de tanto martírio, preciso checar, né? Sei lá, é quase difícil de acreditar. Você não está brincando com a minha

cara, está?

Heitor estreita os olhos para mim, sondando meu rosto, em busca de algo que confirme sua suspeita.

Então, eu me aproximo mais.

Mais.

E um pouco mais.

Ergo o rosto, sentindo sua respiração bater contra a minha, e mesmo com a pouca iluminação daquele local, consigo ver suas pupilas dilatarem. Meu olhar cai para sua boca, macia, carnuda, corada, e lembrar de seu sabor me faz passar a língua pelos meus lábios. Levo uma mão até seu abdômen, subindo o toque aos poucos por seu peito, até chegar à gola da camisa e brincar com o

tecido ali. O rubor que toma conta do meu rosto nesse momento é pura excitação, e ofego um pouco quando ele pousa uma mão na minha cintura e me puxa para ainda mais perto.

— Parece que estou brincando? — sussurro, agraciando-lhe com um sorriso malicioso quando ele puxa ar entre os dentes.

— Porra, Marcela...

Ao dizer isso, ele procura minha boca com a sua, mas eu me inclino para trás, fugindo de sua investida, e coloco um dedo sobre seus lábios.

— Nana-nina-não, gatinho — digo, fazendo-o grunhir e paralisar a mão que ainda me segura pela cintura. — Amanhã. Meu apartamento. Às nove. Não se atrase. — Aproveito para puxá-lo um pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

pela gola da camisa, de modo que minha boca se aproxime de sua orelha. — E não se masturbe. Guarda tudo pra mim.

Pisco para ele após dar a última palavra e me desvencilho para entrar no táxi. Assim que o faço, vejo pela janela um Heitor a ponto de explodir, encarando-me conforme o carro se afasta, como se eu fosse a pior e a melhor pessoa do mundo ao mesmo tempo.

Ah, ele ainda não viu nada!

A tela do meu celular me diz que são onze e quinze da noite. O que me dá vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos para respirar fundo e não surtar, tanto de nervosismo quanto de ansiedade.

Não que eu esteja contando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Onze

 MARCELA 

Largo o controle remoto sobre o sofá como se ele estivesse em chamas, após desligar a televisão, que pouco me ajudou a controlar o nervosismo que fez meu coração dar piruetas conforme os minutos passavam, desde que cheguei em casa do trabalho.

Acabo de ser informada pelo porteiro, através do interfone, que Heitor está subindo.

20h58. Admiravelmente pontual.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como se eu já não estivesse excitada o suficiente.

Pois é. Aparentemente, o desejo latente de fazer sexo com ele mais uma vez passou a falar mais alto. Estou surpresa comigo mesma por ter conseguido passar mais um dia inteiro sem dar para trás. A inquietação que insistia em me dizer que isso podia não ser uma boa ideia se tornou uma ansiedade gostosa que me perseguiu o dia inteiro.

Vi-me sacrificando meu descanso na hora do almoço para ir fazer depilação. Ao chegar em casa, lancei mão dos meus melhores sais de banho para ficar de molho na banheira por um bom tempo; me hidratei, me perfumei e coloquei um vestido azul-claro de alças, curto e leve — fácil de tirar —, por cima de um dos melhores conjuntos de lingerie que

PERIGOSAS ACHERON

tenho no meu guarda-roupa. Já que vou mesmo fazer isso, não quero que seja nada menos do que incrível.

Bom, isso será, sem dúvida. Talvez até melhor que na primeira vez, depois da pequena tortura à qual o submeti antes de vir embora ontem à noite. Esse pensamento faz com que eu quase me arrependa de estar usando calcinha e sutiã de renda cara, porque não duvido de que aquele safado irá rasgar o troço todo, mas só não valeria a pena se ele não fosse tão bom de cama.

Putá merda. Quem diria que, um dia, eu estaria assim, em casa, ansiosa e cheia de tesão, esperando para transar com Heitor Lacerda? O cara que, por muito tempo, foi para mim apenas o melhor amigo do meu ex-namorado e um mulherengo idiota que

PERIGOSAS NACIONAIS

não leva nada a sério? Sendo esses motivos mais que suficientes para me dar razão quando neguei veemente a possibilidade de transarmos de novo?

É como dizem: o mundo dá voltas. Embora, nesse caso, pareça mais uma capotada das mais catastróficas do que apenas uma inocente voltinha, que não só me fez cair na cama com uma pessoa tão improvável, como me sacudiu a ponto de me fazer ver isso como a melhor ideia do mundo.

Os segundos que faltam até que ele chegue à minha porta parecem ter ficado mais lentos que o normal. O calor de expectativa que toma de conta do meu corpo inteiro me deixa agitada, e remexo-me sobre o sofá, afastando da mente qualquer pensamento covarde.

PERIGOSAS ACHERON

Nós só vamos transar e pronto. Não há nada demais. Somos dois adultos perfeitamente capazes de lidar com isso — mesmo que seja uma capacidade que eu ainda estou trabalhando para melhorar —, com uma química recém-descoberta tão incrível no sexo, que nada mais justo do que se entregar a isso mais uma vez.

Ou dez.

Sem promessas, cobranças ou complicações.

É só sexo.

O melhor sexo do planeta, com alguém que sabe muito, *muito* bem o que está fazendo, trata tudo com leveza, bom-humor e, inusitadamente, me faz sentir confortável por não ser um completo estranho, mesmo que não seja o mais perfeito cavalheiro do mundo; mas, ainda assim, é só sexo.

Pulo no lugar ao som da campainha.

A cambalhota que sinto revirar no estômago é diretamente proporcional à pontada que sinto entre as pernas e ao jeito bobo com que mordo o interior da minha bochecha esquerda, como se eu fosse uma colegial tímida e estúpida.

Mas você é uma mulher segura e determinada, que não vai mais se deixar levar por receios infundados para abrir mão do que quer. Abra logo a porcaria da porta, Marcela!

Assim que o faço, Heitor está diante de mim, com o brilho desejoso de sempre no olhar e o meio sorriso safado nos lábios. Sorrio também, espantando qualquer sensação de desconforto que ameace surgir, e sabendo muito bem que meu rosto corado não esconde o quanto ele me tira o fôlego.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi — digo, abrindo espaço para que ele entre.

— Oi — responde, saindo do caminho para que eu feche a porta.

Ele está lindo, usando tênis, calça jeans e uma camiseta cinza simples, com uma jaqueta preta por cima. Quando ficamos de frente um para o outro novamente, estremeço com seu olhar sobre mim. O semblante de Heitor fica sério conforme me esquadrinha por inteiro.

— Você está linda.

Sua voz grave e rouca reverbera entre nós, deixando a tensão existente ainda mais pesada e palpável. É agora que eu posso pular nele, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez não, porque só então percebo que ele segura uma garrafa de vinho, que estende para mim.

— Obrigada — digo, referindo-me ao elogio.
— E obrigada. — Dessa vez, refiro-me ao vinho, recebendo-o e virando-me para colocar sobre a bancada que separa a minha cozinha da sala. — Bom, err... então... hummm, nós...

Mal consigo balbuciar direito, trazendo uma expressão confusa ao rosto do cara que está sereno demais para o meu gosto. Ontem, sei que teria bastado a mais sutil confirmação minha para que ele me agarrasse contra o balcão do bar. É possível sentir sua intensidade me rodeando enquanto me observa, e não combina nada com sua postura estática e as mãos no bolso.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, aonde você vai?

Sua pergunta faz com que, agora, a minha expressão se torne confusa, enquanto a dele parece se divertir com a minha falta de jeito.

Reviro os olhos ao gesticular em direção à porta do meu quarto.

— O que você acha?

Ele abre um sorriso lindo demais para seu próprio bem.

— Quanta pressa, hein, linda — comenta ao dar alguns passos lentos em minha direção.

— Você não está? — indago quando ele para diante de mim e corre o dedo indicador pela lateral do meu rosto, para afastar meu cabelo e prendê-lo

atrás da minha orelha.

Um gesto tão simples, um toque tão sutil, que me dá arrepios violentos e me deixa ainda mais impaciente diante de sua resistência.

— O que são mais sete minutos para quem esperou sete dias? — O tom irritante de quem tem o controle da situação me dá vontade de empurrá-lo para a parede e bater sua cabeça contra ela antes de puxar sua boca para a minha. Heitor, então, se afasta, e caminha com tranquilidade até à bancada. Inclina-se um pouco e apoia o antebraço sobre a superfície de mármore, recostando-se, despreocupado. — Relaxa, gata. Vem aqui, pra gente curtir um vinho, e me conta como foi o seu dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estreito os olhos para ele, compreendendo qual é a sua. Heitor está tentando me deixar tão louca quanto o deixei ontem, privando-me do que realmente interessa logo de cara. Está me fazendo provar do meu próprio remédio e, quer saber? Essa porcaria é mesmo mais amarga.

Respiro fundo e, sabendo que dois podem jogar esse jogo, caminho até um dos armários para retirar duas taças simples de lá. Coloco-as sobre a bancada e imito sua posição, erguendo uma sobrancelha ao encará-lo.

— Arrastado. Irritantemente lento. Torturante.
— Pronuncio palavra por palavra de maneira incisiva, deixando claro em minha expressão que não estou gostando muito daquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele solta uma risadinha pelo nariz e abre o vinho para nos servir.

— Conheço o sentimento — diz ao me entregar minha taça com bebida e segurar a sua.

Brindamos, deixando o tilintar das taças ecoar no silêncio que nos rodeia. Seu olhar nunca deixa o meu ao darmos goles singelos no vinho, e por isso não perco o momento em que seus olhos parecem escurecer quando o sabor da bebida em minha língua me faz emitir um breve gemido de satisfação.

Droga. Se eu não ficar nua com esse homem em dez segundos, vou entrar em combustão espontânea.

Pouso a taça sobre a bancada e me inclino mais um pouco ao me recostar contra ela, o que faz com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que a alça do meu vestido caia do meu ombro. Um pequeno sorriso de triunfo adorna meus lábios quando Heitor capta aquilo com ainda mais fome no olhar.

— Pensei que estivesse aqui para fazer outra coisa — digo de uma vez, escorregando um pouco o braço para frente, aproximando-me mais dele.

— E estou. Mas por que pular etapas que podem ser tão divertidas quanto selar o acordo?

Ele toma mais um gole de vinho, tão devagar, mas tão devagar, que a bufada que solto em seguida vem acompanhada de um grunhido exasperado.

— Me poupe, Heitor! Acho que já passamos do tempo de ficar fazendo joguinhos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele ergue as sobrancelhas, oferecendo-me uma expressão incrédula.

— Ah, agora *você* quer me falar de joguinhos, Marcela? Depois de ter me torturado por uma semana inteira e me deixado com a porra de uma ereção permanente desde ontem?

A diversão continua presente em seu sorrisinho debochado e no tom de voz, mas fica claro o quanto aquilo realmente o afetou.

— Eu não estava fazendo joguinhos. Pelo menos, não de propósito — defendo-me, com um suspiro. — Eu estava relutante de verdade. Te falei que isso é bem atípico pra mim.

Ele suspira também, diminuindo a distância entre nós. Nossos antebraços ficam a milímetros de se tocarem.

— Eu sei. Eu também não estou fazendo isso. Pelo menos, não de propósito — diz, imitando meu argumento recém-expresso. — Achei que, já que você se sentia assim, o mínimo que eu poderia fazer era te deixar mais relaxada e à vontade, antes de arrancar de você esse vestido tão lindo quanto desnecessário.

Ele dá uma boa checada no dito cujo ao proferir sua última sentença, demorando-se na alça caída que, apesar de não revelar muito devido ao sutiã que continua firme no lugar, representa uma expectativa para lá de excitante.

Inspiro e expiro com força, sentindo ainda mais desejo por saber o que realmente estava por trás de suas aparentes provocações.

— Bem, obrigada por isso, mas eu já estou bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relaxada e bem à vontade — digo, sem impedir minha mão, que pousa na gola de sua jaqueta e o puxa para perto de mim. — E *com* vontade.

Mordo o lábio ao senti-lo cada vez mais próximo, ofegando quando sua mão pousa sobre a minha que o puxa, enquanto nossos rostos ficam tão, tão perto que nossos narizes se encostam por um segundo. Heitor sorri e afasta um pouco a cabeça para olhar em meus olhos.

— Opa, será que o jogo virou? Quem está implorando agora?

Argh!

— Mas que saco, hein! — resmungo, fechando em punho a mão que ainda o agarra para atingi-lo no peito. Seu sorriso triunfante se transforma em

PERIGOSAS ACHERON

uma risada convencida, de quem sabe que está no controle da porra toda.

Ah, não. Dentro da minha casa e na minha vida, quem tem o controle da porra toda sou eu!

Ele dá mais um gole no vinho e abre a boca para fazer mais uma de suas gracinhas, mas nenhum som sai por seus lábios quando ele percebe o que estou fazendo.

— Quer saber? Tudo bem — digo ao dar de ombros e me afastar um passo para trás, conforme desfaço o zíper do meu vestido nas costas. — Desde aquela primeira vez, ficou provado que, quando se trata de nós dois, sou eu que sempre tenho que tomar a iniciativa, não é?

Lanço-lhe um olhar travesso ao puxar as alças para baixo e deixar a peça de roupa cair no chão,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aos meus pés, e fico só de lingerie diante dele. Consigo ver seu olhar esquentar sobre meu corpo coberto apenas pelo sutiã meia taça de renda, vermelho, e pela calcinha minúscula do mesmo tecido e cor, enquanto a boca entreaberta complementa seu estado embasbacado e, ah... *enlouquecido*.

Chuto o vestido para o lado e torno a me aproximar dele. Levo minhas mãos até seu peito e vou subindo devagar, sobre a camisa e sob a jaqueta, fazendo menção de retirá-la.

— Tranquilo. Não tenho problema em ter que fazer is...

Minhas palavras se perdem no instante em que ouço seu rosnado furioso. Mais rápido do que eu possa registrar, ele avança sobre mim e me encosta

PERIGOSAS ACHERON

à parede, fitando-me com luxúria pura. A pontada de expectativa que sinto entre as pernas me faz gemer, e o som acaba se tornando um gritinho baixo de surpresa quando as mãos dele seguram meus pulsos e os prendem acima da minha cabeça com firmeza.

Ah, agora sim!

— Você sabe tão bem como me provocar — ele grunhe, roçando o nariz no meu e com a boca dolorosamente próxima à minha. — E me deixa tão, tão duro...

Para provar o que acaba de dizer, ele impulsiona os quadris em direção aos meus, fazendo-me sentir a ereção deliciosa que implora por alívio.

— Heitor... — lamurio, buscando sua boca, que
PERIGOSAS ACHERON

ele ainda me nega.

— Estou bem aqui.

— Por favor...

Sim, merda! Sim, agora eu que estou implorando!

— Hummm — ele geme, traçando um caminho com a pontinha do nariz pela maçã do meu rosto até à mandíbula. — Por que não me diz o que você quer?

Ele continua a me torturar enquanto luto para encontrar de volta a minha voz. Puxo ar entre os dentes quando sinto sua barba por fazer roçar na pele sensível do meu pescoço, e minha excitação

PERIGOSAS NACIONAIS

fica ainda mais descontrolada quando tento livrar meus braços de sua prisão e não consigo, ficando assim deliciosamente rendida a ele.

— Quero... — Engulo em seco ao começar, chamando sua atenção. Ele ergue o rosto e crava os olhos nos meus, com lascívia, dificultando ainda mais minha tentativa de falar. — Eu quero que você me ajude a lembrar por que isso é uma boa ideia.

— E como eu poderia fazer isso?

Ele fica esperando uma resposta à pergunta sussurrada, encarando minha boca.

— Me beija — peço, ficando na vontade quando busco seus lábios com os meus mais uma vez e ele se afasta.

PERIGOSAS ACHERON

— E só?

— Para começar.

Ah, esse sorriso safado que me deixa sem saber se quero beijá-lo até não sentir mais meus lábios ou jogá-lo pela sacada!

— Oh, entendi — ele assente, deslizando aos poucos suas mãos por meus braços, até alcançar meu colo e meus seios, por onde ele passeia as palmas por um breve instante antes de serpenteá-las para minha cintura e segurar-me firme. — Aqui? — pergunta ao plantar um beijo casto em minha bochecha. — Ou aqui? — Lábios quentes e macios encontram minha mandíbula, próximo à orelha. Arquejo ao segurar seus ombros com a maior firmeza que consigo, sentindo que posso ir ao chão a qualquer momento. — Talvez... aqui?

PERIGOSAS NACIONAIS

A boca habilidosa passa a fazer estragos de um lado a outro do meu pescoço, e a essa altura é simplesmente impossível controlar os sons que saem por minha boca em meio a arfares de prazer.

Levo minhas mãos até sua nuca e, recebendo um gemido rouco em resposta, puxo seu cabelo até que ele erga o rosto e eu possa, finalmente, beijá-lo.

Não há paciência, não há delicadeza, não há cautela.

É pura fome, desejo e desespero.

Nossas bocas se encontram em uma explosão sôfrega, com uma avidez que me deixa completamente sem ar. Seus lábios sugam os meus da maneira mais deliciosa possível e sua língua me

PERIGOSAS ACHERON

deixa louca ao me invadir e acariciar a minha, em total sincronia com a maneira com que nossos corpos se esfregam um no outro.

Retomo minha tentativa de retirar sua jaqueta e a arranco de seu corpo. Percebo vagamente que ele joga a peça em algum lugar e ofego quando separamos as bocas por um segundo, para que eu retire sua camiseta.

Deleito-me com a sensação de sua pele quente contra minhas palmas, explorando seu abdômen quando ele torna a me beijar. Subo as mãos por seu peito e o envolvo pelo pescoço, a fim de trazê-lo para ainda mais perto de mim, e meu gemido é sufocado por sua boca quando o sinto me erguer contra a parede, o que me faz separar as pernas para envolver sua cintura com elas. *Ah, sim!* Estava desesperada por algum tipo de atrito *lá* e, nossa,

PERIGOSAS NACIONAIS

que delícia é senti-lo impulsionando a pélvis contra meu centro enquanto ele chupa minha língua no mesmo ritmo.

— Quarto? — ele murmura contra meus lábios.

— Ali.

Aponto vagamente para a direção em que *eu acho* que fica meu quarto, distraída e ocupada demais em arquejar enquanto suas mãos apertam minha bunda com firmeza e seus dentes mordiscam meu queixo.

Não demora muito até que eu sinta a maciez do meu colchão e meus lençóis, já tão familiares para mim, contra minhas costas, acompanhado do peso muito bem-vindo de um corpo másculo, quente e firme sobre o meu, que se afasta rápido demais para meu gosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor fica de pé e vejo-o remexer os pés, retirando os tênis, e logo sua calça toma o mesmo destino. Mordo os lábios ao admirar seu corpo escultural, rígido e macio na medida certa, bem definido nos lugares perfeitos, e o desejo pulsa em mim quando não faço a mínima questão de disfarçar ao dar uma boa checada em sua cueca voluptuosamente bem preenchida. Porra, o homem é gostoso para cacete!

Heitor retorna devagar até mim, devorando-me com os olhos, demonstrando de maneira bem clara o quão satisfeito ele está com a minha escolha de lingerie. Contorço-me ao sentir sua boca logo abaixo do meu umbigo, onde ele deixa um beijo molhado antes de subir por minha barriga, idolatrando com os lábios e língua cada centímetro de minha pele, que está pegando fogo, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas mãos acariciam todo lugar que consegue alcançar. Agarro seus cabelos ao sentir seu rosto subir por meu colo, deleitando-me com o jeito que sua barba me arranha, e gemo satisfeita quando sua boca torna a devorar a minha.

Heitor nos gira na cama por um instante, deixando-me por cima enquanto desfaz o fecho do meu sutiã. Aproveito para mordiscar seu queixo e beijar seu pescoço antes que ele se livre da minha peça íntima e torne a ficar por cima, para tornar a descer beijos por meu colo até meus seios desnudos.

— Você não faz ideia do quanto eu estava louco pra sentir esse corpo delicioso assim de novo — ele sussurra contra minha pele, e eu gemo alto quando sinto sua boca quente em meu mamilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Impulsiono os quadris em direção a ele, sentindo o desespero por alívio ficar cada vez maior, e estremeço quando sua mão desliza por meu corpo até à calcinha para retirá-la. Seus lábios ainda sugam meus seios quando sinto seus dedos entre minhas pernas, e posso jurar que o som que ele emite contra minha pele e reverbera por todo meu corpo não é nada menos que um rugido.

— Porra, Marcela! Adoro sentir essa boceta tão molhada pra mim.

— Ah, sim... isso! — entoo, junto a um suspiro satisfeito que me escapa quando ele mordisca meu lábio inferior bem, bem devagar.

— Hummm, você quer mais? — incita, e me faz soltar um gritinho ao me segurar firme pela cintura e me arrastar um pouco mais para cima na

PERIGOSAS ACHERON

cama, a fim de facilitar o acesso de sua boca entre minhas coxas. — Ah, eu preciso te sentir na minha língua de novo, gostosa...

Sinto a vibração de sua voz contra minha pele conforme ele beija a parte interna sensível das minhas coxas e murmura palavrões desconexos ao ficar cada vez mais próximo de onde preciso tanto dele. Agarro o lençol com força e, ao sentir que ele parou, olho para baixo, encontrando sua atenção focada em mim para me observar conforme sua língua finalmente encontra minha boceta. *Putaquepariu...*

Arqueio o corpo com aquele contato quente e molhado, que está me transformando em uma máquina de gemidos desesperados. A maestria com que ele movimentava a língua por entre meus *lábios*, subindo e descendo, demorando-se no clitóris e

chupando-o devagar, antes de repetir a sequência, é a fórmula perfeita para um orgasmo incrível, mas esperei demais por isso e, nesse momento, eu estou a fim de foder.

Puxo seus cabelos para que ele interrompa o que está fazendo, e ergo o tronco para sentar e puxar sua boca para a minha, conforme apalpo o volume em sua cueca. *O que essa coisa estúpida ainda está fazendo aqui?*

— Heitor — sopro contra sua boca, que emite gemidos muito sensuais com minha palma agora em contato direto com seu membro, que pulsa e parece ficar cada vez mais duro conforme o acarício da base até à ponta. — Eu quero gozar com o seu pau dentro de mim. Me fode logo de uma vez.

A urgência de senti-lo fica quase insuportável, mas felizmente, estamos na mesma página, porque em questão de poucos segundos, sua cueca some e o aguardo vestir a camisinha que pega no bolso da calça jogada no chão.

Minha boca saliva ao ver seu pau tão pronto para mim e, ao olhá-lo com minha melhor expressão “vem me comer”, abro ainda mais as pernas em um convite óbvio, que faz Heitor me penetrar de uma vez.

— Porra! — O jeito com que ele me preenche e começa a se mover bem aos poucos, como se estivesse matando a saudade e quisesse saborear cada segundo, me faz gemer junto com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Impulsiono os quadris para cima, pedindo por mais, e o sorriso descarado que ele me lança ao sentir minha ânsia me faz pensar que estou prestes a cair em mais uma sessão de tortura. Antes de pagar para ver, reúno toda a força que consigo para inverter nossas posições, o que não é tão difícil porque, ao ver minha intenção, Heitor me coloca por cima de muito bom grado.

— Isso, gata! Me cavalga até a gente gozar.

Jogo a cabeça para trás e deixo um gemido escapar na mesma intensidade, porque senti-lo assim, por completo, atingindo todos os lugares certos, e deter o controle para fazer com que seja muito gostoso para nós dois, é extasiante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As mãos dele agarram minhas coxas, minha bunda, minha cintura, acariciam meus seios, me puxam para beijá-lo, conforme subo e desço em seu pau, gemendo descontroladamente. A gana com que guio os movimentos é tanta que não demora até que eu sinta minhas pernas reclamarem um pouco devido ao esforço, mas nada suficiente para que eu queira parar e passar a bola para ele até chegarmos ao orgasmo.

É, no entanto, suficiente para me fazer lembrar de uma coisa, no momento em que diminuo um pouco o ritmo para rebolar sobre ele enquanto reúno mais forças para continuar.

Há uns quatro meses, Dani me arrastou até um estúdio de ioga, porque ela não queria fazer aula sozinha. Somente ao chegar lá, entendi o motivo. Não era ioga coisa nenhuma. Eram aulas de

PERIGOSAS ACHERON

pompoarismo, pelas quais ela já havia pago pelos primeiros dois meses para mim e para ela, para que eu não fugisse.

Foi bem, hã... estimulante. Aprendi de forma bem básica a treinar músculos internos vaginais de uma maneira que eu não sabia que seria possível, e algumas manobras para fazer na hora do sexo, antes de ficar tão atolada de trabalho e não dar as caras por lá há várias semanas.

E, agora, parece que o pequeno investimento finalmente vai valer a pena.

Apoio as mãos sobre o peito de Heitor, arranhando um pouco a pele, e sinto-o apertar meu quadril ao impulsionar a pélvis para cima. Tomada por uma onda de devassidão, abaixo-me para enfiar a língua em sua boca por um breve instante,

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando-o com uma expressão ainda mais desejosa quando me afasto e quico mais uma ou duas vezes.

Assim que paro, com todo o seu comprimento dentro de mim, concentro-me em lembrar os movimentos que treinei bem pouco, mas talvez ajudem a fazer um belo estrago.

Estrangular, sugar, torcer, travar...

Contrair os músculos internos da vagina...

Prende. Solta. Prende... segura.

Isso!

Que sensação maravilhosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta que pariu, Marcela! — É, acho que Heitor curtiu também. Aproveito para fazer isso mais uma vez e, então, movimento o quadril para frente e para trás, sentindo o atrito do seu osso púbico contra meu clitóris. *Ai, nossa...* — Que delícia, gata, que delícia...

Apoio bem as mãos em seu peito e o cavalgo mais algumas vezes, antes de cessar os movimentos, contrair os músculos ao redor dele com mais intensidade e rebolar com mais vigor. Ah, sim! Estou perto, muito perto...

— Merda, assim eu não aguento! — Heitor chia, e seu rosto contorcido de prazer me deixa ainda mais à beira do abismo.

Seguro uma de suas mãos e levo até o ponto por onde estamos conectados.

PERIGOSAS ACHERON

— Me toca, gato. Me leva com você.

E ele faz isso com tamanha habilidade que me incentiva a pular em seu colo cada vez mais rápido, até que as convulsões do orgasmo começam a tomar conta do meu corpo inteiro. Minhas forças se esvaem aos poucos conforme gemidos descontrolados ecoam pelo quarto, junto ao barulho de nossos quadris se chocando quando ele me segura com uma pegada de outro mundo e dá as últimas estocadas, até gozar também.

Deixo o corpo mole cair por cima dele, e sinto sua respiração pesada voltar ao normal aos poucos, conforme tento recuperar meu próprio ar. Sinto-o afastar meu cabelo do ombro e enfiar o rosto em meu pescoço, mordiscando o lóbulo da minha orelha conforme a mão escorrega até minha bunda. Suspiro, saciada, e ergo a cabeça para me deparar

PERIGOSAS NACIONAIS

com seus olhos nublados de satisfação e o sorriso preguiçoso, que cubro com um beijo breve antes de deslizar para o outro lado da cama.

Deito de barriga para cima, com os olhos fechados e sorrindo feito uma idiota, e não demora muito até que eu o sinta pairar sobre mim.

— Tudo bem, gata. Eu te perdoo.

Suas palavras me fazem abrir os olhos e encarar sua expressão marota.

— Me perdoa? — inquiri, erguendo uma sobrancelha.

— Sim, por ter me privado disso a semana inteira.

PERIGOSAS ACHERON

Rio de sua explicação, enquanto ele beija meu queixo.

— E agora você me perdoa?

— Aham. Porra, valeu muito a pena esperar.

— Também acho.

Ele me beija devagar, saboreando sem pressa a maneira primorosa com que nossos lábios e línguas se encaixam e se movem. Puxo seu corpo mais para mim e deixo minhas mãos se perderem por entre seus cabelos macios e desalinhados, até não sobrar mais fôlego entre nós a ponto de nos obrigar a interromper o momento.

Heitor pousa a testa na minha e diz que vai ao banheiro. Encaro o teto por alguns segundos, ainda inebriada, e viro-me de lado, ficando de costas para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta do quarto e sentindo as pálpebras pesarem um pouco.

No entanto, balanço a cabeça para espantar o cansaço precoce, porque quando ele volta para a cama e se aproxima por trás de mim, beija minhas costas, meu pescoço, aperta meus seios, desliza a mão até meu sexo, que já estava sentindo sua falta, e empurra o pau semiereto contra minha bunda, sei que é hora da segunda rodada.

PERIGOSAS ACHERON



Doze



HEITOR



Um barulho distante me desperta.

A princípio, aperto os olhos para a claridade insistente que invade o quarto, e levo um segundo até me lembrar de que não estou na minha cama. Ergo a cabeça e levanto aos poucos, deparando-me com um cômodo aconchegante que não parece em nada com o meu quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava muito *entretido* ontem à noite para conseguir prestar atenção aos lençóis impecavelmente brancos da cama *queen size*, ou ao tapete felpudo vermelho entre ela e o guarda-roupa enorme com portas fortes de madeira cinza. Olho para o lado e encontro um criado-mudo de poucas gavetas, com objetos pessoais bem organizados sobre ele, e há uma mesa embutida à parede onde há um espelho, e está cheia do que parecem ser produtos de beleza e um monte de outras coisas que não vou ficar tentando adivinhar o que são, porque, para começo de conversa, acho que eu nem deveria mais estar aqui.

Putá merda, que horas são?

E cadê a Marcela?

PERIGOSAS ACHERON

Ouçõ uma movimentação vinda do lado de fora do quarto, e abaixo-me para pegar minha calça, que está no chão. Assim que a visto, lembro que minhas outras peças de roupa ficaram na sala, onde Marcela as arrancou antes que viéssemos para cá. Esse pensamento me traz um pequeno sorriso ao rosto, rendendo-me ao triunfo de ter conseguido o que vinha desejando a semana inteira.

E, porra, a noite passada conseguiu ser ainda melhor do que a primeira vez que transamos.

Bocejo e esfrego os olhos conforme saio do quarto. São poucos passos até que eu chegue à sala e, enfim, aviste Marcela, que está na cozinha, de costas para mim. Aproveito para dar uma bela conferida em sua bunda, coberta por um short

preto, curtinho e colado, e sorrio por já antecipar sua possível reação quando me pegar no flagra — e também porque é uma bunda gostosa para caralho.

Ela está usando um avental, amarrado sobre uma regata cinza bem folgada, e os cabelos estão presos em um coque desalinhado no alto da cabeça. A bancada de mármore está repleta de tigelas com ingredientes e vários utensílios que não consigo identificar. Marcela parece bem concentrada no que quer que esteja fazendo, pois não percebe minha presença por um bom tempo. O que, na verdade, até que funciona perfeitamente para mim, porque a paisagem está extraordinária.

Após mexer um pouco aqui e ali, pegar algo no armário mais alto, e murmurar algumas coisas baixinho para si enquanto age, ela finalmente vira de frente para mim. Segurando uma tigela de

PERIGOSAS NACIONAIS

plástico, que contém algum tipo de mistura cremosa que ela mexe sem parar, Marcela ergue as sobrancelhas e sorri para mim.

— Bom dia, Belo Adormecido — diz, divertida, colocando o recipiente sobre a bancada e continuando a misturá-lo.

— Bom dia — respondo, dando um passo à frente. — Hã, que horas são?

— Quase onze da manhã — ela me informa após espiar o celular. — Você é bem dorminhoco.

Marcela ainda sorri e, após fazer seu comentário, apenas volta sua atenção ao creme que está misturando. Acho que deve estar pensando o mesmo que pensei quando acordei: eu nem deveria mais estar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Err, foi mal, eu já deveria ter ido embora — digo, coçando a nuca. Percebo que ela ergue a cabeça para me olhar novamente. — Só preciso encontrar as minhas roupas e...

— Ei, calma. Eu não estava te expulsando, não, relaxa — ela diz, rindo como se eu estivesse sendo ridículo. — Peguei a sua roupa do chão e coloquei no sofá. — Ela aponta para o móvel com a espátula que segura.

— Valeu — digo, aliviado por ela não achar que ultrapassei algum limite.

Não chegamos a estabelecer nenhum, na verdade, além do combinado de mantermos isso somente entre nós, mas também não é como se eu

PERIGOSAS ACHERON

devesse chegar assumindo que, ao me convidar até o seu apartamento para fazermos sexo, ela me permitiria ficar até tão tarde no dia seguinte.

Que bom que isso não é um problema, porque eu não estou com a mínima vontade de me despedir dela agora.

Pego a jaqueta e encontro meu celular, que estava esse tempo todo no bolso dela. Rolo pela tela de forma distraída, vendo que há algumas mensagens que posso responder mais tarde, e nenhuma ligação perdida. Depois que me inclino para recolher a camiseta, volto a olhar para Marcela e a pego me encarando.

Leva alguns segundos até que seu olhar, que devora meu torso nu de maneira que me dá uma vontade louca de atravessar a pequena sala de uma

PERIGOSAS NACIONAIS

vez e satisfazer seu desejo óbvio, encontre o meu e desvie no mesmo instante. Ao olhar para baixo, ela percebe que a espátula não está dentro do creme, como antes, e sim sobre a bancada, fazendo uma pequena bagunça na superfície já um pouco suja de farinha.

Ela até tenta disfarçar, mas sabe que é tarde demais. Ao ouvir minha risada, ela torna a erguer o rosto, lançando-me um olhar do tipo “ah, foda-se, estava babando mesmo”.

— Hã... — ela começa, olhando de um lado a outro da bancada e mordendo o interior da bochecha por um breve momento. — Se você não estiver com muita pressa, hum... eu tenho café da manhã.

PERIGOSAS ACHERON

Sua expressão é um tanto inocente ao dizer aquilo, o que deixa ainda mais divertido o fato de a minha se encher de malícia ao fitá-la como se estivesse, realmente, cobiçando uma refeição. Marcela percebe, é claro, e ao invés de jogar algo em mim, como penso que vai fazer, apenas abre o sorriso mais lindo desse planeta e balança a cabeça, voltando a bater o creme.

— Eu não seria louco de recusar um convite desses — digo, já sentindo os efeitos abrasadores que essa mulher causa em mim, principalmente nos países baixos. — Posso usar o seu banheiro antes?

— Claro. Tem toalhas e uma escova de dentes extra no armário embaixo da pia, se quiser.

— Obrigado. Volto já.

Após tomar um banho muito rápido e escovar
PERIGOSAS ACHERON

os dentes, tomo a liberdade de deixar minha camiseta e a jaqueta penduradas em um cabide no banheiro, colocando de volta somente a calça e sabendo que minha cueca ainda está jogada pelo quarto. Desnecessário me vestir todo sabendo que não vai demorar muito até que eu esteja pelado de novo, não é?

Um sorriso maquiavélico insiste em enfeitar meu rosto conforme caminho de volta para a cozinha. Dessa vez, encontro Marcela colocando o creme, que agora percebo ter uma coloração verde clara e homogênea, em um pequeno saco plástico transparente, que tem um bico de aço na outra extremidade. Observo o momento em que ela esvazia a pequena tigela com a ajuda de uma colher e torce a ponta do saco; isso acaba fazendo com que um pouco do creme fique em seus dedos. Acredito que isso não deveria acontecer, porque ela

xinga baixinho antes de levar o polegar à boca e chupar, logo suavizando a expressão e transformando-a em prazer.

Porra. Como eu pude pensar que não tinha como essa mulher ser ainda mais sexy?

Vê-la em ação enquanto realiza sua mágica com doces está me deixando tão excitado quanto me senti quando ela tirou a roupa ontem e ficou, toda deliciosa, de lingerie vermelha diante de mim.

Aproximo-me devagar, deixando-a ciente da minha presença somente quando paro por trás de seu corpo e beijo seu ombro. Minhas mãos serpenteiam por seus quadris, e meu pau se contorce ao encostar em sua bunda perfeita.

Marcela vira o rosto e me olha com surpresa ao abrir a boca para dizer alguma coisa. No entanto,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vejo o instante em que ela engole qualquer palavra que pensava em proferir quando trago seu dedo indicador até minha boca e sugo o doce remanescente ali. O sabor mentolado me faz entender o porquê do tom verde, e é tão gostoso que fecho os olhos ao gemer.

— O que você está fazendo? — Marcela pergunta, embora seja bem óbvio, porque enfio o rosto em seu pescoço e ataco a pele arrepiada com beijos famintos. O fato de ela estar com os cabelos presos facilita meu acesso, e rodeio por sua nuca até o outro lado do pescoço, enquanto sinto-a ceder cada vez mais o corpo contra o meu e respirar de forma errática.

— Café da manhã — sussurro ao chegar à sua orelha, deixando uma mordida lenta no lóbulo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estava falando sobre café da manhã de verdade, Heitor — ela diz, com a voz risonha e afetada, ao mesmo tempo em que remexe a bunda contra minha já crescente ereção ainda presa pela calça.

— Tudo o que eu quero comer está bem aqui.

Minhas palavras lhe arrancam risadinhas e a viro de frente para mim assim que ela solta o que está segurando. A mordida que ela dá no próprio lábio ao encarar minha boca, com o desejo reluzindo em seus olhos, é a última coisa que vejo antes de descer meus lábios nos seus.

Marcela envolve meu pescoço e me puxa mais para si, conforme o beijo esquenta, e o pequeno gemido que ela emite quando a premo contra a

bancada me faz chupar sua língua com ainda mais fome.

Fome.

A sincronia de seus lábios deliciosos contra os meus logo se torna um sorriso, seguido de uma risada descontrolada, quando um barulho terrível vem do meu estômago. Porra, isso é hora do meu organismo me trair?

— Por mais que eu não seja nada contra a sua ideia de café da manhã, acho que não vai dar jeito nisso — Marcela diz, apontando para a minha barriga com o olhar. Reviro os olhos e expiro com força pelo nariz, rindo com ela ao encostar a testa na sua.

— Que droga — resmungo, ainda segurando-a pela cintura. A ideia de tirar minhas mãos dela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora não me é nada atraente.

— Tem que se alimentar para repor as energias, gatinho. — Ela roça o nariz no meu e, quando torna a falar, sua voz é um sussurro contra meus lábios. — Afinal, eu te dei uma canseira tão grande que te fez dormir até agora pouco, não é?

O rosnado que emito acompanha o movimento que minhas mãos fazem para tocá-la nas costas por baixo da camiseta, sem ter muito acesso devido ao nó do avental.

— Você não está ajudando.

Marcela dá mais uma risada e me empurra.

— Você vai ver que estou sim, quando sentar bonitinho pra comer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela vira de volta para a bancada antes que eu possa agarrá-la mais uma vez, então me conformo em dar um tapa em sua bunda antes de dar a volta no balcão e sentar no banco alto em frente a ele. Meu estômago ronca mais uma vez quando vejo o prato generoso de ovos mexidos e torradas com geleia. Sirvo-me com café e Marcela me indica os potinhos com açúcar e leite, caso eu queira, e agradeço antes de começar a devorar tudo.

Enquanto mastigo e o tesão se acalma por alguns instantes, permito-me dar uma olhada ao redor, encontrando um apartamento pequeno, arrumadinho e com o essencial. A paixão de Marcela pelo trabalho com confeitaria está vários detalhes que consigo perceber agora que não estou focado unicamente em fodê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua bancada espaçosa tem um fogão *cooktop* moderno, e a cozinha é equipada com uma geladeira enorme e um forno super transado. Vários armários em tons de rosa, vermelho e cinza, que combinam até com o avental que ela usa, onde está escrito “*Bake, baby, bake!*”, e com os pequenos quadros pendurados nas paredes, com os dizeres “Eu decoro bolos. Qual é o seu superpoder?” e “Faça cupcakes, não faça guerra”.

Ah! Cupcakes!

É isso que ela está fazendo com toda a reviravolta de utensílios, recipientes, batedeiras, formas, sacos e bicos que estão sobre a bancada. Eu estava tão concentrado no calor que sinto na virilha ao devorar seu corpo com os olhos, e em tentar comê-la aqui mesmo na cozinha, que não me toquei do que aquilo tudo se trata.

PERIGOSAS ACHERON

Dou mais uma mordida na torrada e observo conforme Marcela segura o saco com bico sobre os bolinhos, que estão em uma bandeja na bancada, e despeja a cobertura de forma cuidadosa e impecável. Consigo contar doze cupcakes, e ela põe o creme verde sobre quatro deles. Ao terminar, ela muda para outro saco que já contém outra cobertura, dessa vez da cor branca, e concentra-se ao fazer voltinhas perfeitas na superfície de outros quatro bolinhos.

Acabo sorrindo diante das expressões que ela faz ao trabalhar. A pontinha da língua se projeta para fora, no canto da boca, e assim que vê a missão perfeitamente cumprida, parece respirar de alívio e sorri consigo mesma, orgulhosa. Pergunto-me se ela tem noção de que está fazendo isso.

Pergunto-me se ela tem noção do quão linda é.

— O que foi? — Pisco quando ouço sua voz.

Sua mão segura o terceiro saco de confeitaria, com cobertura cor-de-rosa, e sua expressão está curiosa para entender por que a estou encarando como se estivesse fora de órbita.

— Nada. — Balanço a cabeça e tomo um último gole de café. — Pensei que você não trabalhasse aos domingos, mesmo que tenha usado essa desculpa para sair correndo do hotel semana passada.

— Você tinha que lembrar disso, não é? — É sua vez de balançar a cabeça. — Não, eu não trabalho aos domingos.

— Ah, então devo assumir que as suas sobremesas de café da manhã são sempre tão especiais assim? — Aponto para o que me refiro, e

PERIGOSAS ACHERON

ela apenas dá de ombros.

— Nah. Eu só gosto de fazer cupcakes.

— Mesmo nos dias de folga?

— Especialmente nos dias de folga. — Ela termina de confeitar o último cupcake e, ao ver minha expressão inquisitiva, pousa o saco sobre a bancada. — Fazer cupcakes, para mim, funciona da mesma maneira que... sei lá, meditação. Me acalma, mantém meus pensamentos alinhados, minha mente mais focada, e eu adoro testar novas receitas e aperfeiçoar as que já conheço.

— E você faz isso absolutamente todos os dias?

— Não. Acabo fazendo no trabalho também, mas lá o meu foco são os bolos da loja e das encomendas. Minhas amigas, que também são

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sócias do negócio, é que acabam ficando com os outros doces, na maioria dos dias.

— Outros doces, é? O que mais tem na sua confeitaria? — inquiri, curioso e fascinado.

— Além dos bolos inteiros, fatias, de pote, *naked* e com cobertura, temos tortas doces e salgadas, cookies, brigadeiros, cupcakes e donuts.

— Uau! Que máximo. Esse lugar deve ser um sonho.

— Ah, é sim — ela assente e sorri. — Aqui. Quer experimentar? — pergunta, segurando um cupcake com cobertura branca e trazendo-o em minha direção.

— Nem precisa perguntar — digo, segundos antes de dar uma mordida generosa no doce.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse tem massa simples, recheio de creme de avelã e cobertura de *cream cheese* — ela explica, e eu deliro ao mastigar e sentir tudo o que ela descreve.

— Nossa... bom pra caralho! Nunca pensei que *cream cheese* com creme de avelã pudesse ser uma combinação tão boa.

— Não é? Também adoro. É um dos meus favoritos — ela diz, e começa a rir do jeito com que eu devoro o restante.

Marcela, então, pega um com a cobertura verde e dá uma mordida. A expressão de deleite que toma conta de seus traços me deixa muito curioso para experimentar.

— E esse aí? É de quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chocolate, com cobertura *buttercream* de menta com gotas de chocolate — explica, mordendo mais uma vez e gemendo diante do sabor.

— *Butter...* quê? — questiono, fazendo-a rir.

— *Buttercream*. É um tipo de cobertura feita de manteiga e açúcar de confeiteiro batidos, uma colher de leite e algumas gotas de essência de baunilha — ela explica. — Você tem que experimentar esse! — incentiva, empurrando um para mim.

Mais uma festa de sabores celestiais na minha boca.

— Uau! É um melhor que o outro! — comento e Marcela assente, terminando seu cupcake.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esse eu fiz pela primeira vez hoje. Muito bom, né?

— Delícia! — afirmo ao comer o último pedaço. — Você manda bem demais.

Meu comentário a faz dar um sorrisinho de triunfo, apesar de suas bochechas corarem um pouco.

— Eu sei — responde, assumindo uma expressão convencida. Sorrio. — Agora esse aqui: cupcake de baunilha, recheado com um pouco de geleia de morango e cobertura *buttercream* de frutas vermelhas.

Em vez de pegar o doce de sua mão, seguro seu pulso e o trago até minha boca, para que eu possa mordê-lo. O cupcake, não o pulso. Apesar de ser essa a minha vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta merda... — gemo ao mastigar mais massa fofinha e cobertura cremosa e consistente. — Olha, não sei decidir qual é o melhor.

— Não tem como! — ela completa, levando-o até a boca para dar uma mordida.

— Ei! Esse é meu! — protesto, trazendo sua mão de volta para que eu possa comer o restante. Marcela gargalha quando eu quase engulo a forminha também, tamanha é a minha voracidade, mas seu riso cessa quando seguro seu pulso e beijo sua palma.

Percebo que ela não faz isso devido ao contato, mas sim porque acabo de notar que ela tem uma tatuagem ali. É pequena, bem simples, na parte

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

interna do pulso, e contém o desenho de dois cupcakes ao redor da letra S em caligrafia rebuscada.

A curiosidade acaba falando por mim, antes que eu possa me conter.

— S? É um S mesmo? Ou é tipo o brasão do peito do Superman e da Supergirl, que parece um S, mas não é um S?

Minha pergunta idiota traz o sorriso de volta ao seu rosto, que permanece suave quando ela responde.

— É um S. De Sandra. Minha mãe.

— Ah — assinto, ainda segurando sua mão. — Vocês devem ser muito próximas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, nós éramos — ela confirma, e o tempo verbal utilizado em sua resposta me alerta. — Ela morreu há onze anos.

Meu polegar faz um carinho no dorso de sua mão quando sinto que, mesmo que ela fale com naturalidade, porque esse é um fato impossível de reverter, há resquícios de pesar. Sei bem como é isso.

— Sinto muito, Marcela.

— Tudo bem — ela diz, encarando sua mão que ainda está na minha. — Foi bem difícil, mas já faz muito tempo. E é assim que eu a carrego sempre comigo. — Ela traceja a tatuagem com a pontinha do dedo indicador. — Foi dela que herdei minha paixão por confeitaria. E o vício por cupcakes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O sorriso saudoso me faz sorrir também.

— Ela deve estar muito, muito orgulhosa de você.

— Espero que sim.

— E, olha, muito obrigado pela melhor sessão de degustação de cupcakes que já tive na vida! Sempre que precisar de alguém pra testar essas delícias, estarei à disposição.

Marcela dá risada e recolhe a mão.

— Quero ver se vai pensar assim no dia em que provar algum que, por acaso, fique ruim. Aposto que vai ficar traumatizado.

— Impossível, gata! Tudo que você faz é gostoso.

PERIGOSAS ACHERON

Seu olhar acende diante do meu comentário, porque fiz questão de usar meu tom sugestivo que denuncia o teor malicioso de cada palavra, apesar de também estar me referindo aos seus doces sensacionais.

Ela sustenta meu olhar, erguendo uma das sobrancelhas como se estivesse pensando em coisas bem pervertidas. Isso é mais que suficiente para me fazer sentir uma fígada de expectativa na virilha.

— É mesmo, é? — ela inquire, prendendo o lábio inferior com os dentes ao desamarrar o avental.

— Vai tirar a roupa pra mim de novo? — pergunto, com a voz rouca, recebendo um sorriso perverso em resposta.

Confesso que eu até estava curtindo seus
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

joguinhos e torturas de antes, apesar de ter sentido medo de desenvolver algum problema sério de bolas azuis, e sabia que, assim que ela se entregasse, seria o paraíso na Terra para nós dois. Mas isso está sendo muito melhor do que eu poderia prever.

Marcela tem um lado depravado e desinibido, que demonstra claramente que ela adora sexo tanto quanto eu, e ela parece cada vez mais à vontade em mostrá-lo para mim. Com gestos, como lambe os lábios devagar conforme dá a volta na bancada e vem até mim, dando uma boa cobiçada no meu peito nu; e com ações, como deslizar a mão por minha coxa até o cós da calça, enquanto o rosto excitado se aproxima do meu o suficiente para sussurrar bem perto da minha boca:

PERIGOSAS ACHERON

— Na verdade, acho que tenho uma ideia melhor.

Seus dentes raspam em meu lábio inferior antes que sua língua ávida me invada, trazendo à tona tudo o que me faz ficar insanamente excitado por ela. Puxo-a mais para mim, dessa vez conseguindo arrastar as palmas por sua pele macia e quente por baixo da camiseta, enquanto devoro sua boca, que está ainda mais deliciosa com toda a festa doce que acabamos de fazer ao comer cupcakes.

Assim que faço menção de puxar sua blusa para retirá-la — principalmente depois de descobrir, com minha minuciosa exploração por seus peitos, que ela não está usando sutiã —, Marcela para de me beijar e se afasta, puxando-me pelo cós da calça para me fazer ficar de pé. Olhando-me sob os cílios e lançando-me um sorriso que deixa claro que algo

PERIGOSAS NACIONAIS

muito, muito gostoso está prestes a acontecer, ela me conduz até o sofá. Minhas mãos, incapazes de se controlarem perto dela, agarram seus quadris novamente, mas ela me empurra para o móvel, rindo quando solto um grunhido.

Ela monta sobre mim devagar, sem me impedir, dessa vez, de agarrá-la pela cintura. Antes que sua boca alcance a minha, arranco sua camiseta pela cabeça, gemendo quando seus peitos deliciosos ficam diante de mim, implorando por minha língua.

No entanto, quando me inclino, sedento, para colocar um mamilo gostoso na boca, ela me segura pelos ombros e me faz recostar contra o sofá.

— Calma, gato. Não quer saber o que eu tenho em mente? — instiga, arranhando meu peito ao descer as mãos até a minha virilha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se o que você tem em mente é me torturar até que eu entre em combustão espontânea, não — grunho, sentindo seu sorriso contra meu pescoço, onde ela distribui beijos molhados.

— Garanto que você vai gostar. Fica quietinho e aproveita — diz, bem ao pé do meu ouvido, antes de tornar a me olhar. — Bom, acho que vai ser impossível você ficar quietinho, mas deu pra entender o recado, não é?

A piscadela que ela me lança me faz impulsionar a pélvis para cima, em busca de contato com seu calor, que consigo sentir mesmo através das camadas de roupa que ainda usamos.

— Você vai me enlouquecer, mulher...

— É só o que eu quero fazer.

PERIGOSAS ACHERON

Deixo que ela me tenha à sua mercê, mas me recuso a não tocá-la. Acaricio suas coxas conforme ela desce beijos do meu queixo até o pescoço, serpenteando o corpo para baixo. Seus lábios macios e língua quente provam cada centímetro do meu peito e abdômen, e meu pau se contorce dentro da calça quando a vejo deslizar para fora do sofá, ficando de joelhos em frente a mim. Seu olhar fica preso ao meu quando ela desfaz o botão e começa a abrir o zíper, libertando-me em segundos, e eu a ajudo a retirar essa peça de roupa estúpida do caminho.

Marcela continua a me olhar, arrastando as palmas e as unhas levemente na parte interna das minhas coxas, aproximando seu toque aos poucos do meu amiguinho ereto e duro feito pedra que está diante dela. Quando ela finalmente me envolve com sua palma, pela base, deixo que meu gemido

PERIGOSAS NACIONAIS

ecoe pelo pequeno apartamento, seguido da minha respiração ofegante conforme ela movimenta a mão até à extremidade.

Seus olhos me observam com fascínio enquanto sua palma em concha faz movimentos circulares na cabeça do meu pau, alternados com carícias de cima para baixo, que espalham líquido pré-goço pelo meu comprimento. Porra, que delícia!

Mas não se compara ao momento em que ela aproxima a língua do meu membro, provocando-me com a expectativa de senti-la. Sibilo e deixo a cabeça cair para trás quando ela lambe a ponta, circulando a língua por ali, antes de descer por todo o comprimento e voltar para cima, dessa vez envolvendo-me com os lábios. Cacete, desse jeito eu não vou durar nada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A vista é simplesmente espetacular. Marcela de joelhos, com a bunda empinada, e os cabelos revoltos presos dando-me visão total de sua boca me chupando com avidez, enquanto uma das mãos acompanha os movimentos no meu pau, e a outra massageia e brinca com as minhas bolas. Merda, já consigo sentir que estou muito, muito perto...

Arqueio o corpo ao senti-la me engolir um pouco mais fundo, e a essa altura, meus grunhidos estão impossíveis de serem contidos. Infilto a mão por seus cabelos, desfazendo o coque, e seguro os fios para guiar a intensidade dos movimentos por alguns instantes, fodendo sua boca. Forço-me a continuar absorvendo aquela imagem maravilhosa, e vejo o instante em que ela me retira da boca e deixa a mão me masturbando.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem aí, gato? — pergunta, e a inocência que pinga de sua voz só me deixa ainda mais à beira do orgasmo.

— Hummm, porra!

— Pode mandar.

Ao dizer isso, ela torna a me chupar, de forma tão voraz que, em poucos segundos, explodo em sua boca, gozando intensamente. Marcela lambe e engole cada gota, enquanto vou do inferno ao céu, até sentir o relaxamento do orgasmo.

Puta que pariu! Essa mulher é real? Não é possível!

No entanto, o corpo que serpenteia de volta para cima e senta em meu colo responde à minha pergunta e me faz sentir o filho da puta mais

sortudo do mundo.

Beijos suaves cobrem minha mandíbula até o queixo, e lábios quentes e macios brincam com os meus, enquanto eu tento lembrar como respirar direito.

— Heitor? — ela me chama, baixinho, deslizando uma mão por meu braço.

— Hum?

— Não demora muito a se recuperar não, porque, sabe... — Ela segura uma das minhas mãos e a infiltra em seu short, para me fazer sentir o quanto sua boceta deliciosa está inchada e molhada. *Caralho...* — Eu preciso de você para dar um jeito nisso.

Ela. Vai. Me. Matar!

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua risadinha sapeca é tudo o que ouço antes que ela levante e vá correndo para o quarto.

Ainda sinto o corpo mole e o pau sensível pós-orgasmo, mas nada que me impeça de ir atrás dela logo em seguida.

Já falei que esse é o melhor domingo da minha vida?

PERIGOSAS ACHERON



Treze

✂ MARCELA ✂

— Ah, por favor, Marcela! Me conta quem é!

Faz pelo menos meia hora que Daniela está insistindo que eu explique o motivo de estar cantarolando “*Love, Sex, Magic*” enquanto aliso a cobertura de um bolo, com uma animação fora do normal. Nem percebi que estava fazendo isso até ela notar, começar a rir e desconfiar da alegria e leveza genuínas que eu não demonstro há um tempinho.

É claro que ela tinha que achar que há sexo por trás disso.

Bom, ela está mais do que certa, mas não era para ela descobrir.

— Não tem nada para contar, Dani. Pelo amor de Deus! — desconverso, tentando sem sucesso algum neutralizar minha expressão.

Parece que perdi completamente o controle dos cantos da minha boca, que insistem em se repuxar em um sorriso, porque as imagens das últimas noites e a expectativa para próximas insistem em povoar minha cabeça. O fim de semana foi sensacional e, desde então, Heitor já voltou ao meu apartamento duas vezes para sacudir meu mundo do jeito que só ele sabe. Ainda nem acredito que

realmente entrei nessa de nos vermos casualmente, mas está funcionando muito melhor do que eu poderia imaginar.

Droga, estou sorrindo de novo.

— Pelo amor de Deus, digo eu! — minha amiga protesta, bem na hora em que Tati retorna à cozinha.

Fiquei a salvo durante a semana, já que Dani ficou doente e precisou se afastar por três dias, e Tati não é tão atenta quanto ela. E é claro que ela tinha que voltar bem no dia em que eu não consigo tirar do rosto a expressão “Uhuu, essa foi a melhor semana da minha vida! Uhuu, eu finalmente saí da seca! Uhuu, é sexta-feira e hoje tem!”.

— O que está acontecendo, gente? — Tati quer saber.

Dani bufa antes de responder.

— A Marcela não quer me contar com quem ela está fodendo.

Isso quase me faz soltar o primeiro andar do bolo, já devidamente recheado e coberto, que estou levando para refrigerar.

— Daniela! Eu... eu não estou... — balbucio, tentando não perder o foco, porque o prazo para esse bolo ficar pronto está quase no fim, e ainda preciso rechear e cobrir o segundo andar.

— Amiga, você está cantando enquanto trabalha! Você está dando bom dia, boa tarde e boa noite até para os utensílios da cozinha com um sorriso enorme no rosto e, do nada, parece se

PERIGOSAS NACIONAIS

distrair com pensamentos que te fazem sorrir contida e corar, como se estivesse pensando no tamanho do...

— Você está muito observadora para o meu gosto — interrompo-a, desviando o olhar para forrar o suporte giratório para decorar bolos com um pouco de cobertura, antes de posicionar o disco de massa sobre ele e começar a distribuir o recheio.

Estou fazendo um bolo para uma festa de aniversário de quinze anos, e a aniversariante escolheu um bolo *red velvet* de dois andares, com três camadas cada, recheio de *cream cheese* e cobertura *buttercream* de baunilha. Reservei as cascas que recortei de cada camada para fazer a decoração final, e tem tudo para ficar um bolo delicioso e magnífico de tão lindo. É, eu estou muito inspirada.

PERIGOSAS ACHERON

E é claro que Dani continua me observando e eu acabo olhando para ela de modo sugestivo, sabendo que não precisa mais do que isso. Eu ia acabar contando a elas, mesmo. Só pretendo continuar deixando de fora o nome da criatura e o fato de ele ser melhor amigo do meu último ex-namorado.

Melhor deixar isso de fora dos meus pensamentos também, porque ver por esse lado ainda é meio estranho.

— Então, eu estou certa, não é? — minha amiga começa a bater palminhas, tomando o cuidado de não estragar o trabalho impecável que acaba de fazer nos mini-cupcakes que também fazem parte da encomenda do bolo que estou fazendo. — Ai, me dá mais detalhes? A gente conhece?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não conhecem.

— Vocês estão saindo há muito tempo?

— Não. E não estamos saindo... só transando.

— Ui! Quem diria, hein, dona Marcela? — Tati comenta, surpresa.

— É. Quem diria... — concordo, posicionando a próxima camada de bolo com cuidado.

— Mas e aí, ele é gostoso? — Dani continua a me bombardear com perguntas. — Manda bem na cama? Oh, mas que pergunta desnecessária. Essa sua cara de quem está sendo muito bem comida já diz tudo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu rosto esquenta diante de sua colocação, mas acabo gargalhando, assim como Tati. Conto para elas os detalhes mais abrangentes: quando tudo começou, o que me fez desencanar e me entregar de uma vez, e o quanto tem sido gostoso e divertido esse nosso... hã, arranjo.

Heitor é espetacular na cama e, sim, é um cara legal, não pude deixar de notar e nem posso deixar de lhe dar esse crédito. O papo entre nós é sempre divertido, com malícia predominante, é óbvio, mas ele me faz sentir à vontade e me inspira certa confiança, o que faz com que o sexo seja *bem* mais proveitoso. Se torna bem mais confortável e natural me soltar, pedir o que quero, fazer o que quero, quando estamos entre quatro paredes. É tão, tão bom...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ai, caramba, preciso mudar de assunto antes que o calor que toma conta de mim acabe arruinando a consistência da cobertura do bolo que estou fazendo.

As meninas se ocupam com seus afazeres e eu balanço a cabeça, a fim de clarear a mente e focar nas partes mais delicadas da decoração do bolo.

Com os andares recheados, cobertos e refrigerando, esfarelo as cascas vermelhas dos discos de massa e reservo as migalhas resultantes. Depois, derreto chocolate branco no micro-ondas e misturo com creme de leite, para formar um ganache, e adiciono corante comestível vermelho.

Monto os dois andares do bolo, já refrigerados e firmes, adiciono mais uma camada da cobertura branca e, com as migalhas, enfeito os arredores do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andar de baixo, que tem o diâmetro maior. No topo do andar de cima, derramo, com a ajuda de um saco de confeitar, o ganache vermelho pelas bordas, girando o bolo conforme aplico, que o deixa com um aspecto de gotas escorrendo que param antes de chegar à segunda camada. Preencho a superfície do topo do bolo com o mesmo creme vermelho, espalho e suavizo com uma espátula de aço inox e, com o restante da cobertura de baunilha, dou os toques finais com o auxílio de um bico de confeitar.

A sensação de ver um bolo pronto e lindo nunca fica velha mesmo.

Está perfeito.

Levo-o para refrigerar por mais um tempo, que deve ser suficiente até que algum responsável pela organização da festa, como combinado, venha

PERIGOSAS ACHERON

buscá-lo junto aos cupcakes.

No entanto, ponho-me a fazer e resolver outras coisas, e com isso, demoro a perceber que está passando da hora combinada. Essa encomenda deveria sair às 16h30, então acho muito estranho quando vejo no relógio que são 17h20 e nada de surgir alguém para pegá-la.

Comento com as meninas sobre esse atraso, e assim que estou prestes a ir pedir à Rafaela que procure o contato da cliente para saber se houve algum problema, Maíra surge na cozinha.

— Marcela? O cliente da encomenda do bolo e dos cupcakes chegou!

— O cliente? — FRANZO a testa. — Me foi dito que a pessoa responsável pela organização da festa viria buscar.

Maíra olha para os lados e dá de ombros.

— Bom, foi o que o cara lá fora me disse.

Que estranho.

— Ok, obrigada, Maíra. Já vou lá falar com ele.

— Limpo as mãos com um pano de prato e, quando olho para Dani e Tati, que estão ocupadas ainda batendo massa, elas também dão de ombros, sem entender.

Retiro o avental e a touca do cabelo, me preparando para entender o que está acontecendo.

No entanto, assim que chego ao piso de loja, meu coração acelera e a respiração fica presa devido à surpresa. Ali, admirando distraído a

PERIGOSAS NACIONAIS

vitrine de doces, girando a chave do carro em uma mão e com a outra no bolso da calça, está o...

— Heitor?

Ao me ouvir, nossos olhares se encontram e ele abre aquele sorriso que não falha em me dar vontade de abrir as pernas.

— Ei, gata! Então, esse é o seu paraíso de delícias, hein? — pergunta, mesmo que seja óbvio, e gesticula para o ambiente do estabelecimento, que tem duas mesas ocupadas com clientes.

Encaro-o de cima a baixo, tanto devido à minha incredulidade quanto para admirar o quanto ele está gato usando calça social e sapatos pretos, camisa branca de botões e um blazer escuro.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você está fazendo aqui? — ignoro seu questionamento, confusa com sua presença.

— Vim buscar o bolo e os cupcakes para o aniversário da minha irmã — explica, e é quase difícil de acreditar.

— Sua irmã?

— Sim. Hadassa Lacerda. Festa de quinze anos. Minha mãe, Ester, e ela encomendaram com você mês passado — expõe, percebendo minha desconfiança.

— Mas... mas não era pra você ter vindo buscar.

— Eu sei. Mas parece que a organização da festa sofreu alguns atrasos e estão correndo contra o tempo para deixar tudo pronto na hora certa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe me ligou meio desesperada e pediu que eu fizesse esse favor.

— E há quanto tempo você sabe que eu sou a responsável por essa encomenda?

Ele olha para o relógio no pulso.

— Há meia hora, mais ou menos — responde, e dá um passo para mais perto de mim. — Eu sei que você gostaria que eu dissesse que vim aqui de propósito com a intenção de te ver e te deixar toda nervosinha, como está agora, mas eu estou tão surpreso pela coincidência quando você, gata.

— Eu não estou nervosa...

— Claro que não.

PERIGOSAS ACHERON

Ah, que inferno. Esse sorrisinho safado de sempre...

Me dá vontade de socar a carinha linda dele. Mas também me dá vontade de tirar a roupa.

Ugh.

Respiro fundo e ergo o queixo, lembrando-me de que estou no meu local de trabalho e não posso fazer nem uma coisa, nem outra.

— Eu vou buscar o bolo e os cupcakes. Você pode acertar a segunda metade do pagamento com a Joana ali, no caixa. — Aproximo-me mais um pouco, para abaixar ainda mais o tom de voz. — E guardar qualquer comentário inapropriado para si mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vejo seu sorriso crescer e trato de voltar rápido para a cozinha. O que não me faz sentir muito a salvo, já que minhas amigas percebem meu estado atônito assim que cruzo a porta.

— Que é isso, amiga? Viu um fantasma? — Dani pergunta, e eu balanço a cabeça.

— Não, eu só... nada, não.

— Tudo certo com o cliente lá fora?

— Tudo sim — digo simplesmente, tentando não hiperventilar enquanto monto a embalagem para transportar o bolo. Assim que ele está seguro, viro-me para Tati. — Tati, você pode me ajudar e levar esses cupcakes?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro — ela assente na hora, pegando com cuidado os cupcakes que Dani já havia deixado prontos para serem transportados.

Assim que saímos, tento não esquecer de que estou segurando um bolo pesado e importante, e que não posso deixar que a maneira com que Heitor me afeta acabe fazendo com que eu cause qualquer desastre.

Com a expressão leve e divertida que parece nunca sair de seu rosto, ele vem até mim quando pouso a caixa com o bolo em uma mesa vazia. Tati fica ao meu lado.

— Uau! — ele exclama ao ver o tamanho da encomenda.

— Os cupcakes estão fresquinhos e prontos para durarem bem fora da geladeira até a hora de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

serem servidos — explico. — O bolo está bem protegido na embalagem e os andares estão muito bem seguros, mas é bom tomar um cuidado extra para que ele não tombe para nenhum lado.

Heitor dá uma risadinha nervosa.

— Seria o desastre do século acontecer algo a esse bolo.

— Você acha? — questiono, irônica.

— Você bem que poderia vir comigo.

— O quê? Não, Heitor! Eu estou trabalhando. Se você quiser, posso passar para o nosso entregador e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, qual é? Você é a chefe aqui, não é? E não vai tomar muito tempo. Preciso correr com essas coisas para chegar a tempo, e você está me deixando nervoso com todas essas recomendações. Me dá uma mãozinha, vai.

Ele parece realmente aflito, mas mesmo que eu esteja pegando no pé dele com as advertências, sei que não é tão complicado transportar essas coisas com tranquilidade. No entanto, assim que abro a boca para acalmá-lo, Tati intervém.

— É, Marcela. Dá uma mãozinha pra ele. Além disso, o Tiago acabou de sair para fazer a última entrega do dia e não dá para esperarmos por ele, já que essa aqui já está atrasada. — Ela aponta para as caixas sobre a mesa. — A gente dá conta aqui, você sabe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho para minha amiga, que me encara com um misto de choque e confusão, certamente sem entender por que estou me recusando a ajudar um cliente.

Porque é isso que ele é nesse momento. Só um cliente.

Ok, eu me rendo. Estou sendo ridícula. Não custa nada.

— Tudo bem — assinto, e o vinco que havia surgido entre as sobrancelhas de Heitor se suaviza quando ele expira aliviado. — Só um minuto.

Volto para a cozinha, sendo seguida por Tati, que não esconde sua consternação.

PERIGOSAS ACHERON

— Credo, amiga! Isso é jeito de tratar o cliente?
— ela pergunta, mas fico calada enquanto recolho minha bolsa. — Se bem que, a impressão que tive é de que você o conhece, mas mesmo assim...

— Sim, Tati. Eu o conheço! — digo de uma vez, e juro que é quase possível ver as engrenagens girando na cabeça da minha amiga conforme ela liga os pontos.

— Ah, meu Deus! Dani! — Ela agita a mão em direção à nossa amiga. — Dá uma conferida no rapaz que está lá fora esperando a Marcela. Vai, vai!

Dani praticamente corre para fora da cozinha, e eu reviro os olhos para Tati, que está animada demais para se importar.

— Caramba! Que obra divina rara, hein! —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dani exclama ao voltar.

— É o cara que a Marcela tá pegando! — Tati anuncia.

Dani arregala os olhos para mim.

— Você tá pegando aquela obra divina ali? Puta que pariu, amiga! Arrasou!

— Não faz escândalo, Dani. Não é nada demais.

— Nada demais? Marcela, o cara tá te pegando de um jeito que te faz *cantar* enquanto trabalha! Acho que vou lá agradecer!

— Daniela!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela me ignora completamente e sai mais rápido do que eu possa impedir. Quando chego logo atrás, ela está com a mão estendida para Heitor.

— Oi, tudo bem? Eu sou a Dani. Sócia e melhor amiga da Marcela.

— Ei! Eu também sou melhor amiga da Marcela! — Tati surge. — Prazer, eu sou a Tati. E você é...

— Heitor — responde, apertando a mão de Tati após soltar a de Dani. — Eu sou... hum, amigo da Marcela. Não sei se o melhor, mas...

— Ah, você é o melhor, pode ter certeza — Dani diz e pisca para ele, que me olha com as sobrancelhas erguidas. Estalo a língua e bufo, impaciente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá, meninas, já chega. Precisamos ir, está passando demais da hora. Tudo bem pra vocês, não é?

— Claro, Marcela! Relaxa, está tudo sob controle. Falta meia hora para fecharmos, mesmo.

— Ok, então. Falo com vocês depois. — Aceno para elas e viro-me para Heitor, pegando a caixa de cupcakes. — Vamos?

— Vamos. — Ele pega a caixa do bolo com muito cuidado. — Tchau, meninas! Foi um prazer.

— O prazer foi nosso! — Elas respondem em uníssono e dão risadinhas, fazendo-me rir também quando olho para trás e elas estão com os polegares erguidos e balançando a cabeça em aprovação.

PERIGOSAS ACHERON

Heitor me guia até seu carro — ah, que dia *conveniente* para ter emprestado o meu a Mariane —, destrava as portas e acena com a cabeça para que eu coloque os cupcakes no banco de trás. Assim que o faço, entro no banco do carona e recebo a caixa do bolo de suas mãos, posicionando-o com cuidado em meu colo.

Ele se acomoda no banco do motorista, e eu finjo não perceber seu olhar sobre mim por alguns segundos antes que ele dê a partida e ponha o carro em movimento.

Penso nessa coincidência maluca e me dá vontade de rir, mas de nervosismo. Sei que isso também se deve ao fato de que a simples presença de Heitor me deixa agitada, mas é de uma sincronia impressionante eu ter concordado em fazer o bolo

PERIGOSAS NACIONAIS

da festa de aniversário de quinze anos de sua irmã sem saber que era sua irmã, e muito antes de termos nos encontrado na festa de casamento do Maurício.

Nem em meus devaneios mais loucos eu poderia imaginar que iria para a cama com Heitor e, agora, além de não sair dos meus pensamentos, ele parece estar em todo lugar.

Isso dificulta o combinado de deixar somente entre nós. Porque eu não consigo olhar para ele sem acumular baba no canto da boca. Aff.

— Adorei conhecer o seu ambiente de trabalho.
— Ele quebra o gelo. — E as suas amigas são muito legais. Elas sabem sobre...?

O jeito com que ele deixa a pergunta no ar me faz olhá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem precisei contar — respondo, em tom acusatório.

— Mas a culpa não foi minha.

— Foi sim! Você tem esse... olhar.

— Olhar?

— Sim. De que já me viu nua. — Isso o faz soltar uma gargalhada. — E isso me deixa nervosa e... argh, incapaz de disfarçar.

— Então, sinto muito te informar, linda, mas a culpa foi sua — diz, lançando-me uma expressão inocente.

Reviro os olhos.

— Argh, idiota.

PERIGOSAS ACHERON

— Faz parte do meu charme. O que eu posso fazer? — Balanço a cabeça diante de suas palavras, assim que paramos em um sinal vermelho. — E nem tente negar, porque eu sei que você gosta.

A mão de Heitor pousa em minha coxa, e é mais que suficiente para que um calor comece a subir por certas partes proibidas.

— É, isso é uma droga — comento assim que ele recolhe a mão e continua a dirigir após o sinal ficar verde. — Sempre fica difícil saber se eu quero te agarrar e te beijar, ou te jogar de uma ponte.

Sua gargalhada é tão divertida que é impossível não rir junto.

— Quando isso acontecer, me fala, que eu te ajudo a escolher. — Ele me olha por um segundo para me lançar uma piscadela.

Reviro os olhos mais uma vez, mesmo que a diversão e o desejo estejam presentes em meu sorriso.

— Claro que ajuda.



Quatorze

✂ MARCELA ✂

— Então, você tem uma irmã de quinze anos?

Heitor e eu estamos diante da mesa principal da decoração, onde há espaços reservados para o bolo e os cupcakes. A pessoa responsável pela organização me orientou direitinho, antes de ir cuidar dos últimos detalhes, e estou terminando de abrir a embalagem do bolo para posicioná-lo no suporte central da mesa impecavelmente decorada.

Aliás, tudo nesse salão de festas está lindo. Vermelho é o tom predominante em cada detalhe, e o bolo chega para complementar tudo com muita perfeição. Vai ser uma festa e tanto.

Os convidados começaram a chegar — duas mesas já estão ocupadas —, então nos movemos com a maior rapidez possível.

— Sim — ele responde, descarregando a caixa de cupcakes e colocando-os sobre a mesa conforme instruí. Eu disse que não precisava de ajuda, mas ele insistiu em me dar uma mãozinha, já que me dispus a fazer o mesmo por ele.

— Ela mora com você? — pergunto, respirando aliviada ao conseguir posicionar o bolo no lugar com sucesso.

— Não. Eu moro sozinho, mais distante daqui e

PERIGOSAS ACHERON

perto da empresa onde trabalho. Hadassa mora a uma quadra daqui, com a minha mãe e a minha avó — explica, e eu assinto, assumindo que a história terminou ali, mas, por algum motivo, ele continua: — Meu pai morreu quando eu tinha doze anos.

Olho para ele, que parece confortável em tocar no assunto de forma mundana, mas percebo que sua atenção fica muito fixa sobre os cupcakes que organiza com cuidado. Afago seu ombro, emanando através do meu toque a compreensão de quem também sente isso na pele todos os dias. Deslizo a mão por seu braço e resvalo minha palma na sua, assim como ele fez quando lhe falei sobre minha mãe.

— Ah. Eu sinto muito — digo, e ele dá de ombros, lançando-me um olhar grato. — Então, elas são a sua família? — inquirio, querendo saber

PERIGOSAS NACIONAIS

mais, enquanto ajudo-o na missão com os cupcakes.

— Aham. Minha mãe e meu pai foram filhos únicos, então nem tios Hadassa e eu temos. Os pais do meu pai também já faleceram, e o pai da minha mãe já era falecido quando eu nasci.

— Então, você é o bendito fruto entre as mulheres?

— É, pode-se dizer que sim. — Ele abre um sorriso enorme. — São as três mulheres da minha vida. Eu faria qualquer coisa por elas.

Sorrio também, encantada com a devoção que enxergo em seus olhos.

— Isso é... muito lindo — comento, finalizando a última fileira de cupcakes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que sou lindo, obrigado.

Meu rolar de olhos vem acompanhado da risada que não consigo evitar. Quando o encaro novamente, sinto-o se aproximar, balançando as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Está em dúvida se me dá um soco ou me beija? — pergunta, baixinho. Meu olhar desce até sua boca, sem que eu possa me conter.

— Mais ou menos. — Minha resposta o faz aproximar ainda mais o rosto do meu.

— Deixe que eu facilite pra você.

Chego a ficar tonta com seu cheiro, com a expectativa de ter sua boca na minha, esquecendo completamente de onde estamos. Mas isso não dura muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

— Graças a Deus! — Uma voz estridente ecoa em nossa direção, e nos afastamos ao mesmo tempo para virar nossas atenções para a mulher que se aproxima. — Ah, Hadassa agora está me devendo vinte reais. Ela apostou que você ia estragar tudo.

Heitor vai até ela e a abraça pelos ombros, dando um beijo em sua testa.

— Nossa, mãe! Muito obrigado pela fé que vocês colocam em mim.

— Ah, meu filho, nós precisávamos descontrair de alguma forma para não deixar o estresse arruinar o dia, né! — Ela sorri para ele e junta as mãos sob o queixo, para admirar o trabalho feito na mesa, agora completa.

A mulher, que lembro se chamar Ester e agora sei que é a mãe de Heitor, está trajando um vestido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verde-musgo muito elegante, usa um penteado requintado nos cabelos pretos, e a maquiagem pouco carregada denuncia que deve ter seus cinquenta e poucos anos.

Não demora muito até que ela perceba minha presença. Seus olhos denunciam que me reconhece, e eu abro um pequeno sorriso simpático quando ela faz o mesmo.

— Oh, claro que você conseguiu, não é? — Ela ergue o rosto para olhar para Heitor. — Trouxe a confeitadeira junto! Marcela, certo?

— Isso — confirmo e estendo a mão para ela.
— Como vai a senhora?

— Ah, muito bem, obrigada. Ficou tudo muito lindo! Aposto que está uma delícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenha dúvidas disso. Ela faz os melhores bolos do mundo — Heitor diz. Ester ergue as sobrancelhas para ele.

— E como você sabe?

— Porque eu já comi — responde, de forma casual, mas, para minha consternação, sinto as bochechas esquentarem. Ao ver isso, Heitor então percebe o duplo sentido de sua resposta. — Sabe... os bolos e cupcakes que ela faz — ele trata de completar, e posso vê-lo segurando o riso.

— Nós somos... hã, amigos — digo, rapidamente.

— Ah, que legal! — ela exclama, alheia à nossa piada interna. Ufa. — Bom, se me dão licença, vou cumprimentar os convidados que estão chegando e,

PERIGOSAS ACHERON

depois, buscar Hadassa. Foi um prazer, querida! — Ela acena para mim e vira para o filho. — Nos vemos depois, meu amor.

A mulher aperta as bochechas de Heitor antes de sair apressada. Ele balança a cabeça quando me vê rindo da cena.

— Bom... — digo, aproximando-me dele. — Meu trabalho aqui já está feito. Vou pegar um táxi para ir embora.

Sua mão segura meu pulso quando faço menção de passar por ele.

— Ei, que é isso? Eu posso te levar.

— Não, precisa, Heitor. A festa já começou, e vai te levar pelo menos uma hora para ir e voltar. Eu pego um táxi, sem problemas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lanço-lhe um sorriso tranquilo, virando a palma para apertar a sua, antes de tentar me afastar novamente. No entanto, mais uma vez, ele me impede, recusando-se a soltar minha mão.

— Por que você não fica, então? Assim, poderemos ir embora juntos, mais tarde — sugere, com a expressão inalterada de quem está fazendo um convite muito simples. Contudo, sinto-me um pouco desconfortável no mesmo instante.

— Ficar para a festa? Que ideia, Heitor!

— Ué, qual é o problema? — pergunta com naturalidade.

Solto um risinho pelo nariz, nervosa, e sem acreditar que ele realmente não vê nada de estranho nisso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quer dizer, eu sei que falei para sua mãe que somos amigos, mas não fazia ideia de que estaríamos *nesse* nível de amizade. Foi só um modo de desviar da piada e dar um nome genérico à nossa situação. Dizer que somos “duas pessoas que se sentem insanamente atraídas uma pela outra e transam sempre que possível” levaria muito tempo, e não é algo nem de longe apropriado para se dizer à mãe do cara, né, pelo amor de Deus!

Ergo um dedo diante de nós.

— Bom, primeiro: eu não fui convidada.

Ele segura meu dedo e o abaixa.

— Eu estou convidando agora.

— Você não pode fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que posso, sim. A Hadassa não vai ligar. — Ele dá de ombros. — Pelo contrário, ela vai adorar conhecer a pessoa que fez o melhor bolo que ela vai comer em toda a vida dela.

Balanço a cabeça mais uma vez enquanto ele continua me olhando e esperando uma resposta positiva.

— Mas... mas eu nem estou vestida para a ocasião — argumento, olhando para baixo e analisando meus sapatos pretos de salto baixinho, a calça jeans nude e a blusa listrada rosa e branca de mangas curtas. — Eu estou...

— Linda — ele completa, fazendo-me olhar para cima quando dá mais um passo em minha direção e tomba um pouco a cabeça para o lado,

PERIGOSAS ACHERON

conforme passeia os olhos por meu corpo, sem disfarçar o instante em que se demora no meu decote comportado. — Você sempre está linda.

Engulo em seco, porque ele está me lançando *aquela* olhar. Pigarreio e continuo a debater:

— Eu passei o dia inteiro enfurnada em uma cozinha, devo estar cheirando a...

Dessa vez, ele me interrompe ao abaixar a cabeça e encostar o nariz na curva do meu pescoço, inspirando devagar e profundamente. Os arrepios que me atacam são instantâneos.

— Baunilha — diz, completando minha conjectura. — Você sempre está com cheiro de baunilha. É gostoso, doce, suave... — Seus lábios roçam preguiçosamente em minha mandíbula, e minha respiração fica pesada por um segundo.

PERIGOSAS ACHERON

Heitor afasta o rosto para me olhar. — Não tem nada de errado com você, Marcela. Fica e aproveita a festa. Depois, nós podemos ir para o meu apartamento e fazer a nossa festinha particular. O que acha?

A promessa obscena em suas palavras e sua piscadela me fazem revirar os olhos por um instante, mesmo que um sorriso se espalhe por meu rosto para complementar minhas bochechas quentes e rubras de expectativa.

— Acho que você joga muito sujo — digo, fazendo-o sorrir e erguer uma sobrancelha.

— É o único jeito que eu sei.

Pego minha bolsa, que havia ficado em seu carro, e corro para o banheiro, a fim de, ao menos, dar um jeitinho na maquiagem. Costumo ser bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

básica quando se trata dos cosméticos que carrego comigo, então só encontro pó facial, rímel e batom. A aplicação me deixa com o rosto um pouco mais apresentável — melhor do que o aspecto “trabalhei o dia inteiro” que já estava aparecendo — e agradeço o fato de meu cabelo, apesar de ondulado e com um pouco de frizz, ser sempre bem comportado. Jogo-o para um lado, arrumando-o melhor, e borrifo um pouco do meu perfume nos pulsos e atrás das orelhas, mesmo sabendo que, aparentemente, nem mesmo isso é capaz de tirar o cheiro de bolo que parece estar impregnado em mim de forma permanente.

Não que eu ache isso ruim.

Nem Heitor, pelo visto, penso com um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aliso minha roupa que, mesmo não combinando com a ocasião, não me faz parecer mal-vestida ou desleixada, e enfim, volto para o salão de festas, deparando-me com o ambiente um pouco mais cheio de gente quando alcanço Heitor novamente em uma das mesas.

Tento ficar o mais à vontade possível e sorrio simpática para algumas pessoas que cumprimentam Heitor e me percebem após ele me apresentar. Estar com ele fora da nossa bolha particular de conversas divertidas e sexo gostoso me faz sentir uma pequena estranheza incômoda, como se, mesmo que eu esteja ali como uma amiga, estivesse estampado no jeito íntimo com que sorrimos um para o outro e na naturalidade com que nos tocamos vez ou outra o que realmente está acontecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Penso na possibilidade de algum de seus amigos que conheço aparecer ali, mas acredito que ele não me convidaria a ficar caso eu tivesse que me deparar com eles. Afinal, é principalmente *deles* que estamos mantendo esse segredo. E, por favor, nada a ver Heitor convidar a ex-namorada de um de seus amigos a participar do mesmo evento em que ele poderia estar presente. Mesmo que ele já esteja casado e eu... bem, eu esteja, enfim e completamente, em outra.

Por que diabos eu estou pensando essas merdas e deixando meu incômodo estranho aumentar mais ainda? Argh.

Afasto os pensamentos inoportunos e decido aproveitar a festa. Após a chegada da aniversariante, em uma entrada triunfal com uma dança animada junto a algumas outras meninas, ela

PERIGOSAS ACHERON

desfila acompanhada da mãe, da avó e do irmão. Sorrio ao assistir as apresentações tradicionais, como o momento em que ela abre mão de uma boneca, e Heitor troca sua sapatilha por um sapato de salto, representando o momento em que a debutante deixa a infância para trás.

Pelo decorrer das coisas, eu já deveria esperar por isso, principalmente depois que Heitor me disse que eles não têm pai, mas sinto-me sem fôlego ao vê-lo segurar Hadassa pela mão e levá-la até o meio da pista de dança, para conduzi-la na valsa. Ele realiza os movimentos com perfeição, em uma sincronia que, claramente, foi minuciosamente ensaiada, e minha atenção fica vidrada na cena.

A garota troca um olhar de veneração com o irmão que é emocionante de se testemunhar. Dá para ver que eles se amam muito, e sorrio comigo

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma ao admirar esse lado de Heitor que ele me tem me permitido conhecer.

Atencioso, engraçado, bom de papo. Gentil, educado, tranquilo. Comprometido, devotado e protetor com a família.

Ele tem me surpreendido em níveis estratosféricos desde que nos reencontramos naquela festa de casamento, há duas semanas, mostrando que julgá-lo por ser um rostinho bonito que curte pegar geral por aí pode ser precipitado demais.

Pagar a língua nunca foi tão prazeroso em toda a minha vida.

Merda. Será que dá para perceber o quanto eu quero segurá-lo pela camisa e mordê-lo nesse exato momento?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Respiro fundo e pigarreio, acompanhando as outras pessoas ao aplaudir o fim da dança. Heitor entrega a mão de Hadassa a um garoto que parece ter a idade dela — awn, seu príncipe! —, e eles continuam a valsa dali.

— Quer dizer, então, que você dança? — provoco assim que ele me alcança.

— Quando a minha própria irmã ameaça mandar me castrar caso eu não faça, sim — responde, rindo, e eu acerto seu peito com o dorso da mão.

— Aposto que não foi preciso nada disso.

— Você não conhece a minha irmã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, para. Você parecia estar curtindo bastante. E se saiu muito bem.

Abro um sorriso enorme ao dizer isso, e sinto um friozinho bom na boca do estômago quando ele assume uma expressão marota e divertida, pousando as mãos nas curvas da minha cintura.

— Gostou dos meus movimentos, hein, gata?

— Eu sempre gosto dos seus movimentos.

Vejo a fagulha lampejar em seus olhos ao captar o momento em que minha língua brinca no meio dos dentes, no sorriso agora cheio de malícia que adorna minha boca.

— Seria muito ruim se eu te desse um beijo agora?

PERIGOSAS ACHERON

A voz dele é tão rouca e sedutora que me deixa inebriada.

— Acho que seria muito bom.

No entanto, pela segunda vez no dia, o momento em que sua boca deveria tocar a minha é interrompido por vozes se aproximando.

Ao ver que se trata, novamente, da mãe dele, acompanhada da senhora que deduzi ser sua avó, engulo em seco, subitamente nervosa. Não sei se elas chegaram a perceber nosso pequeno momento, mas acabo me conformando com a interrupção, já que estávamos nos deixando levar mais do que deveríamos.

Heitor apresenta sua avó, Judite, uma senhora muito fofa que logo engata comigo uma conversa sobre bolos e doces, depois de descobrir que sou PERIGOSAS ACHERON

confeiteira. Após alguns minutos, vejo Hadassa se aproximar da mesa onde estamos, muito sorridente após cumprimentar os convidados de sua festa.

Ela está deslumbrante com seu vestido vermelho longo e esvoaçante.

— Maninho! — diz ao para ao lado do irmão.
— Fiquei sabendo que perdi a aposta com a mamãe. Que droga, hein?

— Muito engraçadinha, pirralha — Heitor diz e fica de pé por um instante para beijar seu rosto.

— Ei! — Ela aponta um dedo para ele. — Não admito mais que me chame de pirralha. Hoje, eu deixei de ser menina para ser mulher.

Heitor torna a sentar e revira os olhos para o jeito gracioso com que a irmã abre os braços.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que se dane. Pra mim, você só está deixando de ser um bebê pequeno para ser um bebê grande.

— E eu estava preocupada que a mamãe fosse me envergonhar... — Hadassa revira os olhos e bate a mão na testa.

— Haha, ela não é páreo pra mim.

A atenção da garota finalmente se fixa em mim.

— Ei! Acho que te conheço. Foi você que fez o bolo, não foi?

— Sim. — Sorrio. — E ainda ajudei o seu irmão a trazer tudo e acabei fazendo você perder a aposta. Foi mal.

Ela olha de mim para Heitor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espera. Vocês já se conheciam?

Ele abre a boca para responder, mas sou mais rápida.

— É, faz um tempo. Quer dizer, temos alguns amigos em comum, mas só nos... hum, aproximamos há pouco tempo — explico, com a maior naturalidade possível, e Hadassa dá uma risadinha.

— Aham. “Se aproximaram”. — Ela faz aspas no ar. — Sei. Como se o meu irmão fosse capaz de *só* se aproximar de uma moça bonita como você.

— Porra, Hadassa! — Heitor a repreende, e ela o olha como se não entendesse qual o problema em seu comentário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, vocês dois! — Ester se manifesta. — Tenham modos na frente dos outros, por favor! Desculpe por isso, querida. — Ela olha para mim, que apenas balanço a cabeça pedindo que não se preocupe, e em seguida, para a filha. — Hadassa, vamos, porque está na hora de cantar os parabéns e cortar o bolo.

— Ah, sim! — A garota se anima e acena para mim antes que sua mãe a reboque dali. — Prazer, viu! Obrigada pelo bolo maravilhoso!

— Por nada. Feliz aniversário! — respondo, acenando de volta.

Heitor rola os olhos ao virar para mim.

— Viu só o que eu te disse sobre a minha irmã?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gostei dela. Acho que deve ser de família isso de falar as coisas na lata — dou risada, mas ele parece realmente incomodado com as insinuações da irmã. — Relaxa, gato. Ela não insinuou nada que eu já não saiba.

— Que eu sou um tarado? — Ele me olha um tanto incrédulo, mesmo que eu consiga enxergar diversão em seus olhos.

— Aham. Qual é o problema? Eu tenho tirado muito bom proveito disso — digo, dando de ombros, e ele ri. — Vamos lá cantar os parabéns para a sua irmã. — Seguro sua mão e me levanto, mas ele não se move ao mesmo tempo. Sua cabeça ergue para cima e seu olhar encontra o meu, que não entende por que ele me encara como se estivesse tentando desvendar algo e essa ideia fosse fascinante. — O que foi?

PERIGOSAS ACHERON

Ao levantar devagar, Heitor sorri de lado e nunca quebra nosso contato visual, levando alguns segundos para voltar a si e finalmente me responder.

— Nada — diz, e eu continuo a franzir a testa, sem entender muito bem sua reação. Começo a pensar que posso ter dito algo errado, mas assim que vejo seu olhar percorrer meu corpo seus dentes morderem o lábio inferior, qualquer confusão desaparece, e deixa todo o espaço para as faíscas de excitação que tomam de conta de mim toda vez que ele faz isso. — Eu só... estou muito, *muito* ansioso pra tirar a sua roupa mais tarde.

Sorrio e aperto sua mão.

— Tarado.

Ele pisca para mim.

— Mas você gosta.

Pior que eu gosto.



— Você acha que daremos conta assim, tão em cima da hora? — pergunto para Dani ao celular, enquanto observo a estante de livros à minha frente.

É a primeira vez que venho para o apartamento de Heitor, e esse é o detalhe que mais me chamou atenção assim que entramos em seu quarto.

Cheguei desesperada por um banho, durante o qual ele se ofereceu de muito bom grado para me ajudar a ensaboar o corpo. Por eu não ter nenhuma

PERIGOSAS NACIONAIS

muda de roupas, ele disse que eu poderia pegar qualquer camisa sua em seu guarda-roupa, e rimos durante uns bons minutos após ele dizer que ainda tinha guardada minha calcinha da primeira noite em que dormimos juntos. Escolhi uma camiseta cinza bastante confortável, que cobre meu tronco até a primeira porção das coxas, um pouco abaixo dos quadris, e enquanto mexo distraidamente em meus cabelos úmidos e discuto um assunto com Daniela, analiso e admiro a estante cheia de livros, que toma quase metade de uma das paredes do quarto.

É possível notar um padrão e deduzir que Heitor curte, em sua maioria, livros históricos e de suspense. Toco as lombadas, que variam de Harlan Coben, Agatha Christie, John Grisham, a Dan Brown, Ken Follett, Bernard Cornwell, e noto três coleções de diferentes edições das Crônicas de Gelo e Fogo, duas em português uma em inglês.

PERIGOSAS ACHERON

Alguns exemplares na estante parecem um pouco gastos, levando a entender que ele os leu e releu, e sorriu diante de mais uma surpresa absorvida com sucesso.

— Dá sim, amiga! — Dani responde. — Temos muitas coisas prontas para repor na vitrine assim que abrirmos, e se você fizer os bolos das duas encomendas de amanhã assim que chegar à confeitaria, pode me ajudar com esses cupcakes à tarde enquanto Tati cuida das outras coisas. Eu sei que fica um pouco pesado assim, de última hora, mas é uma baita encomenda que não podemos deixar passar.

— Claro que não. Por mim, está tranquilo, então — digo, no momento em que Heitor retorna ao quarto. Trouxemos comida do aniversário de sua irmã e, após fazermos mais uma boquinha, ele foi

lavar a louça quando me afastei para atender a chamada de Dani. Ele sorri para mim e eu retribuo, passando a língua no canto da boca ao encará-lo usando somente uma cueca boxer preta. — Ah, Dani! Tem como você me lembrar de marcar a reunião com o novo contador na segunda-feira? Droga, eu já deveria ter feito isso, mas eu tinha tanta coisa na cabeça essa semana que acabei esquecendo.

— Pode deixar — ela responde, e eu solto um pequeno arquejo de susto ao sentir os braços fortes de Heitor me envolverem por trás.

— Ok, amiga. Então... — Perco-me no que ia falar em seguida, porque beijos estalados, distribuídos lentamente do meu ombro ao pescoço,

me tiram o foco. — Ei, espera! — peço baixinho para ele, afastando um pouco o celular, mas isso só o atíça a me provocar mais.

— Marcela? — minha amiga questiona, ainda na linha, e eu não consigo responder, porque os arrepios causados pelos dentes de Heitor no lóbulo da minha orelha e suas mãos tocando minha pele por baixo da camiseta só me fazem rir de nervoso.

— Oi, Dani — ele diz, buscando o celular, mas eu o afasto de seu alcance. — Será que você já pode me devolver a sua amiga, por favor? — ele aumenta o tom de voz e eu tento tapar sua boca. Heitor dá risadas e me segura com mais força quando trago o aparelho de volta à orelha.

— Opa! É toda sua, querido! Mandem ver! —
É o que ouço na voz divertida de Daniela antes de ela desligar na minha cara.

Deixo o celular na estante e viro-me para Heitor, repreendendo-o com o olhar antes de sua boca descer sobre a minha.

Pensar em quanto tempo passamos juntos hoje sem que eu pudesse beijá-lo assim, de verdade, devagar, sentindo seus lábios um de cada vez e, então, nos encaixarmos com perfeição e acariciarmos uma língua na outra, me faz abraçá-lo pelo pescoço e puxá-lo ainda mais para mim. O jeito com que seus dedos apertam minha carne e os pequenos gemidos que reverberam de sua garganta demonstram que ele se sente da mesma maneira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é meio viciada em trabalho, não é? — comenta, quando encostamos as testas.

Dou de ombros.

— Ah, o que eu posso fazer? Eu amo o que faço e sou a dona do meu negócio, Heitor. É meio inevitável acabar trabalhando bem mais.

Heitor puxa o ar entre os dentes e massageia minhas costas com mais vigor, de cima até à lombar, e fico embevecida diante do modo com que sua expressão cheia de desejo fica ainda mais intensa.

— Isso é *tão* sexy — pontua enfaticamente, fazendo-me sorrir. — Dona. Chefe. Poderosa. Hummm... Me dá vontade de *entrar nesse negócio*.

PERIGOSAS ACHERON

Acabo dando risada de seu comentário de duplo sentido, e o calor de excitação que sinto me arrebatam conforme ele mordisca meu queixo me faz entrar na brincadeira. Isso pode ficar muito interessante.

— Se você quiser, posso te contratar como estagiário — digo, e ele me olha muito entusiasmado pela proposta. — Mas, vou logo avisando: tem que *dar duro* para ser promovido.

Ele solta uma gargalhada tão gostosa que joga a cabeça para trás por um segundo, e, então, desliza as mãos para minha bunda, apertando-a e colando a pélvis na minha, fazendo-me sentir seu volume já dando sinal de vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso já está sendo devidamente providenciado — diz, com um sorriso safado. Como eu adoro isso! — O que mais você quer que eu faça... *chefinha*?

Sua pergunta é rouca, sussurrada, bem próxima aos meus lábios, enquanto seu nariz roça no meu. Passeio as palmas por sua nuca, seus ombros, até o peito forte e macio, antes de fazer o caminho inverso e ficar na ponta dos pés, ondulando mais meu corpo contra o dele.

— Hummm, deixa eu ver... — Faço um biquinho, fingindo pensar e, então, ergo as sobrancelhas ao encarar o fogo puro em seus olhos. — Bom, para passar para o próximo nível, você tem que fazer uma *prova oral*.

— Ah, é?

PERIGOSAS ACHERON

— Aham. — Suas mãos tornam a acariciar e pressionar cada parte minha que ele consegue alcançar, e eu solto um gemido baixinho de satisfação. — Para eu saber se você é qualificado para subir de cargo, preciso que *soletre* pra mim: *habilidade*... — Toco seu lábio inferior com a pontinha da língua. — *Eficiência*... — Dessa vez, puxo a carne macia entre os dentes, bem devagar. — *E resultado*.

Finalizo com mais um impulso de quadris em direção aos dele, e sinto seus dedos se infiltrarem no elástico da minha calcinha.

— É pra já, chefinha!

Sua resposta nada mais é do que um rosnado, daqueles guturais, que já me deixa pronta só por senti-lo reverberar até mim. Heitor nos troca de

PERIGOSAS NACIONAIS

lugar e me coloca de costas para a cama, com a parte de trás dos meus joelhos encostando-se ao colchão. Ele se abaixa aos poucos, arrastando o nariz e a boca por meu pescoço, o vale entre meus seios, minha barriga e, quando está finalmente de joelhos diante de mim, agarra as laterais da minha calcinha e puxa a peça para baixo de uma vez, arrancando-a de mim em um só movimento.

Meu gritinho de surpresa vem acompanhado de um arquejo de prazer quando ele me puxa pelos joelhos e me faz cair de costas na cama. Seu corpo serpenteia de volta sobre o meu, ajustando-me sobre o colchão, e seu sorriso vitorioso ao ver meu estado completamente excitado demonstra que ele sabe que passou no primeiro teste.

Habilidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua boca torna a devorar a minha, e, aos poucos, seus beijos descem e alcançam meu colo, fazendo um estrago juntamente à barba que me arranha e me deixa cada vez mais extasiada, cada vez mais molhada. Heitor ergue a camiseta e ataca meus seios, beijando, chupando e lambendo cada mamilo com uma destreza de outro mundo, enquanto me transformo em uma fonte inesgotável de gemidos que gritam seu nome em meio a súplicas sôfregas.

— Já falei o quanto você é gostosa, chefinha?
— Sua voz vibra contra minha barriga, onde seus lábios e língua semeiam beijos que idolatram cada centímetro. — Já falei quanto você me deixa louco?

Ondulo a pélvis em sua direção quando sinto sua boca em meu baixo ventre, traçando lentamente com a língua um caminho até à coxa direita. Ele

PERIGOSAS ACHERON

está de joelhos novamente em frente à cama, e posiciona meu pé apoiado na beirada do colchão, enquanto o outro balança para fora do móvel e me encontro completamente aberta diante dele.

Seu olhar faminto se mantém no meu, à medida que suas mãos correm dos meus joelhos até os quadris, e sua boca se aproxima aos poucos do local que está pingando e pulsando por ele. Gemo sem me controlar quando a língua de Heitor toca meu clitóris, com lambidas lentas e precisas, enquanto seus olhos observam minhas reações.

— Deliciosa, Marcela. Porra... — Suas palavras sopram contra meu sexo sensível, e eu aperto os lençóis ao senti-lo me abocanhar com tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus lábios sugam os *meus lábios* vigorosamente, alternando com lambidas frenéticas, de baixo para cima, e chupadas ávidas em meu ponto sensível, deixando-me cada vez mais perto do ápice.

— Ah! Isso! Hummm, Heitor... — lamurio ao observar sua cabeça se mover entre minhas pernas, enquanto seus lábios e língua provam que ele acaba de gabaritar o segundo teste.

Eficiência.

Que menino aplicado, senhoras e senhores.

Putá que pariu!

Sinto meus dedos dos pés retorcerem quando um dedo seu brinca na minha entrada, antes de introduzir dois deles em mim e acompanhar os

PERIGOSAS ACHERON

movimentos com mais sugadas vertiginosas em meu clitóris.

— Pronta pra experimentar o melhor *resultado* da sua vida, chefinha? — Heitor murmura, bombeando os dedos para dentro e fora de mim. — Goza na minha boca, gostosa.

Sua língua volta à minha boceta e eu me desfaço. Explodo. Vejo estrelas, enquanto o orgasmo me arreбата e me faz contorcer o corpo inteiro. Ouço Heitor proferir alguns palavrões ao dar as últimas lambidas, conforme a sensação prolongada me estremece e convulsiona dos pés à cabeça.

Ah... Resultado!

Respiro com dificuldade ao me recuperar aos poucos, sentindo mãos quentes acariciarem minhas
PERIGOSAS ACHERON

coxas. O corpo másculo e delicioso volta a pairar sobre o meu, e durante alguns segundos, fico apenas sentindo seu olhar em meu rosto, mantendo os olhos fechados e ofegando. O beijo casto que sinto na bochecha me faz rir, tanto de êxtase quanto diante da calma e inocência que aquele carinho carrega, em um contraste gritante com o que acaba de acontecer.

— E aí, chefinha? Passei?

— Com todas as honras possíveis. — Abro os olhos e um sorriso perverso, ao escorregar minha mão por seu peito até infiltrá-la em sua cueca, encontrando a ereção deliciosa e começando a acariciá-la. — E adivinha qual é a primeira atividade na descrição do seu novo cargo?

— Comer a patroa bem gostoso? — arrisca, me fazendo rir e aumentar a velocidade com que movimento a mão em seu pau. Heitor solta um rosnado, e eu fico fascinada com sua expressão de prazer.

— Se quiser ser o funcionário do mês...

Com uma avidez impressionante, a camiseta some do meu corpo, assim como sua cueca, e a próxima coisa que consigo registrar é o momento em que Heitor coloca a camisinha e volta para mim, em uma postura predadora, que me faz envolvê-lo com os braços e as pernas.

Seu olhar fica preso ao meu conforme nos conectamos aos poucos, sem pressa, sentindo cada centímetro seu me invadindo, cada parte minha o envolvendo. Puxo sua boca para a minha quando

PERIGOSAS NACIONAIS

seus quadris iniciam o ritmo perfeito de impulso e recuo, conforme meus gemidos e arfares vibram em sua boca, e seus sons guturais também são engolidos por mim.

Remexo a pélvis para acompanhar os movimentos, e o som sensual de nossos quadris se chocando intensifica a sensação de mais um orgasmo se formando. Puxo o ar entre os dentes quando Heitor desliza as palmas por meus braços e coloca minhas mãos acima da minha cabeça, entrelaçando nossos dedos enquanto nossos corpos ondulam um contra o outro da maneira mais deleitosa do mundo.

Isso me faz lembrar algo que ele disse sobre a nossa química ser impossível de ignorar. Nesse momento, conforme nossos olhares ardem um no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro e nossos movimentos ficam cada vez mais desesperados, frenéticos e ansiosos, entendendo perfeitamente o que isso significa.

É incrível essa entrega total que temos um com o outro na hora do sexo. É como se o resto do mundo deixasse de existir, e restasse apenas ele, eu e a química explosiva que não falha em nos levar ao delírio.

Ainda parece loucura pensar em quem somos e aonde viemos parar, mas, ao mesmo tempo, é a loucura mais certa de toda a minha vida.

E qualquer dúvida que pudesse restar disso se esvanece no momento em que atinjo o clímax, com suas estocadas impetuosas me fazendo gozar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

buscando seu orgasmo, que vem logo depois do meu, junto aos seus gemidos deliciosos ao pé do meu ouvido.

Minhas mãos ficam livres e eu corro as palmas por suas costas levemente suadas, sentindo nossos peitos se chocarem com nossas respirações ainda erráticas e o martelar de nossos corações agitados. Heitor suspira profunda e audivelmente contra meu pescoço, causando arrepios em minha pele e me trazendo um sorriso ao rosto.

Não sei dizer quanto tempo se passa, até que o vento frio que entra pela janela entreaberta me chama atenção para o escuro lá fora, e imagino o quão tarde já deve ser. Merda. Queria não ter que trabalhar amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Heitor... — balbucio, virando o rosto para beijar sua mandíbula bem de levinho. — Eu preciso ir embora.

— Não. — Sua voz grave vibra em minha pele. Dou uma risadinha devido à sua resposta tão imediata e, com certeza, influenciada pelo estado pós-orgasmo.

— É sério. Eu tenho que trabalhar cedinho amanhã.

— Então eu te levo amanhã — argumenta, ainda com o rosto escondido.

— Não, não precisa. Não vou fazer você acordar às cinco da manhã num sábado, só para me levar em casa antes do trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor, enfim, ergue o rosto para me fitar. Sua expressão está séria, intensa, e o ritmo do meu coração, que havia finalmente acalmado, torna a bater com força e velocidade suficientes para me deixar sem ar por um segundo.

— Se for pra você dormir comigo essa noite, eu faço qualquer coisa.

Sua voz é um sussurro carinhoso, suave, terno, que me faz, por um instante, temer o quanto meu coração salta feliz com isso.

Minha resposta é um beijo em sua boca, que me corresponde de imediato, entendendo perfeitamente o que não precisa ser expresso com uma palavra ou um assentir.

Não é a primeira vez que dormimos juntos.

PERIGOSAS ACHERON

No entanto, é como se fosse, *sim*, a primeira vez que dormimos juntos.

Com meu corpo bem aconchegado ao seu, como se qualquer momento em que não estivéssemos assim, fosse completamente errado.

É o suficiente para acionar um alerta dentro de mim.

Mas não é o suficiente para eu me importar.

Ainda.



Quinze

HEITOR

— Ei, cara! — Maurício surge quando a porta se abre, após eu tocar a campainha. — Sentiu minha falta? — pergunta ao trocarmos um aperto de mão camarada, seguido de tapas audíveis nas costas.

— Porra, demais! — exclamo e lhe entrego o pacote com o presente que trouxe. — Segura aqui, porque eu preciso enxugar as minhas lágrimas de emoção.

Ele ri e balança a cabeça, dando-me espaço para entrar em seu novo apartamento, onde, de hoje em diante, ele vai morar com Débora.

Eles organizaram uma pequena reunião com os amigos mais próximos, para celebrar seu *open house* — era isso que dizia no convite engraçado que Débora enviou para nós — com um jantar, após três semanas de lua-de-mel. Percebo, assim que Maurício fecha a porta atrás de mim, que o lugar está impecavelmente mobiliado e arrumado, emanando o aconchego de um lar.

Lara e Amanda acenam para mim enquanto arrumam utensílios sobre a mesa, e vejo Pedro e Vinícius nos sofás da sala, de frente um para o outro, segurando latinhas de cerveja e conversando com entusiasmo.

Ótimo. Sobrei no meio dos casais. De novo.

Reviro os olhos internamente, para mim mesmo, porque isso nunca me incomodou. Não é a primeira vez que meus amigos estão todos arranjados e eu, sozinho. Na verdade, eu sempre me vi em posição de vantagem quando chegava para transformar nossas saídas e reuniões em um número ímpar.

Entretanto, hoje, sinto como se estivesse faltando alguma coisa.

Alguém.

E o que mais me assusta é que não me refiro a qualquer pessoa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, Heitor! — Débora surge e vem em minha direção, com um sorriso enorme, e me abraça. — Estava com saudades de você!

— Sério? — inquiri quando nos afastamos, e me viro para meu amigo. — Nossa, Maurício, achei que você estivesse dando conta do recado.

Débora acerta meu peito com o dorso da mão, mesmo que esteja rindo, e Maurício revira os olhos.

— Você é incapaz de deixar passar uma, né?

— Não seria eu se deixasse.

Ele dá risada e aperta meu ombro.

— Ah, dane-se, eu também estava com saudades de você — diz, e eu tento manter a expressão divertida, torcendo para que nada nela

PERIGOSAS ACHERON

entregue a pontada de culpa que me atinge.

— Bem, pode ficar à vontade. — Débora aponta para um canto da sala espaçosa. — Tem bebidas naquele cooler e petiscos na mesinha de centro. O jantar está quase pronto — ela diz antes de voltar para onde acredito ser a cozinha.

Pego uma cerveja e me junto a Vinícius no sofá no mesmo instante em que Amanda pede a ajuda de Pedro para resolver um problema na pia da cozinha. Maurício puxa uma cadeira para sentar perto de nós.

— Mas e aí? Como vai esse vidão de casado? — pergunto e dou um gole na cerveja.

— Melhor do que eu poderia imaginar — ele responde, entusiasmado. — Acho que ainda há muito para descobrir, já que até agora só vivemos a PERIGOSAS ACHERON

lua-de-mel, mas eu estou mais do que pronto para essa jornada ao lado da mulher da minha vida.

— Oh! Nosso garotinho está tão crescido, Vini!
— exclamo, e meus amigos dão risada.

— É, acho que essa hora chega pra todo mundo
— Maurício comenta, lançando-me um olhar sugestivo. — Por isso ainda não perdi as esperanças quanto a você — completa, e eu lhe mostro o dedo do meio.

— Ah, eu já sou grande o suficiente, amigão. Se quiser, posso te provar. — Faço menção de desfazer o botão e o zíper da minha calça, mas paro ao receber um soco divertido de Maurício no braço.

— Então, me conta! O que há de novo com você? — ele pergunta, e eu dou de ombros, sentindo uma dificuldade repentina de deglutir o
PERIGOSAS ACHERON

gole que tomo da minha bebida.

Bom, além de eu estar transando com a sua ex-namorada e gostando mais do que deveria...

— Nada.

— Nada? — Vinícius se manifesta, desencostando-se do sofá para apoiar os cotovelos nos joelhos. — Heitor, eu percebi muito bem que você não voltou à academia na última semana.

Olho para ele com pouca paciência.

— Não voltei porque academia é um saco.

Vinícius ri e percebo que Maurício, o rei do *whey protein* e da musculação, me lança uma expressão ultrajada diante da resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fala sério, vai? — Vinícius insiste. — Conseguiu descolar aquela... como posso dizer... malhação específica?

— Do que você tá falando, Vini? — Maurício se inclina em nossa direção, curioso.

— Ah, você não soube? O Heitor aqui levou uma chave de boceta *daquelas* — meu amigo responde, e eu bufo.

— Dá pra você parar de falar assim? Não foi nada disso, porra — discuto, apacando a secura em minha garganta com mais goles de cerveja.

— Bom, ele transou com uma mulher aí, e estava tão frustrado, porque ela não queria repeteco, que foi parar na academia para descarregar a tensão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurício ergue as sobrancelhas.

— Sêrio?

— Seríssimo. Ele nem queria saber de pegar outra!

— Puta que pariu! Não acredito!

— Então, tô deduzindo que deu tudo certo, já que ele não deu as caras para malhar essa semana.

Vinícius e Maurício trocam risadas maléficas e ruídos surpresos.

— Alô! — gesticulo para eles pararem com essa merda toda. — Vocês não estão me vendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vendo eu até tô. Agora, reconhecendo... acho que não mais — Maurício responde, e ri ainda mais quando lhe mostro o dedo do meio mais uma vez. — Por que você não ia me contar?

Sinto minhas mãos começarem a suar, e tento me manter o mais tranquilo possível. Já é um tanto desconfortável eu ter que manter segredo dos meus melhores amigos. Não queria ter que mentir e encarar o peso real dessa situação toda.

— Ah, err... claro que eu ia. É só... ah, não é nada demais — balbucio antes de virar o restante da cerveja.

— Nada demais? Como você estar apaixonado não é nada demais? — Maurício pergunta, e sinto meus olhos prestes a saltarem das órbitas ao encará-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Epa, parou aí! Que apaixonado o quê, Maurício? Tá louco?

Ele ergue as mãos e ri.

— Calma, cara. Você fala como se fosse a pior coisa do mundo.

— Talvez não seja, mas não é isso que está acontecendo.

Bom... eu acho que não.

Ficou claro desde o início que o que Marcela e eu queríamos um do outro era somente o sexo incrível. E, sim, é isso que estamos tendo, e, porra, parece que está cada vez melhor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Confesso que, no começo, cheguei a pensar em como seria quando um de nós — provavelmente, eu — cansasse disso e decidisse partir para outra. Mas já perdi as contas de quantas vezes Marcela e eu nos fizemos gozar nessas últimas duas semanas, e pensar em pôr um fim nisso em qualquer tempo próximo — ou não tão próximo assim — não faz o menor sentido para mim.

Ela é incrível. Divertida, inteligente, atrevida. Linda, sexy, um furacão na cama. Sinto uma calma e um êxtase enormes, ao mesmo tempo, quando estou com ela, e sempre fico ansioso pela próxima vez em que estaremos juntos. O pessoal do trabalho anda estranhando as vezes em que me despeço cedo demais das nossas saídas pós-expediente, e Joyce está mais no meu pé do que nunca, querendo saber por que estou tão quieto e agindo como nunca agi antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas isso não quer dizer que eu esteja... *apaixonado*. Por favor.

— Mas você está saindo com ela, e *só* com ela, seja lá ela quem for, não está? — Vinícius questiona, entrando na insistência de Maurício.

— Não exatamente — digo, me perguntando como posso dar um fim nesse assunto. — Não é nada sério. É só sexo.

— Só com ela?

Bufo para Maurício.

— Que diferença isso faz? Não significa que eu esteja apaixonado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, tudo bem — ele cede diante do meu argumento incisivo. — É alguém que nós conhecemos?

— Não.

Não mesmo. Ele não a conhece. Não de verdade, não como *eu* conheço.

— Alguma chance de conhecermos, um dia? — Vinícius inquire.

— Não sei. — Dou de ombros. — Nós preferimos essa descrição, sabe? Tem dado certo assim. Ela também não está a fim de nada sério, e só estamos nos... curtindo, mesmo.

Maurício lança um olhar espantado para Vinícius, depois torna a olhar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Uau. Você encontrou um equivalente feminino seu? Pô, fiquei muito a fim de conhecê-la, agora. Ela deve ser o máximo.

— Ela é, sim. — Acabo sorrindo ao concordar, e meus amigos trocam mais um olhar sugestivo.

Decido ficar quieto, deixando o mistério no ar, ainda sentindo o gostinho bom de manter meu caso com Marcela em segredo, mas, por um instante, tenho vontade de dizer ao Maurício que, sinto muito, mas acabei mordendo a língua para valer e estou rolando sobre os cacos das minhas próprias regras que quebrei. Tenho vontade de dizer que ele estava errado, que Marcela não é apenas uma lunática teimosa; mas que, de certo modo, sou grato por ele ter achado que ela era uma lunática teimosa

e terminado com ela, porque se não tivesse sido assim, seria ainda mais impossível nos envolvermos e descobrirmos o quanto damos certo.

Tenho vontade de dizer a ele o quanto eu penso nela, gosto de estar com ela, e sinto falta dela quando não está perto. Tenho vontade de dizer a ele o quanto estou *viciado* nela, e o quanto isso está começando a me apavorar.

Tenho vontade de pedir a ele que me aconselhe a como não estragar tudo.

Mesmo que isso não signifique que eu esteja...

— O jantar está pronto, pessoal!

A voz de Débora me tira dos meus pensamentos perigosos, e eu pisco tão rápido que me pergunto por quanto tempo viajei. Capto o olhar de Maurício

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre mim, e é breve o momento durante o qual o ódio por me conhecer tão bem. Ele sabe que algo a mais está pegando, mas respeita minhas razões tortas e não continua a insistir. Fica um pouco mais difícil dissipar a culpa que se instalou desde o momento em que nossos olhares se encontraram quando cheguei.

É uma droga sentir que estou agindo mal por suas costas, mesmo que a história idiota de que nunca se deve pegar a ex do amigo tenha sido invenção minha, e ele nunca tenha demonstrado que isso poderia ser um problema.

Balanço a cabeça, afastando essa doideira de pensar demais, e acompanho todos para a mesa, onde está posto um jantar farto. Fazemos um brinde ao casal e sua nova fase, e degustamos os pratos deliciosos que eles prepararam. Fico aliviado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando o papo flui naturalmente, longe de assuntos desconfortáveis ou que me façam sentir culpado, e aproveito uma noite agradável na companhia dos meus amigos.

Amanda e Lara estão disputando qual música devem colocar para tocar quando sinto meu celular vibrar no bolso. Pego o aparelho, que anuncia a chegada de uma mensagem de Marcela, e fico surpreso ao perceber que já é quase meia-noite.

No caminho para cá, enviei uma mensagem dizendo que tinha um compromisso e que iria para seu apartamento um pouco mais tarde, mas ela demorou tanto para responder que acabei esquecendo, além de ter ficado absorto com o pessoal aqui.

PERIGOSAS ACHERON

Marcela: *Oi! Desculpe por não ter respondido antes. O trabalho hoje foi uma loucura, e cheguei tão cansada que caí no sono sem nem perceber.*

Sinto os cantos da minha boca se esticarem aos poucos, só por ler o que ela escreveu e imaginar o jeito agitado com que sua voz entoaria cada palavra. Vejo Maurício levantar para ajudar Débora a retirar a mesa do jantar e aproveito que meus lados estão livres para digitar uma resposta.

Heitor: *Tudo bem, linda. Amanhã, então? Podemos pedir almoço em casa e passar o resto do dia pelados.*

Marcela: *Hummm. Que tentador. Mas tbm não vai dar. Tenho um churrasco para ir, na casa do meu irmão.*

Heitor: *Ah. Ok. Então vc vai me avisar qdo chegar?*

A mensagem seguinte leva mais de um minuto para chegar, após eu ver que ela digitou várias vezes a pareceu desistir em todas elas.

Marcela: *Não quer ir comigo?*

Heitor: *Sério?*

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcela: *Claro, ué. É só um churrasco de domingo com alguns amigos. Vai ser legal.*

Heitor: *Se não tiver problema, eu vou sim.*

Marcela: *Ok! Então eu te pego amanhã, ao meio-dia. Pode ser?*

Heitor: *Você pode me pegar sempre que quiser, gata.*

Marcela: *Bom saber ;) Agora, se me der licença, eu vou voltar a dormir.*

Heitor: *Espero que sonhe comigo.*

Marcela: *Ops. Eu disse “dormir”? Eu quis dizer “me tocar pensando em você”.*

PERIGOSAS ACHERON

Heitor: *Não, você quis dizer “deixar o Heitor de pau duro na frente dos outros”.*

Marcela: *A gente dá um jeitinho nisso amanhã, gato. Boa noite.*

Heitor: *Boa noite, gata.*

Guardo o celular, sentindo um arrepio de expectativa descer por minha coluna. Sim, nós nos vimos ontem, e quase todos os dias dessa semana e da anterior, mas a ansiedade por colocar minhas mãos nela de novo já está fora do meu controle.

Mas, você sabe...

Isso não quer dizer que eu esteja apaixonado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Dezesseis

✿ MARCELA ✿

Quando meu carro perde velocidade até parar em frente ao prédio onde Heitor mora, vejo que ele já está na saída da portaria, me esperando. Rolo a janela do passageiro para baixo e aceno para ele, sendo agraciada com seu sorriso conforme ele começa a vir em minha direção.

A beleza desse homem deveria ser pecado. Puta merda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Empurro meus óculos escuros para o alto da cabeça, fazendo questão de dar uma boa olhada naquela delícia ambulante vindo até mim. Ele está usando uma bermuda cargo cáqui, uma camiseta regata verde-escura de alças largas, e tênis. Simples, casual e tão, tão lindo.

Seu cheiro bom invade minhas narinas assim que ele abre a porta e se acomoda no assento do passageiro. O sorriso que se espalha por meu rosto é impossível de conter, e consigo ver a cobiça que estampa meu olhar espelhada no dele quando me confere de cima a baixo.

— Quer dizer que hoje eu tirei a sorte grande e estarei nas mãos de uma motorista gostosa? — comenta e balança as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mão, em um gesto inevitável, agarra a gola de sua camiseta e o puxa para mim. Roço meus lábios nos dele, na intenção de um beijo breve como cumprimento, mas assim que faço menção de quebrar o contato, ele me busca novamente, mantendo a maciez de sua boca contra a minha por mais alguns segundos, em um gesto cheio de carinho. Suspiro contra seus lábios.

— Sorte você vai ter quando formos para o meu apartamento, mais tarde — sussurro antes de soltá-lo. Posiciono-me diante do volante e dou partida no mesmo instante em que Heitor se aproxima e enfia o rosto no meu pescoço, deixando um beijo estalado e arrepios incontrolláveis por toda minha pele.

— Provocadora — ele rosna antes de tornar a sentar direito.

— Olha quem fala — aponto, tentando me recuperar da onda de sensações inebriantes que esse homem causa em mim. Coloco os óculos escuros de volta no rosto. — Agora, comporte-se, por favor! Estou ao volante.

Ele dá uma risadinha.

— Você que manda.

No entanto, assim que ponho o carro em movimento, a mão de Heitor pousa em minha coxa. Estou usando um short jeans curto, então minhas pernas estão bastante expostas. É difícil me concentrar em não bater o carro quando a mão grande, quente e macia dele está em contato direto com a pele da minha coxa, alisando para cima e para baixo, como se fosse um gesto distraído.

— Isso é se comportar, Heitor? — repreendo-o,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo que, em meu rosto, o sorriso divertido não cesse.

— Claro! Se você soubesse tudo o que estou pensando em fazer agora... — diz, intensificando seu toque quando a palma desliza mais para cima, em direção à minha virilha.

Para a segurança das nossas vidas, deparo-me com um sinal vermelho. Coloco minha mão sobre a sua e o encaro, sentindo o calor que, apesar de já ter se tornado familiar para mim, sempre vem em uma onda excitante da qual não me canso, toda vez que Heitor me olha desse jeito.

Como se quisesse me devorar. Como se, também, não se cansasse disso.

— Você pode me contar depois — digo, entrelaçando meus dedos aos seus. — Então,
PERIGOSAS ACHERON

veremos se bate com tudo o que *eu* estou pensando em fazer agora.

— Hummm... isso envolve os vidros desse carro embaçados e o risco de sermos presos por atentado ao pudor?

Sua pergunta me faz gargalhar.

— Você é louco — comento, balançando a cabeça.

Ele não diz nada de imediato, o que me faz fitá-lo mais uma vez. Deparo-me com seu olhar na minha direção, contemplativo. É como se as engrenagens em sua mente lutassem para encontrar as palavras certas, ou decifrar algum código, ao mesmo tempo em que a suavidade em seus olhos e o sorriso brincando em seus lábios conseguem facilmente me distrair dessa minha análise.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por fim, ele suspira por um segundo e puxa minha mão até seus lábios.

— É, eu sei — diz, sorrindo, e roça a boca pelo dorso da minha mão, sentindo-a sem pressa. Ele só me solta quando o sinal fica verde e eu preciso dela para voltar a dirigir.

Sentir desejo por Heitor é algo que tem me feito muito bem nas últimas semanas. É sempre gostoso vê-lo, lembrar de como ele é sem roupas, sentir a expectativa para estar com ele sem roupas novamente; é sempre excitante sentir seu toque, seu beijo, sua pegada intensa, ouvir seus gemidos e palavras sujas ao pé do ouvido, e chegar ao orgasmo em rodadas de sexo incríveis.

Isso não me assusta nem um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

No entanto, não sei em que ponto isso surgiu, mas comecei a perceber o quanto eu gosto de sua companhia enquanto faço cupcakes aos domingos. O quanto gosto de ter sua cabeça em meu colo e fazer carinho em seus cabelos quando, exauridos de tanto transar, nos acomodamos no sofá para assistir filmes ou séries. O quanto gosto das conversas em que ele me faz rir até eu estar sem fôlego.

O quanto eu gosto... dele.

Gestos como beijar meu pescoço, cheio de segundas intenções, e acariciar minha coxa para me provocar, mantêm acesa a atração intensa que sinto por ele.

Gestos como beijar minha mão com suavidade e ternura, após me contemplar como se fosse a coisa mais agradável do mundo, me dá arrepios de

deleite e cautela.

Não era para passar do interesse sexual louco que não nos deixou em paz até que nos entregássemos novamente, após a primeira vez. Para falar a verdade, achei que nem estivesse nos planos desenvolver essa espécie de vício que nos tem feito passar mais tempo juntos do que assumi que seria, diante das condições desse nosso acordo.

Não que eu esteja reclamando, mas sei que é bom manter a precaução. Não posso deixar que os receios que me fizeram relutar tanto antes de me entregar acabem se concretizando.

Heitor tem mostrado ser um cara incrível. Não deixo de me surpreender com as facetas honestas que ele tem revelado de baixa guarda. Mas não posso esquecer de que ele é um cara incrível que

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca foi capaz de se comprometer antes, e a quem estou vendo escondido de seu melhor amigo, que por acaso é meu ex-namorado.

Não posso esquecer de que não posso me apaixonar por ele.

Levamos quarenta minutos para chegar à casa de Samuel. O caminho foi preenchido com uma conversa agradável, durante a qual Heitor perguntou sobre a minha família, e lhe contei um pouco sobre eles, além de compartilharmos histórias divertidas. Geralmente, fico impaciente quando preciso fazer longos percursos, mas isso fez com que eu mal visse o caminho passar.

Estaciono próximo ao muro enorme que protege sua casa do resto do mundo e pego a fileira com três recipientes de plástico, nos quais eu trouxe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brownies. Heitor se oferece para levar para mim, mesmo que eu diga que não precisa. Com a mão livre, ele segura a minha quando começamos a andar para o interior da casa.

O cheiro de carne e a leve fumaça no ar nos guia até à varanda lateral da casa gigantesca, e não demora até que eu aviste a pequena reunião acontecendo ali. Alguns rostos conhecidos logo me percebem e acenam para mim, antes que eu veja Mariane vir agitada em minha direção.

— Você demorou! — Ela me puxa para um abraço ao me alcançar. — Achei que não viesse mais.

— Eu avisei a hora que sairia, Mari. Não tenho culpa se o Samuel resolveu morar longe e isolado da civilização — explico, dando de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, sim. De cara, achei que estivesse ocupada com outras distrações — ela diz, olhando direto para Heitor.

— Hum, hã... — Pigarreio e, com o olhar, a repreendo. — Mariane, esse é o Heitor. Heitor, essa é Mariane, minha irmã.

— Olá, Heitor! Muito prazer. — Ela estende a mão para ele com um sorriso enorme.

— O prazer é todo meu — ele responde, sorrindo na mesma medida.

Percebo o olhar de Mariane analisando-o, e assim que ela torna a olhar para mim, já sei que lá vem bomba.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe, Marcela, houve um tempo em que você me contava toda vez que arrumava um namorado — acusa, mesmo que sua expressão continue simpática.

Meu rosto começa a pegar fogo no mesmo instante. Estou começando a me arrepender por ter pensado que trazê-lo aqui não seria uma má ideia.

— O quê? Ah, não! — trato de explicar. Viro-me para Heitor por um segundo, pedindo desculpas com o olhar, mas ele está tão pacífico e achando graça, ao contrário de mim, que desisto de pedir reforço. — Não, ele não... err, nós somos amigos.

Minha irmã ergue uma sobrancelha.

— Amigos? Aham. Claro. — Ela torna a se dirigir a Heitor. — Você confirma essa informação, Heitor?

PERIGOSAS NACIONAIS

Reviro os olhos e o encaro, que me encara de volta e me lança uma piscadela antes de responder Mariane.

— Ah, sim. Somos amigos — diz, com tranquilidade, e eu estremeço quando sinto sua mão pousar na curva da minha cintura. — Com benefícios, mas ainda assim... só amigos.

Mariane dá risada, enquanto meu queixo vai ao chão. Não escondo minha consternação ao fitá-lo, e ele apenas dá de ombros.

— Então... — Arranco os recipientes da mão de Heitor e me viro para minha irmã, interrompendo com meu tom exasperado o momento de risadas cúmplices dos dois. — Eu trouxe brownies.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, ótimo! Vamos guardar lá dentro, para mais tarde. — Ela pega da minha mão e nos chama com a mão antes de começar a andar. — Venham, o Samuel está na cozinha com a Paula.

Heitor e eu a seguimos, mas, antes que atravessemos a porta da cozinha, eu me viro para ele e aperto sua mão.

— O que você tá fazendo? — inquiri, baixinho, sabendo que ele sabe do que estou falando. Mesmo assim, ele me lança a expressão mais inocente do mundo. — Amigos com benefícios? — repito, entredentes.

Em resposta, ele dá uma risada suave.

— Marcela, eu acho que ela iria sacar de qualquer jeito quando eu começasse a te tocar e te beijar — diz, deixando-me um tanto embasbacada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Franzo as sobrancelhas para ele, demonstrando minha confusão. — O quê? Você acha mesmo que eu vou conseguir passar a tarde inteira com você ao meu alcance e minhas mãos quietas? Precisa rever o contrato que assinou, gata.

Estreito os olhos em sua direção, e os cantos traidores da minha boca se esticam em um sorriso diante da expressão maliciosa dele para mim. Balanço a cabeça e torno a andar, puxando-o comigo e tentando amenizar minha cara de boba quando encontro meu irmão e minha cunhada em sua cozinha espetacular.

Samuel, literalmente, construiu essa casa, do alicerce até o último detalhe, depois que ficou noivo de Paula. Eles moram aqui desde o primeiro dia de casados, há quatro anos, e é uma casa enorme, espaçosa, bem decorada e fantástica.

PERIGOSAS ACHERON

Sempre comento com eles o quão ansiosa estou pelo dia em que tiverem filhos, para correrem com a tia Marcela quintal afora ou pularmos na piscina maravilhosa que há do outro lado da casa.

Paula está fuçando algo na geladeira quando entramos, e Samuel está diante da bancada, cortando pedaços de carne com uma faca enorme.

— Marcela! Você veio! — Minha cunhada me cumprimenta quando percebe minha presença, e vem em minha direção.

— Gente, por que tanta surpresa? Até parece que eu vivo boicotando os convites que me fazem — digo, abraçando-a, que ri de minha colocação.

— Ei, irmãzinha! — Samuel sorri e acena com a faca. Aproximo-me dele para abraçá-lo também. Ele o faz com cuidado, já que suas mãos estão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sujas. — Caramba, faz tempo que não te vejo. Você parece... sei lá, mais velha — comenta, após tombar a cabeça de um lado para o outro, analisando meu rosto com a testa franzida.

— Nossa, valeu. — Ergo os dois polegares, com a expressão irônica.

— Ah, Samuca! — Mariane intervém. — Deve ser o brilho maduro no olhar de quem está plenamente realizada e satisfeita em todas as áreas da vida. — Ela dá uma breve pausa e, quando vejo suas sobrancelhas se erguerem, preparo-me para o que vem em seguida. — Por falar nisso, vocês já conhecem o Heitor? Ele é amigo da Marcela. Amigo, sabe? Só amigo.

Bato a mão na testa e encaro minha querida irmã incisivamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mariane, será que você realmente não pode deixar passar uma única oportunidade de me constranger?

— Claro que não.

Dessa vez, não posso deixar de rir. Mariane não tem jeito, mas eu a amo mesmo assim.

Volto para o lado de Heitor, que está quieto e com diversão na expressão enquanto observa nossas interações.

— Samuel, Paula... esse é o Heitor.

— E aí, cara? — meu irmão acena, com um sorriso simpático.

— Ei, beleza? — Heitor responde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Heitor. Muito prazer. — Paula se aproxima para apertar sua mão.

— Prazer, Paula. Vocês têm uma casa linda.

— Ah, muito obrigada! — Minha cunhada olha para nós dois. — Então, nos contem! Como se conheceram?

— Hum, nós temos amigos em comum — respondo rapidamente, tanto para não deixar espaço para mais perguntas, quanto para tirar de Heitor a oportunidade de fazer algum comentário inadequado para ser engraçadinho. — Mari, e o papai, como está?

— Ah, ele está ótimo! Antes de você chegar, eu estava comentando com o Samuel sobre a possível nova namorada dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Sério? Quem? E quando isso aconteceu?

Não é a primeira vez que nosso pai arruma uma namorada, mas faz um bom tempo desde que seu último relacionamento terminou, após durar três anos.

— Não sei direito, mas esses dias, ele recebeu a visita de uma mulher que foi nossa cliente mês passado, e quando perguntei o que ela estava fazendo ali, ele disse que os dois são só amigos. Até parece que eu acreditei nisso, né? — Minha irmã solta uma risadinha sarcástica, e decido ignorar a sugestão em suas palavras e seu olhar sobre mim.

— Bom, se ela for uma pessoa legal, acho ótimo pra ele — digo, de coração. — O papai merece muito ser feliz, e fico aliviada por saber que

ele não estará sozinho quando não estivermos por perto.

— Aff, não é à toa que você é a favorita dele.

— Mariane revira os olhos. Sei, diante de seu tom e por ser a milésima vez que ela repete isso durante a minha vida inteira, que não está com ciúmes ou realmente magoada como se isso fosse verdade, mas ainda balanço a cabeça para ela, desaprovando seu comentário. E lhe mostro a língua porque, afinal, sou sua irmã caçula.

— Bem, vocês podem ficar à vontade! O Samuel comprou comida para uma semana inteira com a intenção de que seja toda consumida hoje — Paula diz e lança um olhar impaciente para meu irmão, que apenas dá de ombros. — Tem bebidas

no freezer lá fora, e o pessoal já começou a aproveitar a churrasqueira. Espero que se divirtam esta tarde.

— Obrigada, Paula.

Seguro a mão de Heitor e seguimos para fora, com Mariane logo atrás, e vejo-a sentar ao lado de Carlos, seu marido, que já parece bem recuperado da pequena cirurgia que fez há três semanas. Cumprimento a todos e apresento Heitor, que é muito carismático e educado com todos e logo puxa assunto com alguns dos amigos do Samuel.

A tarde agradável passa em um ritmo sereno, com boa conversa, boa comida e muitas risadas, e me sinto bem por ver o quanto todos parecem encantados pelo meu... hã, pelo Heitor.

Tento não deixar que pensamentos bobos ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionamentos inadequados me distraiam demais, mas é difícil não pensar o quanto o fato de Heitor estar comigo, aqui, ao meu lado, me tocando, me fazendo carinho, e sempre olhando para mim toda vez que sorri, como se para ver se estou sorrindo também, parece certo.

Ao mesmo tempo em que me ocorre a realização de que isso não seria possível caso as pessoas presentes não fossem completas estranhas para ele.

Há uma parte de mim que gosta muito de como as coisas estão entre nós. Sem cobranças ou complicações, sem rótulos ou denominações, só a parte divertida e quente de uma relação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, posso sentir que há outra parte minha que deseja mais. Que imagina como seria se fosse permitido que eu me apaixonasse por ele, e ele por mim. Como seria se o fato de eu ser ex-namorada do melhor amigo dele, que provavelmente não me suporta até hoje, não significasse nada.

Como seria se eu não tivesse tanto medo de terminar com o coração quebrado, como sempre acontece.

Apesar disso, eu sei que já foi bem mais fácil deixar a parte desencanada falar mais alto e aproveitar isso, seja lá como for denominado, que está rolando entre nós, enquanto durar. Sei que talvez eu esteja me deixando levar demais por sentimentos e sensações que nunca deveriam ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surgido, mas têm esses momentos em que a possibilidade de sermos algo a mais não parece tão impossível assim.

Momentos em que flagro seu olhar sobre mim com uma contemplação diferente, como se em sua mente passasse exatamente as mesmas coisas que passam pela minha. Momentos em que seu tom de voz cheio de tesão é substituído pela leveza de um carinho que me deixa de coração aquecido. Momentos em que seu abraço parece ser o lugar mais seguro do mundo, seu sorriso parece carregar toda a satisfação disponível nesse Universo quando estamos juntos, e seu jeito de venerar meu corpo sem pressa quando estamos na cama parece confirmar que não estou imaginando coisas.

Mas, no fim de tudo, sei que estou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que é apenas questão de tempo para que isso tudo deixe de ser suficiente e, simples assim, acabe.

Eu só queria que não fosse tão cedo assim.

E, ao mesmo tempo, queria que acontecesse antes que se torne um caminho sem volta.

PERIGOSAS ACHERON



Dezessete



HEITOR



— Heitor? Acorda. Você vai se atrasar para o trabalho. — A voz baixinha e suave ao pé do meu ouvido é tão carinhosa quando os dedos que brincam com meu cabelo.

Estou deitado de bruços, esparramado na cama de Marcela, e faz uns cinco minutos que a senti subir no colchão, engatinhando devagar, até pousar seu tronco sobre as minhas costas, e começar a distribuir beijos leves por meu ombro e mexer nos

PERIGOSAS NACIONAIS

meus fios bagunçados. Posso perceber que ela está usando alguma de suas camisetas folgadas, sem sutiã, e o calor de seu corpo contra o meu está me fazendo sentir no paraíso. Não quero sair daqui nunca mais.

— Heitor? — Seu dedo cutuca minha nuca, e o sopro de sua voz contra minha pele me causa arrepios que, com certeza, não passam despercebidos por ela. — Para de fingir que está dormindo! — Posso sentir o risinho de diversão em seu tom.

Balanço a cabeça negativamente, o máximo que a confusão de travesseiros e lençóis me permite, e sua risada nos chacoalha um pouco. Sinto sua boca se aproximar da minha orelha.

PERIGOSAS ACHERON

— Hummm... Será que eu devo encontrar um jeitinho melhor de te acordar? — O sussurro sensual, acompanhado de um leve raspar de dentes em meu lóbulo, viaja direto até minha ereção matinal, que começou a dar sinal de vida desde que senti seus primeiros toques esta manhã. Porra, será que essa mulher tem noção do que faz comigo?

Balanço a cabeça novamente, dessa vez de forma positiva, e recebo mais uma risada deliciosa ao pé do ouvido.

— É sério, vai ficar tarde para você ir até o seu apartamento antes de ir para o trabalho. Acho que você deveria se apressar.

— E eu acho que você deveria continuar brincando com o meu cabelo — finalmente me manifesto, com a voz abafada e manhosa. Ela emite

um som desconfiado.

— Está procurando um jeito de colocar a culpa do seu atraso em mim?

— A culpa já é sua desde o instante em que entramos nesse quarto ontem.

— Não me lembro de te ouvir reclamar. Até porque... — Seu corpo ondula contra o meu e eu gemo com o contato. — A sua boca estava muito bem ocupada...

Ao som de sua risada diante do meu gemido, que logo se torna um rosnado, remexo-me para ficar de barriga para cima, encontrando uma Marcela sorridente e com malícia no olhar, que até tenta se desvencilhar, mas eu a agarro pela cintura e a mantenho sentada sobre mim, com suas pernas dobradas e posicionadas uma em cada lado do meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo. Percebo em sua expressão o momento em que ela sente meu pau enrijecido, e eu impulsiono a pélvis para cima, a fim de provocá-la ainda mais.

Suas mãos deslizam por meu peito até que seu tronco esteja perfeitamente inclinado para que minha boca alcance a sua, em um beijo suave e gentil.

Onde eu posso assinar para acordar todos os dias desse jeito? Me passa a caneta agora!

Assim que ela se afasta um pouco para me olhar, ainda sorrindo, seus olhos ainda sonolentos me fazem imaginar que horas são. A claridade que entra no quarto pelas persianas da janela não me permite ter uma boa ideia dessa resposta — nem o

PERIGOSAS NACIONAIS

fato do meu pau duro estar em contato com o centro quente e macio de Marcela —, mas a verdade é que estou pouco me lixando.

Estou gostando muito de Marcela. Muito, muito mesmo. A ponto de não parar de pensar nela nem por um segundo do dia, a ponto de contar as horas para vê-la novamente, a ponto de ficar até apavorado por perceber que nunca senti por ninguém o que sinto por ela.

Isso está me deixando bastante confuso. Ela mesma sabe e sempre soube o tipo de cara que sou e sempre fui. Pelo menos, que eu *achava* que era e pensava gostar de ser.

Até o acaso cruzar nossos caminhos de uma maneira que eu nunca poderia prever, e me permitir conhecer a pessoa fantástica que ela é.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela faz meu sangue do corpo inteiro se concentrar em meu membro, que sempre fica pronto para a festa com seu jeito sexy. E também faz meu coração bater com mais força e rapidez quando joga a cabeça para trás enquanto gargalha.

Ela faz minha visão ficar turva e minha mente inebriada de tesão quando me toca, me beija, me chupa, me arranha, e me devora com a boceta deliciosa até chegarmos ao orgasmo. E também me faz sentir meio idiota quando responde rápido uma mensagem simples e me deixa com um sorriso fácil no rosto.

É um impasse.

Tão certo quando estamos só nós dois, mas não tão certo assim quando lembro de quem somos e do que combinamos desde o início.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria dizer a ela como me sinto. Talvez ela até me ajudasse a entender o que é tudo isso, talvez queira discutir para onde estamos indo e *se* estamos indo a algum lugar, talvez até se sinta da mesma forma. Mas está tudo tão bem, apesar dessa bagunça levemente incômoda por dentro. Não quero estragar o que temos. Seja lá o que for.

— O que foi?

Pisco algumas vezes diante de sua voz confusa.

— O quê? — pergunto de volta.

— Você estava encarando. Parecia estar em outro planeta. — Ela estala os dedos na frente do meu rosto. — Está dormindo de olhos abertos?

Pego sua mão e beijo levemente as pontas dos dedos, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Acho que viajei um pouco — explico, e sua expressão se suaviza.

— E eu acho que você precisa de um banho frio e um café bem quente.

Ela faz menção de levantar, mas eu seguro seu corpo contra o meu. Marcela dá risadinhas e emite palavras de protesto, mas quanto mais ela luta, mas eu a agarro. Queria poder não soltá-la nunca mais.

Sobre o criado-mudo ao lado da cama, meu celular apita com a chegada de algumas mensagens. Ignoro, durante os primeiros segundos, mas então fico curioso para saber que horas são e ver quanto tempo tenho para poder me enterrar em Marcela antes de ter que ir trabalhar.

Estico o braço para alcançar o aparelho e me atrapalho por um instante, deixando-o cair sobre o

PERIGOSAS ACHERON

colchão. Assim que consigo pegá-lo novamente, viro a tela para mim e vejo que são 7h23 — preciso estar no trabalho às 9h — e algumas notificações pouco importantes. Dentre elas, uma mensagem que chegou durante a madrugada, perguntando como estou, dizendo que estava com pouca roupa e pensando em mim, e querendo saber quando poderemos nos ver novamente.

Não há nome, apenas o número. Sei que deve ser alguma mulher com quem fiquei há algum tempo, mas não faço a menor ideia de quem exatamente possa ser. Limpo a tela de notificações e deixo isso para lá, mas assim que torno a olhar para Marcela, vejo sua atenção no celular, que acabo que jogar de volta sobre o criado-mudo.

Sua expressão cautelosa, surpresa e um tanto decepcionada indica que é possível que ela tenha visto a tela quando o aparelho caiu sobre o colchão. Que é possível que ela tenha lido as palavras naquela mensagem. E que é possível que esteja pensando um monte de merda.

— Marcela... não é nada do que está pensando — digo, estalando a língua após ouvir o clichê barato que acaba de sair da minha boca, mas é a explicação que mais se encaixa na situação. Ergo o tronco e sento, segurando-a em meu colo, buscando seu olhar quando ela desvia repetidamente.

— Eu não estou pensando nada — diz, com um sorriso sem graça.

— Eu... eu nem sei quem é, eu...

— Isso deixa as coisas *bem* menos estranhas,
PERIGOSAS ACHERON

Heitor. — Ela solta uma risada breve de escárnio ao tentar se desvencilhar de mim.

— Ei, vem cá — peço, segurando-a no lugar e alisando suas costas. Ela para de lutar e solta um longo expirar, ainda tentando não olhar para mim. — Você mesma disse que sabia no que estava se metendo quando começamos a nos ver.

A risada nervosa surge novamente, e eu sei que, mais uma vez, falei a coisa errada.

— É, você está certo — diz e, finalmente, olha para mim. Dessa vez, parece estar realmente irritada e incrédula. — A culpa é minha por pensar que...

— Para — corto-a, balançando a cabeça. — Eu não tô dizendo isso. — *Eu não sei que droga eu quero dizer!* — É só que... argh. Olha, eu realmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não sei quem é essa pessoa. — Aponto para o celular por um segundo. — Deve ser alguém com quem saí há um tempo, sei lá...

— Quanto tempo? — Ela me pega de surpresa ao perguntar isso. E o engraçado é que, em seu rosto, dá para ver que ela mesma está surpresa com a pergunta que acaba de proferir.

— Bem antes de transar com você pela primeira vez.

Marcela ergue as sobrancelhas, pasma, mas logo seus olhos estreitam, duvidosos.

— Você não esteve com ninguém durante esse tempo em que estamos...?

— Não — respondo, rápido e firme. — E você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro que não. — Ela revira os olhos, como se indagar isso fosse o maior absurdo. — Mas, sei lá, é diferente. Eu e você...

Levo uma das minhas mãos até seu queixo e prendo seu olhar com o meu.

— Se você desconfiasse mesmo de que eu poderia estar saindo com outras pessoas desde que começamos a transar, você acha que teríamos chegado até aqui?

Ela analisa meu rosto, ainda semicerrando os olhos, e vejo que aperta os lábios ao ver o leve sorriso torto que lhe lanço, junto à sobrancelha esquerda erguida.

— Bom, eu... sei lá, eu não parei para pensar nisso. — Dá de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu achei que depois de mal nos desgrudarmos após a primeira semana, isso estava implícito.

Sinto que ela fica com as costas mais eretas, de repente.

— Isso o quê? Que somos, tipo, exclusivos?

— Não somos?

Marcela morde o interior da bochecha, contemplando por alguns segundos.

— Por mim, sim — diz, por fim, baixinho. Sorrio e infiltro as mãos por baixo de sua camiseta, sentindo a pele quente responder ao meu toque imediatamente.

— Por mim, também.

PERIGOSAS ACHERON

— SÉRIO?

— Claro.

Meu sorriso cresce e eu a aperto mais contra mim, mas sinto certa resistência quando beijo seu queixo. Afasto o rosto para olhar o seu, que parece pensativo, sem o menor rastro de diversão. Parece... apreensão. Dúvida. Medo.

— Heitor... — chama, em um fio de voz, olhando para as próprias mãos espalmadas em meu peito. Assim que volta a me fitar, vejo o brilho receoso em seu olhar. — O que... o que isso significa?

Eu não faço a menor ideia, gata.

Quase mordo a língua ao me impedir de dar essa resposta, que não seria nada além de completamente honesta. No entanto, o clima tenso repentino está me incomodando, e posso apostar que a aflição de sua pergunta se deve a tudo de complicado que impede que sejamos algo mais do que duas pessoas estão mantendo um caso escondido, que já não é mais tão escondido assim.

Nem desprovido de sentimentos que não estavam nos planos.

Por isso, pelo menos por enquanto, decido voltar ao clima leve e gostoso que é sempre tão fácil e confortável entre nós.

— Significa que eu posso até ser um safado, mas não sou cretino — digo, exibindo minha melhor expressão inocente, que não deve ter o

menor rastro de inocência devido à voz rouca com que falo, aproximando-me de seu rosto aos poucos.

Espero pelo momento em que ela vai me empurrar e se zangar com meu desvio, mas, para meu alívio, Marcela tomba a cabeça um pouco para o lado, com os olhos semicerrados e um rastro de sorriso na boca linda.

— E tem diferença, por acaso? — quer saber, e eu me inclino para beijar seu queixo mais uma vez. Não me canso do cheiro bom que ela tem.

— Claro que tem, gata. — Ergo um dedo. — Veja bem...

— Ah, e lá vamos nós! — Ela joga a cabeça para trás, fingindo tédio, mas eu a puxo de volta e a seguro bem firme em meus braços.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quer me deixar te transmitir conhecimento, Marcela?

— Por favor. — Ela ri da minha cara e me abraça pelo pescoço.

— Ok, escuta essa: todo cretino é safado, mas nem todo safado é cretino.

— Hummm, me conte mais.

— Cretino eu seria se estivesse saindo com outras pessoas sem ao menos te falar antes — explico, e ela balança a cabeça, concordando com a minha lógica. Aproximo meu rosto do seu, tocando nossos narizes, antes de continuar em uma voz rouca e baixa. — Safado eu sou quando te mando mensagens obscenas no meio do dia, só para imaginar a sua reação e ficar excitado com as suas respostas.

PERIGOSAS ACHERON

A tensão entre nós, antes desagradável e incômoda, passa a ser aquela tão bem-vinda que nos faz respirar com mais dificuldade e muita expectativa. Os olhos de Marcela viajam até minha boca, e eu aproveito para morder o lábio e passear minhas palmas de suas costas até sua barriga, que se contorce um pouco diante do toque.

— Safado eu sou quando te olho de cima a baixo, com cara de que estou apreciando a sua roupa, mas na verdade estou lembrando o quanto você é deliciosa quando não está usando nada.

Ouçó seu arquejo quando nos viro na cama, colocando-a deitada sobre o colchão e ficando sobre ela, fitando-a com todo o desejo que ela me faz sentir, do jeito que acabo de descrever.

— Safado eu sou quando sorrio vitorioso por te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tocar nos lugares certos que te fazem gemer meu nome e pedir por mais...

Deslizo uma das mãos desde seu joelho até à virilha, acariciando a coxa vagarosa e perigosamente, observando como suas bochechas rubras de excitação e sua boca entreaberta a deixam ainda mais linda, e me deixam ainda mais desesperado para entrar nela.

— Você vai ser um safado desempregado se continuar a subir essa mão — ela comenta, puxando meu rosto para sussurrar contra minha boca.

— Tô nem aí — sussurro de volta, arrancando-lhe uma risadinha. — Só quero ficar aqui e beijar você, sentir você...

Amar você.

PERIGOSAS ACHERON

Opa. Espera. O quê?

Congelo por um instante, sem saber se aquilo realmente saiu em voz alta. Quando vejo o rosto confuso de Marcela, claramente sem entender por que estou estático sobre ela, concluo que essa última parte ficou apenas no pensamento.

— O que foi? — inquire, fazendo um carinho na minha nuca.

Balanço a cabeça e sorrio.

— Nada — digo, deslizando a mão até pousá-la sobre sua calcinha. — Eu só...

— Você também está sentindo, não é?

Sua pergunta me faz engolir em seco. Olho em seus olhos, sentindo meu coração acelerar como nunca fez antes.

— O quê?

Ela morde o lábio e escorrega uma palma até meu ombro, para então seguir pelo braço, chegar à minha mão e infiltrá-la em sua calcinha. Está tão quente e molhada que sinto meu pau contorcer de desejo.

— Isso, Heitor — ela sopra contra minha boca, e é tanto uma explicação ao que estava se referindo, quanto uma aprovação gemida aos movimentos que começo a fazer com os dedos por entre seus lábios escorregadios e seu ponto sensível.

— Ah, sim. Eu... estou sentindo sim — confirmo, minha voz nada mais que um sussurro

PERIGOSAS ACHERON

quando enfio o rosto em seu pescoço e ataco a pele com beijos famintos. — *Porra...* Estou sentindo até demais.



Dezoito

✂ MARCELA ✂

— Argh! Mas que droga!

Pela terceira vez, farinha branca voa para todos os lados quando ligo a batedeira. A superfície de mármore sobre a qual o eletrodoméstico se encontra está tão coberta pelo ingrediente que mal dá para ver sua cor original. Assim como meu avental e meu rosto, que sinto ao passar o dorso da mão pelo nariz.

— Ei, amiga! Calma! — Dani diz, do outro lado da cozinha, me observando. — Quer ajuda?

— Não, obrigada. Está tudo sob controle.

— Não é o que parece — rebate, terminando de lavar as mãos. Tento me concentrar na tarefa de não fazer uma bagunça maior ainda e desperdiçar mais farinha, mas posso sentir que minha amiga ainda não tirou os olhos de mim. — Tudo bem entre você e o Heitor?

Bufo para sua pergunta.

— Nem tudo gira em torno do Heitor ou de como estão as coisas entre nós, Daniela.

— Tudo bem, desculpa! — Ela ergue as mãos diante de meu tom incisivo, que, com certeza, acaba respondendo bem seu questionamento. Viro-

me por um instante, para pegar alguns ovos, e acabo deixando um cair no chão. Mais um grunhido frustrado ecoa pela cozinha. — Nossa, Marcela, não faz bem para o coração esse tipo de atitude.

A colocação de Dani me faz soltar uma risada sem humor algum e, após limpar a sujeira que fiz no chão, balanço a cabeça, ainda sem olhá-la.

— Parece que parei de me importar com o bem do meu coração há um bom tempo — comento, direcionando minhas palavras tanto para minha amiga quanto para mim mesma.

Dani se aproxima com cautela.

— Você e o Heitor terminaram?

— Não — respondo rapidamente. Em seguida, estalo a língua. — Eu nem sei mais direito o que somos ou o que temos, para que possa terminar, se fosse terminar, sabe? Eu... eu... — Expiro com força e apoio as mãos na bancada fria.

— Você gosta muito dele — ela afirma, ficando de pé ao meu lado.

— É claro que eu gosto dele. Mas...

— Por que não conversa com ele? Para saber onde tudo isso vai dar, já que está te deixando angustiada?

Suspiro, sentindo um aperto no peito.

— Acho que, no fim de tudo, esse é o problema. — Olho para Dani. — Eu sei onde vai dar. E a resposta é: lugar nenhum. Entrei nessa de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transarmos casualmente sabendo que nunca passaria disso.

— Vocês estão grudados há quase um mês e você chama isso de transar casualmente?

Claro que sim.

Ok, ele me garantiu que não está saindo com outras pessoas e, ok, estamos tão viciados um no outro que nos vemos quase todos os dias. Mas ainda há o detalhe que nos fez esconder de todo mundo no começo. Ainda há o fato de ele estar quebrando as próprias regras e pegando a ex do seu melhor amigo escondido dele. Ainda há o fato de eu estar quebrando minhas próprias regras ao acreditar que seria capaz de deixar o coração fora da reta em um relacionamento baseado puramente em atração sexual.

PERIGOSAS ACHERON

Tiro que saiu pela culatra.

— Dani... tem umas coisas que você ainda não sabe.

— E será que eu posso saber?

Respiro fundo e, então, desabafo com ela. Conto todos os detalhes desde a primeira vez que Heitor e eu acabamos dormindo juntos. Sobre seu histórico aparentemente livre de relacionamentos sérios, sobre os motivos que nos levaram a ao menos tentar manter segredo, e sobre como essa situação vem evoluindo nas últimas semanas.

— Ainda acho que você deveria conversar com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que não, Dani. Não quero voltar a ser a louca paranoica que fica fazendo dramas e cobranças.

— Isso não significa que você voltará a ser assim, Marcela. Você precisa esclarecer as coisas com ele antes que fique tarde demais para o seu coração, não acha?

— É, eu... eu acho, mas...

— Além disso, essa história de “ele é melhor amigo do meu ex” e “ela é ex do meu melhor amigo” é só desculpa esfarrapada de vocês dois.

Franzo a testa para ela, certa de que só pode não ter entendido a história direito.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? Como assim, Dani? Por favor, pare para pensar! Seria muito... sei lá, estranho. Sei que o Maurício nem ao menos me suporta, e acho que a esposa dele não ficaria muito animada em ter que ficar olhando para a cara da ex dele o tempo todo.

Dani cruza os braços e revira os olhos.

— Olha aí. Mais desculpas esfarrapadas.

— Daniela...? — Até dou risada diante de sua recusa em reconhecer o quanto essa situação tem ressalvas.

— Você não sabe disso. Você está apenas assumindo isso. — Ela descruza os braços e toca meu ombro. — Porque tem medo. Porque o seu medo real é estar gostando do Heitor de verdade e pensar que ele nunca vai ser material de

relacionamento sério pra você. Mesmo que vocês já estejam sérios até demais, um com o outro, para o meu gosto.

Minha amiga fala tudo pontualmente, de um jeito suave, como se estivesse explicando o óbvio para uma criança que ainda tem pouca noção de mundo. Pisco algumas vezes, absorvendo sua explicação, e sinto uma reviravolta no estômago que parece me zombar por reconhecer que, sim, Dani está certa. Apesar de sentir que as restrições iniciais ainda sejam obstáculos, sei que não são tão graves quanto os que eu mesma venho impondo desde o instante em que meu coração saltou de um jeito diferente em relação a Heitor.

Estalo a língua e expiro com força.

— Ai, Dani... no que eu fui me meter? — choramingo, e ela deixa que eu apoie a cabeça em seu ombro.

— Não fica assim, amiga — diz, afagando minhas costas. — Só respira fundo e tenta conversar com ele. Acho que você pode se surpreender.

Ergo a cabeça para olhá-la.

— É?

— É. — Seu sorriso é seguro. — Vocês ficam muito bem juntos. E eu não digo só fisicamente, sabe? Eu ainda não conheço o Heitor direito, mas o jeito que o rosto dele se ilumina toda vez que te vê saindo dessa cozinha para encontrá-lo lá fora não é de alguém que só está transando casualmente e esperando o momento de partir para outra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Desvio o olhar do seu por um instante, sentindo-me subitamente tímida, e sendo atacada por mais rebuliços na boca do estômago. Eu realmente adoro o jeito com que ele me olha.

— E você? — ela continua, empurrando meu ombro com o seu. — O sorriso fácil que fica dançando aí nessa cara de boba depois de ver uma simples mensagem dele? Vocês fazem bem um ao outro. Isso não é algo que se deixa escapar.

Abro um sorriso, e devolvo o gesto com o ombro.

— Caramba, Dani. Você anda lendo livros de autoajuda?

Ela revira os olhos com minha provocação, mas também está sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, e ele se chama “Heitor e Marcela: Dois Idiotas Que Querem Dificultar o Que Pode Ser Tão Fácil Que Até a Daniela Sabe Reconhecer”!

— Besta. — Mostro a língua para ela, entre risadas. Então, pouso a cabeça em seu ombro novamente. — Obrigada, amiga.

Daniela ri e me abraça forte.

— Tô aqui pra isso.

Respiro fundo mais uma vez e estou pronta para retomar a preparação do bolo que comecei quando a porta da cozinha se abre. Uma Tatiana ofegante, mas animada, surge por ela.

— Ai, gente! Fui a três lojas diferentes até encontrar esses trecos. Estou morta! — ela se queixa, aproximando-se da bancada para colocar as

PERIGOSAS ACHERON

sacolas com suas compras. Minha amiga cismou que precisávamos de mais cortadores de aço inox com formatos mais variados dos que já tínhamos, e seguiu na missão de ir procurar e comprar mais. — Mas, pelo menos, agora sei qual é o lugar onde sempre vamos encontrar essas coisinhas. — Ela começa a desembalar tudo e ergue os formatos bonitinhos para que possamos ver. — Olha que fofo! Já estou imaginando tudo o que poderemos fazer com eles.

Dani e eu nos aproximamos para ver tudo o que nossa amiga adquiriu, e aproveitamos para anotar as ideias que começam a surgir conforme os analisamos. Depois disso, me ocupo com o bolo, que consigo fazer sem derramar ou desperdiçar ainda mais ingredientes, mantendo a mente concentrada para não deixar que pensamentos obcecados tirem meu foco e me façam ficar de

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça quente demais. Não quero fazer tudo ir por água a baixo quando resolver, enfim, conversar com o Heitor sobre nós.

As meninas estão batendo massa e fazendo cobertura quando Maíra põe a cabeça pela porta da cozinha.

— Marcela? Tem uma cliente lá fora querendo falar com você — diz, no momento em que coloco o bolo pronto para refrigerar. — Acho que é encomenda.

— Estou indo, Maíra. Obrigada.

Retiro o avental e a touca do cabelo antes de seguir para a área de conveniência da confeitaria.

PERIGOSAS ACHERON

Várias coisas passam pela minha mente de uma vez quando vejo quem está me esperando. Sei que, em minha expressão, está estampado meu espanto, porque a irmã de Maurício, Amanda, abre um pequeno sorriso simpático, mas posso ver a cautela em seus olhos.

— Oi, Marcela! Tudo bem? — ela me cumprimenta, estendendo a mão para mim.

Pisco algumas vezes e retribuo seu cumprimento.

— Oi, Amanda — digo, e ela parece surpresa pelo fato de eu lembrar seu nome. — Tudo sim, e você?

— Bom, poderia estar melhor. — Ela parece estar aflita. — Podemos nos sentar para conversarmos?

— Claro.

Vamos até uma mesa um pouco mais afastada, em um canto, e sinto a tensão de Amanda emanar. Engulo em seco, imaginando se ela descobriu sobre Heitor e eu, ao mesmo tempo em que sinto uma pontada de irritação, porque mesmo que ela saiba, não tem nada a ver com a situação, muito menos deveria se meter.

Ela suspira e, após encarar as próprias mãos pousadas sobre a mesa por um segundo, olha para mim.

— É o seguinte: meu filho mais novo completou um aninho na segunda-feira. — Sua expressão se suaviza só por citar esse fato.

— Ah, que fofo! Meus parabéns.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada. — Seu sorriso torna a desvanecer aos poucos. — Meu marido e eu contratamos uma empresa de organização de festas e já estava tudo combinado, escolhido e pago para fazermos a festa do nosso filho amanhã, sábado. Mas acabamos sendo vítimas de um golpe. Sumiram com o nosso dinheiro e a nossa festa.

Não consigo conter o som perplexo que sai da minha boca. Agora, entendo o porquê de sua postura apreensiva, e tenho vontade de morder a língua por ter imaginado que o motivo de sua visita pudesse ser outro.

— Nossa, sério? Que horror! — digo, sem jeito.
— Eu sinto muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é — ela assente, com uma expressão decepcionada. Contudo, leva uns dois segundos até que ela suspire e torne a me olhar com simpatia. — Bom, meu marido é advogado e já está cuidando disso, mas sei que ainda estamos longe de resolver essa situação.

Amanda olha para os lados, aparentemente pensando no que dizer em seguida, como se procurasse um modo de se expressar que não saia mal compreendido.

— Ok... — incentivo-a, sorrindo pequeno.

— E, bom, no meio disso tudo, eu não quero deixar o meu filhinho sem uma festa de um ano, sabe? A tal empresa havia me prometido tudo: decoração, comida, bolo, docinhos, até mesmo duas pessoas para se fantasiarem com o tema. E, agora,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não temos nada e é muito difícil conseguir algo de qualidade tão em cima da hora. Além de estarmos com o pé atrás em relação a contratar alguma outra empresa.

— Entendo.

— Então, resolvemos fazer uma festa amanhã mesmo, do nosso jeito. Alguns amigos conseguiram confeccionar alguns itens de decoração de acordo com o tema que já havíamos escolhido, e agora só falta mesmo encomendarmos o bolo. E, eu sei que não te disse isso antes, mas eu fiquei louca pelo bolo que você fez para o casamento do Maurício com a Débora... — Ela se interrompe, de repente, e eu franzo a testa, um pouco confusa. — Opa. Disse algo errado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, claro que não! — Balanço a cabeça negativamente, e fico surpresa por ter ouvido aquilo com tamanha naturalidade que mal notei. — Já faz muito tempo, e eu estou muito feliz por ele.

Amanda abre um sorriso afetuoso.

— Que bom, Marcela. Enfim, eu gostei muito do seu bolo, e queria ver a possibilidade de você fazer o da festa do meu filho. Para amanhã.

Ela enrugando o nariz, como se estivesse com medo da minha reação ou resposta diante de seu pedido, mas trato de abrir um sorriso e assentir.

— Ah, mas é claro, Amanda! Você deu sorte, porque acho que só temos uma encomenda para amanhã. Vou apenas conferir a agenda, ok? Só um minuto.

PERIGOSAS ACHERON

Amanda assente e, após checar o cronograma com Rafaela, eu volto para lhe dar a boa notícia.

— Tudo certo — confirmo, e vejo o rosto de Amanda se animar de verdade pela primeira vez, desde que chegou aqui.

— Ah, sério? Graças a Deus! — Ela toca minhas mãos, que estão sobre a mesa. — Poxa, muito obrigada!

— Não há de quê. É o meu trabalho e, mesmo que estivesse atolada de encomendas, eu daria um jeito de encaixar o seu pedido. O que fizeram com vocês é um absurdo sem tamanho. Sei que, mesmo que o bebê esteja completando um ano e não tenha muita noção do que está acontecendo, é muito importante que ele tenha a sua festinha.

Amanda me observa por alguns instantes antes
PERIGOSAS ACHERON

de assentir para um pensamento que, percebo, não compartilhou em voz alta.

— Nossa, muito obrigada mesmo, Marcela — diz novamente e, dessa vez, o jeito contemplativo com que me olha começa a me deixar um pouco desconfortável. — Caramba, eu...

Ela balança a cabeça, como se desistisse do que pretendia falar.

— O quê? — acabo perguntando. Ela parece um pouco envergonhada ao se render.

— Sabe, eu não gostava de você — confessa, e eu dou uma risada genuína. Até parece que eu não sabia disso.

— Você é irmã mais velha do Maurício. Acho que vem incluso nesse papel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi o que eu disse pra ele quando vocês terminaram! — ela exclama, arregalando os olhos e gesticulando surpresa.

— Sei como é — assinto, rindo com ela. — Tenho irmãos mais velhos, também.

— Mas, mesmo assim, não é justo criar uma antipatia por alguém sem ao menos conhecer direito — aponta, assim que cede um pouco suas risadas.

— Não se sinta mal. Realmente, naquele tempo, eu só sabia despertar a antipatia dos outros, mesmo.

— Sei que você devia ter seus motivos. E, ao invés de me aproximar, ser sua amiga e, quem sabe, te ajudar, resolvi permanecer no conforto de ter ranço por você. Desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. São águas passadas — garanto, e afago o dorso de sua mão.

Amanda é uma pessoa legal. Não interagimos muito quando eu namorava o Maurício, mas sei que é engraçada, animada, sincera, mãe de família protetora e dedicada, e faz um trabalho incrível gerenciando a melhor Clínica e SPA da cidade. Se não tivéssemos nos conhecido de um jeito tão torto naquele tempo, sei que poderíamos ser boas amigas.

— Então! — Ela bate palminhas, e consigo ver o grande peso que tirei de suas costas ao salvar a festa de seu filho. — Podemos decidir como será o bolo? Eu poderia jurar que o Inácio ia querer o tema *Baby Shark*, porque ele chora caso passe um dia sem ouvir aquela musiquinha irritante, mas decidimos por *Shrek* porque, desde o último mês,

PERIGOSAS NACIONAIS

ele não dorme antes de colocarmos o filme para que ele veja aquele ogro verde até finalmente cair no sono.

Amanda fala e gesticula efusivamente, e tento acompanhar suas ideias. Mostro a ela designs de bolos pré-prontos e o que é possível fazer neles de acordo com o tema escolhido. Depois uma boa hora de conversa, fechamos o valor para um bolo de dois andares, com massa e recheio de chocolate, cobertura lisa simples na coloração verde e uma imitação no topo de orelhas do *Shrek* feitas com pasta americana, e mini-cupcakes de chocolate com cobertura também verde, mas sabor baunilha.

Nos despedimos após ela me passar a hora e o endereço para entrega e, enquanto a observo ir, imagino se ela irá comentar sobre isso com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maurício. E reviro os olhos para mim mesma, porque nem toda merda tem que girar em torno do Maurício.

Hoje, mais do que nunca, eu tenho a plena certeza de que ele não passa de alguém que conheço. Não faz bem, não faz mal, não faz nada.

No entanto, meu coração agora bate mais forte por alguém que, inevitavelmente, traz o Maurício no pacote. E deixou bem claro, desde o início, que isso seria um problema.

Droga.

Falei que isso não ia dar certo.

PERIGOSAS ACHERON



Dezenove

✂ MARCELA ✂

É claro que o Tiago tinha que ficar preso no trânsito do fim de tarde de sábado.

É claro que ele não conseguiria voltar à confeitaria a tempo após ir fazer uma entrega do outro lado da cidade, para atender ao pedido de Amanda.

E é claro que tinha que sobrar para mim a tarefa de vir fazer essa entrega.

Não que isso seja um problema, até porque simpatizei muito com Amanda. Mas os riscos de dar de cara com quem eu provavelmente não deveria são grandes. Isso está me deixando um pouco nervosa.

Por isso, me apresso após estacionar o carro. Amanda me disse que faria a festa de seu filho em uma pequena área para festas que há em frente ao prédio do condomínio onde mora e, como é aberto, não tenho dificuldade para encontrar.

Avisto-a quando estou a poucos passos do local, segurando a caixa com o bolo.

— Oi, Marcela! Ah, é você mesma que faz as entregas? — pergunta, observando minha situação.

— Nem sempre. Meu entregador ficou preso no trânsito e não voltou a tempo — explico, e ela

PERIGOSAS ACHERON

arregala os olhos.

— Ah, não precisava se dar ao trabalho! Eu teria ido buscar.

— Tudo bem, eu não me importo.

— Bom, então venha! Vou te mostrar a mesa do bolo.

Ela me guia até à mesa, onde há pacotes fofos de lembrancinhas decoradas com o tema, salgadinhos e brigadeiros. Olho em volta, tanto para admirar a decoração adorável quanto para buscar por rostos familiares, mas há apenas duas pessoas que nunca vi na vida arrumando mesas e cadeiras no pequeno espaço. Desembalo o bolo e o posiciono no lugar reservado para ele, recebendo um sorriso e palminhas animadas de Amanda, satisfeita com o resultado.

Volto para o carro e pego a caixa de cupcakes. Distribuo os doces com cuidado na mesa, admirando o resultado que se mostra aos poucos. Assim que posiciono o último, afasto-me um pouco e meu movimento acaba fazendo com que eu atinja a embalagem enorme dos cupcakes com o cotovelo, derrubando-a no chão. Abaixo-me para recolher, mas percebo que o lacre do recipiente plástico não está no lugar. Ergo a toalha da mesa e tateio por ali, sem sucesso algum.

— Nossa! Esse bolo está uma graça! De onde surgiu?

Essa voz se manifesta do nada e, no susto, faço menção de me levantar, mas acabo batendo o topo da cabeça contra o canto da mesa.

— Ai! — queixo-me, conseguindo finalmente

PERIGOSAS ACHERON

ficar de pé novamente.

Esfrego a palma contra o local atingido, fazendo uma careta de dor.

— Oh, meu Deus! Você está bem? Desculpa, eu não quis te assustar.

A mesma voz se direciona a mim e, quando olho para o lado, encontro a esposa de Maurício, Débora, encarando-me com compaixão e culpa. Sinto meu rosto esquentar um pouco.

— Tudo bem, eu só... — Faço um gesto vago, mas ao pressionar os dedos bem no local machucado, franzo o rosto de novo. — Ai...

— Vou conseguir um pouco de gelo pra você — ela diz, e antes que ela possa se retirar, faço um gesto negativo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Não precisa. Estou bem, é sério. Foi só uma pancadinha. E, respondendo a sua pergunta, fui eu que fiz e trouxe o bolo.

Tento dar uma risadinha, mas acho que não deve combinar muito com meu rosto contorcido. Dou mais uma massageada na cabeça, torcendo para que não surja um galo ali, e respiro fundo, arrumando a expressão.

— Foi mal mesmo — ela diz, parecendo aflita. Ao olhar para baixo, percebe que a mão está suja de cobertura verde. De algum jeito, ela enfiou a palma sobre um dos cupcakes. — Droga, e ainda estraguei um dos cupcakes.

— Acho que não tem problema — comento. Agora são quarenta e nove, mas acredito que nem dá para notar a falta do quinquagésimo.

PERIGOSAS ACHERON

Observo Débora levar a mão à boca, em um gesto automático por conter doce em seus dedos, e a expressão de surpresa e deleite vem acompanhada de um gemido satisfeito.

— Hummm! Que delícia! Foi você que fez também? — Vira-se para mim.

— Sim — respondo, sentindo-me bem menos intimidada do que imaginei que poderia me sentir ser caso isso acontecesse um dia. Sabe, encontrar a esposa do meu ex.

— Caramba! É muito bom! — exclama mais uma vez e, após olhar para os lados, pega o cupcake arruinado. — Já que estraguei mesmo... não conta pra Amanda — pede, e eu sorrio, garantindo que seu segredo está a salvo comigo.

— Pode deixar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela continua a saborear o doce, e sinto o regozijo que sempre me acomete quando alguém aprova minha culinária. Débora pergunta se tenho algum segredo, se há algo de diferente que faz os bolinhos serem tão macios e deliciosos, e eu apenas discorro sobre o processo simples de preparação. Ela parece realmente encantada com o doce, e por algum motivo, começo a desconfiar de que, talvez, ela não esteja me reconhecendo. Mal deu indícios de que sabe meu nome ou quem sou, já que foi simpática e prestativa desde a primeira palavra, surpreendendo-me com o quão fácil e legal é bater um papo com ela, e começo a ficar preocupada por talvez ter que quebrar o encanto.

Vejo-a enrolar a forminha do cupcake devorado e assumir uma expressão menos divertida ao suspirar e olhar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã, err... Marcela, eu nunca tive a oportunidade de te agradecer pelo bolo maravilhoso que fez para o meu casamento — diz, sanando minhas dúvidas.

Ok, ela sabe quem eu sou. E está sendo legal. Devo ter medo?

— Foi um prazer. — Mantenho o sorriso no rosto após engolir em seco. — Fico feliz que tenha gostado, Débora.

Suas sobrancelhas se erguem quando vê que também sei seu nome. Ela dá uma risadinha e balança a cabeça.

— Confesso que, a princípio, não fui muito fã da ideia, acho que você deve compreender por quê. — Assinto. — Mas, após parar para pensar, vi que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nem ao menos me importei com o quanto pode ter sido complicado para você, também.

— Não se preocupe com isso.

— Foi muito maduro da sua parte. Totalmente o contrário das histórias que ouvi sobre você... — Ela me olha com culpa e diversão misturadas na expressão, e a risada que solto é genuína.

— É, acho que faço uma ideia. — Dou de ombros. — Mas estou tranquila. O tempo passa, a gente aprende... E eu desejo do fundo do coração que vocês sejam muito felizes.

— Obrigada. — Débora sorri. Em seu olhar, consigo captar as mesmas coisas que vi em Amanda ontem, como se estivesse se dando conta de que suposições construídas estavam erradas. —

PERIGOSAS ACHERON

Te desejo o mesmo. E desejo poder comer mais dos seus bolos e cupcakes, porque são realmente incríveis!

De maneira quase automática, tateio o bolso da minha calça e retiro de lá um cartão de visitas, com endereço e informações para contato.

— Aqui. — Entrego para ela. — É o endereço da minha confeitaria. Sei que parece uma manobra de atração de clientes e vendas, mas é um convite sincero. Se você quiser, é claro.

Débora analisa o cartão e me lança um sorriso amigável.

— Eu adoraria.

Caramba. Eu estou mesmo fazendo amizade com a esposa de um dos meus ex-namorados? Acho que sou mais madura do que pensava.

Aliás, parece tão natural que não é preciso pensar ou analisar demais. Débora é uma pessoa realmente agradável, e não seria nada difícil, para mim, tê-la em minha vida. E daí se ela agora é casada com um cara que faz parte do meu passado? A resposta já está incluída no questionamento.

Passado.

O Maurício do meu passado me fazia sentir a boba mais apaixonada do mundo. E também me fazia sentir a pessoa mais insegura, ciumenta e imatura da face da Terra.

Após mais de um ano, o Maurício do meu presente é apenas o melhor amigo do cara por quem

PERIGOSAS ACHERON

tenho nutrido sentimentos que ele nunca foi capaz de despertar de verdade.

E por falar no diabo...

— Cadê a Amanda? Eu não sei onde devemos colocar esse painel.

Maurício surge segurando um painel de isopor enorme, onde está escrito “*Inácio! 1 ano!*” e exhibe o desenho de personagens do universo dos filmes do *Shrek*. Está uma gracinha.

— Acho que deve ser aqui, amor — Débora diz, apontando para a parede onde, em frente, se encontra a mesa do bolo.

Onde eu ainda estou de pé, apenas esperando o momento em que ele vai perceber a minha presença. Sinto vontade de rir, tanto por fitá-lo e

PERIGOSAS ACHERON

não sentir absolutamente nada quanto pela expectativa de sua reação quando se deparar comigo.

— Não sei, é melhor confirmar com ela, porque... — Sua voz morre aos poucos, quando seu olhar migra da esposa para mim. Sorrio, mas não para cumprimentá-lo, e sim porque o espanto em sua expressão é engraçado demais. — Hã, oi... Marcela...? — Sua saudação soa como uma pergunta. Juro que é quase possível ver pontos de interrogação voando sobre sua cabeça.

— Oi, Maurício. Tudo bem?

Ele alterna olhares entre Débora e eu, como se estivesse tentando juntar as peças de um quebra-cabeça complicado. Pigarreia e responde:

— Tudo sim. Err... o que você está fazendo

PERIGOSAS ACHERON

aqui? — pergunta, e posso sentir a cautela em sua voz, apesar da pontinha de perplexidade não passar despercebida. Faço um gesto em direção ao bolo, e sua testa se suaviza ao compreender. — Ah. Você e os seus bolos.

— Desde sempre e para sempre.

— A Amanda não comentou que encomendou com você.

— Foi meio que de última hora.

Dou de ombros após a breve explicação e, quando olho para Débora, vejo que ela também está com vontade de rir da situação.

— Está tudo bem, Maurício. Você já pode relaxar esses ombros tensos — ela diz, e ele balança a cabeça, sorrindo. — Somos todos adultos

maduros aqui, não somos? Por favor. E, mesmo que eu quisesse implicar com a Marcela, seria impossível depois de comer dos doces que ela faz.

Nós três rimos e percebo que a expressão de Maurício parece cheia de alívio. Seu olhar é amistoso quando torna a me fitar.

— Fico feliz em ver que está bem — ele diz para mim.

— Idem.

— Ei, cuidado! Vou acabar pisando em outro balão! — Ouvimos uma voz estridente se queixar.

Aos poucos, uma corrente enorme de balões verdes, marrons e brancos surge, com três pessoas carregando-a. Reconheço Vinícius, amigo do Maurício, e uma moça ruiva que me lembro de ter

PERIGOSAS NACIONAIS

visto algumas vezes naquele tempo e no casamento. Não lembro bem o nome dela, mas deduzo que é a ela que pertence a voz queixosa, já que sua expressão está cautelosa e impaciente. A terceira pessoa, na outra extremidade da corrente de balões, é Heitor.

Sinto meu rosto pegar fogo quando nossos olhares se encontram, e trato de desviar, em uma reação automática. Ninguém aqui faz a menor ideia sobre nós dois, ainda.

Ainda.

Será que é ainda?

Será que, um dia, eles saberão?

Será que, um dia, Heitor e eu seremos algo a mais o suficiente para que todos saibam?

PERIGOSAS ACHERON

— Porra, Maurício! Você ainda não pendurou o painel? — A voz grave de Vinícius me desperta de meu ligeiro devaneio.

— Eu nem sei onde tenho que pendurar esse negócio! — ele rebate.

— Eu te falei que é naquela parede! — Débora aponta.

Ela se oferece para ajudar o marido e, enquanto eles continuam a discutir sobre como pendurar todas as decorações, acabo deixando minha atenção viajar de volta para Heitor, que também tem seu olhar sobre mim. Ele parece tenso e confuso, e mesmo que eu tente lhe lançar um sorriso, é como se os cantos da minha boca fossem incapazes de se curvarem nesse momento.

De repente, me sinto terrivelmente deslocada.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava me dando bem com quase todos ali, até agora, mas ver a relutância estampada no rosto e na postura de Heitor, como se tivesse medo que eu desse com a língua nos dentes, me faz sentir que não pertença àquele grupo.

Que não pertença a *ele*.

Sei que é um tanto estúpido da minha parte esperar que, do nada, ele grite para os outros que estamos juntos, mas pensar que, assim como antes eu tanto queria e agora, temia, não passaremos de um casal que faz sexo casualmente — apesar de ele ter dito que somos exclusivos, caramba! — e escondido dos amigos que, supostamente, não gostam de mim, me faz sentir irritada e magoada.

Engulo em seco e recolho a caixa plástica dos cupcakes assim que vejo Amanda retornar.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, a minha parte já está feita — digo para ela. — Foi um prazer trabalhar nesse bolo, Amanda. Espero que o pequeno tenha uma ótima festa.

— Muito obrigada, Marcela! — Para minha surpresa, ela me puxa para um abraço, que sai um tanto desajeitado por ser inesperado e devido à caixa que seguro. — Ah, por que você não vem? Eu adoraria te ter aqui. A festa deve começar daqui a uma hora, se esses malucos decidirem terminar de pendurar as decorações. — Seu comentário arranca protestos dos rapazes, que estão engajados em montar o painel e posicionar os balões.

Amanda fica aguardando minha resposta, e meu olhar acaba indo parar em Heitor mais uma vez, como se buscasse por alguma aprovação. Sei que ele ouviu o convite que a irmã de Maurício acaba

PERIGOSAS NACIONAIS

de me fazer, mas sua expressão, antes que ele desvie o olhar para a tarefa que precisa cumprir, me revela certo desconforto, ainda mesclado à confusão.

É. Acho que, realmente, não pertenço.

Forço um sorriso para Amanda.

— Obrigada pelo convite, mas eu já tenho outro compromisso.

Ela também sorri para mim, compreensiva.

— Tudo bem. Quem sabe possamos nos ver outro dia?

— Seria ótimo.

PERIGOSAS ACHERON

Despeço-me dela e, quando Maurício e Débora acenam animadamente para mim, percebo que isso chama a atenção de Heitor. No entanto, não fico ali tentando adivinhar o que se passa na cabeça dele. Dou as costas e saio apressada até meu carro.

— Ei! — Assim que fecho a porta de trás, após guardar a caixa dos cupcakes, ouço a voz que eu tanto tenho amado ouvir ao pé do ouvido chamando meu nome nas últimas semanas. Quando me viro, Heitor para bem na minha frente, com a expressão afetada e um pequeno sorriso dançando na boca. — Eu não esperava te ver aqui. Por que não me falou que ia fazer o bolo de aniversário do Inácio?

— Porque a Amanda encomendou ontem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Heitor e eu não passamos a noite passada juntos, porque ele foi jantar e dormir na casa da mãe.

Ele ergue as sobrancelhas e, logo em seguida, parece estreitar os olhos, como se estivesse tentando desvendar meu tom, que saiu seco.

— Ah. Então... vou para o seu apartamento mais tarde?

Suspiro, contendo a vontade de soltar uma risada zombeteira.

— Quer saber? É melhor não.

— Você tem mesmo outro compromisso? Ouvi o que disse para a Amanda, e pensei que era apenas uma desculpa...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu não tenho outro compromisso. Só acho que... é melhor você voltar pra lá antes que os seus amigos desconfiem de nós.

Assim que coloco a mão sobre a maçaneta da porta do motorista, Heitor segura meu pulso.

— O que está acontecendo, Marcela? — questiona, encarando-me com a testa franzida.

— Nada, Heitor. Acho que esse é o problema.

Tento me desvencilhar de seu toque, mas ele insiste em me impedir de entrar no carro.

— Eu fiz algo de errado? — O desespero por compreensão que queima em seus olhos me faz soltar um longo expirar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Acho que, no fim, a errada fui eu por pensar que isso daria certo. — Gesticulo para nós dois. — Por não ter colocado um fim nisso antes de ficar tão complicado.

— Complicado? — Ele parece consternado ao repetir aquilo. — Mas... o que nós temos é tão bom. Como pode ser complicado?

Seus dedos tocam lentamente a lateral do meu rosto, afastando o cabelo até prendê-lo atrás da minha orelha, e eu fecho os olhos por um segundo, apreciando o quanto isso me faz bem. No entanto, não é suficiente para que a complicação desvaneça.

— O que nós temos? — inquiri.

— Sim — ele apenas confirma, sem compreender meu tom. Seu rosto se inclina mais um pouco em direção ao meu, e eu me afasto,
PERIGOSAS ACHERON

olhando-o bem nos olhos.

— Não, eu estou te perguntando. O que nós temos?

Aí está. A expressão de quem não esperava por um confronto desses. A expressão de quem também não sabe nomear a nossa situação, apesar de ter acabado de dizer que o que temos é bom.

— Eu... eu acho que... — ele balbucia e, quando parece não encontrar nada bom o suficiente para falar, leva a mão à nuca e coça com força. — Porra, eu não sei, eu nunca estive...

— O quê? — insisto, quando ele deixa a frase no ar. Heitor balança a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei. Eu só sei que eu não quero que acabe — diz, suavizando o tom de voz. Seu olhar viaja por todo o meu rosto e, então, ele toca minhas bochechas com as duas mãos. — Eu só sei que eu quero você.

— Contanto que seja escondido de pessoas importantes pra você, não é? — aponto, colocando minhas mãos sobre as suas e retirando-as do meu rosto. Heitor deixa os braços caírem ao lado do corpo, a confusão voltando aos seus olhos.

— Mas... mas você foi a primeira a dizer que não queria que ninguém soubesse!

— Eu sei, mas isso foi antes, Heitor! Antes de...

— Antes de quê?

PERIGOSAS ACHERON

Antes de eu fazer a burrada de me apaixonar por você, seu idiota.

— Não importa. Afinal, eu entrei nessa sabendo bem onde estava me metendo, não é?

— Marcela...

Dou um pequeno passo para trás quando ele tenta me tocar de novo.

— Nós sabíamos que teria um fim, de um jeito ou de outro. Eu só me arrependo de ter deixado isso ir longe demais.

Heitor continua a me olhar com desolação e, durante alguns segundos, seus lábios se mexem, mas nada mais sai de sua boca. Aproveito para, enfim, abrir a porta do carro e entrar, sem que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

me impeça, dessa vez. Ligo o automóvel e somente quando começo a movimentá-lo, vejo Heitor sair de perto.

Tento engolir o nó em minha garganta quando saio dali apressada, vendo uma última vez sua expressão consternada, mas é impossível conter as lágrimas que acabam descendo por meu rosto, fazendo-me sentir uma idiota fraca.

PERIGOSAS ACHERON



Vinte



HEITOR



A enorme lufada de ar que solto pela boca, de alívio, não demora a dar lugar à minha respiração presa devido à tensão que me atinge logo em seguida.

Maurício está diante de mim, me encarando após eu despejar a história toda.

Sobre Marcela e eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sobre como e quando começamos a nos ver, nosso tempo juntos, o jeito com que tudo foi evoluindo sem que eu ao menos percebesse ou pudesse impedir. Sobre como um acordo que parecia perfeito, no início, foi se tornando algo maior, me fazendo sentir coisas que nunca senti antes e que não esperava sentir tão cedo, e o quanto o fato de não poder contar a ele como se o estivesse traindo ou algo assim tem me comido vivo.

Tento decifrar sua expressão irritantemente neutra, e até dou uma espiadinha para trás, por cima do ombro, para ver se alguém entrou em seu escritório ou se ainda é para mim que ele está olhando sem parar, com os braços cruzados e as sobrancelhas levemente franzidas e pensativas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu esperava mesmo que isso não fosse ser um problema. Esperava mesmo que meu amigo não ficasse chateado comigo. No entanto, aparentemente, minhas suspeitas e receios desde o início estavam certos.

Acabei magoando a ele, a ela e a mim, por ser um tapado que não sabe lidar com os próprios sentimentos.

— Maurício... — digo, finalmente, e me encolho um pouco diante do suspiro que meu amigo dá, ainda sem emitir um pio. Agradeço por termos sua mesa de trabalho nos separando, porque, caso ele venha para cima de mim e queira me socar, dá tempo de fugir. Ou não. Talvez eu me mereça que ele me encha de porrada. — Eu sei que mandei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mal. Eu sei que não deveria ter acontecido assim, mas aconteceu e, cara, eu só queria que você entendesse que...

Meu discurso é finalmente interrompido por ele.

E é a minha vez de ficar consternado quando Maurício explode em risadas.

Isso mesmo.

O idiota está ficando vermelho de tanto rir, e eu só consigo ficar estático e incrédulo, encarando-o enquanto ele tenta não morrer sem fôlego com tantas gargalhadas.

— Que porra é essa, Maurício? — questiono, e balanço a cabeça quando ele ergue uma das mãos e pede que eu espere enquanto se recupera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após rir mais um pouco, a ponto de dar tapas sobre a mesa, Maurício se recompõe e respira fundo ao me olhar.

— Foi mal, cara. Mas é que... é muito engraçado que você, logo *você*, que nunca quis saber de relacionamentos e sentimentos, tenha se envolvido e se apaixonado logo pela Marcela.

Fecho a cara.

— Não vi onde tem graça nisso.

— É irônico, até! Não era você que sempre dizia que é uma regra não pegar a ex do amigo? — aponta, e a culpa continua a me corroer. Coço a nuca e estalo a língua.

— Eu... eu dizia, mas... eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mordeu a língua — ele completa para mim, dando um pouco mais de risada e balançando a cabeça. — Isso é sensacional.

Ok, isso já está virando palhaçada. Não sei o que pode ser pior: levar porrada dele ou virar chacota desse jeito.

— Pô, valeu, hein — digo, com sarcasmo pingando em meu tom de voz, e ergo os dois polegares para ele.

— Então, era da Marcela que você estava falando aquela noite, lá em casa?

— Sim.

Maurício apoia os cotovelos sobre a mesa e balança a cabeça em compreensão antes de apoiar o queixo contra as mãos juntas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Interessante — diz, simplesmente, e sua expressão volta a ficar pensativa. De repente, me vejo querendo que ele continue a rir da minha cara. Talvez ele esteja finalmente percebendo que minhas — *nossas* — ressalvas têm fundamento.

— Então, você não está chateado por isso? — arrisco, inclinando-me um pouco para frente, com os antebraços deslizando sobre a mesa.

Meu amigo assume uma expressão mais séria e dá de ombros ao responder.

— Para falar a verdade, estou um pouco — responde, e eu baixo o olhar, expirando com força.

— Não te culpo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas só porque você preferiu deduzir qual seria a minha reação e esconder de mim algo tão importante assim — explica, fazendo-me erguer a cabeça para olhá-lo novamente. — Eu sou seu amigo, cara. Torço por você. Seja lá qual for a situação que te faça feliz, vai me deixar feliz também.

O descontentamento em sua voz é perceptível, e me sinto ainda pior. Estava tão preocupado com os motivos errados que não parei para pensar nisso. Cacete, podia ter sido tão simples. E, agora, estraguei tudo com a Marcela por ser tão estúpido e, confesso, covarde.

Recosto-me na cadeira e jogo a cabeça para trás por um instante, apertando as palmas sobre os olhos antes de tornar a fitar Maurício.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem razão em se chatear por isso. Desculpa mesmo, cara. Eu fiquei... sei lá, confuso. E consegui estragar tudo.

— Já falei que não foi para tanto, Heitor.

— Não, eu quis dizer com a Marcela — explico. Olho para minhas mãos, remexendo os dedos uns nos outros. — Ela ficou muito chateada no sábado, depois de ir entregar o bolo de aniversário do Inácio. Quando tentei falar com ela, ficou claro que ela também sentia que essa situação estava deixando de ser suficiente, e me confrontou. Mas é claro que eu não tive bolas para conversar direito e confessar tudo o que realmente sinto por ela. E, agora, ela não retorna minhas mensagens e ligações, e ainda me deixou plantado do lado de

PERIGOSAS ACHERON

fora, ameaçando chamar a segurança do prédio, quando fui até seu apartamento ontem à noite. Eu não sei o que fazer, cara.

— Não fale como se estivesse tudo perdido. Pensa que, por um lado, se ela ficou magoada com você, é porque corresponde aos seus sentimentos. Você precisa continuar tentando falar e resolver com ela. Em algum momento, ela vai ceder.

— Você acha?

— Porra, se vocês se gostam tanto quanto eu estou conseguindo perceber, claro que sim. Acho que, no fim das contas, ela está tão confusa e assustada quanto você, e só precisa entender que você quer as mesmas coisas que ela. E isso não vai acontecer se você simplesmente desistir, cara.

Dessa vez, o suspiro de alívio que me escapa
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me faz relaxar de verdade. Mal consigo acreditar no quão imbecil eu estava sendo ao assumir que o Maurício não seria capaz de compreender tudo isso e, melhor ainda, me ajudar e aconselhar.

— Sério mesmo que você está bem com isso?
— pergunto, só por garantia, e sentindo uma gratidão tomar conta de mim por ter um irmão desses na minha vida.

— Claro, ué! Não sei onde você viu tanto problema — ele debocha e se recosta em sua cadeira.

— Ah, qual é, Maurício? Vocês não terminaram em bons termos, vamos combinar. E não acho que a Débora seja muito a favor de ficar perto da sua ex o tempo todo, e isso poderia deixar as coisas estranhas entre todos nós.

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez. Mas isso só aconteceria se a Débora não fosse madura como é e não te amasse como ama para poder ficar feliz por você. Você subestimou a todos nós, e isso não foi nada legal, apesar de eu entender seus motivos.

Isso me chama a atenção, e me inclino mais sobre a mesa.

— Você entende?

— Claro! Olha só, você se assustou ao perceber que estava sentindo coisas reais pela Marcela. E se deixou levar por esse medo idiota, porque não queria sair do conforto de não ter que encarar um relacionamento, como foi a sua vida quase toda. Então, todo e qualquer empecilho, por menor que

fosse, virou desculpa suficiente pra você não lutar pela mulher que ama, mesmo que você realmente também não quisesse chatear a mim ou à Débora.

As palavras de Maurício me atingem como um bloco de concreto na cabeça, que ao invés de me matar de vez, me faz despertar para a compreensão.

A Marcela tem razão por se chatear com a minha covardia. Apesar de eu achar que também não foi muito legal da parte dela querer que eu leia pensamentos, agora consigo entender melhor até mesmo a relutância dela antes de começarmos a nos ver. Eu não quis magoá-la de propósito, no entanto. Argh, há tantas coisas que precisamos esclarecer.

— Porra... foda isso, hein? — É tudo o que consigo proferir, e Maurício ri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É. Então, me diz: você está mesmo apaixonado pela Marcela? Quer mesmo estar com ela?

— É tudo que eu mais quero — respondo imediatamente, sorrindo ao deixá-la inundar meu pensamentos. Porra, eu sinto tanto a falta dela. — Ela é... incrível, cara. É meiga, mas durona, sabe? Independente, sabe o que quer. É linda, sensual, tem a risada mais agradável do mundo e, porra, é espetacular na cama...

Paro de falar ao ouvir mais uma risada do meu amigo, e pigarreio ao vê-lo balançando a cabeça.

— Então, vai fundo, cara. É só o que importa. Você nunca vai se recuperar do arrependimento se não lutar pela melhor coisa que pode acontecer na sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

Maurício toca o punho no meu antebraço, em um gesto de incentivo e apoio, e eu sorrio para ele.

— Valeu, irmão. Você é demais. — Retribuo seu gesto. — Desculpa mesmo por ter pensado que...

— Não esquentá.

Respiro aliviado mais uma vez, até que uma percepção me atinge, e eu volto a me inclinar sobre a mesa para lhe fazer mais uma pergunta.

— Mas, vem cá, Maurício. Quer dizer que agora eu também vou virar um cara piegas cheio de frases profundas e apaixonadas, igual a você?

Isso o faz rir alto.

— Ô, se vai, meu amigo. E, quer saber? Você vai curtir pra caralho. — Ele pisca para mim.

É, acho que vou sim.

— Bom, acho que é melhor eu voltar ao trabalho antes que a gente se meta em encrenca por exceder o tempo do intervalo — digo, já me levantando. — Valeu mesmo, por tudo.

— Tô aqui pra isso. Vai dar um jeito nessa sua vida, vai — Maurício diz, gesticulando com a mão para me expulsar de seu escritório de uma vez.

— Pode deixar.

Assim que fecho a porta atrás de mim, volto ao meu setor e me direciono à máquina de café, para espantar a moleza pós-almoço e poder voltar ao trabalho. Enquanto espero o copo encher, deixo

minha mente imaginar como posso fazer para que Marcela aceite conversar comigo para acertarmos as coisas. Já faz três dias desde que ela falou comigo pela última vez e foi embora chateada, e, como o Maurício disse, não posso deixar que ela pense que desisti de nós.

— Ei, fofinho! — Desperto dos meus devaneios ao ouvir a voz de Joyce ao meu lado. Pisco algumas vezes e olho para ela, que, é claro, percebe que eu estava viajando. — O que foi? Está sonhando acordado?

Pego meu café e observo-a começar a preparar um para si, esperando minha resposta. Sinto vontade de rir ao lembrar de que faz tão pouco tempo desde a vez em que conversamos sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

pegação e se apaixonar, logo depois que dormi com Marcela pela primeira vez e achava que isso não aconteceria tão cedo...

Putá merda. Que coisa louca, hein?

Abraço Joyce pelos ombros e dou um beijo estalado em sua bochecha, deixando-a confusa por um instante.

— Ah, Joyce... você estava certa.

Ela franze as sobrancelhas e ajeita os óculos no rosto, empurrando-o nariz acima.

— Bom, isso acontece em noventa e nove por cento do tempo, então você precisa especificar, querido.

Dou risada após tomar um gole de café.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você estava certa quando disse que eu ainda tinha jeito.

Ela estreita os olhos para mim, inclinando a cabeça para trás para me olhar bem, e após me observar por alguns segundos e perceber meu sorriso sugestivo, ela ergue as sobrancelhas e deixa o queixo cair.

— Ah, meu Deus... minha criança caiu na real e cresceu? Eu vivi mesmo para ver esse dia? Esse brilho no seu olhar é amor? Será que agora eu posso abrir um champanhe e mandar a notícia para o jornal local? — Ela sai despejando perguntas e quase derruba seu copo de café ao pegá-lo quando fica pronto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra, Joyce... — digo e balanço a cabeça, recebendo um olhar reprovador seu, mas o sorriso despontando em seus lábios denuncia sua diversão. — Eu ainda tenho que consertar algumas coisas, então pode deixar, porque é capaz de eu mesmo fazer isso, se der certo.

— *Quando* der certo, amorzinho!

— É. Quando der certo.

Porque eu vou lutar por ela. Por nós.

PERIGOSAS ACHERON



— Tudo pronto, Marcela?

Pisco com força algumas vezes ao ouvir a voz de Tati me chamando. Percebo que minha mão está estática sobre a caixa de cupcakes que acabei de fechar, porque em algum momento durante esse processo, meus pensamentos me distraíram pela milésima vez, desde os últimos dias.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mente viaja até Heitor, nossos momentos juntos e a falta que sinto dele constantemente. Enquanto uma parte minha tenta me convencer de que talvez seja melhor assim, porque não daremos certo, a outra parte insiste que eu apenas lhe mande uma mensagem para conversarmos e resolvermos tudo isso.

Precisei de alguns dias para esfriar a cabeça, confesso. Ele me procurou, mas a mágoa estava falando mais alto e acho que teria sido bem pior se eu tivesse cedido. Eu só quero colocar a cabeça no lugar e entender o que meu coração está dizendo, o que ele deseja e até onde ele pode ir. É um pouco difícil quando estou no meio de um impasse com meus conflitos internos, meus receios estão à flor da pele e minhas inseguranças me puxam para trás.

Mas eu sinto tanta, tanta falta dele...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Tati, tudo pronto — confirmo, lançando um sorriso forçado para minha amiga, que me olha com compaixão.

Ela e Dani têm me confortado bastante e tentado me aconselhar, mas pedi a elas que me deixassem aproveitar um bom espaço para pensar bem sobre tudo. É muito reconfortante quando elas sabem exatamente o que dizer quando desabafo minhas confusões, mas ainda não me sinto pronta.

Mesmo que haja uma voz irritante em minha mente que grita o tempo inteiro que ele não vai me esperar para sempre.

Argh.

— A Dani está te esperando no carro — Tati diz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, já estou indo — digo e, então, pego meu celular, guardando-o no bolso, e a caixa de cupcakes.

O Tiago não pôde vir trabalhar hoje, porque pegou uma virose. Temos duas entregas para fazer: uma encomenda de cupcakes e outra com um pedido bem maior, com uma boa variedade de docinhos. Os horários para a entrega têm meia hora de diferença, então temos o tempo certinho para ir deixar a primeira e, em seguida, a próxima.

Daniela está terminando de guardar as coisas na pequena van, e eu lhe entrego a caixa de cupcakes, para que possa acomodá-la ali também. Entro no banco do passageiro e, segundos depois, Dani toma o assento do motorista, colocando o veículo em movimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após alguns minutos, começo a perceber aos poucos o caminho que estamos tomando. É um bairro que conheço, e uma rua em específico acaba me trazendo ainda mais das recordações que têm deixando minha mente confusa e meu coração saudoso.

E, por falar no meu órgão vital, sinto-o acelerar quando vejo Dani começar a estacionar em frente ao nosso primeiro destino.

Olho pela janela para a fachada do hotel requintado, no qual estive há pouco mais de um mês, sem fazer a menor ideia, naquele dia, que a minha vida daria um giro inesperado.

Encaro minha amiga.

— Tem certeza de que é aqui, Dani?

PERIGOSAS ACHERON

Ela dá de ombros e assente.

— Tenho. Foi o endereço que a Rafa me passou — diz, e me mostra o papel onde o endereço está anotado. — Por quê?

— Por nada. — Balanço a cabeça, tentando não deixar transparecer o quanto estou afetada. — Só achei um pouco estranho, mas... enfim. Vamos lá.

Engulo em seco, começando a encarar isso como um sinal de que eu deveria procurar Heitor para conversarmos. Deus, eu sou tão estúpida! Era o que eu deveria ter feito desde o início. Eu que pensei ser madura o suficiente para lidar com meus sentimentos, mal sabia que ainda havia tanto para aprender.

Descemos do carro e, assim que Daniela abre as portas do fundo da pequena van, recolho a caixa de PERIGOSAS ACHERON

cupcakes que deve ser entregue ali. Dou um passo para a calçada e, então, percebo que minha amiga está apontando para os itens da próxima encomenda, como se estivesse conferindo tudo repetidamente, até sua expressão murchar de frustração.

— Droga! Está faltando um recipiente da outra encomenda! — ela choraminga, batendo a mão na testa.

— Ah, fala sério, Dani! — digo, impaciente. — Você tem certeza?

Ela pega o papel onde está anotada a lista da encomenda e faz a checagem mais uma vez, bufando ao final.

— Tenho. Pediram duzentos brigadeiros de leite Ninho e duzentos de chocolate. Só tem uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caixa dos de leite Ninho, com cem unidades. Foi mal, amiga. — Ela me olha cheia de culpa. — Argh, não acredito que tenho que voltar.

— E rápido, porque já estamos em cima da hora!

Daniela respira fundo e vira para mim, gesticulando tão rápido quanto fala.

— Faz o seguinte: vai entregar os cupcakes, que eu vou voltar correndo lá na confeitaria para buscar o que está faltando. Aí eu passo aqui para te buscar e seguiremos para a próxima entrega. Ok?

Expiro com força, reconhecendo que essa é a melhor solução.

PERIGOSAS ACHERON

— É o jeito, né! Vai logo! — incentivo ao observá-la retornar ao volante. Antes que ela dê a partida, paro próximo à janela. — Mas dirija com cuidado, pelo amor de Deus — recomendo, e ela ergue o polegar para mim.

— Pode deixar. Aqui. — Ela me entrega um papel. — Esses são o nome da cliente e o número quarto onde os cupcakes devem ser entregues.

— Quem se hospeda em um hotel e encomenda cupcakes? — acabo perguntando, porque simplesmente não faz sentido para mim. O que os clientes fazem com as encomendas que providenciamos não é nem de longe da minha conta, mas dessa vez, fiquei realmente curiosa.

Dani solta uma risadinha pelo nariz.

— Sei lá. Fiquei um pouco curiosa também,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas achei que ia pegar mal perguntar. Vai lá descobrir e depois me conta — ela diz, piscando para mim e rindo do absurdo que acaba de dizer.

Afasto-me do carro rindo também assim que ela dá a partida. Observo-a pegar o caminho de volta até à confeitaria e, então, viro-me para ir em direção à entrada do saguão do hotel.

Respiro fundo e balanço a cabeça com as lembranças que me inundam quando minha visão é preenchida por aquele ambiente. Faço de tudo para não olhar em direção ao sofá onde Heitor e eu conversamos e comemos bolo, antes de eu me jogar em cima dele, mas pedir a mim mesma, mentalmente, que não olhe para lá, é mesmo que pedir que algum par de mãos invisíveis esperando sua deixa segure a minha cabeça e me forcem colocar toda a minha atenção lá. Vejo que há uma

PERIGOSAS ACHERON

pessoa sentada — uma mulher, vestindo um terninho feminino elegante e mexendo no celular —, e isso acaba me ajudando a piscar algumas vezes e tentar manter o foco ao me dirigir até à recepção.

Olho o papel para ler as informações da cliente e, assim que me aproximo do balcão chique de mármore branco, peço a uma recepcionista simpática que avise à senhora Lara Vasconcelos, que está no quarto 704, que a encomenda dela chegou. Dois minutos depois, sou autorizada a pegar o elevador para subir até o sétimo andar.

Não é muito difícil encontrar o quarto assim que saio do elevador após subir sete andares. O que é difícil é engolir o nó na minha garganta quando passo em frente ao quarto 702 — o quarto onde Heitor e eu transamos pela primeira vez na noite do

PERIGOSAS NACIONAIS

casamento do Maurício com a Débora. Sim, eu lembro. Eu estava inebriada de adrenalina e tesão, mas lembro perfeitamente do número do quarto, porque fui eu que retirei a chave do bolso dele e fui eu que abri a porta para entrarmos e darmos início à jornada louca de sentimentos confusos que me trouxe justamente ao ponto que eu temia.

Meu celular parece pesar uma tonelada no meu bolso traseiro, nesse momento. Sinto vontade de tirar uma foto de onde estou e mandar para ele, perguntar se ele lembra, se ele me perdoa por ter sido um tanto irracional, se existe a chance de ele estar sentindo o mesmo que eu...

Balanço a cabeça e respiro fundo quando sinto meus olhos começarem a arder um pouco, ameaçando expelir lágrimas a qualquer momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, preciso me concentrar em cumprir o meu trabalho.

Chego à porta de número 704 e bato algumas vezes. Uma voz ecoa lá de dentro e diz que posso abrir. Mas acabo estremecendo no lugar e franzo a testa.

É uma voz masculina. A princípio, fico com medo, por estar esperando atender uma mulher, mas logo me ocorre que, talvez, ela não esteja sozinha no quarto. Confiro o número na porta mais uma vez, só por garantia, e tenho certeza de que não estou vesga nem imaginando coisas quando enxergo o número certinho, o mesmo que estava no papel da encomenda e o mesmo ao que a recepção informou sobre a minha chegada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pigarreio um pouco e giro a maçaneta, abrindo devagar. Sinto-me intimidada, mesmo que me tenha sido concedida a permissão, mas vou mesmo assim, para acabar logo com isso. Além disso, percebo que, assim, vou ter a chance de espiar qual é a dessa galera que está pedindo cupcakes em quartos de hotel e depois contar à Dani, que também estava curiosa.

Contudo, assim que abro completamente a porta e o interior do quarto se faz presente diante dos meus olhos, por pouco não deixo a caixa de cupcakes se espatifar no chão. Minhas mãos tremem e vacilam, e me pergunto se, dessa vez, estou vesga ou imaginando coisas.

Porque encontrar Heitor na minha frente, parado, me olhando, com expectativa e nervosismo brilhando em seu olhar, só pode ser um delírio.

PERIGOSAS ACHERON

Ele dá passos lentos em minha direção, com as mãos nos bolsos da calça jeans escura, sustentando meu olhar atônito. O meio sorriso que repuxa um dos cantos de sua boca parece ter a cautela de quem está se aproximando de um gato de rua assustado, que pode fugir de uma vez caso haja qualquer movimento brusco. Tenho vontade de dizer que estou tão surpresa e embasbacada que meus pés parecem estar grudados ao chão, e eu não conseguiria fugir nem que quisesse.

Mas nada sai da minha boca entreaberta. Nada além de algumas respirações erráticas conforme sinto sua presença ficar cada vez mais real, até que ele para a menos de meio passo de distância e estica a mão para pegar a caixa de cupcakes que, por algum milagre, ainda seguro.

— Obrigado, gata. Chegou bem na hora.

A voz de Heitor, baixa e rouca, reverbera entre nós, e os arrepios que percorrem meu corpo inteiro me fazem ofegar com ainda mais dificuldade. Minha cabeça parece girar enquanto tento descobrir se não estou mesmo delirando. Mas o jeito com que seus dedos, surpreendentemente frios, resvalam nos meus quando ele pega a caixa de doces, me desperta e me diz que, sim, isso está acontecendo. Sim, Heitor está diante de mim, mais lindo do que nunca — como isso é possível? —, e, aparentemente, voltou ao local do nosso primeiro crime e encomendou cupcakes sabe-se lá para quê.

Ai, meu Deus.

Um estalo me atinge a mente quando penso no nome que havia na encomenda, e ao qual pertence esse quarto. Toda a adrenalina que inundou meu organismo, junto com a esperança de resolvermos

PERIGOSAS NACIONAIS

as coisas entre nós, no momento em que nossos dedos se encostaram, parece se esvaír por meus poros quando, assim que ele dá um pequeno passo para o lado a fim de colocar a caixa sobre uma pequena mesa de mogno, deixo meus olhos percorrerem o ambiente, em busca de algum indício e da confirmação plena de que acabei vindo presenciar ao vivo e a cores Heitor seguindo em frente.

O local é idêntico ao cômodo em que estivemos naquela noite, com a diferença de que há um balde de gelo com uma garrafa de champanhe sobre a mesa onde ele pousou a caixa de cupcakes. A cama está impecavelmente feita, com lençóis de tecido caro, travesseiros fofinhos e uma cabeceira acolchoada na parede à qual está encostada. O tapete felpudo no chão parece ter sido recém-alinhado, cortinas grossas e beges cobrem as

PERIGOSAS ACHERON

janelas de vidro que vão do teto até o chão, e a porta do banheiro está entreaberta, permitindo-me ver que pela pequena fresta que a luz do cômodo está apagada e nenhum barulho provém dele.

— Sabe, em outros tempos, isso seria exatamente o que eu faria — Heitor começa, interrompendo minha inspeção minuciosa do quarto, voltando a ficar na minha frente. — Eu já teria seguido em frente. Eu já teria arranjado outra mulher. Eu já teria esquecido. Mas, desde que eu te beijei pela primeira vez, essa é a última coisa que me passa pela cabeça.

Engulo em seco, pasma por ver que ele sabia exatamente o que eu estava pensando. Atrevo-me a olhar em seus olhos, e meu coração parece prestes a explodir diante de tamanha intensidade. Eu sempre adorei o jeito que ele me olha. Mas, dessa vez, de

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma maneira, parece ter algo diferente brilhando em suas pupilas dilatadas e suas íris cor de avelã. Algo a mais.

Como se desviar o olhar fosse a coisa mais absurda do mundo. Como se quisesse tirar não somente a minha roupa, mas também despir a minha alma. Como se pudesse ver além, como se enxergasse quem sou realmente, e gostasse do que encontra. Como se sentisse o coração bater tão forte quanto o meu enquanto nos perdemos um no outro.

Como se me amasse.

Pisco algumas vezes, tentando encontrar meu fôlego de volta.

— Heitor, eu... eu ainda estou um pouco confusa. Hummm, os cupcakes... o nome da pessoa...

PERIGOSAS ACHERON

Ele dá uma risadinha e aproxima o corpo do meu. Tão, mas tão perto que um arfar me escapa pelos lábios, até eu perceber que ele estava fazendo isso para fechar a porta atrás de mim. Heitor torna a se afastar, o suficiente para que possamos nos olhar bem.

— Eu meio que mexi uns pauzinhos e armei tudo isso para dar um jeito de te atrair até aqui — ele explica, dando de ombros, com um toque de culpa na expressão travessa.

— Por quê? — pergunto, mesmo que a resposta esteja óbvia até para os objetos inanimados dentro desse quarto. Mas, eu preciso ouvi-lo dizer. Eu preciso ouvir de seus lábios lindos e sua voz sensual que não estou criando ilusões na minha

cabeça. Eu preciso ouvi-lo dizer que não cometi um erro ao baixar a guarda do meu coração e deixá-lo entrar.

— Bom, primeiro, porque você não atendia as minhas ligações, nem respondia as minhas mensagens — ele responde, e eu balanço a cabeça e dou um risinho, que logo se perde em minha respiração presa quando uma de suas mãos afasta meu cabelo do ombro com carinho, deslizando a palma por meu braço em seguida. Heitor suspira e assume uma expressão séria. — E segundo... Marcela, eu sou uma bagunça. Nunca fui bom em lidar com os meus próprios sentimentos. Sempre me mantive na superfície, sabe? Eu tinha... sei lá, medo. Medo de tudo isso surgir pela pessoa errada, medo de ficar tão confuso a ponto de estragar tudo, como acabou acontecendo. É, eu sei. Covarde.

Balanço a cabeça negativamente, abrindo a boca para pedir que não se maltrate assim, mas ele entrelaça os dedos nos meus e aperta minha mão, pedindo que eu o deixe continuar.

— Mas, então, aconteceu você. A pessoa mais improvável surgiu no meu caminho de uma maneira que eu nunca imaginaria e, em pouco tempo, me fez sentir coisas tão fortes e tão profundas que não consigo ao menos nomear. Não teve como ficar na superfície com você, Marcela. Você mergulhou de cabeça, me invadiu aos poucos, e foi tão, tão bom, que eu simplesmente deixei e, quando percebi, não conseguia mais te tirar da cabeça. Nem do coração.

“Me agarrei aos empecilhos que impusemos desde o começo, que nos levou a manter um caso escondido, para tentar negar para mim mesmo que

estava me apaixonando por você. Tive medo de estragar o que tínhamos, tive medo de você não corresponder, mas porra, eu tô cansado de sentir esse medo idiota. Você é incrível, Marcela. Você é a pessoa mais incrível que já conheci em toda a minha vida, e eu te amo. Eu te amo e eu tô te dizendo isso com cada célula honesta que tenho no corpo, sem medo. E, de alguma maneira, também sei que não estou sozinho nesse barco. Estou errado?”

Meu coração está batendo tão forte no peito que chego a temer a possibilidade de ele saltar para fora a qualquer momento. Sinto vontade de sorrir, de rir, de gargalhar, porque ao mesmo tempo em que é completamente inusitado ouvir Heitor falar essas coisas, é como se não tivesse como esperar menos dele. Seus olhos brilham de expectativa enquanto encaram meu rosto, que mal faço ideia de que

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão está fazendo até eu finalmente abrir o sorriso que não consigo mais reprimir. O sorriso que representa de forma clara a minha resposta, mas ainda assim, balanço a cabeça e murmuro:

— Não.

Heitor expira com força, em um suspiro longo e profundo, como se um peso enorme tivesse acabado de ser retirado de suas costas. Como se estivesse sufocado há muito tempo e pudesse, enfim, respirar novamente. O sorriso que ele abre espelha o meu, e quando seus braços me envolvem pela cintura e me puxam para perto, os meus deslizam por seus ombros e o abraçam pelo pescoço, formando nosso encaixe que sempre foi tão perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, quando sinto sua boca vir em direção à minha, afasto o rosto e coloco um dedo sobre seus lábios.

— Espera — peço, observando suas sobancelhas franzirem. — Agora é a minha vez — completo, tomando uma boa quantidade de ar pelo nariz, que só me faz inalar seu cheiro maravilhoso e ficar inebriada nele. — Me desculpa por ter discutido daquele jeito. Na verdade, não sinto muito por ter te confrontado, mas sei que não foi a melhor forma de fazer isso. Eu sei bem o que é ter medo de se entregar aos sentimentos. No começo, eu não achava que sentir algo a mais por você seria possível. Vamos combinar que você nunca foi um exemplo de príncipe encantado.

Ele solta um risinho pelo nariz e acaricia minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, tô sabendo que fiz uma fama muito boa por aí.

Minha mão faz carinho em seus cabelos conforme continuo falando.

— Mas eu fui te conhecendo cada vez mais e me encantando por cada faceta sua. Acho que você não se dá o crédito que realmente merece. Bom, exceto quando se trata da sua performance na cama. — Ele faz uma expressão convencida, concordando veemente com a cabeça, e eu acabo rindo. — Você é doce, carinhoso, atencioso, bem-humorado... eu fui muito inocente ao pensar que conseguiria manter o coração fora da reta quando resolvi aceitar o nosso “acordo”. Porque, bem lá no fundo, eu sempre soube que, no fim das contas, foi ele que decidiu por mim desde o início. Eu só não queria admitir, pelo medo de me machucar de novo, e por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentar tanto não voltar a ser aquela Marcela maluca e paranoica de antes. Acho que a minha bagunça é bem parecida com a sua. Talvez seja por isso que, apesar de parecer tão errado esse tempo todo, seja tão... certo.

Fico nas pontas dos pés e encosto minha testa à dele, mantendo nossos corpos próximos de uma maneira que representa claramente a prova do que acabo de dizer. É tão certo.

— Me desculpa por ter sido um covarde — ele sussurra, roçando o nariz no meu.

— Só se você me desculpar por isso também — mando de volta, e ele dá de ombros.

— Já esqueci.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais uma vez, antes que ele possa ir em frente e tomar minha boca em um beijo, desvio um pouco para falar.

— Ah e, caso não tenha ficado claro, eu também te amo.

Heitor abre um sorriso tão radiante que me falta o fôlego, principalmente ao sentir o gelo na boca do estômago em contraste com o calor entre minhas pernas. Ele é tão lindo. Em todos os sentidos.

— Ficou, mas ouvir você dizer assim é melhor ainda. — Ele beija meu queixo. — Fala de novo.

Solto um risinho ao sentir seus lábios fazem cosquinhas na minha mandíbula, tocando minha pele com a suavidade de uma pluma.

— Eu te amo, seu idiota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo, sua gostosa. — Ao dizer isso, ele dá um tapinha leve em minha bunda, arrancando-me uma risada alta dessa vez. — Então, você aceita ser minha namorada?

Minhas pernas ficam bambas, como se eu fosse uma adolescente boba e apaixonada, quando ele pergunta isso. Heitor não cansa mesmo de me surpreender. Quem diria que ele, que já conheço há tanto tempo, estaria um dia se declarando para mim, me pedindo para ser sua namorada, e se tornaria o *meu* tipo perfeito de príncipe encantado? A vida é muito louca, mesmo.

— Não! — digo, em um tom brincalhão. — Imagina! Só vomitei aquele discurso e disse que te amo pra zombar da sua cara, mesmo.

— Porra, mulher!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus braços me apertam mais contra seu corpo e quando, finalmente, nossas bocas ficam a milímetros de distância, lembro-me de outra coisa e sinto a necessidade de interromper.

— Espera, Heitor — peço, afastando o rosto. — Só mais uma perguntinha.

Heitor grunhe e revira os olhos, transferindo os beijos para minha bochecha, distribuindo-os até meu pescoço.

— Sim?

— Quem diabos é Lara Vasconcelos?

Ele ergue o rosto para tornar a me olhar e sua expressão está divertida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é namorada do Vinícius, meu amigo. Lembra dele? — Assinto. — Pois é. Como eu sei que vocês não se conhecem bem — ainda —, pedi que ela fizesse check-in no hotel no nome dela, para você não desconfiar, né. Ela foi embora uns vinte minutos antes de você chegar.

— Uau. Sério? — Ele balança a cabeça positivamente. — Hummm... muito legal da parte dela te ajudar. Ela sabia do que se tratava?

— Claro. E ficou muito feliz em ajudar.

Engulo em seco por um segundo antes de mandar a próxima pergunta.

— E os outros também já sabem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, acho que a essa altura a Lara já deve ter dado com a língua nos dentes, então, sim. — Heitor dá de ombros.

— Acha que eles vão surtar?

— Claro que não — ele responde com toda a certeza do mundo. — Eu sei que disse que achava que sim, mas... sabe, eu falei com o Maurício. — Ergo as sobrancelhas, assumindo uma expressão surpresa, e ele continua: — Não para pedir permissão nem algo do tipo, mas para que ele soubesse sobre nós e tudo o que aconteceu, porque eu não iria desistir de você. No fim das contas, ele me deu a maior força e me fez enxergar que deduzir que eles nunca nos apoiariam foi muito idiota da minha parte.

PERIGOSAS ACHERON

— Nossa. Sério? — Heitor assente mais uma vez e eu o imito, em um gesto apreciativo. — Eu o vi naquele dia em que fui deixar o bolo na festa do filho da Amanda. Só serviu para eu ter certeza de que estava irreversivelmente apaixonada por você. Não senti absolutamente nada ao vê-lo, só mesmo a afeição por ele ser alguém que conheço e que fez parte da minha vida. Até bati um papinho com a Débora! Ela nem quis arrancar os meus olhos, nem nada. Ela é bem legal, na verdade.

— É sim. — Heitor ri diante da minha empolgação repentina ao falar. — Viu só? O problema estava só na nossa bagunça mesmo, esse tempo todo.

— É, acho que sim — concordo e aperto os braços ao redor de seu pescoço. Trazendo-o mais para mim. — Quer dizer que você vai me

apresentar aos seus amigos como sua namorada?
Hum, estou me sentindo importante!

— Porque você é — ele diz, com uma seriedade repentina na voz grave e rouca que faz o meu corpo inteiro arrepiar. — Nunca duvide disso.

Ele torna a distribuir beijos pela linha da minha mandíbula até o pescoço, arrancando-me um arfar suplicante. No entanto, quando estou prestes a puxar seu rosto para poder beijar sua boca, minha atenção vai até à caixa de cupcakes sobre a mesa, e eu simplesmente preciso perguntar...

— Você também pediu à Lara que encomendasse os cupcakes?

Heitor ergue o rosto para responder.

— Ah, não. Isso eu combinei com a Dani.

Minhas sobrancelhas se erguem com tanta força que sinto o rosto inteiro repuxar.

— A Dani sabia? Safada! — Uma risada nervosa me escapa, ao mesmo tempo em que o espaço que Daniela ocupa no meu coração saltita de amor por ela. — Caramba, ela é uma ótima atriz. Preciso me lembrar de dizer isso a ela.

— Você não desconfiou mesmo?

— Não! Quer dizer, quando chegamos aqui, eu fiquei toda chorosa por dentro pelas lembranças, por sentir a sua falta... mas fiquei realmente surpresa quando abri a porta e te vi — explico. — Quer dizer então que, agora, você também é do tipo romântico?

— Tá funcionando?

PERIGOSAS NACIONAIS

— E muito bem.

— Que bom... mas, sabe como esse clima romântico pode ficar ainda melhor?

O jeito com que ele balança as sobrancelhas conforme suas mãos escorregam até minha bunda me dão uma ideia do que está por vir. Puxo o ar entre os dentes, já excitada pela expectativa.

— Como?

— Com um pouquinho de sacanagem. Ou muita.

— Ah, assim vai ficar perfeito — concordo, perdendo a voz em meros sussurros ao sentir seus dentes mordiscarem meu queixo.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, quer dizer que você ficou toda nostálgica quando entrou no hotel, hein? — ele pergunta ao levar a boca ao pé do meu ouvido. Sua voz profunda e intensa me faz estremecer. — Do que você se lembra daquela noite?

— De tudo.

— Tudo?

— Aham — murmuro, infiltrando meus dedos por seus cabelos conforme ele arranha meu pescoço com a barba por fazer. *Isso é tão bom...* — Lembro que eu destranquei a porta e, depois que entramos e você a fechou, fiquei um pouco travada, me perguntando em que droga eu estava pensando ao fazer aquilo.

Heitor torna a erguer a cabeça e me encara, inundando-me com o desejo que transborda de seus
PERIGOSAS ACHERON

olhos.

— Continue.

Passo a língua pelos lábios e abro um sorriso pequeno, acatando seu pedido.

— Lembro que você perguntou se havia algo errado, e eu balancei a cabeça dizendo que não, reunindo coragem novamente, porque o jeito com que você me olhava me dava muita, muita vontade de tirar a roupa. — Sem quebrar nosso contato visual, dou alguns passos para trás. — E, então, eu me encostei contra a porta e tirei os meus sapatos.

Curvo-me um pouco para retirar os sapatos, como acabo de descrever, e mantenho-me encostada à porta, sentindo meu corpo esquentar por inteiro. Assim como na primeira vez. Assim

PERIGOSAS NACIONAIS

como em todas as vezes em que ele me olhou como agora; como se eu fosse presa fácil diante do predador.

— Eu também tirei os meus e, quando me livreii da gravata, vi que você começou a desabotoar a blusa, sem tirar os olhos dos meus — ele diz, livrando-se dos sapatos enquanto eu começo a desfazer os botões da minha blusa de seda. — A mordida que você deu no lábio depois de abrir todos os botões me enlouqueceu, e eu me aproximei.

Assim ele faz, abrindo os botões da própria camisa azul-clara ao dar três passos dolorosamente lentos até mim. Nossas respirações pesadas se misturam, e o calor que emanamos um para o outro está me deixando tonta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você terminou de tirar a minha blusa e tocou a minha barriga, minha cintura, minhas costas, com uma pegada tão quente e intensa que eu precisei me segurar nos seus braços. — Heitor retira minha blusa e me segura como descrevo, e um gemido me escapa quando deslizo minhas palmas por seu peito ao agir conforme o que aconteceu em seguida naquela noite. — E, quando coleí meu corpo ao seu, senti o quanto você me queria também.

— Assim? — Ele impulsiona os quadris contra os meus, permitindo-me sentir sua ereção ficando mais do que pronta para mim.

— Ah, assim! — gemo, ondulando o corpo contra o dele. — E, então, eu ergui o rosto, nossos narizes se tocaram uma, duas, três vezes, antes de a sua boca roçar na minha, de leve, a princípio. — O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

toque suave não passa de um simples resvalar de lábios, mas é suficiente para intensificar o desejo latente que pulsa em nós. — E aí...

— Já era — ele profere em um sussurro rouco.

— Já era — repito, atacando sua boca com a minha, sem perder mais tempo.

O ritmo desesperado com que nossas bocas se devoram dança em sincronia com o jeito sôfrego com que arrancamos o restante das nossas roupas, conforme tropeçamos até à cama. Já estou sem sutiã e só de calcinha quando Heitor me deita sobre o colchão, ainda usando cueca. Seu corpo serpenteia sobre o meu e seu olhar queima sobre mim ao devorar cada centímetro, cheio de amor e desejo, o que me deixa ainda mais desesperada para senti-lo dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enlaço-o com os braços e as pernas, recebendo sua boca na minha novamente e gemendo ao sentir nossas línguas se acariciando na mesma cadência em que nossas peles quentes e nuas se friccionando, conforme nossas mãos agarram cada pedaço de nossos corpos emaranhados que conseguimos alcançar, fazendo a minha cabeça girar de prazer. E sei que o mesmo efeito se faz presente em Heitor, diante do modo frenético com ele chupa minha língua conforme impulsiono os quadris em direção à sua ereção já tão dura.

Remexo-me e o empurro para inverter nossas posições, ficando por cima, o que ele aceita de muito bom grado, principalmente quando começo a rebolar em seu colo, ondulando a pélvis contra a sua, friccionando nossos sexos ainda separados por finas camadas de roupas íntimas. Heitor ondula o corpo contra o meu para acompanhar meu ritmo, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alterna gemidos roucos e ofegantes quando começo a beijar, sugar e morder seu queixo, seu pescoço, sua orelha...

— Tava com tanta saudade de sentir essa boca gostosa — ele murmura, deslizando as mãos por minhas costas até à bunda. — Esse corpo delicioso...

— Eu também — digo, arfando, e abro um sorriso perverso quando encosto a testa à dele e levo minha mão até sua cueca, infiltrando-a dentro da peça e logo sentindo contra a palma seu pau quente e pulsante. Em resposta aos movimentos que faço da base até à extremidade, Heitor solta um rosnado abafado pela mordida que dá no próprio lábio e aperta os dedos na minha bunda. — Preciso tanto de você dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Em um giro rápido e preciso, Heitor está sobre mim novamente, e a agilidade com que se livra da sua peça íntima e da minha, em seguida, é bem impressionante. Ele reivindica minha boca com a sua novamente, sugando meus lábios com força antes de se afastar um pouco para pegar uma camisinha. Observo-o por alguns segundos e, quando seu olhar torna a encontrar o meu e o vejo pronto para se encaixar em mim, abro um sorriso malicioso e me viro na cama, posicionando-me de quatro.

— Porra! — ele grunhe. — Isso é que é a visão do paraíso!

Olho para trás, por cima do ombro, encontrando seu olhar faminto admirando minha bunda empinada, e arrepios violentos de prazer e expectativa atingem meu corpo inteiro quando sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

a cabeça de seu pau encostar na minha entrada. Sua mão quente e firme desliza por minhas costas e, assim que emito um gritinho quando sua palma estapeia minha nádega direita, nossos gemidos ecoam em uníssono quando ele finalmente me penetra, me preenchendo e me satisfazendo como só ele sabe fazer.

O ruído sensual de sua pélvis se chocando contra minha bunda intensifica o prazer de senti-lo entrar e sair em uma cadência perfeita, em ângulos perfeitos, que atingem os lugares certos para me fazer ir até o céu e voltar. Ouvir seus sussurros sacanas, misturados a gemidos roucos e seus jeitos peculiares de dizer e demonstrar que me ama, me levam à beira do abismo em pouco tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os espasmos começam a anunciar o orgasmo iminente, e grito de surpresa quando Heitor sai de dentro de mim para girar meu corpo de uma vez, com uma precisão incrível, e me deitar de costas na cama, para que possa entrelaçar os dedos nos meus e me fitar com veemência ao me penetrar novamente, com força, dando as últimas estocadas que nos levam ao limite e nos fazem explodir.

O sorriso bobo e satisfeito que se instala em meus lábios parece impossível de se desfazer.

Ele permanece ali enquanto recuperamos o fôlego, cresce quando trocamos palavras de amor de forma melosa e jocosa, e se transforma em gargalhadas quando comemos cupcakes e nos lambuzamos de cobertura doce.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os cantos da minha boca se esticam com ainda mais entusiasmo quando Heitor nos leva para o chuveiro, a fim de limparmos a bagunça, o que nos rende mais momentos de prazer.

Mesmo quando o cansaço começa a bater e nos aconchegamos para, enfim, descansarmos, meu sorriso não cessa. Estar nos braços do homem que eu amo, sentindo a segurança e o conforto do seu abraço, a ternura e o amor de seus beijos e carinhos, me dá a certeza de que não conseguirei parar de sorrir nunca mais.

Será que é isso que chamam de final feliz?

Espero que não.

Porque eu quero mesmo é que esse seja apenas o começo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Epílogo

HEITOR

Um ano depois

— Hummm... delícia!

Meu gemido de prazer arranca uma risadinha de Marcela.

— Quer mais? — ela pergunta, aproximando o rosto do meu para que seu tom soe sussurrado.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor!

Balanço a cabeça de maneira fervorosa e abro a boca novamente, pronto para receber mais um pedaço delicioso de bolo. Mastigo e degusto devagar, sentindo-me nas nuvens com tamanha festa de sabores em minha língua.

— Ei, ô! — ouço uma voz queixosa se dirigir a nós. — Será que vocês poderiam arrumar um quarto ou se comportarem? Há crianças no recinto!

Viro a cabeça e olho para Amanda, que está sentada do outro lado da mesa e encara minha namorada e a mim com uma expressão repreensiva, enquanto gesticula para seus filhos de seis e dois anos de idade e passa a outra mão sobre a barriga de seis meses de gravidez. Marcela continua a rir e eu reviro os olhos para a irmã do meu amigo,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque não estamos fazendo nada de mais, mas tento me conter quando como mais um pedaço do bolo macio e molhadinho de chocolate com um toque sutil de calda de laranja, recheio cremoso de avelã e cobertura *buttercream* de baunilha.

Sim, dessa vez, eu sei nomear tudo direitinho, porque a dona da receita também é a dona do meu coração.

Pois é.

Aqui estou eu, pouco mais de um ano depois, me esbaldando em mais um bolo de casamento delicioso, feito pela mesma pessoa que, naquele tempo, já havia me ganhado pelo paladar sem que eu ao menos soubesse. As diferenças são que os recém-casados da vez e anfitriões da festa incrível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que está rolando ao nosso redor são Vinícius e Lara, e que eu não sou mais o solteirão que fica sobrando no meio dos casais apaixonados.

Agora, eu também faço parte de um casal apaixonado.

Porra, e põe apaixonado nisso.

Encaro Marcela, que agora está enfiando pedaços de bolo na própria boca depois de dividir um pouco de sua fatia comigo, e abro o maior sorriso do mundo quando ela me lança uma piscadinha e manda um beijo no ar, concentrada em se deliciar com a maravilha doce que ela mesma fez. Pouso minha mão em sua coxa e me aproximo para beijar seu rosto, porque não me canso de adorar essa mulher. O suspiro de satisfação que ela emana me faz continuar com os beijos por sua

PERIGOSAS ACHERON

bochecha, descendo para a linha da mandíbula e seguindo caminho até à orelha, e eu me sinto no paraíso, embevecido por seu cheiro e a maciez de sua pele contra meus lábios.

Percebo que Amanda puxa assunto com a minha namorada, no qual mal presto atenção, porque as cenas ao meu redor me fazem ficar pensativo. Não de um modo ruim, muito pelo contrário. Penso no quão realizado me sinto nesse ponto da minha vida. Tenho uma família incrível, que são tudo para mim, amigos maravilhosos e uma mulher fantástica ao meu lado, que me ama tanto quanto eu a amo. Ainda acho engraçado, às vezes, quando penso no jeito com que a nossa história se desenrolou, mas sei que não seria tão perfeito se tivesse sido de outra maneira.

PERIGOSAS NACIONAIS

Balanço a cabeça para mim mesmo ao pensar em como a vida tem jeitos muito loucos de nos fazer aprender a maior lição de todas: não temos o mínimo controle sobre nossos corações. Eu cheguei a imaginar que o meu nunca chegaria a bater forte da maneira que bate toda vez que eu simplesmente penso em Marcela. Pensei que passaria dos trinta, chegaria aos quarenta, sem saber o que é se apaixonar de verdade. E me fiz acreditar que estava bem com isso, que nunca me faria falta, que estava a salvo enquanto pegava geral e não me apegava a ninguém.

Foram bons tempos, não vou negar. E eu aproveitei para caralho.

Mas tudo isso já passou, e eu não lamento nem um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bendita seja a hora em que fiquei louco pela bunda de Marcela no momento em que a vi, de costas, na festa de casamento do Maurício com a Débora.

Bendita seja a hora em que ela me deixou beijá-la pela primeira vez.

Bendita seja a hora em que comecei a me apaixonar por ela.

— Juro! Não sei o que estou fazendo de errado dessa vez, mas os meus pés estão inchando muito mais do que nas outras vezes em que estive grávida. Sério, não cheguei sentir esse desconforto pelo menos até entrar no nono mês. Nem pude usar sapatos de salto hoje porque nenhum dos meus serviu nesse par de pés que estão me transportando ultimamente — Amanda se queixa.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está com quanto tempo, mesmo? —
Marcela pergunta.

— Entro no terceiro trimestre semana que vem
— Amanda responde, e dá uma risada quando vê
minhas sobrancelhas franzirem. — Sétimo mês,
Heitor.

— Ah.

— Se você quiser, posso te acompanhar em
caminhadas leves para melhorar a retenção de
líquidos — Marcela se oferece. — Minha cunhada
sofreu bastante com inchaço durante o último
trimestre de gravidez também, e essa foi uma das
coisas que ajudou um pouco. Além de manter os
pés elevados sempre que possível, tomar bastante
água e consumir alimentos diuréticos.

Amanda balança a cabeça e sorri para Marcela.
PERIGOSAS ACHERON

— Nossa, você está bem informada e preparada, hein? Tem um bolinho no forno aí e eu ainda não estou sabendo? — ela pergunta, apontando para a barriga da minha namorada.

Desato a rir. Tanto pela expressão que ela usou quanto pela suposição nada a ver. Ou, pelo menos, eu penso a princípio que não tem nada a ver. Quando olho para Marcela, vejo que ela não está achando a mesma graça que eu. Na verdade, sua expressão está uma mistura de irritação com susto e uma leve pontada de culpa. Juro que sinto gelo descer por minha coluna conforme continuo encarando-a, lendo em seu olhar uma notícia que ela provavelmente não queria me dar assim.

— Tem?! — Minha voz falha como a de um adolescente na puberdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

Engulo com dificuldade meu coração que entalou na garganta e arregalo os olhos, esperando que Marcela reaja. Por fim, após mais alguns segundos de tortura, durante os quais ela alterna olhares de Amanda para mim, um longo suspiro entra por suas narinas e sai por sua boca antes que ela comece a rir também.

— Não! — Ela revira os olhos. — Você deveria ter visto a sua cara.

Respiro fundo e balanço a cabeça.

— Muito engraçadinha — resmungo.

— Seria tão ruim assim? — ela pergunta, estreitando os olhos para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não, amor — tranquilizo-a. — Só fiquei surpreso, né? E gosto de imaginar que você vai pensar em uma forma bem mais legal e criativa de me dar essa notícia quando for real.

O olhar dela acende, combinando com o sorriso contido e o rubor que toma conta de suas bochechas.

— Sério? Tipo como?

Sua expressão é tomada por uma surpresa genuína, porque nunca chegamos a tocar nesse assunto antes. Pelo menos, não de forma mais profunda ou detalhada. Mas ela já deveria saber que eu penso nisso, sim. Eu quero tudo com ela. Absolutamente tudo.

— Ah, tipo... sei lá, me dar uma camiseta onde está escrito “Parabéns, papai!” ou “Melhor pai do PERIGOSAS ACHERON

“... mundo!”. Essas coisas.

Marcela segura meu rosto com as duas mãos e aperta minhas bochechas, fazendo com que meus lábios formem um bico que ela beija com muita vontade.

— Awn! Você é tão fofo, meu amor! Acho que até ovulei agora — ela diz, beijando meu rosto repetidamente.

— Caramba. Se eu não visse com meus próprios olhos, não acreditaria — Amanda comenta, rindo também. Mostro a língua para ela. — Ei! Não se pode mostrar a língua para uma mulher grávida.

— Quem disse isso?

— Eu estou dizendo.

Reviro os olhos e ela continua a rir, distraíndo-se momentaneamente quando Pedro, seu marido, retorna à mesa e senta ao seu lado, oferecendo o colo para que ela eleve os pés e ele os massageie. Estou prestes a enfiar a língua na boca de Marcela, depois de ela me confidenciar ao pé do ouvido o quanto todo esse papo a deixou com tesão, quando Débora surge diante de nós, agitada.

— Está na hora da noiva jogar o buquê! — ela anuncia, abaixando-se para puxar Marcela pelo braço.

— Ué, e você vai? Você já é casada, Débora — minha namorada aponta, confusa. — E não acho que vai te fazer bem se apertar no meio daquele monte de mulheres ali, não — completa, apontando

PERIGOSAS NACIONAIS

para a barriga de Débora, tão grande quanto a de Amanda, onde espera seu primeiro filho com Maurício.

— Ah, eu não vou, não! Estou te puxando para *você* ir, tolinha — ela explica, olhando para mim e lançando uma piscadela. Sorrio e, quando Marcela vira sua atenção para mim também, apenas dou de ombros. — Anda, a Lara já está pronta!

Débora sai rebocando Marcela até o pequeno amontoado de mulheres, que saltitam e dão gritinhos ansiosos, esperando pelo momento em que o buquê jogado por Lara determinará quem será a próxima a casar. Rio com o pensamento, que já foi tão ridículo para mim. No entanto, pelo menos hoje, tenho certeza de que essa tradição cumprirá sua promessa. Porque vou garantir que isso aconteça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lara, que está linda e radiante vestida de noiva, fica de costas para a reunião de solteiras que fazem a contagem regressiva junto com ela. Ela balança o buquê uma, duas, três vezes, antes de ameaçar jogar e não o fazer. As pessoas riem e protestam, enquanto ela se diverte com o poder que tem em mãos. Fico de pé para ver melhor, e então ela começa a contagem regressiva novamente.

Dessa vez, ao chegar ao um, ela se vira de frente e atira o buquê diretamente em Marcela, que em um reflexo, agarra o arranjo de flores que bate em seu peito, arrancando mais protestos de algumas pessoas e os arquejos surpresos de outras.

Ok, essa é a minha deixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ando em direção a ela, conforme as pessoas vão abrindo caminho, e encontro seu olhar completamente confuso, que vai se transformando em espanto e emoção ao ver meu sorriso nervoso conforme me aproximo. As pessoas ao redor emitem sons de choque e admiração, mas essas são percepções rasas para mim, porque toda a minha atenção está voltada para a mulher maravilhosa que me encara com expectativa e fascínio quando paro em frente a ela.

Sinto um toque em meu ombro e me viro rapidamente para pegar o microfone que Vinícius me oferece. Respiro fundo e seguro uma das mãos de Marcela, sem conseguir disfarçar o quanto estou tremendo, para começar a falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi em uma festa dessas que tudo começou, lembra? — pergunto, e o sorriso que ela abre vem acompanhado do brilho de lágrimas surgindo em seus olhos. Minha atenção para por um instante em Maurício e Débora, que estão abraçados a alguns passos de distância, e seus sorrisos orgulhosos e encorajadores, junto à maneira com que a esposa do meu amigo limpa as lágrimas dos cantos dos olhos, me deixam ainda mais emocionado. — Mal sabíamos que aquela seria a primeira noite do resto das nossas vidas. Mal sabíamos que um impulso movido por uma atração irresistível nos tornaria inseparáveis. Mal sabíamos que, apesar dos erros e tropeços no caminho, enquanto tentávamos entender aquilo tudo, chegaríamos até aqui.

Paro um pouco para respirar fundo mais uma vez antes de continuar.

PERIGOSAS ACHERON

— Marcela, você é uma mulher fantástica. Você me inspira, me acalma, me anima, me faz sentir orgulhoso e sortudo por te ter ao meu lado. Você me faz querer ser um cara melhor, você me *ensina* a ser um cara melhor. Você é tudo o que eu sempre quis e menos esperava. Você me faz o homem mais feliz da face da Terra todos os dias, e vai me fazer o homem mais feliz do Universo se disser sim ao meu pedido. — Retiro do bolso do paletó do meu terno a caixinha azul-escura de veludo e a abro diante dela, revelando um lindo anel de noivado e arrancando sons admirados de todos ao redor. — Eu te amo, e quero poder passar o resto da minha vida com você, Marcela. Casa comigo?

As pessoas começam a gritar e assobiar ao nosso redor e, após olhar para mim, depois para o anel e, então, para mim de novo, Marcela abre o

sorriso mais lindo do planeta e me encara conforme uma lágrima solitária desce por sua bochecha.

— Sim. Sim! É claro que sim!

Nossa plateia particular explode em aplausos, gritos e assobios, e em nossa bolha particular, coloco o anel no dedo de Marcela, antes que ela jogue os braços ao redor do meu pescoço e me abrace com força, em nosso encaixe sempre tão certo, sempre tão perfeito. Meu coração parece prestes a abrir um buraco em meu peito, de tão forte e rápido que martela dentro dele, porque a mulher da minha vida disse sim.

Porque a mulher da minha vida segura meu rosto com toda a ternura do mundo e me chama de louco.

Porque a mulher da minha vida diz, contra
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus lábios, que ama a minha loucura.

Porque eu amo demais a mulher da minha vida e mal posso esperar pelos anos de amor e felicidade que temos pela frente, até ficarmos velhinhos, grisalhos e ranzinzas juntos.

É, o Maurício tinha razão.

Acabei me tornando mesmo um cara piegas cheio de frases românticas e profundas.

E, quer saber?

Estou curtindo para caralho.

PERIGOSAS ACHERON



A emoção é tão grande que mal sei o que escrever aqui (e é porque sou escritora, veja a ironia, hahahah). Concluir essa série é uma conquista que não consigo colocar em palavras para explicar. É um marco importantíssimo tanto na minha carreira de escritora quanto na minha vida pessoal, por representar mais uma vitória minha contra os monstros diários que preciso enfrentar para fazer tudo isso se concretizar. Estou feliz por poder fechar a série Destino com chave de ouro, por ter criado a história de Heitor e Marcela do PERIGOSAS ACHERON

modo livre e divertido que me permiti fazer. Estou feliz por fechar esse ciclo de uma maneira linda, que deixa meu coração feliz e grato.

Obrigada, meu Deus, pela Tua bondade infinita, pela Tua luz no meu caminho e por me agraciar com Tuas bênçãos e Tua proteção, hoje e sempre.

Obrigada família e amigos, meus tesouros, que torcem por mim e me apoiam independente de tudo e qualquer coisa. Todo meu amor e gratidão a cada um de vocês.

Obrigada, Carla Santos, por sua alma pura e linda, por tudo o que tem feito por mim.

E muito, MUITO obrigada a cada leitor que dá uma chance às minhas histórias. Muito obrigada por chegar até aqui, por torcer e me apoiar, por me permitir viver o meu sonho. Por me motivar a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

buscar melhorar todos os dias, por me fazer sentir que tenho um propósito. Nada disso seria possível sem cada pessoa iluminada que decide conhecer os meus personagens e se apaixona por eles tanto quanto eu. Muito, muito, muito obrigada!

É isso. Um ciclo maravilhoso se encerra, para que um ainda melhor se inicie.

Vamos juntos? <3

PERIGOSAS ACHERON



Biografia



ALISSA NAYER

Alissa Nayer é o pseudônimo de Laís Medeiros, uma aquariana de vinte e poucos anos de idade. Natural do Piauí, encontrou em sua paixão por romances e finais felizes o incentivo para (tentar) criar os próprios.

É sonhadora, ansiosa, animada, enrolada, às vezes tímida, incondicionalmente apaixonada por seus personagens e não imagina mais a vida sem eles.

PERIGOSAS NACIONAIS

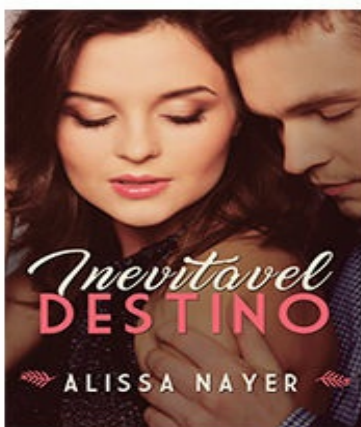
 REDES SOCIAIS 



PERIGOSAS ACHERON



Obras



amazon kindleunlimited

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON